



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Shayenne Schneider Silva

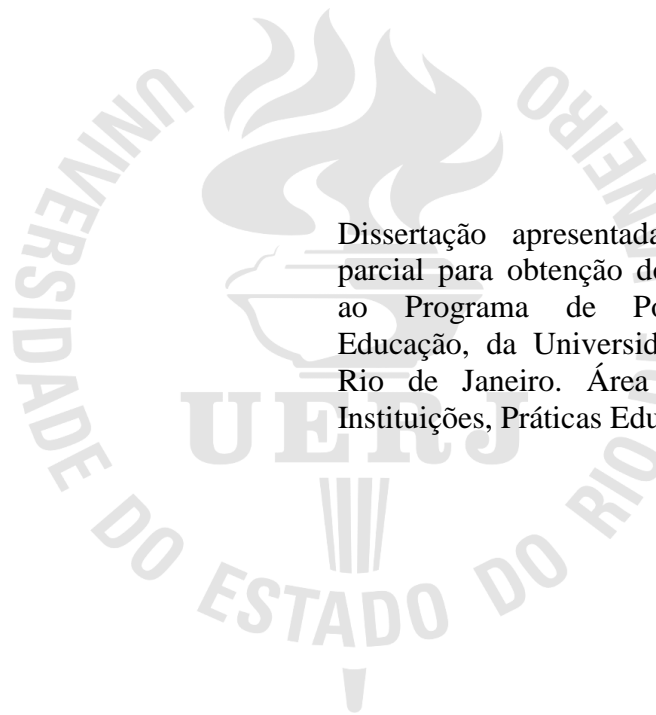
**Mestre das Palavras: missão educativa de Coelho Netto na política, na
imprensa e nas escolas**

Rio de Janeiro

2017

Shayenne Schneider Silva

Mestre das Palavras: missão educativa de Coelho Netto na política, na imprensa e nas escolas



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Shayenne Schneider.
Mestre das Palavras: missão educativa de Coelho Netto na política, na imprensa e nas escolas / Shayenne Schneider Silva. – 2017.
217 f.

Orientadora: Ana Chrystina Venancio Mignot
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Coelho Netto, 1864-1934 – Teses. 3. Literatura brasileira – Teses. I. Mignot, Ana Chrystina Venancio. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es CDU 37(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Shayenne Schneider Silva

Mestre das Palavras: missão educativa de Coelho Netto na política, na imprensa e nas escolas

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 29 de agosto de 2017.

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a. Ana Chrystina Venancio Mignot
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^a. Dr^a. Márcia Cabral da Silva
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^a. Dr^a. Heloisa Helena Meirelles dos Santos
Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

Aos meus amados pais, Sônia Schneider e José Alci Alves da Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus familiares: meus pais, Sônia e José Alci, por toda a dedicação e investimento em meus estudos. Aos meus irmãos por todo apoio e por sempre estarem presentes em todos os momentos da minha vida, Sonya, Sabryna, Stephanye e Guilherme. Aos meus sobrinhos amados, Yasmim e Miguel. Ao meu tio, Wagner, e à minha dinda, Heloísa, por todo carinho. Ao meu namorado Gustavo Guttler, pelo apoio, cumplicidade e companheirismo durante toda essa jornada, e aos meus sogros Lucia Maria e Paulo Roberto, sempre tão acolhedores.

À minha querida orientadora Ana Chrystina Venancio Mignot, um especial agradecimento com sinceras palavras de carinho, muito obrigada, por toda confiança em mim depositada, e pela oportunidade da profissionalização acadêmica.

Agradeço às amigas do grupo de Pesquisa: Daiane de Oliveira Tavares, Sara Raphaela Amorim, Adriana Valentim Beaklini, Leila de Macedo Varela Blanco, Patricia Siqueira do Amaral, Priscila de Araujo Garcez, Ligia Bahia de Mendonça, Ana Claudia Reis, Andreza Felipe do Nascimento e Raquel Lopes sempre tão acolhedoras e prontas a compartilhar muita sabedoria e ótimas experiências. Em especial, à Heloisa Helena Meirelles dos Santos, por todo o incentivo e pelas suas ótimas contribuições acadêmicas, sempre muito pertinentes.

Às minhas amigas de tantos anos, Bárbara Thees, Luiza Charles, Luana Dantas e Ana Beatriz Sousa, e às amigadas construídas pela UERJ, Brenda Silva, Sara Cavalini e Mariana Elena Pinheiro e Aline Tasmerão.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento de uma bolsa de mestrado, possibilitando o aperfeiçoamento profissional e acadêmico.

Aos funcionários e aos professores do curso de pós-graduação em Educação, no qual obtive trocas essenciais para a escrita da dissertação, dentre eles, Márcia Cabral, Alexandra Lima, Roberto Conduru, Sônia Câmara.

Agradeço aos funcionários dos Acervos de Memória dos quais visitei: Fundação Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Academia Brasileira de Letras e seu arquivo pessoal, em especial, ao Luiz Antônio Souza, e Núcleo de Pesquisa e Memória do Colégio Pedro II, em especial, à Beatriz Boclin Marques dos Santos, Elizabeth Monteiro da Silva, Vera Maria Ferreira Rodrigues, Tatyana Marques de Macedo Cardoso e Douglas Felipe de Andrade.

O arquivo é abundante em personagens, mais que qualquer texto ou que qualquer romance. Esse aglomerado incomum de homens e mulheres, cujo anonimato não diminui em nada com a revelação de seus nomes, reforça no leitor uma impressão de isolamento. O arquivo impõe logo de início uma enorme contradição; ao mesmo tempo em que invade e imerge, ele conduz, por sua desmesura, à solidão. Uma solidão em que pululam tantos seres “vivos” que parece quase impossível dar conta deles, ou seja, fazer sua história. Milhares de vestígios... é o sonho de todo pesquisador [...]. Sua abundância seduz e incita, ao mesmo tempo em que mantém o leitor em uma espécie de inibição.

Arlette Farge

RESUMO

SILVA, Shayenne Schneider. *Mestre das palavras: missão educativa de Coelho Netto na política, na imprensa e nas escolas*. 2017. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Interpretar a importância da educação, no discurso e na prática de Henrique Maximiano Coelho Netto, através dos múltiplos espaços transitados por este mestre – política, imprensa e escolas – é o objetivo do presente estudo. O discurso dele promovido na inauguração de uma escola de teatro me despertou um novo olhar sobre sua atuação no magistério, onde defendeu que “é na escola que o povo transforma-se em nação”. Em meio a turbulentas disputas políticas e sociais da época, Coelho Netto lecionou no Ginásio de Campinas (1901- 1904), no Ginásio Nacional (Colégio Pedro II) (1907 - 1909) e na Escola Dramática (Escola de Teatro Martins Pena) (1911 – 1934), da qual foi mais tarde diretor. Além disso, conseguiu um cargo de Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro (1890 – 1891), Deputado Federal do Maranhão (1909 – 1917), Secretário Geral da Liga da Defesa Nacional (1919) e presidente da Academia Brasileira de Letras (1926) – instituição essa da qual participou da fundação, em 1897. Com a sua morte, em 1934, deixou extensa produção literária, dentre elas, livros, artigos em periódicos, peças de teatros, discursos (alguns em livros), conferências, crônicas, historinhas para crianças, cartas, relatório, etc. Debruçar-me em tais fontes, localizadas dispersamente nos acervos da Fundação Biblioteca Nacional (FBN/ RJ), da Academia Brasileira de Letras (ABL), do Arquivo Nacional, da Fundação Casa de Rui Barbosa e do Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM), possibilitou que chegasse, através de escrituras e imagens, ao autor e à sua contribuição para a educação. Para tal, precisei dialogar com estudos sobre a política da época, a história do país, especificamente da cidade do Rio de Janeiro na Primeira República, a questão da identidade nacional – alicerçada em Nagle (1974) e José Murilo de Carvalho (1990); sobre crônicas, periódicos, livros e editores(as) do Brasil – embasado em Chalhoub, Neves e Pereira (2005), Mignot (2010), Hallewell (2005); como, também, sobre as referidas escolas e a cultura escrita – devido às fontes utilizadas serem cartas, atas de colégios, livros e biografias. Ao se voltar para a presença de Coelho Netto na cena educacional, esta investigação, de certo modo, pretende contribuir para romper com o esquecimento ao qual foi relegado na historiografia da educação brasileira, que, diferentemente de outras áreas de conhecimento como Artes Cênicas, História Social e Letras, ainda não se dedicou a explorar a importância da educação no discurso do escritor.

Palavras-chave: Mestre das Palavras. Coelho Netto. História da Educação. Primeira República.

ABSTRACT

SILVA, Shayenne Schneider. *Master of words: educational mission of Coelho Netto in politics, in the press and in education*. 2017. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The main goal of this study is to interpret the importance of Education in the discourse and practice of Henrique Maximiano Coelho Netto, through the multiple spaces carried by this master - politics, the press and schools. The discourse promoted at the inauguration of an acting school has awakened in me a new look about his performance in the teaching field, where he defended that "it is in the school that the people become a nation". Within a turbulent political and social disputes of that time, Coelho Netto has taught at the Ginásio de Campinas (1901- 1904), Ginásio Nacional (Colégio Pedro II) (1907 - 1909) and at Escola Dramática (Escola de Teatro Martins Pena) (1911 – 1934), of which he was later director. Besides that, he was also the Secretary of the Government of the State of Rio de Janeiro (1890 - 1891), Federal Deputy of Maranhão (1909-1917), General Secretary of Liga da Defesa Nacional (1919) and president of the Academia Brasileira de Letras (1926) - an institution of which he participated in the foundation in 1897. After his death in 1934, he has left extensive literary production, among them books, articles in periodicals, plays, speeches (some in books), conferences, chronicles, stories for children, letters, reports, etc. I focused on such sources that were located in the collections of the Fundação Biblioteca Nacional (FBN/ RJ), Academia Brasileira de Letras (ABL), Arquivo Nacional, Fundação Casa de Rui Barbosa and from the Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM), and this has allowed me to find the author's contributions to Education through lettering and images. For that reason, I had to dialogue with studies about the politics of that time, the history of the country, specially from the Rio de Janeiro city in the First Republic, the national identity issues- based on Nagle (1974) and José Murilo de Carvalho (1990); about chronicles, journals, books, and publishers of Brazil - also based on Chalhoub, Neves and Pereira (2005), Mignot (2010) and Hallewell (2005); as well as about the schools and the written culture - because the sources used were letters, college records, books and biographies. When turning to the presence of Coelho Netto in the Educational scene, this research in a certain way, intends to contribute to the forgetfulness to which he was relegated in the historiography of the Brazilian Education which has not yet explored the importance of Education in the writer's discourse unlike other areas of knowledge like Scenic Arts, Social History and Letters.

Keywords: Master of words. Coelho Netto. History of Education. First Republic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	<i>O Malho</i> , edição 1336, 21 de abril de 1928, p. 29	22
Figura 2 -	Relatório do Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Coelho Netto, para o governador 1890-1891	32
Figura 3 -	Relatório do Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Coelho Netto, para o governador 1890-1891	33
Figura 4 -	Recorte de <i>O Malho</i> , 1 de maio de 1920, ed. 920, p. 29	69
Figura 5 -	<i>O Malho</i> , 1 de maio de 1920, ed. 920, p. 28	73
Figura 6 -	Padre José Anchieta	76
Figura 7 -	Padre Antonio Vieira	76
Figura 8 -	Crônica da série “Bilhetes Postais”, retirada do jornal <i>O Paiz</i> , ed 04013, 9 de maio de 1893, p. 1	88
Figura 9 -	Capas dos livros <i>O Meu Dia</i> (1922) e <i>Ás Quintas</i> (1924)	96
Figura 10 -	Contracapa do livro <i>O Meu Dia</i> (1922)	96
Figura 11 -	Recorte do jornal <i>O Paiz</i> , ed. 03688, 1894, p. 8.....	98
Figura 12 -	Carta de Coelho Netto a Paulo Azevedo, 9/11/1922.....	99
Figura 13 -	<i>O Malho</i> , edição 1336, 21 de abril de 1928, p. 26	134
Figura 14 -	Livro de Atas Congregação – ACO Externato do Gymnasio Nacional, 17/08/1899 a 21/06/1912.....	141
Figura 15 -	Livro para o lançamento de numero de notas de applicação, procedimento, bancos de honra e faltas dos alumnos do Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo, 1876	157
Figura 16 -	Livro para lançamento de numero de notas de applicação, procedimento, bancos de honra e faltas dos alunos do 1º e 2º anno do Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo, 1877	158
Figura 17 -	Recorte do jornal <i>Correio da Manhã</i> , 10 de outubro de 1934, ed. A12232	160
Figura 18 -	Carta de Coelho Netto a Eduardo Victorino, 14/03/1912	168
Figura 19 -	Carta de Coelho Netto a Eduardo Victorino, 27/08/1912	169
Figura 20 -	Carta de Coelho Netto a Alves, 29/01/1898.....	188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Correspondência enviada por Osório-Duque Estrada a Coelho Netto mapeada na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro	42
Quadro 2 - Mapeamento dos discursos de Coelho Netto reunidos no livro Falando..., pronunciados na Câmara dos Deputados.....	44
Quadro 3 - Mapeamento dos discursos de Coelho Netto em homenagens póstumas.....	49
Quadro 4 - Mapeamento dos discursos de Coelho Netto nas escolas e/ou para os jovens reunidos em livros.....	56
Quadro 5 - Mapeamento dos pseudônimos de Coelho Netto nos jornais brasileiros ...	82
Quadro 6 - Mapeamento dos livros de crônicas de Coelho Netto	92
Quadro 7 - Mapeamento das crônicas de Coelho Netto nos livros Ás Quintas e O Meu Dia, homenageando sujeitos	107
Quadro 8 - Professores da Congregação do Ginásio Nacional (segundo o parecer) ..	144
Quadro 9 - Temáticas do livro Theatro Infantil (1905)	180
Quadro 10 - Editoras(es) dos livros infantis de Coelho Netto.....	186

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
LDN	Liga da Defesa Nacional
NUDOM	Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	UM PRELÚDIO	12
1	POLÍTICA DOS DISCURSOS	22
1.1	Um tribuno em cena	26
1.1.1	<u>Iniciando uma vida pública</u>	32
1.1.2	<u>Um deputado em prol da arte e da pátria</u>	37
1.2	Falando à mocidade	55
1.3	A pátria como religião	68
2	UM CRONISTA ENTRE O DESERTO E A FLORESTA	80
2.1	Pseudônimos de um homem de letras	81
2.2	Entrecruzando livros e jornais	91
2.3	Sobre educação, crianças e mulheres	114
3	“É NA ESCOLA QUE O POVO TRANSFORMA-SE EM NAÇÃO”	137
3.1	Devo ser professor: uma Congregação a favor de Coelho Netto	137
3.1.1	<u>De aluno a professor</u>	156
3.2	Cartas do ofício: um professor à frente da Escola Dramática	161
3.3	Um escritor para crianças	171
3.3.1	<u>A moral da história</u>	178
	À GUIA DE EPÍLOGO	191
	REFERÊNCIAS	196

UM PRELÚDIO

Onde a palavra encontrou aplicação – na cátedra do professor, na tribuna parlamentar, na mesa do conferencista, nos capítulos de um romance, nos diálogos de uma peça, nas páginas de um conto e até nos discursos cívicos e nas campanhas políticas e nacionais – Coelho Netto, déla se serviu, com a mestria, ae o fulgôr dos predestinados.

Jornal do Brasil, 1934, ed. 00284, p.5¹

Como descrito por Benjamim Costallat² para o *Jornal do Brasil*, Henrique Maximiano Coelho Netto fora conhecido por sua diversidade com as palavras atribuída em diferentes espaços nos quais atuou. Tendo este trecho como inspiração para trilhar o presente estudo, além do discurso promovido para a conferência na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 2006, no *Ciclo Fundadores da ABL* por Tarcísio Padilha (2006) – quando relembrou a figura de Coelho Neto e sua importância para a literatura brasileira, remetendo a opiniões de grandes nomes como Octavio Faria, Rui Barbosa, João do Rio para realçar a relevância do biografado para o enriquecimento da cultura brasileira, na qual ressalta este sujeito como um “mestre das palavras” (PADILHA, 2006, p. 68), – me ajudou a definir o objetivo do presente estudo, que seria interpretar a importância da educação, no discurso e na prática de Coelho Netto, através dos múltiplos espaços transitados por este mestre: na política, na imprensa e nas escolas.

Muitos foram os caminhos que tomei para entender este sujeito e suas obras, mas todos começavam nos acervos que guardam, no presente, o passado. “Não há história sem documentos”, disse Samaran (1961 apud LE GOFF, 1994, p. 529), e mais “não há notícia histórica sem documentos [...]. Pois, se dos fatos históricos não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles fatos perderam-se” (LEFEBVRE, 1971 apud LE GOFF, 1994, p. 529 e 530). Pois bem, em busca de documentos que pudessem

¹ Artigo escrito em homenagem póstuma a Coelho Netto. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> [Consulta em 08 de janeiro de 2016].

² Benjamim Delgado de Carvalho Costallat (1897, RJ – 1961, RJ) “foi bacharel em Direito, jornalista, romancista, cronista e crítico musical”. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/projetos/expo/decadentismo/biobenjamim.htm> [Consulta em 08 de janeiro de 2016].

contar sobre a prática docente de Coelho Netto, ou sobre o papel da educação na época, me deparei com inúmeras fontes que contavam a história desse sujeito na política, na imprensa e na educação. Folhear página a página as fontes – publicações e produções epistolares – permitiram-me ouvir vozes e mapear silêncios. Como nos lembra Le Goff (1994, p. 109), “devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio e fazer a história a partir dos documentos e da ausência de documentos”, por isso, a ausência e lacunas das fontes que pudessem mostrar a sua prática docente também me ajudavam a pensar sobre o sujeito Coelho Netto.

Ao longo do meu percurso na graduação do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), surgiu a oportunidade de participar do grupo de pesquisa associado à Linha “Instituições, Práticas Educativas e História”, orientada pela professora Ana Chrystina Venancio Mignot, por meio de uma bolsa de Iniciação Científica (IC) financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), no qual fiquei durante dois anos (2012 a 2014). Desenvolvi, então, um estudo associado ao projeto *Um homem de letras na cena escolar: Coelho Neto (1910-1934)*. Nesta investigação, busquei analisar a atuação de Coelho Netto na cena da educação brasileira no século XX. Para tal, localizei os seus livros destinados às crianças para interpretar, a partir dessas escrituras, o ideal de educação contido em cada uma das histórias. Esse foi o meu primeiro contato com Coelho Netto - como escritor para crianças.

Henrique Maximiano Coelho Netto nasceu em 1864 e ficou conhecido como “príncipe dos prosadores” numa votação realizada em 1928 pelo jornal *O Malho*. Foi professor de História da Arte, na Escola Nacional de Belas Artes, lecionou no Ginásio de Campinas, mais tarde no Ginásio Nacional (Colégio Pedro II). Em 1910, foi nomeado para as Cátedras de História do Teatro e Literatura Dramática na Escola Dramática – atualmente conhecida como Escola de Teatro Martins pena – da qual foi, mais tarde, diretor. Foi Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro, entre 1890 e 1891, Deputado Federal do Maranhão, de 1909 até 1917, Secretário Geral da Liga da Defesa Nacional, em 1917. Além disso, em 1926, foi presidente da Academia Brasileira de Letras, instituição da qual participou da fundação, em 1897, dentre outros cargos e funções importantes que assumiu. Escreveu mais de duzentos volumes em obra literária, dentre elas, histórias para crianças. Com a sua morte, em 1934, deixou extensa produção literária que incluem artigos em periódicos, peças de teatros, livros, discursos, conferências, romances e crônicas.

Minha pesquisa inicial revelou-me que, em uma conferência da filha, Zita, sobre o pai Coelho Netto, publicada pelo *Diário da Tarde* para a comemoração do Centenário de Coelho Netto, Zita falou sobre aspectos peculiares da vida do escritor, e enfatizou a figura do pai como “poeta e escritor para crianças”, relatando que ele

Se preocupou demais com as crianças e com a mocidade [...] e não era por simples arranjo de palavras que dizia que “é na Escola que um povo se transforma em nação” e também que “fundar uma Escola é construir para o futuro”. Conta que a casa do pai “era aberta a todos, mas frequentada, sobretudo, pelos jovens que lhe pediam conselhos e orientação em todos os campos desde esporte até literatura”. (DIÁRIO DA TARDE, 30 de abril de 1964)³

Percorrer esse caminho, tomando as lembranças da filha sobre o pai a respeito das orientações dele às crianças, meninos e meninas, pautou minha monografia de conclusão de grau, com o título de *Alma: educação feminina para Coelho Netto*, na qual examinei os ensinamentos morais e cívicos expressos por Coelho Netto nesta obra. Busquei interpretar as narrativas e as imagens contidas nesse livro que pude localizar no imenso acervo da Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro, que tinha por finalidade, através da sua leitura e treino de dicção, despertar nas alunas o gosto pela língua vernácula. Segundo Coelho Netto, isso só poderia ser feito por meio de uma literatura apropriada para meninas e moças e por uma pessoa indicada para este trabalho: a professora.

Às mulheres, que adviriam das meninas e moças a quem era indicado o livro *Alma: Educação Feminina*, deveriam pautar-se em valores de moralidade que incluíam uma mente pura e voltada para a missão natural da mulher de educar seus filhos. Esses valores incluíam o cuidado, respeito e recato com o corpo, com o pensamento e com as ações e, para que fossem educadas dentro dos valores corretos, lançava mão da literatura como mais uma estratégia da educação. Além dos ensinamentos cívicos e morais, também era de extrema relevância mostrar os dotes da leitura, estudo e uma boa dicção, idealizando a figura da professora para que estas seguissem, no futuro, a carreira do magistério, pelo papel a elas designado na sociedade da época: cuidar, acolher e proteger. O papel da professora abarca as virtudes próprias à mulher e à mãe, contrapondo-se à imagem da mulher em trabalhos diversos, incitados pelo capitalismo. *Alma* demonstra sua preocupação com a educação das meninas para que não se desviassem dos preceitos

³ Recorte de jornal presente no Arquivo Pessoal do acadêmico Coelho Netto, localizado na Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro.

que a sociedade esperava delas mais tarde, o envolvimento e a preocupação com a educação, em casa ou na escola, que bem formassem os filhos e filhas de uma pátria que se construía à sombra do atraso e à luz da civilização.

As obras escritas no final do século XIX e no início do século XX, por homens de letras, como Coelho Netto, analisadas a partir de uma política de transição de regimes e da operacionalização da meta republicana de construir a nação brasileira, refletem uma preocupação com as crianças e meninas, no sentido de educá-las para uma nação “civilizada” que se constituía e, nesse aspecto, é relevante a contribuição dos livros em que a menina se aproxima do ideal de mulher, que engloba o fortalecimento da sensibilidade, a virtude e a dedicação à família e à pátria, cultivando valores cristãos.

As crianças na Primeira República, deveriam receber, através de literatura apropriada, valores morais e cívicos que subordinassem suas escolhas, hábitos, relações, sentimentos e corpos à nação que se consolidava através delas. As crianças representavam o futuro almejado pelos intelectuais que, motivados pela civilização francesa, debruçavam-se sobre sua história e cultura e tentavam adaptá-las às condições tropicais de uma “nova” nação surgida por entre os escombros de uma nação atrasada implantada pela monarquia. Coelho Neto aderiu à meta e, dessa forma, foi imprimindo às obras que escrevia seu projeto de nação: crianças perfeitas, precoces, viris, virtuosas que amassem a pátria. Sendo assim, o encontro com suas obras infantis, particularmente, *Alma*, me despertara curiosidade e interesse para, então, dar continuidade à minha caminhada.

Com isso, interessei-me em dar continuidade, no mestrado, à trajetória acadêmica iniciada na UERJ, porém por meio de um novo olhar sobre Coelho Netto. Se na pesquisa anterior entendia Henrique Maximiano Coelho Netto como um escritor para crianças, a fala citada anteriormente por ele me despertara para um novo olhar sobre esse sujeito. Se “é na escola que um povo transforma-se em nação”, logo, teria que investigá-lo agora como professor, o que só poderia descobrir desbravando seus arquivos espalhados por diversas instituições de guarda do Rio de Janeiro, o que obrigou a debruçar-me sobre o acervo da Fundação Biblioteca Nacional (FBN/ RJ), rico e diversificado, com periódicos, manuscritos, fotos e livros sobre/de Coelho Netto. Tais fontes possibilitaram que chegasse, através de escrituras e imagens, ao autor e às suas contribuições social e educativa, mas só essas fontes não bastavam para entender sua atuação no magistério. Então, continuei.

Na Academia Brasileira de Letras (ABL/ RJ), onde se encontra praticamente toda

sua obra literária, escrita do final do século XIX até meados da década de 1930, dentre as quais há livros de literatura infantil, teatro (adulto e infantil), discursos, conferências, romances e contos. Além disso, essa instituição preserva também seu Arquivo Pessoal⁴, o qual me permitiu entrecruzar fontes já localizadas em outros acervos com a interpretação de sua produção epistolar presente nesse arquivo. Outro acervo que me permitiu seguir em frente no meu estudo foi o do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, no qual pude localizar um relatório de 1890 a 1891, enviado ao governador do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Francisco Portela, enquanto Coelho Netto fora seu secretário. Além disso, foi indispensável adentrar também no Núcleo de Documentação e Memória (NUDOM), presente no Colégio Pedro II – Unidade Centro, no qual localizei a ata de congregação, com vinte páginas, com os argumentos da candidatura de Coelho Netto para o preenchimento do cargo, o livro de notas dos alunos do externato do colégio em 1877 e 1878, dentre outros documentos que também me ajudaram a refletir sobre o mestre das palavras e a sua missão educativa.

Devido às fontes do meu estudo estarem dispersas, tornando-se uma das dificuldades enfrentadas em minha investigação, precisei dialogar com Farge (2009), quando a autora descreve o cotidiano do pesquisador ao adentrar os acervos de pesquisa, trazendo à tona as questões acerca da temática, discorrendo que:

O arquivo age como um desnudamento; encolhidos em algumas linhas, aparecem não apenas o inacessível como também o vivo. Fragmentos de verdade até então retidos saltam à vista: ofuscantes de nitidez e de credibilidade. Sem dúvida, a descoberta do arquivo é um maná que se oferece, justificando plenamente seu nome: fonte. (idem, p. 15)

Com isso, a partir do mestrado, passei a dedicar-me ao campo da História da Educação, tendo frequentado e participado assiduamente das reuniões do grupo de pesquisa Instituições, Práticas Educativas e História, de Congressos e Seminários, no Brasil e no exterior, onde apresentei artigos, dentre eles: *O Príncipe dos prosadores: inventariando biografias sobre Coelho Netto*⁵ – no qual mergulhei nas biografias de Paulo Coelho Netto (filho do escritor), em *A imagem da vida*, de 1957; de Zita Coelho

⁴ O Arquivo Pessoal de Coelho Netto está dividido em correspondência pessoal, diversos, duas pastas de documentos institucionais, produção intelectual do titular, produção intelectual de terceiros, fotografia, duas pastas de hemeroteca e fotografia de Coelho Netto. Disponível em: http://www.academia.org.br/abl/media/guia_geral_arquivos_academicos.pdf [Consulta em 18 de abril de 2016].

⁵ Trabalho apresentado no VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (VI CIPA), Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2014.

Netto (filha), *Coelho Netto – Meu pai e grande amigo*, de 1964; e *Coelho Netto ou o culto à palavra*, de Tarcísio Padilha (escritor), de 2006, para então inventariar as regularidades, as divergências e os silêncios nelas presentes; “*Oração que sahe duma alma pura*”: *educação feminina para Coelho Netto*⁶ – no qual interpretei a perspectiva de educação feminina a partir das narrativas escritas por Coelho Netto reunidas no livro *Alma: educação feminina* (1919 [1911]), recorte de minha monografia; *Entre versos e prosas: a literatura infantil de Coelho Netto através da revista pedagógica O Tico-Tico*⁷ – no qual examinei a perspectiva de educação infantil para o escritor Coelho Netto a partir dos contos, publicados do escritor, na Revista *O Tico-Tico*, entre 1905 (surgimento da revista) e 1934 (ano de falecimento do escritor).

Nesse sentido, foi necessário, também, mapear os estudos já feitos sobre Coelho Netto, que me mostraram que ele já fora objeto de pesquisa em diversas áreas do conhecimento, como: da História da Literatura, das Artes Cênicas, de Estudos da Linguagem, da Literatura e da História Social. Dentre esses estudos, localizei a dissertação *No purgatório da crítica: Coelho Netto e o seu lugar na história da literatura brasileira*, de Marcos Aparecido Lopes (1997), no qual o autor estudou a perspectiva analítica das obras de Coelho Netto que foram formuladas no final do século XIX por José Veríssimo, Araripe Jr, Adolfo Caminha, Nestor Vitor e Lima Barreto. Essa análise foi interessante para entender a causa do silenciamento e/ou esquecimento da obra literária do mestre das palavras frente a outras obras literárias de sua época, corroborando com Pinho (2009), que dividiu a vida de Coelho Netto em três fases distintas, sendo a primeira, aquela em que procurava se firmar como escritor; a segunda, quando integrou-se ao movimento pela Academia, participa da política e obtém reconhecimento e consagração e, finalmente, a terceira, na qual experimenta os ataques modernistas e o conseqüente esquecimento. Porém, percebi que apesar das críticas ao seu estilo pomposo de escrever e sua filiação a correntes literárias que se caracterizavam pelo simbolismo e parnasianismo, Coelho Netto buscou impregnar sua obra de valores.

Além disso, me deparei também com estudos de Danielle Crepaldi Carvalho (2009a), que em sua dissertação “*Arte*” em tempos de “*chirinola*”: a proposta de renovação teatral de Coelho Netto (1897-1898), analisou a produção teatral de Coelho

⁶ Trabalho apresentado no VIII Seminário Internacional REDES, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

⁷ Trabalho apresentado na II Jornadas de estudio sobre prensa pedagógica: la prensa pedagógica de los escolares y estudiantes, Salamanca: Universidade de Salamanca, 2015.

Netto através das obras *Pelo Amor*, poema dramático, e *Ártemis*, balada em prosa rítmica. Esse trabalho me indicou o intuito de Coelho Netto ao adentrar o espaço teatral e suas obras destinadas à encenação. Claudia Jane Duarte Maydana (2010), na dissertação *Decifrando os enigmas da modernidade em Esphinge, de Coelho Netto*, estudou a obra *Esphinge*, escrita por Coelho Netto, com o intuito de evidenciar a figura desse literato e nas palavras da autora, “devolver-lhe motivos para que novamente fizesse parte da História da Literatura Brasileira”.

Outra dissertação mapeada sobre o sujeito aqui pesquisado é a de Vanessa Kitizo Venturelli (2010), intitulada *“Fagulhas”: uma coluna de crônicas de Coelho Netto na Gazeta de Notícias (1897-1899)*, onde a autora interpretou as 261 crônicas presentes nesse jornal, colocando em evidência um rico repertório sobre a opinião do escritor em relação às turbulências sociais daquele período, como a consolidação da República. Na dissertação de Claunísio Amorim Carvalho (2012), *O insigne pavilhão: nação e nacionalismo na obra do escritor Coelho Netto*, o autor fez uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de analisar a condição do escritor, orador e político Coelho Netto como intelectual brasileiro do período da República Velha, dando ênfase ao seu caráter nacionalista, analisando principalmente a obra escrita que o escritor deixou, incluindo crônicas, discursos, ficção e educação cívica, com destaque para as décadas de 1910 e 1920. Nesse sentido, os dois últimos estudos aqui apresentados foram válidos no que dizem respeito ao estudo da oratória e das crônicas de Coelho Netto, assuntos que abordei nos dois primeiros capítulos.

Para atingir o meu presente objetivo, tentei fugir das armadilhas e tentações da linearidade da vida de Coelho Netto e, para tal, pensei esse mestre nos diferentes espaços que ocupou: na política, na imprensa e nas escolas. Nesse sentido, organizei o meu estudo em temáticas que visaram atribuir ao sujeito pesquisado não só sua atuação como mestre, mas, sobretudo, a interpretação da importância da educação em seu discurso, a partir das fontes localizadas nos diversos acervos do Rio de Janeiro. Dessa maneira, estruturei a dissertação em três capítulos.

No primeiro capítulo, privilegiei os discursos promovidos por Coelho Netto, dentre eles, aqueles enquanto atuou como Deputado Federal do Maranhão (1909-1917), alguns deles reunidos no Livro *Falando...* (1919). Por isso, foi importante também ressaltar os demais cargos públicos e políticos que exerceu, como o de Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro (1890-1891) e também como Secretário Geral da Liga da Defesa Nacional (1917-1934). Pude entrecruzar o livro que compõe a oratória de

Coelho Netto na Câmara dos Deputados com outros livros onde reuniu outros discursos seus em eventos, enterros, praças, escolas etc., dentre eles: *Palestras da Tarde* (1911), *Versas* (1918), *Orações* (1923), *Livro de Prata* (1928), além de cartas presentes nos acervos de memória do Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Arquivo Pessoal do Acadêmico e Fundação Casa de Rui Barbosa; como também biografias publicadas sobre Coelho Netto, inclusive aquelas escritas por seu filho, Paulo Coelho Netto.

Sendo assim, este primeiro capítulo me permitiu observar os seguintes questionamentos: quais assuntos foram tratados por Coelho Netto na Câmara dos Deputados? Por que publicá-los em livros? Quais temáticas tratou nos outros discursos que se interligam aos promovidos enquanto deputado? Proferiu discursos sobre educação? Para tanto, dialoguei com estudos sobre cartas, biografias, como também sobre a política da época, a história do país, especificamente da cidade do Rio de Janeiro na Primeira República, e também com estudos sobre a questão da identidade nacional, alicerçada em Jorge Nagle – *Educação e Sociedade na Primeira República* (1974), e José Murilo de Carvalho – *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil* (1990).

No segundo capítulo, priorizarei as crônicas de autoria de Coelho Netto, especificamente aquelas que o escritor abordou sobre a temática educação. Para isso, foi preciso um mapeamento das crônicas localizadas e do meio de divulgação a que elas foram submetidas, isto é, entrecruzar livros (nos quais publicou parte de sua obra no gênero crônica), periódicos (onde colaborou em torno de cinquenta e sete jornais da época, nacionais e internacionais) e os diversos pseudônimos utilizados por Coelho Netto, dentre os quais: Anselmo Ribas, N., Caliban, Ariel, Puck, Amador Santelmo, Victor Leal, Alcides, Blanco Canabarro, C., C. N., g., Domonac, e Henri Lesongeur. De acordo com Venturelli (2010), pensar no veículo na qual a crônica foi transmitida também é importante, pois a crônica “não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha” (CANDIDO, 1992 apud VENTURELLI, 2010, p. 32). Visto que o livro era um objeto caro e destinado a poucos, o jornal conseguiria, melhor, atrair a atenção de seus leitores (VENTURELLI, 2010), já que as classes médias nas capitais pouco ou nada liam, limitando-se a jornais (SEVCENKO, 2003). Logo, precisei, neste capítulo, privilegiar estudos sobre crônicas, embasados em Chalhoub, Neves e Pereira (2005), Mignot (2010), dentre outros, além de estudos sobre periódicos, livros e editores(as) do Brasil.

Privilegiei os livros *O meu Dia* (1922) e *Às Quintas* (1924), nos quais o escritor reuniu crônicas do jornal *A Noite*, de 1918 a 1922, e entre 1920 e 1923, respectivamente. Além delas, percebi que Coelho Netto publicara outros livros desse gênero, que primeiramente foram publicadas em jornais, como em *Feira Livre* (1926) e *Fréchas* (1923) – que são crônicas de Coelho Netto publicadas inicialmente no *Jornal do Brasil*, durante a década de 1920. Entretanto, não pude deixar de lado as demais crônicas presentes nos outros jornais, como, por exemplo, aquelas que marcaram o começo da sua carreira cronística, como é o caso de “Bilhetes Postais”⁸, em que “o autor fazia dela um meio de veicular críticas veladas aos rumos do regime pelo qual tanto lutara” (SILVA, 2002 apud PEREIRA, 2015, p. 57). Segundo Silva (2002),

As crônicas que compõem os “Bilhetes Postais” foram construídas na forma de pequenas cartas enviadas por “N.” a um número bastante diversificado de destinatários. São mulheres, instituições públicas como a intendência municipal, figuras importantes da política local e nacional e outros mais, inventados por ele mesmo. (idem, p. 16)

Esse capítulo me permitiu pensar, então, nas seguintes questões: Quais temáticas Coelho Netto abordava em suas crônicas? O que o cronista defendia sobre educação? Quais foram os meios de divulgação de suas crônicas? A quem se dirigiam essas escritas?

E, por fim, no terceiro capítulo, dei ênfase à atuação de Coelho Netto nas escolas que lecionou, dentre elas o Ginásio de Campinas, o Ginásio Nacional e a Escola Dramática. Busquei, assim, interpretar Coelho Netto no magistério, e sua posição enquanto escritor para crianças, objeto de um silenciamento intencional em face de posições literárias modernistas, e/ou por um ofuscamento dele como literato, frente à sua postura professoral. Para tal, precisei dialogar com estudos já feitos sobre as respectivas escolas, sobre esse sujeito, sobre a cultura material e escrita, pelo fato de algumas das fontes utilizadas serem cartas, atas de colégios, livros para crianças, com alguns questionamentos em meu horizonte de investigação: Qual legado Coelho Netto queria deixar através da sua atuação em sala de aula? Qual a relação das suas obras destinadas às crianças com a sua atuação como professor?

Ao escolher o campo da política como ponto de partida do presente estudo, sendo este um dos espaços transitados por Coelho Netto - que permite desvelar caminhos trilhados por esse mestre - não foi tarefa fácil. Como já dito, muitos pesquisadores

⁸ A série “Bilhetes Postais” foi publicada primeiramente em *O Paiz*, entre 1892-1893, sob o pseudônimo de “N.” (SILVA, 2002).

encontraram na literatura o caminho determinante para contar a história desse sujeito. Nesse sentido, a aproximação com autores como Ginzburg (1989), Prost (2012), Chartier (1999), dentre outros, foram essenciais para que eu tivesse um olhar mais apurado para o objeto em questão. Entendendo que foi nas palavras que Coelho Netto deu significado aos seus ideais, modelos pedagógicos, perspectiva de educação, portanto, foi através delas que eu pude construir a minha investigação.

Por isso, é preciso que o leitor não se acomode nessas palavras introdutórias, pois há muito a descobrir. Não se acanhe, venha espiar por detrás das cortinas, afinal, neste estudo você encontrará não só um espetáculo sobre um mestre, mas também um desnudar de suas palavras.

1 POLÍTICA DOS DISCURSOS

Figura 1 - *O Malho*, edição 1336, 21 de abril de 1928, p. 29

As imagens podem nos contar histórias, mas também desvelar silêncios. A ilustração anterior evidencia uma prática que esteve muito presente na vida do homem de letras Henrique Maximiano Coelho Netto: o discurso. Pude localizar alguns deles reunidos em livros, tais como: *Falando...* (1919), *Orações* (1923), *Livro de Prata* (1928) que, segundo seu filho Paulo Coelho Netto (1942), seriam livros com discursos importantes do pai, além de *Versas* (1918) e *Palestras da Tarde* (1911), que também reúnem outros discursos de Coelho Netto. Neles, as palavras se apresentam de diversas formas, ora como discursos, orações, alocações, mensagens, ora como conferências e palestras.⁹

Com o intuito de compreender Coelho Netto como educador, foi relevante primeiro adentrar os demais espaços públicos transitados por este mestre, como, por exemplo, a política. Pude notar que os discursos proferidos em atividades de suas funções públicas e políticas como, por exemplo, quando Coelho Netto era deputado federal do Maranhão, foram uma das estratégias adotada por este mestre para ser reconhecido como intelectual. Da mesma maneira que possibilitou apresentar as marcas de um país, da política, da sociedade, da educação, da cultura, das ações e de seus ideais. Assim como assinala Mignot (2014):

[...] desde a primeira aproximação com Coelho Netto na cena educacional, é possível ver que sua trajetória no magistério se entrelaça com a vida política e cultural do país, mas também com as estratégias adotadas para se fazer inicialmente conhecido, depois reconhecido e, finalmente, respeitado no campo intelectual, em um momento em que seu legado foi posto em questão pelos modernistas. (p. 211)

Muitos intelectuais, políticos, literatos da época também usavam a palavra como um meio para propagar ideias e o faziam por meio de discursos, como Machado de Assis¹⁰, Rui Barbosa, Olavo Bilac¹¹, Medeiros e Albuquerque¹², Artur Azevedo, dentre

⁹ Outros acadêmicos também converteram seus discursos em livros, como por exemplo, Joaquim Nabuco, no livro *Discursos parlamentares*, e Olavo Bilac, no livro *A Defesa Nacional (discursos)*, prática esta, recorrente na época.

¹⁰ Joaquim Maria Machado de Assis (1839, RJ – 1908, RJ) “foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. É o fundador da Cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras e o primeiro presidente desta instituição”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

¹¹ Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (1865, RJ – 1918, RJ) “foi jornalista, poeta, inspetor de ensino e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Foi também nomeado oficial da Secretaria do Interior do Estado do Rio de Janeiro, delegado em conferências diplomáticas e secretário do prefeito do Distrito Federal. Em 1916, fundou a Liga de Defesa Nacional”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/biografia> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

outros. Um exemplo disso são os discursos ritualísticos promovidos na Academia Brasileira de Letras. Sempre que um membro novo era eleito ou convidado para se tornar acadêmico havia ritualmente o discurso de recepção, proferido pelo acadêmico que recebia esse novo membro, e o discurso de posse, também ritualístico, feito pelo membro que ingressava na instituição. Neste último, o novo acadêmico elenca qualidades, enaltecendo o acadêmico do qual se tornara sucessor, como o caso de João Neves Fontoura.

Segundo ocupante da Cadeira 2, eleito em 19 de março de 1936, na sucessão de Coelho Netto¹³, Fontoura dedicou uma parte do seu discurso de posse à biografia elogiosa a este mestre. Evidenciou Coelho Netto como “repentista da prosa”, ou seja, recorrendo ao dicionário, seria que ou quem improvisa, além de destacar também a força da imaginação e do poder verbal do homenageado:

As duas grandes forças da obra de Coelho Neto residem na imaginação e no poder verbal [...] havia no seu cérebro, como nos teatros modernos, palcos móveis para as mutações da mágica. É o exemplo único de repentista da prosa. [...] Dotado de um dinamismo muito raro, Neto foi um idólatra da forma. (FONTOURA, 1936)¹⁴

Lembra-nos Paulo Coelho Netto (1942), na biografia que escreveu sobre o pai, que Coelho Netto sabia improvisar como ninguém, e que, em uma Conferência, discursou durante cinquenta minutos e ninguém percebeu que era improvisado. Não podemos dizer que esta sublime arte do improvisado estava presente em todos os discursos de Coelho Netto, porém, certamente, o ajudava na escolha das palavras certas, para quem, onde, o quê e quando dizer. Nas palavras de Machado de Assis, Coelho Netto tinha “o dom da invenção, da composição, da descrição e da vida, que coroa tudo” (COELHO NETTO, Paulo, 1957, p. 15).

¹² José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867, PE – 1934, RJ) “foi jornalista, professor, político, contista, poeta, orador, romancista, teatrólogo, ensaísta e memorialista. Foi secretário do Ministério do Interior, em 1892, vice-diretor do Ginásio Nacional, professor da Escola de Belas Artes (desde 1890) e presidente do Conservatório Dramático (1890-1892), diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal, em 1897. É o autor da letra do Hino da República. Membro da Academia Brasileira de Letras, onde fundou a cadeira nº 22”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/medeiros-e-albuquerque> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

¹³ Coelho Netto “é fundador da cadeira número 2 da ABL, foi também presidente dessa instituição de 1926 a 1927. Recebeu os acadêmicos Osório Duque-Estrada, Mário de Alencar e Paulo Barreto”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

¹⁴ Discurso de posse de João Neves da Fontoura. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/joao-neves-da-fontoura/discurso-de-posse> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

É relevante destacar, também, que os livros, antes de publicados, foram discursos proferidos em diferentes locais: na Câmara dos Deputados, na Liga da Defesa Nacional, em enterros, na Prefeitura, como ilustrado na figura que abre o capítulo. Porém, os livros apresentam também discursos em clubes, escolas, praças etc. Logo, há de se questionar: Qual o conteúdo desses discursos? Para quem e quando foram proferidos? Por que transformá-los em livros?

Para responder a essas questões, recorri a uma entrevista de Roger Chartier, quando discorre sobre as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores acerca da “materialidade dos textos”:

A significação das obras depende também das formas que a transmitem a seus leitores e a seus ouvintes [...] a forma afeta o sentido [...] é, pois, necessário identificar os efeitos de sentido das diferentes formas (impressos ou manuscritos, escritas ou orais) que se apoderaram de uma “mesma” obra”. (CHARTIER, 1995, p. 8)

Com isso, os discursos pronunciados por Coelho Netto não devem ser desconectados da sua natureza, ou seja, os discursos na Câmara dos Deputados estabelecem uma linguagem própria ao ambiente e determinam um certo público, uma vez que Coelho Netto discursa para homens de terno e gravata, na tribuna. À vista que será diferente de um discurso literário promovido na Academia Brasileira de Letras, no qual abordará palavras mais rebuscadas com menos reverências oficiais, como “Sr. Presidente”. Por conseguinte, também será diferente de um discurso proferido em eventos abertos à população como enterros – representado na primeira imagem pelo discurso do enterro de Pedro Lessa –, ou em locais como instituições escolares. À medida que o público alvo muda, as palavras o acompanham.

Santos (2011a) aponta para o fato de que os discursos são elaborados de acordo com quem os ouve, ou seja, a plateia, que por sua vez precisa acreditar e ser convencida do que está sendo dito. A autora acrescenta que era de costume do intelectual utilizar em sua retórica uma linguagem erudita que, em sua maioria, era pautada em autores estrangeiros, para impressionar o público e, assim, dar credibilidade ao argumento do sujeito. Corroborando com essa questão, Gomes (2009) indica, baseado na retórica de Aristóteles, que o discurso retórico é constituído pelo orador, pelo assunto e pelo ouvinte. Sendo assim, a maneira pela qual o orador se expressa dependerá das pessoas a quem o discurso dirigir-se-á. Com isso, a diferentes ouvintes serão destinados diferentes alocações. Deste modo, para além das palavras e do público alvo desses discursos, será

importante conhecer também quem os inventa, escreve e pronuncia, isto é, o autor, pois conhecê-lo sugere entender mais sobre as intenções, funções e significações das palavras ditas.

Logo, ao dizer: “Os factos e as palavras [...] são indifferentemente os modos de acção da energia divina [...] As palavras são também acções e as acções são especies de palavras” (COELHO NETTO, 1923, p. 77), Coelho Netto estaria atentando para o fato de que as palavras são indissociáveis das ações. Se os discursos são palavras, sendo assim também ações, convido-os a conhecer um mestre e os espaços percorridos por suas palavras em movimento.

1.1 Um tribuno em cena

Rapida havia de ser a sua passagem pela camara, que o autor da *Miragem* deixou assignalada pela belleza e a eloquencia de alguns discursos pronunciados. Afastado ha varios annos de sua terra, sem eleitorado proprio, sem o conhecimento de chefes politicos, Coelho Netto só poderia ser, como foi, deputado eleito pelo governo. Mas Coelho Netto não podia ser um deputado como os outros. Queriam-no acomodado e submisso, votando de cabresto e recebendo ordens... Coelho Netto reagiu. (*CORREIO DA MANHÃ*, 1934, ed. 12275, p.3)

Muitos jornais do Brasil inteiro, dentre os quais encontram-se *Jornal do Brasil*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, noticiavam, no dia 29 de novembro de 1934, a morte de Henrique Maximiano Coelho Netto¹⁵. Dentre as homenagens póstumas ao

¹⁵ Coelho Netto faleceu em 28 de novembro de 1934, porém sua morte só foi noticiada no dia seguinte. Com os subtítulos das homenagens que remetem a figura de Coelho Netto como deputado e também como maranhense, podemos citar: “Homenagens do Centro Maranhense”, “Homenagens do Maranhão”, “Camara Diplomatica” – *Jornal do Brasil* –; “Coelho Netto, deputado”, “As homenagens do Maranhão”, “Sua vida pública”, “As homenagens da Camara”, “Manifestações de Pezar” – *Correio da Manhã* –; e “Homenagens da Camara dos Deputados”, “A repercussão em S. Luiz da morte de Coelho Netto”, “O Maranhão ao seu grande filho”, “As homenagens do Centro Maranhense”, “Homenagens da Camara” – *Diario de Noticias* –.

“príncipe dos prosadores”¹⁶, podemos ressaltar o trecho citado acima. Nele, destaca-se a passagem do autor de *Miragem*¹⁷ pela Câmara dos Deputados através dos discursos que fez, além do seu envolvimento com certas pessoas do governo, que teria sido o motivo pelo qual conseguira ser eleito, já que estivera afastado há anos de sua terra natal, o Maranhão.

Nascido no Maranhão, fruto da relação do português Antônio da Fonseca Coelho, com a índia Ana Silvestre Coelho, o escritor foi morar no Rio de Janeiro, seis anos depois, com o seu tio, que o influenciou a gostar de literatura. Segundo Azevedo e Ferreira (2006, p. 226), “entre o último terço do século XIX e 1920, o Rio de Janeiro atravessou uma profunda alteração demográfica, com um acelerado crescimento populacional”, justificando a intensa migração de pessoas que saíam do interior do Brasil para os polos urbanos, como o Rio de Janeiro, o que supostamente teria acontecido também com a família de Coelho Netto.

Paulo Dantas,¹⁸ na biografia sobre Coelho Netto, narra que, enquanto Secretário da Comissão Central do IV Centenário da Descoberta do Brasil, em 1899, Coelho Netto realizou uma excursão de propaganda aos estados do Norte e que essa excursão teria sido o motivo consolidador para o prestígio nacional do escritor, “acendendo no coração de muitos jovens o ardente desejo de ser um segundo Coelho Netto” (DANTAS, s/d, p. 32). Nessa excursão, Coelho Netto também visitou instituições educacionais, dentre elas, Escolas Normais dos Estados do Norte, tendo a cobertura da imprensa em toda a sua estadia. Contrapondo à visão de seu filho, Paulo Coelho Netto (1957), em que defendeu que essa viagem não teria sido suficiente para determinar um eleitorado próprio para eleger seu pai a deputado federal do Maranhão.

Outra ênfase que se dá no trecho de jornal anterior, e que também é realçada, anos depois, na biografia escrita por Paulo Coelho Netto (1957), é de que Coelho Netto não fora submetido e acomodado em sua trajetória como deputado, conforme descrito:

¹⁶ Coelho Netto foi considerado “Príncipe dos Prosadores Brasileiros” no concurso realizado pela revista *O Malho*, em 1928. Ver: *O MALHO*, edição 1336, 21 de abril de 1928, p. 25-33. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> [Consulta em 08 de janeiro de 2016].

¹⁷ O romance *Miragem* foi publicado em 1895, pelo editor Domingos Magalhães, da Livraria Moderna.

¹⁸ Essa biografia faz parte da coleção da editora Melhoramentos chamada “Grandes vultos das Letras”, com edições de biografias sobre Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Graça Aranha, Tobias Barreto, dentre outros. Paulo Dantas escreveu as biografias de: Tobias Barreto, Aluísio de Azevedo e Coelho Netto, além de ter escrito contos, romances e sobre as obras literárias de Euclides da Cunha e Monteiro Lobato. DANTAS, PAULO. Conversando com Paulo Dantas em Recife. [20 de julho, 2005]. Recife: *Migalhas*. Entrevista cedida a Jayme Vita Roso. Disponível em: <http://www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI14604,71043-Conversando+com+Paulo+Dantas+em+Recife> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

Longe de sua terra, sem eleitorado próprio, sem o conhecimento de chefes e métodos políticos que então imperavam e ainda imperam no Brasil, Coelho Netto só poderia ser, como foi, deputado eleito pelo govêrno. Mas, como nunca se revelou parlamentar servil, submisso, dos que sobem recebendo ordens, caiu em desagrado. Urbano Santos, chefe da política do Estado, na primeira eleição o fêz excluir da representação, substituindo-o por um conterrâneo que se notabilizou na bancada através do lema que adotou e sempre o acompanhou: “A palavra é de prata, mas o silêncio é de ouro”. (p.22)

Penso que quem escreve ou publica a biografia de um sujeito tem nas mãos a tomada de decisão do que irá escrever sobre o sujeito biografado. Malcom (2012) sugere que a biografia pode ser comparada a um livro no qual um estranho pode fazer seus próprios rabiscos. Acrescenta que, depois de morto, a “história passa às mãos de desconhecidos [...] o biógrafo não se vê como alguém que toma essa vida emprestada, mas como seu novo proprietário, com o direito de escrever e sublinhar onde quiser” (idem, p. 201). Visto que um dos biógrafos, Paulo Coelho Netto, como filho, tem um vínculo pessoal e íntimo com o biografado, logo seu propósito ao escrever a biografia tem uma dada intencionalidade no recorte biográfico ao tratar da vida deste mestre. Assim, Paulo Coelho Netto optou por enfatizar “a injustiça” que seu pai sofrera ao ser afastado da representação de seu Estado enquanto deputado federal do Maranhão, intitulando este capítulo de “Sob o signo da ingratidão”.

É necessário desconfiar do que está escrito, além de se questionar o porquê de estar escrito, quem a escreveu, qual o momento e a finalidade da escrita. Sendo assim, não mais caberia um louvor a Coelho Netto devido às circunstâncias em que a presente biografia fora produzida, em uma conferência dedicada à memória do biografado na ABL. Werneck (2008) aponta que “o biógrafo ganha destaque equivalente ao biografado porque é visto ora como intelectual, inserido no campo da cultura, ora como escritor que participa da esfera literária” (p. 29). Desse modo, Paulo Coelho Netto, ao escrever sobre o pai, estaria também perpetuando-se na vida literária do país.¹⁹

As biografias, em geral, precisam ser, antes de tudo, desconstruídas para se chegar ao objeto a ser estudado. Portanto, as biografias em destaque me permitiram interpelar: qual a importância de se destacar a figura de Coelho Netto na política, em especial no parlamento? Como era a política da época? Quais ideias foram defendidas por Coelho Netto na Câmara? Quais outros cargos políticos e/ou públicos desempenhou? Quais ideias educacionais foram propagadas?

¹⁹ Dentre as biografias escritas por Paulo Coelho Netto, destacam-se: *Imagem de uma vida* (1957), *Coelho Netto* (1942) e *Bibliografia de Coelho Netto* (1972).

É importante ressaltar que Coelho Netto foi eleito deputado em três legislaturas, de 1909 a 1917, sendo que, no último ano, foi excluído da representação de seu Estado, o Maranhão, na Câmara dos Deputados por Urbano Santos²⁰, substituído por um conterrâneo. Esse fato é criticado por Rui Barbosa, na época vereador, em uma carta enviada a Coelho Netto lamentando o ocorrido:

Petropolis, 16 de janeiro, 1918

Meu caro amigo e collega:

Como lhe poderei dizer alguma coisa, que sirva, na triste, conjuntura de que me falha a sua sentida carta? Não farfe eu um desfez zero, que ostenta, aos milhões, á sua esquerda o poder das oligarchias, único algarismo significativo na conta da narfa política, e a camara dos deputados não pasfaria pela diminuição, por que vae pasfar, vendo arrebatarem-lhe um dos mais consagradores representantes da nossa cultura. Não há que estranhar estes avanços do obscurantismo pelas regiões parlamentares, onde tudo vae baixando, esfriando e cegando, em progressão constante, de legislatura em legislatura. O nosso regime só nos traz surpresas, quando não pratica o mal, e não está em rixa com o bondoso.

Acredito que, se a intelligencia maranhense, o sentimento maranhense, a mocidade maranhense (sic.) voto na pendência, a representação da terra de Francisco Lisboa, Odorico Mendes e Gonçalves Dias não varreria de si o nome de Coelho Netto.

Todo mal que os rigores da eloqüência de Vieira disseram dos vícios desse Maranhão colonial, onde ‘até o sol mente’, está longe de equalar o mal, que faz um destes autor de hoje, não só ao Maranhão, mas a todo este Brasil constitucional, onde a mentira se fez o sol e o centro de todo o systema recriante.

Só assim se explicaria que se desse por satisfeito com a substituição de Coelho Netto por um desconhecido o povo, que, neste paiz, tanto se presava a atheniense.

Seu amigo e collega

Ruy Barbosa.²¹

²⁰ Urbano Santos da Costa Araújo (1854, MA – 1922) “foi advogado, escritor e político. Foi vice-presidente da República (1914 – 1918), no governo de Wenceslau Brás, promotor público e juiz do Comércio em São Luís (1892), senador pelo estado do Maranhão (1906-1914), vice-presidente da República (1914-1918). Como governador do Maranhão elegeu-se em três legislaturas, em 1898, 1913 e 1918. Em seu mandato promoveu o abastecimento de água com regularidade; construiu a escola Benedito Leite; promoveu a reforma da penitenciária, do quartel de Polícia Militar, do aprendizado agrícola e do teatro, cuja casa de espetáculos passou a se chamar Arthur Azevedo. Foi, também, Ministro da Justiça e Negócios Interiores (1918-1919) no Governo de Delfim Moreira, onde se destacou, principalmente, nos investimentos em saúde pública. Promoveu o serviço de profilaxia urbana e rural, instalou o Instituto Osvaldo Cruz, em São Luís, e celebrou um contrato com a Fundação Rockefeller para o combate à malária. Foi candidato, pela segunda vez, à Vice-Presidência da República na chapa de Artur Bernardes para o mandato de 1922 a 1926, porém, não chegou a tomar posse, vindo a falecer na viagem do Maranhão para o Rio de Janeiro, a bordo do Minas Gerais”. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SANTOS,%20Urbano.pdf> [Consulta em 21/09/2016]. Ver mais sobre Urbano Santos em: http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/201408272214321409188472_95931409188472_9593.pdf, p. 22-24.

²¹ Carta com três folhas, de Rui Barbosa a Coelho Netto, de 16 de janeiro de 1918, presente na Fundação Casa de Rui Barbosa.

Segundo Reis (1992), que estudou os grupos políticos e a estrutura oligárquica no Maranhão durante 1850 a 1930, os deputados, em geral, saíam da Câmara dos deputados somente “para o Senado, o governo do Estado ou algum cargo importante na área federal” (p.64). Alguns deles, inclusive, morreram exercendo os mandatos e outros deixaram seus lugares para assumir novas funções na área administrativa nacional. Com isso, a não-renovação se dava apenas nos casos de dissensão, como Paulo Coelho Netto afirma ter acontecido com seu pai no final de seu mandato, ou nas situações em que os acordos entre lideranças implicavam “sacrifícios” de nomes em sustentação própria, geralmente intelectuais de projeção nacional, como no caso da primeira eleição de Coelho Netto como deputado.

É importante lembrar que o sistema de sustentação da estrutura do poder ainda na última década da Primeira República era marcado pelo coronelismo, dando oportunidade para a chamada “política dos governadores”, alimentada pelo desenvolvimento das formações oligárquicas. Nagle (1974) aponta que a federação traduziu, no plano político, condições objetivas da estrutura agrária, isto é, “os homens mais importantes do lugar”, através do seu poder econômico, político e social mantinham-se mais fortemente como chefes das oligarquias regionais, atuando como principais forças sociais no âmbito dos governadores estaduais e federal. Sendo assim, o federalismo era uma forma organizativa do Estado que acarretou uma política de alianças para a ocupação da presidência e em uma liberdade política aos governadores dos estados da Federação. Com a chegada de Campos Sales na presidência, em 1894, consolidou-se a “política dos Estados”, ou seja, “o que pensam os Estados, pensa a União” (NAGLE, 1974, p. 4), em que, através das forças representadas pelo coronelismo, transformaram-se os governadores dos Estados nos eleitores dos presidentes da República, escolhidos por convenções onde cartas já estavam marcadas.

Desta maneira, na afirmação federalista e na definição de uma fórmula de convívio entre as novas lideranças, Benedito Leite²² utilizou com maestria a distribuição estratégica de cadeiras na Câmara Federal e no Senado para conter os focos de dissensões (REIS, 1992). Foi sob o domínio político de Benedito Leite que Coelho Netto foi convidado a integrar uma chapa na campanha eleitoral de janeiro de 1909, saindo-se vencedor. Com a morte de Benedito Leite, em 1909, Urbano Santos, outro grande nome

²² Benedito Pereira Leite (1857-1909) foi governador do Maranhão de 1906 a 1908. Disponível em: http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/201408272214321409188472_95931409188472_9593.pdf, p. 25-26. [Consulta em 21 de setembro de 2016].

da mesma geração, tem realçada a sua liderança política no Estado, e foi sob a liderança deste que Coelho Netto elegeu-se mais duas vezes, mantendo-se na Câmara até 1917. Desta maneira, é importante notar que o mesmo político que elegeu Coelho Netto, anos depois, o destituiu do seu cargo.

Carvalho (2012) assinala que o jogo político patrocinado pela oligarquia vigente da época dava como certa a eleição de qualquer indicação, restando pouco ou nada a fazer aos da oposição, o que é exemplificado na nota publicada na *Pacotilha*, em 22 de outubro de 1908, que afirma antecipadamente que o deputado José Eusebio seria eleito senador pelo Estado do Maranhão, sendo a sua vaga preenchida por Graça Aranha ou Coelho Netto. Em tal cenário político, Carvalho (2012) suscita que não havia dúvida que José Eusébio seria eleito senador e que seu substituto na Câmara dependia apenas da indicação nos bastidores. E foi exatamente isto que aconteceu - José Eusébio tornou-se senador (de 1909 a 1925) e Coelho Netto, o escolhido, deputado federal (1909 a 1917).

É necessário observar que Coelho Netto, paralelamente à sua função de deputado, também atuou na imprensa como cronista e jornalista e em escolas como professor e diretor, assuntos esses que abordarei posteriormente. É necessário, portanto, ressaltar que a maioria dessas atuações foram no Rio de Janeiro. Assim como salientado por Reis (1992), ainda que muitos deputados tivessem nascido no interior do estado, passavam a residir na capital, ali fixando-se para exercer suas funções políticas e as demais atividades profissionais. Acrescenta que a maioria desses políticos “já havia iniciado o caminho tradicional da formação de um político, a passagem pelos bancos de Direito do Recife e a ocupação de cargos no aparelho administrativo do Estado” (REIS, 1992, p. 46).

Semelhante ao que o autor descreve, Coelho Netto também inicia sua “formação de político” no curso de Direito, por onde também passaram Joaquim Nabuco, José de Alencar, posteriormente, seu filho Mário de Alencar, dentre outros. Coelho Netto matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1883, e comprometido em um movimento acadêmico, transferiu-se para Recife, onde concluiu o primeiro ano de Direito. Pouco depois, ele regressa a São Paulo e completa o segundo ano do curso. Coelho Netto, em seguida, volta à Recife para cursar o terceiro ano, mas a sua atitude francamente abolicionista e republicana incompatibiliza-o com um Lente de grande severidade, o qual Paulo Coelho Netto (1942) não dispõe do nome em sua biografia.

Coelho Netto não alcança o diploma em Direito, “mas a frequência acadêmica serviu[-lhe] para evidenciar as inclinações literárias”, segundo João Neves Fontoura, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, além de estreitar suas redes de

sociabilidade marcadas por nomes como José do Patrocínio, Raul Pompéia, Raimundo Correia, Valentim Magalhães e Augusto de Lima, por exemplo. Não ter concluído o Curso de Direito ou Letras não o impediu também de ocupar alguns cargos, como veremos a seguir.

1.1.1 Iniciando uma vida pública

Figura 2 - Relatório do Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Coelho Netto, para o governador 1890-1891

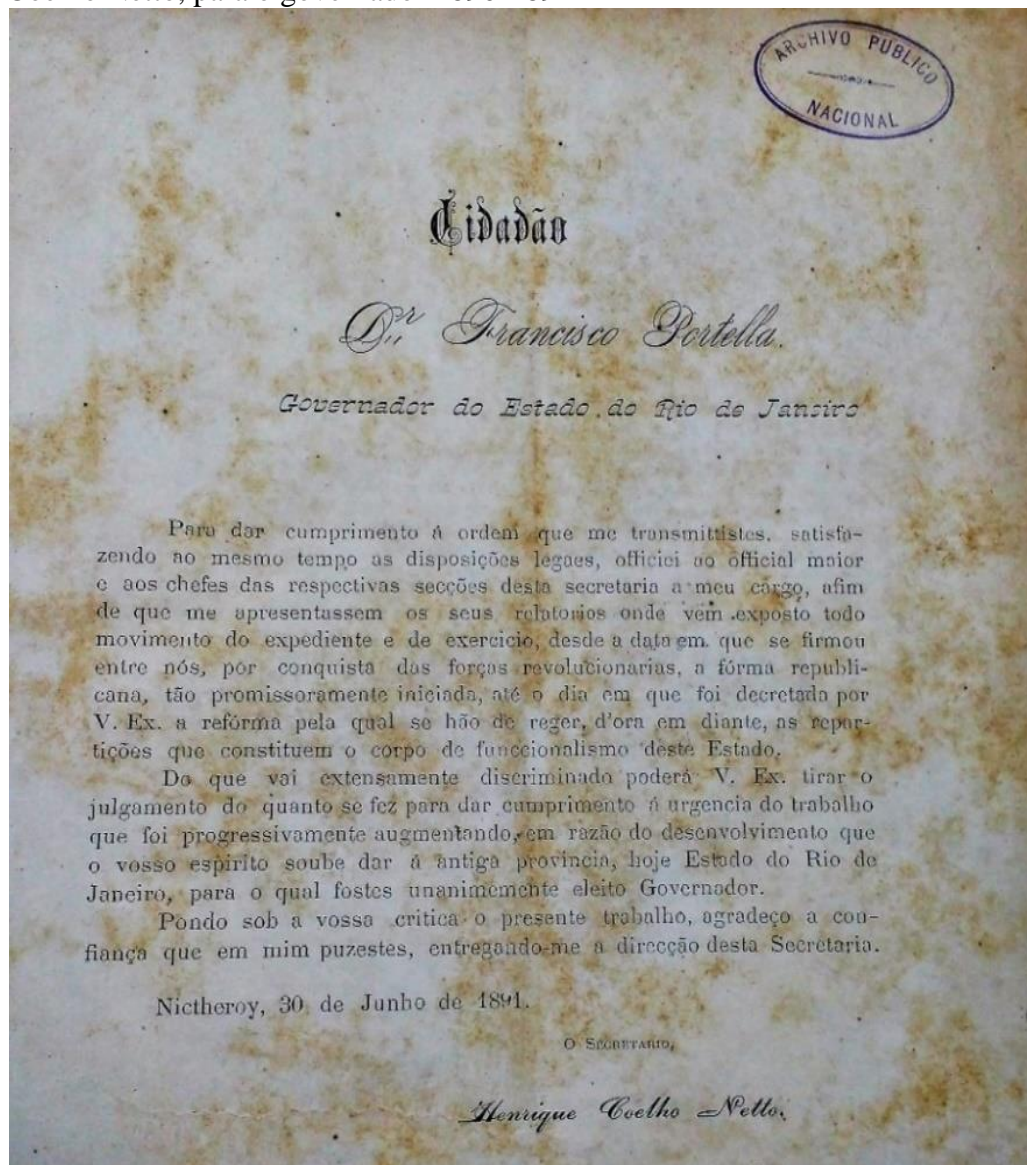


Fonte: Arquivo Nacional

A Câmara dos Deputados não teria sido o primeiro espaço público e/ou político que Coelho Netto teria transitado. Paulo Coelho Netto (1942) listou algumas dessas funções públicas e privadas que seu pai exerceu, dentre elas a de Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Seguindo os “indícios” (GINZBURG, 1989) deixados por este mestre, pude localizar no Arquivo Nacional (localizado no Rio de Janeiro), um

relatório administrativo, de 1890 a 1891, enviado ao governador do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Francisco Portela²³, enquanto Coelho Netto fora seu secretário, assim como demonstrado a seguir.

Figura 3 - Relatório do Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Coelho Netto, para o governador 1890-1891



Fonte: Arquivo Nacional

Miceli (2001) aponta que o sentido da trajetória profissional de sujeitos que, assim como Coelho Netto, não advinham de parentes ricos, dependia, principalmente, de apoios oligárquicos que conseguissem mobilizar no começo da carreira e que

²³ Francisco Portela (1833, PI – 1913, RJ) formou-se em Medicina, foi governador do Estado do Rio de Janeiro (1889 – 1891), deputado federal do Rio de Janeiro (1909 – 1912) e senador do Rio de Janeiro (1912 – 1913). (LOPES, 2015). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PORTELA,%20Francisco.pdf> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

determinavam, entre outras coisas, o tipo de posto ou cargo então ocupado, sua posição na hierarquia interna dessas burocracias e as condições materiais propiciadas pela função ocupada. Dessa maneira, o autor acrescenta que quem começava a carreira como pequeno funcionário ou vendedor teria distintos os ganhos materiais e simbólicos daqueles cuja carreira tivessem iniciado como alto funcionário ou com um mandato parlamentar (MICELI, 2001). É possível observar que assim aconteceu com Coelho Netto, que conseguiu um cargo ao lado de Francisco Portella e, anos mais tarde, conseguiu ser eleito Deputado Federal do Maranhão durante anos.

É importante esclarecer, entretanto, que depois que o Marechal Deodoro da Fonseca²⁴, sustentado por setores do Exército e por civis, instalou o regime republicano em 15 de novembro de 1889, e se tornou chefe do governo provisório, Francisco Portella foi nomeado presidente do estado do Rio de Janeiro, por indicação do prestigiado republicano Quintino Bocaiuva²⁵, então nomeado ministro das Relações Exteriores. Portanto, o novo regime representava, segundo Pereira (2005), as primeiras esperanças de um novo país, que além da satisfação pela conquista dos ideais da geração de Coelho Netto, valeu-lhe, também, um emprego público no governo do Estado do Rio de Janeiro. Cargo esse que logo perdeu na política dos primeiros governos republicanos, “cujas disputas internas acabaram por fazê-lo perder, em novembro de 1891, tanto os sonhos de transformação quanto ao cargo recém-conquistado” (PEREIRA, 2005, p.213).

Em 1891, aproximadamente um ano após a eleição de Marechal Deodoro da Fonseca como primeiro presidente constitucional, o então presidente eleito desrespeitou a

²⁴ “Quando, durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, que se instalara em 15 de novembro de 1890, se iniciaram as articulações para a eleição dos futuros presidente e vice-presidente da República, a serem escolhidos pelo voto dos deputados e senadores constituintes, o nome de Floriano despontou como uma alternativa militar ao de Deodoro, tido por muitos como excessivamente centralizador e autoritário, além de influenciado por Lucena, um assessor monarquista de recente conversão à República. No entanto, diante de sondagens que indicavam o amplo apoio dos militares a Deodoro, Floriano, além de lançar-se candidato a presidente, candidatou-se a vice-presidente na chapa oposicionista, encabeçada por Prudente de Moraes, líder republicano paulista e presidente do Congresso Nacional. As forças situacionistas apoiaram a chapa composta por Deodoro da Fonseca e Eduardo Wandenkolk, agora vice-almirante. Promulgada a primeira Constituição republicana em 24 de fevereiro de 1891, no dia seguinte realizaram-se as eleições, em ambiente de grande tensão provocada por boatos segundo os quais a guarnição militar fecharia o Congresso se Deodoro perdesse. Deodoro foi eleito com 129 votos, contra 97 dados a Prudente de Moraes e três a Floriano Peixoto. Este, por seu turno, ficou em primeiro lugar para vice-presidente com 153 votos, tendo Wandenkolk recebido 57. Como a Constituição permitia a eleição de candidatos de chapas diferentes, Deodoro e Floriano foram consagrados, respectivamente, os primeiros presidente e vice-presidente constitucionais do Brasil republicano e empossados no dia 26”. (LEMOS, 2016 [1988]). Disponível em: <http://atlas.fgv.br/verbetes/floriano-peixoto> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

²⁵ Quintino Bocaiuva (1836 – 1912) foi jornalista, senador e presidente do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/quintino-bocaiuva.htm> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

Constituição e fechou o Congresso. Uma conspiração militar o forçou então a renunciar. Quem assumiu o poder foi o vice-presidente, Floriano Peixoto, acentuando ainda mais as tendências ditatoriais do regime. Além de não convocar novas eleições presidenciais, conforme previa a Constituição, o “Marechal de Ferro”, como foi conhecido na época, contrariou os interesses de diversos segmentos oligárquicos, nomeando interventores militares para os governos estaduais. O novo presidente também destituiu todos os governadores que apoiavam Deodoro da Fonseca (PRIORE e VENANCIO, 2010), sendo um deles Francisco Portella, governador do Estado do Rio de Janeiro.

Vale ressaltar, também, que, neste período, Coelho Netto já publicava crônicas nas páginas dos jornais, porém utilizava pseudônimos, temendo ter destino igual ao dos companheiros, Olavo Bilac - que estava detido na Fortaleza de Lage, no Rio de Janeiro -, Pardal Mallet e José do Patrocínio - que estavam aprisionados no vilarejo de Cucuí, às margens do Rio Negro - vítimas das arbitrariedades do governo de Floriano Peixoto. Nesse momento, pude perceber que Coelho Netto seguira o lema que seu conterrâneo na Câmara dos Deputados adotara, “a palavra é de prata, mas o silêncio é de ouro”, e que fora realçado em algumas de suas crônicas publicadas na série “Bilhetes Postais”, em relação à sua postura de não abordar temas sobre política na época.²⁶

Na tentativa de trilhar os caminhos feitos por este mestre na política, pude identificar também uma carta que me chamou a atenção pelos correspondentes e pelo assunto que nela é tratado. Inocêncio Serzedelo Correia²⁷ remete uma carta a Alberto Olímpio Brandão²⁸, sogro de Coelho Netto, informando que, apesar do apreço que teria por Coelho Netto, a nomeação dele só poderia ocorrer se ele se submetesse a um concurso. Podemos considerar, pelo timbre de Gabinete do Ministro da Justiça, que a carta seja aproximadamente de 1892, quando o deputado federal pelo Pará, Serzedelo

²⁶ Sobre crônicas e pseudônimos tratarei no capítulo 2.

²⁷ Inocêncio Serzedelo Correia (1858, PA –1932) foi militar e político. Em 1909, foi nomeado, pelo presidente Nilo Peçanha (1909-1910), prefeito do Distrito Federal, cargo que exerceu durante 15 meses. Na prefeitura, “realizou um trabalho de organização, no qual reestruturou vários órgãos municipais e criou o Serviço Sanitário da Instrução Pública. Idealizou o teleférico do Pão de Açúcar, concluiu as obras do Teatro Municipal, criando ainda a Escola de Arte Dramática, construiu a praça Floriano Peixoto e reformou os jardins da Quinta da Boa Vista, que, após dez anos da proclamação da República, estavam abandonados. Construiu ainda a Escola Nilo Peçanha e urbanizou ruas dos bairros da Tijuca, São Cristóvão, Méier, reformando também a praça Saens Peña” (VITÓRIA, 2015, p. 6). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIA,%20Serzedelo.pdf> [Consulta em 26 de setembro de 2016].

²⁸ Alberto Olímpio Brandão (1848, Vassouras [RJ] –1897) foi educador e político. Na Fundação Biblioteca Nacional, pude encontrar, em torno de 25 cartas endereçadas a este sujeito, no qual discorriam sobre: instrução pública, pedidos de emprego para terceiros, recomendações de estudantes, dentre outros assuntos.

Correia, um grande defensor do governo de Floriano Peixoto, foi, logo após ter sido promovido a tenente-coronel, nomeado ministro das Relações Exteriores, além de secretário de Estado interino dos Negócios da Justiça e dos Negócios do Interior, em 12 de fevereiro de 1892.²⁹

A partir desta carta, podemos atrelar a trajetória política de Coelho Netto à rede de sociabilidade do sogro. Segundo Venancio (2001), o estudo sobre correspondências permite-nos estabelecer relações. Completa que “a prática epistolar de um indivíduo só existe em função de um outro, para quem se enuncia uma fala e de quem se aguarda resposta” (VENANCIO, 2001, p. 23 e 24), sendo considerada uma “via de mão dupla”. Essas correspondências podem ter características “ao mesmo tempo íntimas e públicas, pessoais e relacionais”, e é dessa mesma maneira que podemos, então, compreender e interpretar um sujeito através de sua escrita. Aparentemente banais, a interpretação desses documentos, “iluminam posicionamentos políticos, redes de sociabilidade e espaços de legitimação” (MIGNOT e CUNHA, 2006, p. 43).

Guardadas atualmente em instituições de guarda e de memória, como Fundação Biblioteca Nacional³⁰, Academia Brasileira de Letras³¹ e Fundação Casa de Rui Barbosa³², as cartas trocadas por um homem de letras, como Coelho Netto, não poderiam ser diferentes das demais, pois contam-nos histórias, desejos, críticas, amizades e desavenças, como também podem nos deixar pistas e nos permitem interpretar segredos.

Neste caso, é pertinente notar a presença de Alberto Brandão como articulador entre os políticos e Coelho Netto, o que permitiu aumentar o seu prestígio com as demais redes de sociabilidade do sogro, pois, neste mesmo ano, 1890, Coelho Netto casou-se com a filha de Alberto Brandão, Dona Maria Gabriela Brandão, mais conhecida como Dona Gaby, e teve como padrinho de casamento o Marechal Deodoro da Fonseca, o primeiro presidente da República. Podemos perceber, assim, que por ser seu genro, no

²⁹ A respeito de pedidos em correspondências de pessoas comuns a intelectuais, ver: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *O carteiro e o educador: práticas políticas na escrita epistolar*. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo, n. 10, jul./dez. 2005.

³⁰ Na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (FBN/ RJ), encontra-se a gaveta 4 na seção de manuscritos, com a correspondência do titular e de terceiros sobre diversos assuntos, dentre eles, ligados a eleições para a Academia Brasileira de Letras, peças teatrais, reuniões literárias, colaboração em periódicos, publicações, traduções da obra do titular. Essa gaveta contém, aproximadamente, 535 documentos.

³¹ Localizado na Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro (ABL / RJ), o Arquivo Pessoal de Coelho Netto, guarda, na pasta 25-1-24, a “correspondência pessoal” do acadêmico.

³² Dentre as missivas localizadas na Fundação Casa de Rui Barbosa, pude localizar àquelas trocadas entre Rui Barbosa e Coelho Netto, tratando sobre reuniões da Liga da Defesa Nacional, assuntos particulares, etc.

mesmo ano em que o educador Alberto Brandão foi eleito e proclamado deputado à constituinte Federal, em 1891, Coelho Netto é nomeado Diretor dos Negócios do Estado, da Justiça e Legislação do Estado do Rio de Janeiro, além de já ter exercido a função de Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Enquanto Secretário do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Coelho Netto demonstrou estar à sombra de seu sogro, apenas assumindo atividades administrativas, como indicado no relatório anterior. Porém, como deputado federal do Maranhão, irá revelar força e presença na Câmara ao exercer suas funções políticas e administrativas, o que permitirá defender melhor seus ideais através dos discursos proferidos nesta mesma Casa, como veremos a seguir.

1.1.2 Um deputado em prol da arte e da pátria

Sr. Presidente, no actual momento eu não me atreveria a ocupar esta tribuna, frequentada, com brilho, por oradores de vulto, se não fosse solicitado por dois sentimentos, qual delles mais poderoso – o culto da Arte e o exaltado amor da minha Patria. Foi a Arte que aqui me introduziu e, como artista, trago, e sempre trarei, a esta Casa a minha palavra pequena, por que na disciplina litteraria iniciei a minha carreira e conto leva-la a termo sempre fiel ás suas normas. (COELHO NETTO, 1919, p. 5).

Considerado um homem de letras do século XX, Coelho Netto expressa na fala: “como artista, trago, e sempre trarei, a esta Casa a minha palavra pequena”, um lugar de pertencimento perante os oradores que se destacaram e que ali frequentaram. Wasserman (2006) aponta que a função dos intelectuais torna-se necessária para “que todos tenham acesso à ideia de pertencimento a uma nacionalidade e ao conhecimento das datas nacionais, dos símbolos, etc” (WASSERMAN, 2006, p. 24), e para tal, é importante que saibam usar a tecnologia como, a imprensa, a educação em massa, a elaboração de cartilhas, a existência de mercado editorial, periódicos de circulação nacional, dentre outros, a favor da difusão dessa nacionalidade, que sejam convincentes e que tenham

autoridade para falar em nome de todos, para a construção, enfim, de uma identidade nacional.

Desta forma, é reconhecido como artista, por ter sido através da arte que conseguiu adentrar o campo literário, demonstrando ser um aprendiz das palavras, defendendo por direito, assim considerava, seus princípios como a “Arte” e a “Pátria”. Neste momento, assinala que o silêncio, assim como o fez no começo de sua carreira de secretário do Estado do Governo, submisso aqueles que “ditavam as regras”, não faria mais parte de suas imposições, mas sim as palavras como meio para convencer os demais colegas do parlamento a compor suas ideias. Também podemos frisar aspectos relevantes a depreender: o estilo de linguagem utilizada por Coelho Netto, devido à posição que ele ocupava, a de um deputado no parlamento; as aspirações por qual lutara tanto, o culto da arte e o amor à pátria; e a carreira literária como profissão a seguir.

Nesse primeiro discurso, proferido no dia 29 de julho de 1909, Coelho Netto contesta as ideias emitidas no relatório do S. Ex. Germano Hasslocher³³, em que este refuta, com uma ponta de ironia, a proposta do Diretor do Instituto Nacional de Música, Alberto Nepomuceno³⁴, considerado um dos principais compositores nacionalistas, que defendia o uso da língua portuguesa na música clássica, dizendo que “não tem pátria um povo que não canta em sua língua”, que não se deve substituir a letra, ou melhor, a “monstruosidade”, assim, entende que compromete a manifestação mais alta da inspiração da música em nossa pátria, que é o Hino de Francisco Manuel³⁵. Coelho Netto

³³ Germano Hasslocher Filho (1862, RS – 1911) foi advogado, jornalista e político. Membro do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), foi eleito deputado federal pelo Rio Grande do Sul, em 1900, exercendo o seu mandato até 1911. Publicou *A verdade sobre a Revolução* (1893) e *desmascarando um hipócrita* (1907). (LOPES e NOLL, 2015). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/HASSLOCHER,%20Germano.pdf> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

³⁴ Alberto Nepomuceno (1864, CE – 1920, RJ) “foi compositor, organista, pianista e regente brasileiro. Mudou-se sem a família para o Rio de Janeiro, onde fez inúmeras apresentações e conheceu vários artistas e intelectuais de prestígio como Olavo Bilac, Aluísio de Azevedo e Machado de Assis. Foi nomeado professor de piano do Clube Beethoven e depois de uma turnê nordestina (1888). Casou-se com uma alemã, com quem teve 4 filhos. Em 1895, iniciou suas atividades pedagógicas no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro e foi convidado a dirigir a Sociedade de Concertos Populares (1896). Regente da Sociedade de Concertos Populares, sua *Série Brasileira* (1888-1896) estreou (1897) marcando um momento importante do grande nacionalismo brasileiro, pela utilização de temas do populário nacional e pelo clima brasileiro obtido na composição. Foi nomeado diretor do Instituto Nacional de Música em 1902. Na sua obra destacaram-se as *Valsas humorísticas para piano e orquestra* (1897), o episódio lírico *Ártemis* sobre texto de Coelho Netto (1898), além de óperas, sinfonias, etc. Foi patrono da cadeira n.30 da Academia Brasileira de Música. Defendeu o estudo do folclore brasileiro como meio de nossas raízes musicais e fundação de nossa própria escola musical”. Disponível em: <http://musicabrasilis.org.br/compositores/alberto-nepomuceno> [Consulta em 03 de outubro de 2016].

³⁵ Francisco Manuel da Silva (1795, RJ – 1865) “foi maestro e compositor brasileiro. Autor do *Hino Nacional Brasileiro*. Tocava violino, piano e órgão, além de organizar e dirigir conjuntos musicais.

crítica também a letra do hino que só se referia as virtudes de D. Pedro II:

Negar de Pedro as virtudes,
Seu talento escurecer,
É negar como é sublime
Da bela aurora o nascer.

Podemos enfatizar que os símbolos nacionais como a bandeira e o hino tornaram-se de uso obrigatório para a identificação oficial de um país, como apontado por José Murilo de Carvalho (1990). Esses símbolos possuem histórias, a maioria repletas de disputas, de nascimento de uma nação ou implementação de um regime político, arraigado de valores sociais e políticos. O imaginário social constituído e expressado por ideologias e utopias, como rituais, símbolos, mitos, podem tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações, medos coletivos, modelar condutas, isto é, não basta mostrar a verdade, é preciso fazer com que o povo a ame, e que se apodere da imaginação do povo para conseguir, deste modo, formar almas.

Posto isto, Coelho Netto queria deixar para trás figuras que atribuíssem a nação ao regime anterior, marcado pela Monarquia, sendo este, para o escritor, um retrocesso, como o hino descrito anteriormente tratando das qualidades de D. Pedro II, e acrescenta em seu discurso a importância da letra do hino, uma vez que:

O hymno, porém, não é apenas um som – deve passar, como os deuses na *Ilíada*, com uma voz que fale. E o nosso? Cantado seria ridículo e limita-se a estrugir nos metaes e a estrondar nas soalhas dos tambores: é uma melodia admirável, sem expressão. É preciso, porém, pôr nessa inspiração uma voz que diga á alma do Povo alguma coisa – que fale do nosso céu, da riqueza maravilhosa da nossa terra, do valor dos nossos homens, da virtude das nossas mulheres e que, recordando o Passado, acene, ao mesmo tempo, ao Futuro. (Bravos, palmas). (COELHO NETTO, 1909, p. 14)

Podemos perceber, portanto, como se travava a disputa pela representação dos símbolos nacionais dentre eles: o hino, como a bandeira e o mito do herói também (CARVALHO, 1990). Nesse sentido, Coelho Netto relatou, em seu discurso na Câmara, como se deu a construção dos hinos em outras sociedades e/ou em outros tempos como o da Alemanha, lembrando que “os hymnos eram o incitamento – os homens cantavam-nos

Destacou-se também como regente e promotor do ensino organizado de música no país. Partidário da Revolução de 7 de abril (1831), escreveu uma melodia patriótica que se transformou no *hino nacional brasileiro*. É o patrono da cadeira n. 7 da Academia Brasileira de Música. Publicou livros didáticos, dentre eles o *Compêndio de música prática* (1832), e *Compêndio de princípios elementares de música* (1845)”. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/FrancMan.html> [Consulta em 03 de outubro de 2016].

nas marchas guerreiras ou em torno das aras [...] e a doce mansuetude da vida nos lares (COELHO NETTO, 1919, p. 6). Tratou do hino como símbolo, também, na Idade Média e em países como França e Grécia para concluir que o hino é a “riqueza para um povo e que recurso enérgico é essa voz unica e commum, que emana das profundezas e pertence à massa de uma nação – potencia activa e inspirada que a congrega, torna-se um solido conjunto, liga o passado ao porvir” (idem, p. 8).

É relevante ressaltar a importância do uso de imagens, alegorias, mitos, símbolos intencionalmente, um discurso acessível a um público com baixo nível de educação que deveria ser mediante “sinais mais universais”, isto é, de leitura mais fácil (CARVALHO, 1990), como, por exemplo, o hino. Sendo assim, a disputa por uma imagem que representasse esse novo regime que se construía era de extrema importância a fim de atingir o imaginário popular republicano:

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. (CARVALHO, 1990, p. 10)

Coelho Netto, pragmaticamente para defender sua ideia a respeito dos símbolos pátrios republicanos, propõe uma emenda substitutiva ao da conclusão do parecer nº. 13, de 1909, do Sr. Hasslocher, na época, presidente da Câmara³⁶:

Art. 1º. Fica o governo autorizado a criar um prêmio de 2:000\$ para melhor composição poética que se adapte com todo o rigor rítmico, á música do Hino Nacional Brasileiro, abrindo desde já, um concurso para tal fim.
Art. 2º. A letra aprovada pela comissão julgadora será considerada oficial.
Art. 3º. Revogam-se as disposições em contrário. (COELHO NETTO, 1919, p. 18)

Na tentativa de se aproximar do nacionalismo de Coelho Netto, Claunísio Amorim Carvalho (2012) descreveu também partes desse discurso e entendeu que a questão da defesa do hino, por exemplo, fazia parte constitutiva da formação da nação.

³⁶ Dentre os nomes que participaram dessa assembleia, e que é assinalado no livro *Falando...* (1911), estão: “Luiz Murat, Francisco Portella, Rivadavia Correa, Christino Cruz, Lamenha Lins, Celso Bayma, Palmeira Ripper, Faria Souto, Jesuino Cardoso, Bethencourt da Silva Filho, Honorio Gurgel, José Carlos, Candido Motta, Nabuco de Gouvêa, Bernardo Jambeiro, Costa Rodrigues, Costa Pinto, Palma, Cincinato Braga, Mello Franco, Agrippino Azevedo, Angelo Pinheiro. Joaquim Cruz, Araujo Pinheiro, João Abott, Eduardo Socrates. Anibal de Carvalho, Aurelio Amorim, Euzebio de Andrade, Ferreira Braga, João Cordeiro, Prudencio Milanez, Tavares Cavalcanti, Altino Arantes, Costa Junior, Lyra Castro, Sampaio Marques” (p.18 e 19).

No presente estudo, parto da premissa que a atuação de Coelho Netto nas escolas, tema que abordarei no terceiro capítulo, é possível por estar atrelada à sua trajetória política ou em cargos públicos, como o seu caso na Câmara dos Deputados. Logo, a interpretação dos discursos desse mestre, em especial no parlamento, aprovando, criticando, reprovando, aplaudindo, discordando seria uma forma de moldar uma sociedade com as leis que acreditava serem importantes para forjar as representações de um novo regime que se consolidava, após a proclamação da República.

Ao mesmo tempo em que pensava em um modelo pedagógico em escolas, também o pensava para uma sociedade que vivia com os vícios de uma cidade como a do Rio de Janeiro, deixados pelo atraso da Monarquia. Com isso, Carvalho (2012), nos apresenta a consequência da emenda substitutiva ao parecer que Coelho Netto apresentada sobre a questão da letra do hino nacional:

Estava pronto o projeto para a nova letra do Hino Nacional, cuja poesia seria orientada pelas instruções técnicas de Alberto Nepomuceno, para harmonizar-se perfeitamente à melodia de Francisco Manuel. Assim, realizado o concurso, em 1909, saiu vencedor o poema de Joaquim Osório Duque Estrada, o famoso “Ouviram do Ipiranga às margens plácidas...”. Mas o problema foi resolvido só em parte, porque ainda teriam de esperar mais treze anos para que a letra de Osório fosse oficializada, embora o Legislativo tenha enviado várias mensagens ao Governo, nesse sentido. Pois foi exatamente na véspera do primeiro centenário da Independência, que o Decreto n.º 15.671/1922 declarou oficial a letra do Hino Nacional, composta por Duque Estrada, ou seja, no 33.º ano da República. O direito autoral da letra foi adquirido pelo Estado brasileiro, através do Decreto n.º 4.559/1922, pagando cinco mil contos de réis a Osório, enquanto o canto do hino foi tornado obrigatório em todas as escolas e entidades afins, através da Lei n.º 259/1936. (CARVALHO, 2012, p. 175)

Os nomes de Osório Duque-Estrada³⁷ e Alberto Nepomuceno como vencedores do prêmio ao melhor hino não causam surpresa. Eles pertencem à rede de sociabilidade de Coelho Netto, cujas marcas das relações entre ambos encontrei nas cartas trocadas entre os amigos, no acervo da FBN.

Apesar de só haver duas cartas de Alberto Nepomuceno a Coelho Netto disponíveis nas Instituições de guarda do RJ - uma delas tratando sobre um exemplar de

³⁷ Osório Duque-Estrada (1870, RJ – 1927, RJ) “foi crítico, professor, ensaísta, poeta e teatrólogo. Nos anos de 1896, 1899 e 1900 foi sucessivamente inspetor geral do ensino, por concurso; bibliotecário do Estado do Rio de Janeiro e professor de Francês do Ginásio de Petrópolis, cargo que exerceu até voltar para a cidade do Rio de Janeiro, em 1902, sendo nomeado regente interino da cadeira de História Geral do Brasil, no Colégio Pedro II. Também foi membro da Academia Brasileira de Letras, sendo o segundo ocupante da Cadeira 17, eleito em 25 de novembro de 1915, na sucessão de Sílvio Romero e recebido pelo acadêmico Coelho Neto em 25 de outubro de 1916”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/osorio-duque-estrada/biografia> [Consulta em 03 de outubro de 2016].

Artemis, e outro cartão de Buenos Aires, agradecendo-lhe um telegrama -, a quantidade de cartas não determina que não fossem amigos, pois cartas perdem-se com o tempo. Ainda que sejam apenas duas, a partir de seus conteúdos, podemos aferir que Alberto Nepomuceno estava respondendo a um telegrama anterior, indicando já uma interação entre os sujeitos. Vale ressaltar que um cartão enviado de Buenos Aires a outra pessoa indica que o remetente lembrou do destinatário a ponto de enviar um cartão, ainda mais em uma época em que mandar cartas exigia tempo para escrever, mandar, receber, ler e responder.

Cunha (2015) comenta que existem dois componentes essenciais na composição da escrita epistolar de uma pessoa: o remetente - quem escreve; e o destinatário - quem recebe a carta. Sendo assim, temos a carta significando a interação entre dois sujeitos que, por algum motivo, não puderam estar juntos no mesmo espaço físico:

As cartas têm a função, além de comunicar, de fortalecer relações que estão distantes fisicamente. Ao manter relações com pessoas que não estão próximas, o autor de carta quer fazer-se presente por meio daquele papel no qual ele colocou tudo aquilo que achava necessário contar e/ou pedir. Então, as correspondências são comunicações entre dois integrantes essenciais para esse gênero: o remetente e o destinatário. (CUNHA, 2015, p. 277)

O número de cartas enviadas por Osório Duque-Estrada a Coelho Netto disponíveis na FBN é maior do que as enviadas pelo maestro. Nelas, observei que Osório Duque-Estrada escreve para pedir, sugerir, perguntar, comunicar, responder, interagir, como indicado no quadro a seguir:

Quadro 1 - Correspondência enviada por Osório-Duque Estrada a Coelho Netto mapeada na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Data/Local	Resumo
05/10/19??, SP	Informando que Marinho de Andrade plagiou um de seus contos e pedindo ajuda na polêmica.
28/09/1916 -	Desculpando-se por não ter ido à Escola Dramática, e enviando-lhe algumas produções poéticas.
-	Perguntando-lhe se poderia contar com sua amizade caso tivesse que fugir de seus perseguidores.
-	Participando sua nomeação como fiscal de dois colégios.
-	Dizendo que conta com seu voto para sua eleição à Academia.
-	Perguntando se era possível ler o seu discurso antes de ser enviado à censura da Academia.
-	Marcando data para uma sessão na Academia.
-	Marcando data para uma ida ao Palácio.
-	Pedindo que marcasse o dia se sua recepção na Academia.
-	Combinando data para a recepção na Academia.

Quadro 1 - Correspondência enviada por Osório-Duque Estrada a Coelho Netto mapeada na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Data/Local	Resumo
-	Dizendo que fora indicado como membro do júri num concurso de libretos de ópera, comunicando que concorreria com dois libertos.
-	Comentando sua situação no concurso de libretos de Ópera.
28/06/1908 RJ	Sugerindo-lhe que, em vez de se negar a fazer conferências em Campos, o proponha como substituto.
10/04/1909 -	Pedindo que interviesse junto ao diretor de um colégio, em favor de sua nomeação como professor.
03/05/1915 RJ	Comunicando que fora convocada para o dia 17 a sessão extraordinária do Conselho de Ensino em que ficaria resolvido o seu caso, e pedindo que influísse em alguns dos membros.
26/06/1915 RJ	Agradecendo-lhe pelo que fez pela sua nomeação de fiscal do ginásio do Espírito Santo.
13/11/1915 RJ	Comentando notícias ouvidas sobre sua participação na campanha eleitoral para a Academia de Letras.
20/09/1916 RJ	Pedindo-lhe que no seu discurso na Academia falasse alguma coisa sobre suas atividades intelectuais.
25/01/1917 RJ	Pedindo seu parecer sobre a letra que escrevera para o Hino Nacional Brasileiro, e perguntando se achava adotável à música de Francisco Manuel.
14/02/1917 RJ	Pedindo-lhe que se interessasse pela candidatura de Aloísio de Castro à Academia de Letras.
-	Respondendo a um cartão seu.

Por conseguinte, dos assuntos trocados entre Coelho Netto e Osório Duque-Estrada podemos observar que havia intimidade entre os sujeitos, pela maneira informal com que se direciona a Coelho Netto como “Netto” e se despede com “Teu Osório”, denotando que “escrever para alguém é uma forma de se expor, de compartilhar experiências, tecer elos de amizade, porque, em geral se escreve cartas a alguém para explicar, justificar-se, informar, pedir, contestar, trocar sentimentos” (ROCHA, 2004, p. 68). Dentre as missivas, destaco, em grifo, no quadro, na qual, em 1917, ainda tratavam sobre a escolha da letra do hino.

Além da temática sobre o hino nacional, podemos mencionar outros discursos, conforme o quadro a seguir, que possibilitaram pensar em outros assuntos oriundos da retórica exercida na tribuna parlamentar. Dessa mesma forma, reorganizei os discursos, conferências, alocuções e orações para melhor entender o protagonista de minha narrativa.

Quadro 2 - Mapeamento dos discursos de Coelho Netto reunidos no livro *Falando...*, pronunciados na Câmara dos Deputados

Data	Página	Temática
29/07/1909	5 – 19	Discurso a propósito da letra do Hino Nacional Brasileiro
16/08/1909	21 – 24	Discurso sobre a morte de Euclides da Cunha
20/08/1909	25 – 36	Discurso sobre o Teatro Municipal
18/10/1909	37 – 50	Discurso sobre o edifício da Câmara dos Deputados
30/08/1909	51 – 56	Discurso sobre a transladação do corpo de Joaquim Nabuco
06/09/1909	57 – 82	Discurso sobre a devastação das florestas
23/07/1912	83 – 98	Discurso sobre a transladação dos corpos dos últimos imperantes do Brasil
24/02/1914	99 – 114	Discurso a propósito da guerra (apelo às energias pátrias)
23/10/1915	115– 128	Discurso sobre o abandono da terra
04/06/1917	129 –140	Discurso sobre a visita da esquadra norte-americana
25/08/1917	141–143	Discurso de saudação ao povo Uruguayo

Dentre tantos discursos, destaco aqueles que tratam da representatividade de nomes como Euclides da Cunha e Joaquim Nabuco, ambos pronunciados em agosto de 1909 e que dispõem sobre grandes vultos da literatura. Ao discorrer sobre a morte brusca de Euclides da Cunha, Coelho Netto escreve:

Quem é capaz de emparelhar, na estilística soberba, na palavra tersa, na phrase estreme, nos períodos refertos, com esse homem subitamente roubado por uma tragédia [...] é o caso de eu dizer á minha boca – que é obrigação calar-se nesta Casa, porque a ha um mysterio pairando sobre o tumulo, mysterio que eu não tenho o direito de desvendar perante vós [...] não foi um impulso que arrojou o grande homem á catástrofe, elle caminhou direito á vingança e ... [...]. (COELHO NETTO, 1919, p. 22 e 23)

O mistério ao qual Coelho Netto se refere acima é a morte de Euclides da Cunha, que alvejado por Dilermando de Assis, no dia 15 de agosto de 1909, foi objeto das manchetes dos principais jornais do país, como *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *A Imprensa*, e motivo de debate até no parlamento.

Segundo os jornais, Euclides carregava um revólver e, segundo Dinorah Cândido de Assis, irmã de Dilermando, teria invadido a casa, dizendo: “Vim aqui para matar ou morrer” e que, ao tentar impedi-lo, Dinorah teria sido atingida por Euclides. Em seguida, o escritor teria atirado em Dilermando, que revidou com uma sequência de tiros, que teriam sido fatais para Euclides da Cunha. O julgamento de Dilermando, que mantinha um romance com Ana Solon da Cunha, esposa de Euclides, de quem era amigo, dividiu o tribunal, mas o réu foi absolvido. A sentença não foi aceita facilmente pela sociedade e o

tema gerou muita polêmica³⁸.

Embora Coelho Netto tivesse comentado em seu discurso sobre a tragédia daquele dia com a morte de Euclides da Cunha, o deputado estava disposto a ressaltar outra imagem de seu amigo³⁹, dizendo que ele era “um espírito benéfico de nossa raça e representante de nossa cultura neste tempo” (COELHO NETTO, 1919, p. 22), um forte escritor, um dos mais robustos representantes da literatura portuguesa, e relembra o estilo das obras que ficaram como recordação para o mundo. Acrescenta ainda que:

É com uma grande saudade, senhores, que eu, amigo de Euclides da Cunha, falo á Camara dos Deputados; é com um grande pesar que eu, brasileiro, refiro-me a este nome. É com a gratidão de sertanejo, com a alma de filho das terras interiores deste paiz, que agradeço áquelle beneficiador dos simples o livro primoroso que veio mostrar á nossa Patria que lá dentro, nessas regiões ainda mysteriosas, há uma raça forte, a dos soffredores, dos trabalhadores, dos que plantam e colhem, dos que vão á peleja, dos que exploram as regiões maninhas do Norte, a raça que integra o patrimônio do Brasil, a raça do caboclo, que tem naquella obra o seu grande poema de reivindicação de direitos, que tem naquella obra o protesto contra o esquecimento do sul, protesto em que ella pede alguma coisa, a parte de amor que lhe cabe, como filha, que é, desta terra; protesto que ella foi achar na penna desse homem, nascido no Estado do Rio e que tanto amava as regiões do Norte, porque era poeta da simplicidade, da saudade, da natureza e principalmente dos humildes. (COELHO NETTO, 1919, p. 23 e 24)

É Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, engenheiro, militar, jornalista, ensaísta e historiador, que nasceu no Rio de Janeiro, em 1866, e faleceu na mesma cidade em 15 de agosto de 1909, o motivo pelo qual Coelho Netto, um dia após a morte do amigo, resolve ressaltar a importância para a cultura brasileira, em seu discurso na Câmara. Neste momento, podemos notar que além de acadêmico, literato e deputado, Coelho Netto fora grande amigo de Euclides, e quando diz “é com a gratidão de sertanejo”, Coelho Netto se diz agradecido pela obra escrita por Euclides, *Os Sertões*, a qual Coelho Netto agradece nas linhas seguintes do seu discurso, dizendo ser um livro primoroso que este escritor havia deixado para a pátria. Vale ressaltar que Coelho Netto atribuía a categoria “sertanejo”, não referente a uma região em especial, mas sim a todo e qualquer habitante do interior (ABREU, 1998, p. 176). Esta questão pode ser observada, por exemplo, pela

³⁸ A esse respeito, ver: GALVÃO, Walnice Nogueira. *Crônica de uma tragédia inesquecível* (2007), onde a autora expõe detalhes das investigações e dos bastidores do julgamento. Relata, também, que para vingar a morte do pai, Euclides da Cunha Filho teria tentado também assassinar Dilermando anos depois, porém foi morto pelo cadete. Em 1921, Dilermando abandonou Ana e foi morar com uma mulher mais jovem.

³⁹ Coelho Netto e Euclides da Cunha se conheceram em Campinas, na época em que Coelho Netto morou na cidade (1901-1904). Uma enchente fez com que Coelho Netto perdesse livros, retratos, e outras relíquias suas, dentre elas, grande parte das cartas de Euclides da Cunha. (LAPA, 1960)

obra *A Capital Federal: impressões de um sertanejo*, onde narra a impressões do personagem-narrador Anselmo Ribas (referindo-se a si mesmo quando chegou ao Rio de Janeiro pela primeira vez), apresentou seu tio como um “sertanejo que venceu na cidade grande”, não atribuindo o significado de sertanejo a seu tio por ter nascido no sertão, e sim por ter vindo do interior.

Ademais, na obra *O enigma de Os Sertões*, Regina Abreu (1998) concentrou-se, em um de seus capítulos, intitulado “Um engenheiro faz literatura”, nas críticas dos escritores José Veríssimo, Araripe Júnior e Sílvio Romero, que seriam os primeiros responsáveis pela consagração do livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*. Esse julgamento da obra euclidiana fortaleceu a tarefa crítica e instituiu a opinião autorizada como mecanismo adicional de reconhecimento do escritor, reforçando igualmente a literatura regionalista e sertaneja no campo das disputas intelectuais do período. Euclides da Cunha passava a ser um escritor requisitado e esgotavam-se as edições de seu livro. O prestígio obtido levou-o ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Academia Brasileira de Letras, dois momentos de glória na vida de Euclides da Cunha, como descrito por Abreu (1998). A autora revela, ainda, que havia “escritores sertanejos” contemporâneos a Euclides, sendo eles: Afonso Arinos, Artur Azevedo, Sílvio Romero, Araripe Júnior, José Veríssimo, e o próprio Coelho Netto.

Nesse sentido, Euclides da Cunha teve um papel de destaque entre os intelectuais da Primeira República, sendo ele o “primeiro intelectual brasileiro a cultivar e externar preocupações com o meio ambiente, inclusive fazendo da ecologia um tema político, de propostas de ações políticas” (ROSSO, 2009, p. 37 apud CORRÊA, 2015, p. 65). Em razão disso, observei que, em outro discurso, proferido ao inaugurar-se a lápide do túmulo de Euclides da Cunha, pronunciado no cemitério S. João Baptista, Coelho Netto enaltece novamente a importância do escritor Euclides da Cunha para a cultura da nação, ao assinalar que o amigo fora um “homem de gênio e de coração, foi verdadeiro interprete das massas ignoradas [...] Foi o poeta taciturno das solidões, o áspero historiador dos bárbaros” (COELHO NETTO, 1918, p. 273), e nas frases seguintes iguala-o a figura de um herói:

Que a romaria de hoje se torne uma religião da mocidade. Somos um povo sem cultos – honremos os nossos heróis, observando-lhes os exemplos e nenhum outro, mais do que o vosso patrono, nol-os deixou tão bellos, porque elle foi grande gênio, no amor da patria, na austeridade e no brio. (COELHO NETTO, 1918, p. 275; 1928, p. 41)

Enquanto o discurso da morte de Euclides da Cunha na Câmara fora produzido um dia após sua morte, a homenagem a Joaquim Nabuco só iria acontecer meses depois, devido a um acontecimento importante: a transladação do corpo de Nabuco à sua terra natal, o Brasil. Grande era o prestígio de Joaquim Nabuco perante o povo e o governo norte-americanos, manifestado em expressões de admiração dos homens mais eminentes, a começar pelo Presidente Theodore Roosevelt e pelo Secretário de Estado Root, tendo sido proferidas inúmeras conferências sobre cultura brasileira, na recepção das Universidades.

Quando faleceu, em Washington, EUA, em 17 de janeiro de 1910, o corpo de Nabuco foi conduzido, com solenidade excepcional, para o cemitério da capital norte-americana, e depois foi trasladado para o Brasil, no cruzador *North Caroline*. Tudo isto foi retratado por Coelho Netto em seu discurso na Câmara, embora quisesse mesmo impedir que o nome deste diplomata caísse no esquecimento, como exposto em “a morte de Joaquim Nabuco, luto de hontem, é já refugo no esquecimento [...] e as manifestações de pesar continuam como lâmpadas acesas em volta do feretro” (COELHO NETTO, 1919, p. 51 e 52). E dessa homenagem póstuma a Joaquim Nabuco, Coelho Netto pede:

Que desta casa se fale á Grande America dizendo a gratidão comovida da nossa alma pela prova meiga de solidariedade com que se associou comnosco, fraternalmente e chorando, ante o corpo daquele que foi, pelo talento e pelo coração, não um méro representante diplomatico do Brasil, mas o proprio genio da America do Sul, integrado no coração da America do Norte. (COELHO NETTO, 1919, p. 56)

Esse culto aos mortos, feito por Coelho Netto, que depois de mortos, passaram para o patamar de heróis, podemos encontrar também nos outros discursos de Coelho Netto em homenagens póstumas. Santos (2011a) aponta a importância de se construir uma nação que pudesse inserir-se no mundo. Para tal, exigiu, dentre outras ações concretas e pragmáticas, manter e conservar o território, educar o povo, dar-lhe civilidade, mas também espargir sobre todo o país uma cultura que o representasse, um sentimento de nação e uma língua nacional que pudesse ligar os mais distantes recantos brasileiros dando-lhes unidade, sendo esta a tarefa gigantesca do regime republicano.

Transformar intelectuais, tais como Joaquim Nabuco e Euclides da Cunha, membros da Academia Brasileira de Letras, em heróis de uma sociedade, sendo eles partes constituintes de uma cultura nacional, era de extrema relevância para a construção da identidade nacional, assim como também se fazia necessário para dar à instituição

lugar de destaque e prestígio perante a Câmara dos Deputados, uma tentativa de consagração dessa instituição, que, em princípio, teria sido pensada, primeiramente, para ser uma instituição do governo, mantida pelo poder público, com a finalidade de conservar a identidade de uma tradição nacional, porém não aceito pelo poder público (PIZA, 2003) ⁴⁰.

Nesse sentido, uma das críticas à ABL era a falta de autoridade dessa instituição para instituir reformas, por não ter apoio de homens que estavam inseridos na política. Portanto, em seu discurso na Câmara, Coelho Netto demonstrava, que os homens pertencentes à ABL, assim como Euclides da Cunha e Joaquim Nabuco, eram aqueles que teriam o verdadeiro valor e características importantes a serem ressaltadas e, por conseguinte, a serem lembradas, assim como também a importância dessa instituição símbolo da preservação da língua nacional e da cultura do país.

Era necessário para tal enaltecer seus dotes, como a diplomacia de Nabuco e a obra *Os sertões* de Euclides. Era preciso que todos se achassem incluídos nessa herança cultural deixada por intelectuais como eles. Essa mesma questão de culto ao herói vai ser retratada no discurso sobre a transladação dos corpos dos últimos imperantes do Brasil, que irá enaltecê-los como heróis de guerra. Desse jeito, não bastava apenas discursar sobre a importância desses literatos para o Brasil, era importante também transformá-los em livros, pois julgava ser a maneira mais eficaz de se deixar como memória coletiva para um país e para a propagação da cultura do mesmo.

Estes não são os únicos discursos em homenagens póstumas reunidos em livros. No quadro a seguir, poderemos observar outros discursos, em formatos de conferências, alocações e orações, que guardam homenagens póstumas escritas e discursadas por Coelho Netto. A análise das mesmas nos deixa pistas e nos instiga a refletir sobre quem eram esses outros sujeitos homenageados, como a história de vida de Coelho Netto se interliga a deles e por que homenagear a morte e/ou determinados mortos.

⁴⁰ A Academia Brasileira de Letras, criada em 1897, tinha por finalidade cuidar da “cultura da língua e da literatura nacional”. A ideia de criá-la surgiu nas redações de revistas literárias, anos após à proclamação da República, no momento em que a intelectualidade estava dividida. Sendo assim, foi na redação da *Revista Brasileira*, dirigida por José Veríssimo, durante um chá das cinco, que, em 1896, o escritor Lúcio de Mendonça propôs a fundação da Academia, nos moldes da que já existia na França. Quem davam as cartas eram Machado de Assis e Nabuco. Nesse sentido, toda uma disputa era travada, e intensa, nos bastidores, quando se surgia uma vaga. Por esse motivo, a eleição era cercada de muita polêmica e conchavos entre os seus membros e os candidatos. (PIZA, 2003)

Quadro 3 - Mapeamento dos discursos de Coelho Netto em homenagens póstumas

Livro	Página	Data	Título
<i>Palestras da Tarde (1911)</i>	117	23/10/1908	À beira do tumulo de Arthur Azevedo
<i>Versas (1918)</i>	267	20/01/1914	Discurso na inauguração da lápide do túmulo de Euclides da Cunha , pronunciado no cemitério S. João Baptista.
<i>Falando... (1919)</i>	289	26/12/1918	O “adeus” da Academia a Olavo Bilac
<i>Orações (1923)</i>	75	07/09/1919	Panegyrico de Olavo Bilac pronunciado na sessão solene da Liga da Defesa Nacional, na Biblioteca Nacional
<i>Orações (1923)</i>	143	27/07/1921	Discurso de enterramento de Pedro Lessa
<i>Orações (1923)</i>	146	28/12/1921	Discurso, como representante da Liga da Defesa Nacional, no terceiro aniversário da morte de Olavo Bilac , pronunciado no cemitério S. João Baptista.
<i>Livro de prata (1928)</i>	41	20/01/1914	Discurso na inauguração da lápide do túmulo de Euclides da Cunha , pronunciado no cemitério de S. João Baptista.
<i>Livro de prata (1928)</i>	107	14/03/1926	Inauguração do tumulo do poeta Gomes Leite
<i>Livro de prata (1928)</i>	161	31/07/1926	O “adeus” da Academia a Lauro Müller , pronunciado no cemitério S. João Baptista.
<i>Livro de prata (1928)</i>	193	15/08/1918	Euclides da Cunha , feições do homem. Conferencia realizada na Biblioteca Nacional.

Examinando o quadro anterior, podemos dizer que, tirando Gomes Leite, todos os discursos foram em homenagem a acadêmicos. É importante ressaltar, entretanto, que apesar de não ser integrante da ABL, Gomes Leite era um poeta. Observemos também que havia um vínculo direto entre Olavo Bilac e Pedro Lessa, ambos fundadores da Liga da Defesa Nacional, da qual Coelho Netto também era membro. Outra questão que identifiquei é que pelas datas e locais, pude aferir que Coelho Netto discursou para Euclides da Cunha e Arthur Azevedo enquanto deputado federal, e depois de novo para Euclides da Cunha, Olavo Bilac e Pedro Lessa em nome da Liga da Defesa Nacional. Já para Gomes Leite e Lauro Müller, Coelho Netto encontrava-se no cargo da presidência da Academia Brasileira de Letras, em 1926. Podemos considerar que as homenagens póstumas fazem parte dos rituais da morte, tais como mitologias, símbolos e como os discursos citados acima, permitindo a (re)significação da vida como ela foi (SANTOS, 2014). Dessa maneira, como Coelho Netto destaca a figura de Bilac? E de Arthur Azevedo? E de Lauro Müller e dos demais?

Coelho Netto, ao prestar homenagem a Lauro Müller, dizia: “Os Evangelhos respondem por Jesus; pelo homem responderá a Historia” (COELHO NETTO, 1928, p. 164). Em nome da Academia Brasileira de Letras, Coelho Netto dava “adeus” a Lauro

Muller, refletindo que a morte era necessária para se fazer história, enquanto condição humana. Coelho Netto, ao comparar Lauro Muller a Jesus, enfatiza:

Mas se era imortal o que aqui jaz, como prostrou a morte? [...] quem era Christo? Deus, como clarão de dia é sol: entretanto, apesar de haver mostrado: - na vida simples a sua grandeza; na vida humilde a sua onnipotencia; nos tratos e convicios a sua paciencia; na affronta a sua cordura; no supplicio a sua resignação, só depois de haver passado pela morte foi que os homens o reconheceram como Deus e lhe prestaram culto. (COELHO NETTO, 1928, p. 163)

Lauro Severiano Müller foi engenheiro militar, político e diplomata, que nasceu em Santa Catarina, em 1836, tendo falecido em 30 de julho de 1926. Foi também deputado federal, senador, ministro de Estado, empreendendo grandes reformas na pasta da Indústria, Viação e Obras Públicas, na época do presidente Rodrigues Alves. Tornou-se popular por suas importantes obras, como a construção da Avenida Central, que hoje é a Avenida Rio Branco, e os melhoramentos do porto do Rio de Janeiro. Teve o seu maior empenho na pasta das Relações Exteriores, na qual consistiu em alicerçar a aproximação definitiva do Brasil com as nações da América, por meio da Missão Campos Sales a Buenos Aires, de visita aos Estados Unidos e ao Rio da Prata, e assinar com as repúblicas denominadas do ABC, um tratado de arbitragem ampla. Sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, em 1912, sem qualquer obra de cunho literário, motivou o definitivo rompimento de José Veríssimo⁴¹ com os demais companheiros.

Diferentemente do que pensava Veríssimo, Coelho Netto acreditava que Lauro Muller deveria ter seu nome guardado para a eternidade, demonstrando o apreço que tinha por este acadêmico, nas seguintes palavras do final de seu discurso: “A alma foi-se em rumo aos céus, o nome vai toma-lo a Historia, que, assim, realizará a promessa da Academia, levando-o: *Ad immortalitatem*” (COELHO NETTO, 1928, p. 167). A esse respeito, El Far (2000) revela que os homens de letras, nessa época, constituíram e usufruíram dos símbolos da imortalidade e da tradição literária para conferir aos integrantes da Academia Brasileira de Letras um certo prestígio social. Corroborando com essa questão, Abreu (1996) revela que a imortalidade pelas obras estava ligada à

⁴¹ José Veríssimo Dias de Matos (1857, PA – 1916, RJ) “foi jornalista, professor, educador, crítico e historiador literário. Compareceu a todas as reuniões preparatórias da instalação da Academia Brasileira de Letras. Fundador da cadeira nº 18, escolheu por patrono João Francisco Lisboa. Foi nomeado diretor da Instrução Pública (1880-1891). Em 1891, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde retornou ao magistério, tendo se tornado professor da Escola Normal (atual Instituto da Educação) e do Ginásio Nacional (atual Colégio Pedro II), dos quais foi também diretor”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia> [Consulta em 27 de março de 2017].

ideia do homem criador, que teria longa vida na tradição do artista moderno. Sendo assim, cada homem transformava-se potencialmente em um criador, tendo suas obras e realizações significados que marcariam sua passagem pela Terra. Vale ressaltar, assim, que a questão da imortalidade estava associada à visão do mundo moderno, e não à fé ou à religião em si.⁴²

Ao homenagear Olavo Bilac, Coelho Netto conta que a temática sobre a “bandeira” foi muito utilizada em suas obras e em poemas de heroísmo pátrio, como enfatizado na frase: “de cada tumulto de heróe fez o poeta um altar, nelle erigindo o emblema da religião da terra, tirando da arvore, como a cruz, mas que, por ser symbolo de vida, e não de morte, ostenta a flôr- que é a bandeira” (COELHO NETTO, 1923, p. 84). Novamente, vemos a questão dos símbolos nacionais - como o hino e também a bandeira - como necessários para o incentivo do amor à pátria, alcançando, assim, a utopia republicana que tanto almejavam intelectuais da geração de Olavo Bilac e Coelho Netto.

Conhecido como o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, título concedido pela revista *Fon-Fon*, em 1913, Bilac foi jornalista, poeta, e inspetor de ensino, além de um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº. 15. Em um dos discursos em homenagem a Bilac, Coelho Netto disse que “nas Academias a palavra do Poeta é a senha para o futuro” (COELHO NETTO, 1923, p. 85). Em um momento civilizador, onde a nação se constituía, valorizar e enaltecer “heróis”, como a figura de Bilac poeta, era preciso para a construção de uma memória coletiva e nacional do país.

Assim como Bilac, Pedro Lessa – acadêmico, jurista, magistrado, político e professor – foi um dos fundadores da Liga da Defesa Nacional. Nas palavras de Coelho Netto, o maior talento de Pedro Lessa era o caráter, pois ele resultava em honra, justiça, amor e direito, acrescentando que:

Calou-se o juiz integro, o orador facundo cerrou para sempre os lábios, immobilizou-se a penna do publicista, emmudeceu o Mestre, e o Poeta, que era no sentido esotérico da palavra, silenciou o canto heroico. Mas a sua obra subiste, como a luz desses astros mortos que ainda nos iluminam do infinito. (COELHO NETTO, 1923, p. 143)

Além do acadêmico Pedro Lessa, Coelho Netto discursou também sobre os

⁴² A esse respeito, ver: ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996; e, EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

“feitos” de Artur Azevedo⁴³, dizendo que o estado do Maranhão estaria agradecido pela herança cultural que esse dramaturgo havia deixado ao país. Figueiredo (2011), ao tratar da polêmica acerca da construção do Teatro Municipal, suscita que Artur Azevedo foi um incansável dramaturgo que lutou pela realização do mesmo, que só viria a ser inaugurado no dia 14 de julho de 1909. O autor aponta ainda que Azevedo havia proposto que Coelho Netto se candidatasse a intendente municipal, que só assim conseguiria a mobilização política necessária para a concretização de seu sonho, já que Coelho Netto fora um defensor extremo da nacionalização do teatro no Brasil (apud MIGNOT, 2014). Essa questão pode ser observada na carta confidencial que Coelho Netto enviou a Rui Barbosa⁴⁴ pedindo ajuda com a sua candidatura:

CONFIDENCIAL

Meu caro mestre

Não há duvida que é ousadia (sic) eu, sem outra assistência mais que a do meu nome, pedir o amparo forte da rija Penna adamautiva que fulge como cauda d’astro e apúia como louça para a muita causa, que reputo digna vim do desse conceito o meu atrevimento em requerer apelo a quem só dá favores á justiça. Quem sou eu para, ao nascer político, receber micuso de um mago como V. Ex.? presumpção desmarcada, dirá V. Ex. e eu responderei – ambello desmedido. Ambello em dar mais força á doutrina que prego com a Penna, seu desabuto bem que haja razão para mais, ai do por diante contra tropeços, gozando com o soffrimento, tirando coragem da própria indiferença, arremettendo quando melhor seria recuar. Homem de Letras e nada mais (bem pouco é se’ esta terra) apresento a minha candidatura aos eleitores do 1º Districto para o cargo de intendente municipal dando apenas, como programma, o que mais parece uma divisa e larga. [...] ‘honrarei o meu nome’[...] n’estas palavras há grande responsabilidade porque vai n’ellas empensado o dote do meu filho, não o jogaria se não tivesse, como cautela, a minha consciência. Vendo a V. Ex. peço a minha sagração honrado com uma (sic) de tão illustre mestre mesmo da derrota saberei com orgulho e, do que disser V. Ex. farei o meu catechismo curico da vida nova que (sic) por amor das minhas ideas que são as de um artista.

Veneradamente assigno

Admirador de V. Ex.

Henrique Coelho Netto.⁴⁵

⁴³ Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo (1855, MA – 1908), “irmão de Aluísio Azevedo, foi jornalista, teatrólogo e professor. Participou do grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a cadeira nº 29, que tem como patrono Martins Pena. No conto e no teatro, foi um descobridor do cotidiano da vida carioca e observador dos hábitos da capital. Retratou em suas obras: namoros, infidelidades conjugais, relações de família ou de amizade, cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas, além de ter se dedicado a poesia”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/artur-azevedo/biografia> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

⁴⁴ Rui Barbosa de Oliveira (1849, BA – 1923, RJ) “foi advogado, jornalista, jurista, político, diplomata, ensaísta e orador. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, onde fundou a cadeira nº. 10”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/rui-barbosa/biografia> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

⁴⁵ Carta de 17 de janeiro de 1899, localizada na Fundação Casa de Rui Barbosa.

Na carta anterior, podemos atentar para a linguagem rebuscada utilizada por Coelho Netto. Uma das principais críticas que se tinha aos seus textos destinava-se ao fato do “mestre das palavras” usar palavreado “pomposo” e que nada se entendia. Como indicado por José Veríssimo, em seu livro *Estudos de Literatura Brasileira* (1904), em que dedica o primeiro capítulo ao escritor, intitulado “O Sr. Coelho Netto”, dizia, que na obra *Sertões*, por exemplo, Coelho Netto utilizava em suas descrições termos ainda de Portugal, isto é, que não se usavam mais e/ou que eram desconhecidos no Brasil. Acrescenta que aplaudia o escritor quanto ao gosto de escrever bem, que, ao seu ver, era primordial para a função de escritor, porém notava nessa sua “nobre” preocupação o que achava defeituoso ou excessivo em sua literatura: a sua predileção por termos arcaicos, raros e expressões peculiares de Portugal.

Além disso, podemos observar, também, o conteúdo da carta confidencial de Coelho Netto a Rui Barbosa. De acordo com a data da carta, 1899, Rui Barbosa pertencia ao Senado, ocupando este posto desde 1895 e permanecendo até a sua morte, em 1923. Nela, Coelho Netto pedia que intercedesse a seu favor em sua candidatura para intendente municipal, e novamente se auto define como um artista. Apesar disso, mesmo com a ajuda ou não de Rui Barbosa, o desejo de Azevedo acerca de Coelho Netto prefeito não teria sido concretizado, pois:

[...] fosse porque artistas, músicos, cenógrafos, bilheteiros não constituíam um eleitorado significativo, fosse porque a máquina política viciada impedia o sucesso de qualquer candidatura independente, o romancista levou uma surra nas urnas. (FIGUEIREDO, 2011, p. 64)

Dessa maneira, podemos entrelaçar o discurso proferido em homenagem póstuma do teatrólogo Artur Azevedo, com o discurso do “mestre das palavras”, proferido na Câmara dos Deputados sobre o Teatro Municipal, em 20 de agosto de 1909, pois, em ambos, Coelho Netto defende as questões a respeito da nacionalização das artes. Isto é, nesse discurso, o deputado, ao discorrer sobre o Teatro Municipal, criticou o contrato celebrado, nos jornais, entre o prefeito da cidade⁴⁶ e o empresário Francisco de Mesquita, o novo dono do Teatro Municipal. Coelho Netto acreditava que essa instituição era um monumento que pertencia à cidade, à nação e ao povo. No discurso, criticou também a companhia que estava à frente dos espetáculos dessa casa, que, ao longo de um contrato

⁴⁶ O prefeito da época era Serdezelo Correia, permanecendo no cargo de 25 de julho de 1909 a 16 de novembro de 1910.

de seis meses, não se encontrava nenhum contratado brasileiro. Coelho Netto defende que houve um período áureo do teatro, mas que, naquele momento, o "theatro passou a ser um teatro orgiástico" (COELHO NETTO, 1919, p. 27), dizendo que a companhia contratada era:

[...] a companhia da miséria, dos sem pão, dos sem lar, dos que andam errantes pelas ruas, amaldiçoando o homem que tanto mal tem feito á nossa terra, mal porque a abastarda, mal porque a acanalha, porque torna indigna de se dizer uma terra de gente que, ao menos, sabe ler, porque em toda a parte onde encontra uma casa de espectáculos explorada pela sua ganancia nella installa um grupo trazido de ultra-mar, para fazer ao nosso paiz a injuria de o rebaixar, explorando ao mesmo tempo as nossas algibeiras. (COELHO NETTO, 1919, p. 33)

Com a escolha de Pereira Passos à frente da Prefeitura da Capital Federal (1902 a 1906) e do presidente Rodrigues Alves (1902 a 1906), permitiu-se que a construção do Teatro Municipal fosse no ponto nobre do novo plano urbanístico pensado para a cidade, a famosa Avenida Central. Francisco Pereira Passos (1836-1913), engenheiro por formação, tinha a pretensão de reformar também mentalidades. Sendo assim, a cidade do Rio de Janeiro passava por uma dupla reforma: urbana e a dos costumes, que tinha o intuito de melhorar as exportações, saneamento urbano, captação de mão de obra estrangeira, além de que pretendia-se melhorar a imagem do Brasil no exterior, visando aproximar-se da "civilização à europeia" (FIGUEIREDO, 2011).

Dessa maneira, em 1908, marcado por um período no qual os intelectuais e a imprensa chamavam a atenção para a decadência do teatro nacional, acarretaria no surgimento da Escola Dramática Municipal, a primeira escola de teatro brasileira. Portanto, o teatro como centro da vida cultural e social carioca, aponta para a necessidade da criação de uma escola dramática, sendo esta a razão decisiva na campanha de recuperação da cena nacional. Sendo assim, a escola surge, oficialmente criada pelo governo⁴⁷, e vinculada ao mais importante teatro da época: o Teatro Municipal (ANDRADE, 2014). Apesar de a Escola ter sido criada em 1908, só em 1910 que ela seria inaugurada, tendo como primeiro diretor Coelho Netto, tema do qual abordarei no terceiro capítulo.

Intitulado de "Um discurso", o discurso de inauguração da Escola Dramática foi

⁴⁷ A esse respeito, ver: ANDRADE, Elza Maria Ferraz de. Escola Dramatica Municipal: A primeira escola de teatro.... In: *Outros tempos, outras escolas*. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, SILVA, Alexandra Lima da, SILVA, Marcelo Gomes da. Rio de Janeiro: Quartet, 2014, p. 199-220. E: _____. *Escola Dramática Municipal: a primeira escola de teatro do Brasil (1908 - 1911)*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

publicado em duas partes no jornal *Correio da Tarde* (MA), a 9 e 10 de maio do ano corrente. Ademais, podemos encontrá-lo também publicado no livro *Palestras da Tarde* (1911), um ano após a inauguração. Pude observar que, paralelamente aos discursos defendidos na Câmara dos deputados, presentes no livro *Falando...* (1919), este e os outros livros de autoria de Coelho Netto também reuniram discursos em instituições educacionais. Posto isto, debruço-me, sobre esses livros para entender o porquê de se discursar para os jovens e/ou em instituições educacionais e como a vida pública de Coelho Netto se entrelaça com as palavras declamadas da tribuna.

1.2 Falando à mocidade

Afastado da representação do seu Estado pelos barões feudais da politicagem maranhense, Coelho Netto dedicou-se, de corpo e alma, verdadeiro apóstolado cívico, à companhia pelo aprimoramento físico, moral e intelectual da mocidade. Na Liga da Defesa Nacional ou na praça pública, nos salões ou nos teatros, nos estádios ou nos ginásios, nas piscinas, em rústicos barracões de clubes de regatas ou nos acampamentos de escoteiros, êle fêz ouvir a sua palavra inflamada, inaugurando instalações, saudando atletas, evocando glórias da Pátria, reverenciando a bandeira nacional, pregando, educando e demonstrando com os próprios filhos, no futebol amador, no remo, natação, water polo, atletismo, volleyball, basketball, os quatro rapazes, e na dança clássica, declamação de canto, as três meninas

Coelho Netto, Paulo, 1957, p. 28 e 29

Pelas memórias trazidas por Paulo Coelho Netto sobre o pai, descrito no excerto acima, pude identificar algumas das atividades, consideradas por Coelho Netto como ideais para os meninos: futebol, remo, natação, *water polo*, atletismo, *volleyball* e *basketball*, bem como para as meninas: dança clássica e declamação de canto. Essas atividades pretendidas, na visão de Coelho Netto, para a educação de/para meninas, como

pintura, piano, assim como as atividades para meninos, podem ser encontradas também nos livros e nas crônicas escritos por Coelho Netto, para adultos e crianças, como aprofundarei nos capítulos seguintes.

A questão do aprimoramento físico da criança, por sua vez, é indicada também no discurso pronunciado no Pavilhão de Regatas, por ocasião do início do Torneio Infantil de *water polo*, em 1917. Nele, Coelho Netto diz que o mar é o pêndulo da vida, regulador do eterno movimento, “uma escola de força onde as ondas se debatem como atletas” (COELHO NETTO, 1919, p. 201). Assim como o discurso proferido no Campeonato de *water polo*, os livros com discursos de Coelho Netto reúnem aqueles promovidos em instituição educacional e/ou para a mocidade, os quais pude organizá-los no quadro a seguir:

Quadro 4 - Mapeamento dos discursos de Coelho Netto nas escolas e/ou para os jovens reunidos em livros

Data	Fonte	Página	Editora	Tipo de discurso	Local/ ocasião
15/06/1907	<i>Palestras da Tarde (1911)</i>	3	H. Garnier (RJ)	Palestra	Instituto Nacional de Musica
02/12/1907	<i>Palestras da Tarde (1911)</i>	105	H. Garnier (RJ)	Palestra	Gymnasio Nacional
10/10/1908	<i>Palestras da Tarde (1911)</i>	35	H. Garnier (RJ)	Palestra	Instituto Nacional de Musica
15/04/1910	<i>Palestras da Tarde (1911)</i>	131	H. Garnier (RJ)	Discurso	Escola Dramática
23/04/1912	<i>Versas (1918)</i>	245	Livraria Catilina (BA)	Discurso	Escola Naval
23/04/1912	<i>Livro de Prata (1928)</i>	21	Livraria Liberdade (SP)	Discurso	Escola Naval
19/11/1915	<i>Versas (1918)</i>	301	Livraria Catilina (BA)	Discurso	Festa da Bandeira
19/11/1915	<i>Livro de Prata (1928)</i>	71	Livraria Liberdade (SP)	Discurso	Festa da Bandeira
18/03/1917	<i>Falando (1919)</i>	199	Leite & Maurillo (RJ)	Discurso	Campeonato infantil de water-polo
26/09/1917	<i>Falando (1919)</i>	207	Leite & Maurillo (RJ)	Discurso	Colégio Pedro II
22/12/1919	<i>Orações</i>	89	Imprensa	Discurso	Instituto Lafayette

Quadro 4 - Mapeamento dos discursos de Coelho Netto nas escolas e/ou para os jovens reunidos em livros

Data	Fonte	Página	Editora	Tipo de discurso	Local/ ocasião
	(1923)		Methodista (SP)		
19/12/1920	<i>Orações</i> (1923)	45	Imprensa Methodista (SP)	Alocação	Escola Comercial Feminina, mantida pela Associação das senhoras brasileiras
23/11/1925	<i>Livro de Prata</i> (1928)	113	Livraria Liberdade (SP)	Oração	Colégio Piracicabano (Piracicaba)

Sendo assim, o quadro anterior me possibilitou pensar: o local; o vínculo de Coelho Netto com as instituições; os tipos de discurso que fizera; as datas que os discursos ocorreram; o tempo levado para o discurso proferido virar livro; e as editoras.

A partir das datas, pude aferir que, entre 1909 e 1917, Coelho Netto discursou enquanto deputado Federal do Maranhão na Escola Naval, na festa da Bandeira, no campeonato infantil de *water polo*, na Escola Dramática e no Colégio Pedro II. Nestes dois últimos, Coelho Netto teria um vínculo direto com essas instituições, pois foi professor e diretor da Escola Dramática⁴⁸, e este fora o discurso de inauguração da instituição. Nos discursos feitos no Ginásio Nacional, já fazia parte do corpo docente, interinamente em 1907, e efetivamente em 1909. Já os discursos após 1919, demarcaram uma nova função pública que Coelho Netto também desempenhara, o de Secretário-geral da Liga da Defesa Nacional.

O quadro 4 revelou-me também que a maioria das instituições localizavam-se no Rio de Janeiro, onde Coelho Netto também exercia suas principais atividades políticas, sociais, etc. e, conseqüentemente, onde promovera a maior parte de seus discursos. Apesar disso, percebi, a partir das editoras, que após transformar seus discursos em livros, Coelho Netto publicara também: em São Paulo, com as livrarias Liberdade e Imprensa Metodista; no Rio de Janeiro, com as livrarias Garnier e Leite & Maurillo; e, na Bahia, com a Livraria Catilina, demonstrando, assim, a tentativa desse mestre de consagrar-se no campo literário em vários estados.

A respeito das editoras no Rio de Janeiro, Alessandra El Far (2006 apud SILVA,

⁴⁸ Atualmente conhecida por Escola de Teatro Martins Pena.

2012, p. 72) aponta que a editora Garnier⁴⁹ “não publicava o primeiro livro de ninguém”, que para “conseguir o selo editorial de sua livraria, era preciso antes conquistar o apreço dos críticos literários, assinar colunas na grande imprensa ou ter algum destaque na vida política do país” (idem). À medida que a Garnier se consolidava, estabeleceu-se em vários endereços no centro do Rio de Janeiro, mudando-se, definitivamente, em 1878, para a rua do Ouvidor n.º. 71, em frente a “Livraria Universal”, de E. & H. Laemmert. Hallewell (2005), indica que essas duas livrarias não eram consideradas competidoras diretas, pois seus interesses divergiam. A Garnier concentrou-se em literatura e nos escritores franceses da moda que escreviam sobre ciência popular. Já a Laemmert era voltada para a publicação de história e ciências.

No Brasil, os investimentos da Livraria Garnier focalizaram autores brasileiros e ampliaram a valorização da impressão de livros brasileiros na França. Novidades já implantadas na Europa, como o formato francês do livro, foram introduzidas pela Garnier, como também os preços de capa fixos e a exibição de lançamentos nas vitrines. Seu relacionamento profissional com Machado de Assis, publicando pela primeira vez obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Quincas Borba* (1891) durou cerca de 20 anos, fazendo ampliar o mercado editorial da época. Editou também um grande número de autores nacionais, como José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre, Aluísio de Azevedo – *O Mulato* (1889 [1881]), Olavo Bilac, tornando-se a principal casa editorial brasileira da época. Segundo o site da FBN, a editora publicou também grande número de compêndios para a instrução pública, conseguiu direitos de edições de romances de autores iniciantes, divulgou poesia, livros científicos e escolares, intensificando, assim, traduções e consolidando o sucesso editorial no Brasil.⁵⁰

⁴⁹ A Livraria Garnier, “anteriormente denominada “Garnier Irmãos”, foi uma livraria e editora localizada no Rio de Janeiro, e que esteve em atividade entre os anos de 1844 e 1934. O presidente da casa era Baptiste Louis Garnier. Seus irmãos mais velhos, Auguste e Hippolyte Garnier começaram a trabalhar como balconistas de livraria em Paris, em 1828 e logo depois, abriram seu próprio negócio, a *Garnier Frères*. Baptiste Louis Garnier, (1823 – 1893), que trabalhou para seus irmãos até 1844, partiu para o Brasil, instalando-se no Rio de Janeiro, onde abriu uma filial da *Garnier Frères*. Sendo assim, a Garnier, transformou-se, num dos principais editores do Brasil da segunda metade do século XIX, na qual editava seus livros no Brasil e os imprimia em Paris e em Londres. No início da década de 1870, a Garnier teve sua própria tipografia, a “Tipografia Franco-americana”. Em 1893, com a morte de Baptiste, a firma passou para seu irmão Hippolyte, que residia em Paris, voltando assim à condição inicial de filial da *Garnier Frères* no Rio de Janeiro. A morte de Baptiste, assim como dos irmãos Laemmert causou uma estagnação no mercado livreiro brasileiro”. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/francebr/garnier.htm> [Consulta em 19 de maio de 2017].

⁵⁰ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Garnier, um livreiro francês no Brasil*. s/d. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/francebr/garnier.htm> [Consulta em 19 de maio de 2017].

Percebo, portanto, que, em 1911, quando publicara o livro *Palestras da Tarde*, Coelho Netto já possuía o prestígio que tanto desejara, pois já publicara com a editora Garnier várias de suas obras, dentre elas, contos: *Scenas e Perfis* (1910), *Treva* (1905), *Vida Mundana* (1909), etc., como também romances, teatros, discursos. Pude notar a interlocução entre Coelho Netto e o editor H. Garnier, em uma de suas cartas presentes no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Nela, continha o contrato entre Coelho Netto e Sr. H. Garnier, de 1910, tratando sobre a edição da obra *Rapsódias*, no qual, o escritor ganhara seiscentos mil reis pela publicação de 2200 exemplares.

Além de ter publicado com a Garnier, no Rio de Janeiro, Coelho Netto publicou o livro de discursos, *Falando* (1919) com a livraria e editora Leite & Maurillo⁵¹, que iniciou suas atividades em 1917, no Rio de Janeiro, suplantando até as principais livrarias da cidade, tais como a Francisco Alves e a Garnier. A livraria publicou também os livros: *A Abolição* (1918), de Osório Duque-Estrada; *A correspondência de uma estação de cura* (1918), de João do Rio; *O hipnotismo e suas aplicações* (1919), de Medeiros e Albuquerque, além de livros de Alberto Faria, Gustavo Barroso, dentre outros escritores.

A interpretação do quadro 4 permitiu-me, também, refletir sobre os demais discursos que não localizei em livros para compor o quadro anterior. Suponho que isto poderia ser possível, talvez, por terem sido improvisados e, por isso, Coelho Netto não os teria posto em um papel. Ou então que, na visão desse mestre, apenas não precisava publicá-los, por se tratar de assuntos banais, considerados descartáveis aos olhos do leitor. Ou até mesmo, imaginar que poderiam estar escondidos em algum armário antigo qualquer, inviabilizados de serem encontrados. Por esta razão, esse quadro me instigou a pensar qual a importância do conteúdo desses discursos para o escritor desejar eternizá-los em livros?

Analisando os discursos do quadro anterior, destaco as palestras⁵² proferidas no Instituto Nacional de Música, intituladas: “Espectros divinos” e “A antiga cidade”, respectivamente, de acordo com a ordem cronológica do quadro. Em ambas, Coelho Netto tratou secundariamente da valorização do vasto território nacional e seus recursos naturais como: florestas, águas, terra, ar, para incutir o amor à pátria, refletindo que “as religiões elementares deixaram-nos o culto da natureza” (COELHO NETTO, 1911, p.

⁵¹ Na época, chamava-se Editora Leite Ribeiro, e depois, passou a se chamar Leite & Maurillo. Em 1922, foi assumida, definitivamente, pelo Dr. Freitas Bastos. (HALLEWELL, 2005)

⁵² Troca de palavras, de ideias entre duas ou mais pessoas; conversação, conferência ou debate sobre tema cultural ou científico.

24). Esse aspecto, comum nas obras de Coelho Neto que retrata a cidade como viciosa (SILVA, 1997), apresenta ao público e ao leitor, os privilégios da convivência com a natureza para o desenvolvimento da virtuosidade. Esse aspecto também é realçado nos discursos sobre a devastação das florestas e o abandono da terra, proferidos por Coelho Neto na Câmara dos deputados.

Em “Espectros divinos”, Coelho Neto recorreu a outras civilizações e autores para explicar como surgiram algumas superstições, datas festivas e religiosas, além de hábitos e costumes que ainda faziam parte da sociedade, como o Carnaval, que explicou ser derivado dos “saturnaes de Roma”⁵³. Carvalho (1998) ressalta a importância de citar estrangeiros durante a retórica para ser reconhecido no Brasil. Para tal, era necessário impressionar e convencer pela exibição de erudição.

É relevante notar que, como já comentado, a respeito das rígidas críticas a Coelho Neto sobre a sua excessiva erudição, também foram realçadas em uma das autobiografias de Medeiros e Albuquerque, *Quando eu era vivo* (1981), dizendo que os discursos de Coelho Neto, como palestras e conferências literárias, não eram de fácil entendimento:

De todos os conferentes do seu tempo, Bilac foi sempre o mais popular. E isso com toda a justiça. Tanto quanto se pode medir o sucesso pelo que as conferências rendem, eu estava no segundo lugar da classificação. O terceiro posto cabia a Coelho Neto, o de nós todos cuja forma se mostrava incontestavelmente mais perfeita, mas cuja linguagem, por isso mesmo, não era acessível a muita gente. (ALBUQUERQUE, 1981, p. 310)

Medeiros e Albuquerque discorre ainda que quem começara com a moda das Conferências Literárias remuneradas no Rio de Janeiro teria sido ele, e acrescenta nas linhas seguintes o possível público-alvo de quem os assistia:

As conferências no Rio de Janeiro tinham uma dificuldade séria: a de um público extremamente misturado. Não havia predominância nítida de nenhuma classe – ou, se havia, era a mais difícil de satisfazer. As salas se enchiam sobretudo de senhoras e mocinhas, muito gentis, muito encantadoras, mas que não possuíam nem instrução regular, nem, por isso mesmo, preocupação literária de espécie alguma. Tinham vindo à cidade passear ou fazer compras e aproveitavam a ocasião para ir ouvir a conferência do dia. Mas a essas senhoras se juntavam médicos, advogados, engenheiros ilustres, estudantes, homens de

⁵³A Saturnália “era um festival romano em honra ao Deus Saturno que ocorria no mês de dezembro. Nessas festas faziam-se grandes banquetes e sacrifícios, isto é, marcado por doações simbólicas. Durante estes festejos subvertia-se a ordem social: os escravos se comportavam temporariamente como homens livres; elegia-se, à sorte, um “*princeps*” - uma espécie de caricatura da classe nobre - a quem se entregava todo o poder. O “*princeps*” vinha geralmente vestido com uma máscara engraçada e com cores chamativas”. Disponível em: <http://www.mortesubitainc.org/paganismo/rituais-pagaos/como-celebrar-a-saturnalia> [Consulta em 19 de maio de 2016].

letras. Havia de tudo. Se, portanto, o conferencista elevasse o nível da sua palestra, a grande maioria da sala não o compreenderia. Dai a necessidade de satisfazer à parte fútil, sem, entretanto, deixar de dar alguma satisfação à outra. (ALBUQUERQUE, 1981, p. 310 e 311)

Não é à toa que, na palestra “Espectros divinos”, Coelho Netto tratou também sobre os costumes, ao descrever minuciosamente os trajes dos homens e das mulheres, pretendendo atender ao público em geral, dizendo que “o symbolo do lar é o elemento domestico e sociavel por excellencia, eixo da familia, nucleo do altar” (idem, p. 25). A necessidade de destacar os valores cristãos, como a família, o lar e o altar, como o resgate de valores considerados bons, contrapondo à degradação de costumes, causada pela urbanização acelerada que a cidade passava naquele momento também fazia parte das temáticas abordadas por Coelho Netto em suas obras.

Segundo Augusto (2013), as noções de civilidade e modernidade instauradas durante a primeira década de 1900 regulavam a sociedade carioca e promoviam uma necessidade de visibilidade em termos de comportamentos, questões estruturais e práticas sociais, gerando estratégias de controle do âmbito urbano. Por isso, após a consolidação da República, intensificou-se a proposta de mudança nos hábitos nacionais, inserindo as aspirações de progresso e elementos que se enquadravam melhor ao novo momento do país:

Práticas e costumes vindos de fora, deve ser moldada de fora para dentro e merecer a aprovação dos outros, reconstruído segundo a norma de ‘conduta entre os povos que seguem, ou parecem seguir, os países mais cultos’, para tal ‘se empenha em desarmar todas as expressões menos harmônicas de nossa sociedade, em negar toda espontaneidade nacional’ (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, 177 apud AUGUSTO, 2013, p. 2).

Coelho Netto defendeu, assim, que o “progresso, como a moda, é meramente exterior – a alma é invariável” (COELHO NETTO, 1911, p.17), denunciando que a vaidade seria um vício a ser combatido. Esse trecho reforça, também, a questão cívica e a necessidade de uma educação externa e interna: isto é, física e moral, concomitantemente.

Em “A antiga cidade”, Coelho Netto discutiu sobre a velhice e para isso, relembrou dos tempos de infância, adolescência e mocidade, descrevendo a saudade que sentia da época em que a cidade era muito diferente. Nesse sentido, ao discorrer sobre como eram os costumes, apresentava as mudanças sofridas pela cidade do Rio de Janeiro, apontando novamente a questão dos hábitos considerados bons e os que deveriam ser extinguidos da sociedade, de acordo com os padrões de civilidade.

Desta maneira, o Rio de Janeiro, sob o influxo das reformas urbanas de Pereira Passos, como já comentado anteriormente, irá demarcar um período de súbito esplendor: não apenas a cidade, mas também a sociedade se renovava e se modernizava. Com a tecnologia, impulsionada pela recente Segunda Revolução Industrial, ganhava igualmente foros de novidade perene, com seus automóveis, aviões, máquinas diversas e invenções. Sendo assim, levava-se adiante um amplo processo civilizatório, caracterizado por uma singular febre de saneamento público, permitindo que os símbolos mais acabados do novo estilo de vida que se inaugurava com a virada do século se espalhasse por toda parte, indo desde as famosas confeitarias e salões, às ruas e avenidas mais frequentadas, sem deixar de contar com os teatros, cinemas e cassinos que surgiam por toda a cidade. No Brasil, esta forma de pensar e agir, relacionada ao anseio de determinada classe social e artística pela renovação e modernidade ficou conhecida como *art nouveau* ou *modern style*, e acompanhou a tendência da conhecida *Belle Époque*, que, na França, foi chamada de Terceira República (1870-1914) (SILVA, 1997).

Outra temática recorrente nos discursos de Coelho Netto é a questão do culto à bandeira. Na visão desse mestre, a bandeira era necessária para a construção da pátria, como demonstrado no discurso “Festa da Bandeira”:

Não há religião sem Deus nem Patria sem bandeira [...] Prestar culto a bandeira é venerar o espaço e o tempo nos limites geographicos de uma nação, e nelles a raça e tudo que ella representa e abrange. Venera-se na bandeira o espaço pelo amor á terra, terra que é, duas vezes, berço: no somno que acorda do mysterio na manhan da vida e no somno que vai da noite profunda para o mysterio: venera-se nella o tempo pelo culto ao passado, de onde ella ve, no amor presente, a que ella assiste e na anciã pelo futuro para a qual acena, palpitando no mastro como uma aza que ensaia vôo largo. (COELHO NETTO, 1918, p. 307)

Publicado primeiramente em *Versas* (1918), e depois no *Livro de Prata* (1928), a retórica produzida para a festa à bandeira, na Prefeitura Municipal, em 19 de novembro de 1915, foi por ocasião da entrega da medalha cívica mandada cunhar pelo Sr. Wenceslau Braz, presidente da República, ao aluno salesiano Antônio Carlos das Chagas. A tragédia aconteceu no mês de outubro, quando a barca “Setima”⁵⁴, que fazia a travessia do Rio de Janeiro a Niterói, naufragou, vindo a falecer muitos professores e alunos. Na percepção de Coelho Netto, salvar a bandeira nacional do naufrágio seria um ato de heroísmo prestado pelo jovem. E reforça que a bandeira é:

⁵⁴ A esse respeito, ver: http://www.salesianoniteroi.com.br/SR/destaques/destaque_267/sale07.pdf [Consulta em 02 de outubro de 2016].

Um panno e é terra, mares, céus, povo, tempo – a nação e a raça. É a geographia e a historia; é a tradição e a lenda; é a poesia e a sciencia; é o canto alado e a palavra grave; é o exercito que marcha, é a esquadra que singra ao longo da costa, é a frota de commercio e é a piroga ligeira do pescador; é a Arte e a Religião; é o commercio, é a lavoura, é a industria; é o lar, é o campo, é a floresta e o monte; é o paul e o rio; é a fera que rugue e o rebanho pacifico; é o pássaro que canta, é o ouro que fulge, é a nuvem, é a estrella, é o ceu azul – é tudo: é a Patria. (COELHO NETTO, 1928, p. 77 e 78)

Na Escola Naval, Coelho Netto discorre durante a recepção dos novos alunos, no dia da abertura das aulas. Aos futuros marinheiros, fala-lhes sobre patriotismo, união, lar, responsabilidade, e também sobre a bandeira, como no discurso na festa da bandeira, dizendo que é nesse “pedacinho de seda” que a pátria está representada.

Assim como salientado por José Murilo de Carvalho (1990), a batalha que se travou em torno do modelo de bandeira nacional, assim como foi com o hino e outros símbolos da identidade nacional, no ato da proclamação, renderam inequívocas disputas entre os diferentes grupos políticos que postulavam a república. Ademais, no ato da proclamação, a república fora representada pelo modelo de bandeira idealizado por Júlio Ribeiro⁵⁵. A inspiração era norte-americana: listras verdes e amarelas intercaladas na posição horizontal. Os argumentos de Teixeira Mendes⁵⁶ e a força da facção positivista liderada por Benjamim Constant foram decisivos na configuração do novo símbolo nacional. A mudança de regime político fez-se sob manutenção das tradições inscritas na bandeira, pois, de acordo com os argumentos positivistas, o emblema nacional deveria ser símbolo da fraternidade e ligar o passado ao presente e ao futuro. Nesse sentido, a divisa “Ordem e Progresso” cumpria esse papel (CARVALHO, 1990):

Conservavam-se o desenho imperial e as cores, representações de nossa natureza e nossas riquezas. Até mesmo a cruz permaneceu no Cruzeiro do Sul, uma cruz leiga que podia ser vista com simpatia pelos católicos. Reconhecia-se, desse modo, o passado, a tradição, tanto política como religiosa, pois a Monarquia e o catolicismo eram fases da evolução da humanidade a ser superadas, mas necessárias e portadoras de aspectos positivos. (idem, p.113).

Nesse sentido, Carvalho (1990) lembra que o peso da tradição, através da definição de hino e bandeira oficiais para a República, não difere no sentido dos embates

⁵⁵ Júlio César Ribeiro Vaughan (1845, MG – 1890, SP) “foi jornalista, filólogo, romancista e patrono da cadeira n. 24 da ABL, por escolha do fundador Garcia Redondo”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/julio-ribeiro/biografia> [Consulta em 26 de setembro de 2017].

⁵⁶ Raimundo Teixeira Mendes (1855, MA — 1927, RJ) “foi um filósofo e matemático brasileiro, autor da bandeira nacional republicana”. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/RaimTeMe.html> [Consulta em 26 de setembro de 2017].

internos, e sob influência francesa. Antes da definição - tanto do hino quanto da bandeira - a *Marselhesa*, hino francês, que era cantada por todas as nações que se consideravam revolucionárias, também fora adotada pelos republicanos até a consolidação do hino oficial. Porém, a bandeira tricolor, que também tinha significado na França, apesar de seu peso simbólico, não fora adequada à nova bandeira. Dessa forma, após várias tentativas, Décio Villares desenhara a bandeira que seria a oficial, com indicações positivistas “Ordem e progresso”, e que indicava a transição do regime. Também havia uma representatividade nas cores e estrelas. O autor acrescenta que, apesar dos embates em torno do hino e da bandeira, o impacto fora menor do que a construção dos mitos e heróis da república, como, por exemplo, a construção da figura de Tiradentes como herói da República. Os cartunistas da época, fazendo uso de jornais e revistas, expressavam de forma a criticar e elogiar os novos símbolos da nação. Podemos perceber que fora defendido por Coelho Netto, em grande parte de seus discursos a favor dos símbolos nacionais, que significassem o verdadeiro valor da Pátria.

Outro discurso que merece destaque é o que fora pronunciado na sessão solene realizada no Instituto Lafayette⁵⁷, localizado na Tijuca (RJ), em 1919, para a entrega do prêmio “Affonso Vizeu” conferido à aluna Srta. Hylde Schayée, laureada da “série comercial”. Nele, Coelho Netto retoma a sociedade fenícia para tratar da importância do comércio para a sociedade e para a história, dizendo que o símbolo do comércio é a balança, que o homem mais ponderado é aquele que rigorosamente pesa os atos e as palavras. Sendo assim, Coelho Netto fala do papel desempenhado pelo instituto de comércio:

A muitos parecerá estranho que se venha aprender em um instituto como este aquilo que o rustico mais pastrano pratica com atilamento subtil que, não raro, roça pela esperteza: o comprar e o vender, que nisto consiste o commercio. Sendo, entretanto, na apparencia, um simples passe de “toma lá, dá cá” toda a vida gira entre esses dois verbos. (COELHO NETTO, 1923, p. 94)

Outra questão que pode observar neste discurso é a surpresa que Coelho Netto demonstrou ao saber que o prêmio fora conferido a uma mulher. Não dando tempo para modificar por inteiro o discurso, improvisou uma parte, destinando-o à mulher, lembrando que:

⁵⁷Esta escola foi fundada em 1916 pelo professor Lafayette Cortes. Foi o primeiro colégio carioca a preparar os alunos para trabalhos de oficina e laboratório, para os campos de agrimensura e topografia, química industrial, mecânica e eletricidade prática. As meninas procuravam os cursos de datilografia e estenografia.

Na Europa, antes mesmo da guerra, pelas exigências, cada vez maiores, da vida vertiginosa, a Mulher entrou a partilhar com o homem as responsabilidades da manutenção do lar e, durante os dias cruentos, quando os homens, tudo abandonando pela Patria, deixaram campos e officinas, fabricas e lojas, escriptorios, vehiculos e postos sem seus servidores habituaes foi a mulher por elles e não houve que lamentar os ausentes senão pela saudade que deixaram, porque no cumprimento do dever a substituição supriu-os de modo, em tudo, satisfatório e a mulher assumiu na Sociedade o lugar que, sempre, obstinadamente lhe negara o preconceito. (COELHO NETTO, 1923, p. 96)

Acrescenta que o preconceito contra as mulheres teria desaparecido na Europa, porém ainda existia no Brasil, mesmo que o trabalho fosse “dignificante”, àqueles exercido com competência, austeridade e esforço. Com isso, parabeniza a Senhorita Hilda, dizendo que ela representava um novo tipo de mulher brasileira: “forte e senhora de si, honradora do seu sexo, do seu nome, da sua Patria, e do seu tempo” (COELHO NETTO, 1923, p. 98).

Há de se notar que não era qualquer trabalho que era considerado adequado para uma mulher nessa época. Tirá-la do lar, instruí-la, fazendo-a chegar à rua e participar do mercado de trabalho - antes reservado apenas aos homens, a quem cabia a manutenção do lar - exigia controle social, especialmente em um país que se consolidava sob um novo regime político. Cabe ressaltar que, naquele momento, a modernização da sociedade brasileira era uma exigência atrelada ao processo de mudança político-econômica pelo qual passava o país. Mudando o Estado, havia que transformar-se costumes, e a mulher, referência da educação familiar, havia que adaptar-se às inovações do movimento de modernidade, visando o progresso e civilidade da pátria.

Outro ponto que pude destacar do discurso, é que, devido ao prêmio receber o nome de Afonso Vizeu, filantropo e presidente da Associação Comercial, Coelho Netto também o homenageou:

Não é pequena a parte que elle distribue em benefícios. O que elle faz não o direi eu, para não ser indiscreto. Digam-no as escolas nas quaes elle passa invisivel e generoso como a Providencia; desvendem-no as crianças que lhe devem o sorriso; contem-no os velinhos que ampara a sua mão direita; apregoem-no os enfermos para os quaes elle é como o bom samaritano; bradem-no os que o têm como camarada, e o mais ardoroso, na campanha civica em que prossegue, com entusiasmo, cada vez mais acceso, a Liga da Defesa Nacional. (COELHO NETTO, 1923, p. 94)

Percebi também que Coelho Netto dedicou o livro *Orações* (1923), a Afonso Vizeu, como indicado no prefácio, porque o orador:

Quiz gravar neste livro, onde resguardo palavras de amor pátrio e culto civico, um symbolo de taes virtudes e o que, desde logo, me ocorreu foi o nome que, nesta pagina, culmina [...] inscrevendo-o no cimo inculco-o aos jovens como modelo de Honra e exemplo do que podem a intelligencia, a vontade, a iniciativa, a perseverança, em uma palavra: o character, como força para triumphar na vida e contribuição para gloria e fortuna da patria. (COELHO NETTO, 1923, prefácio)

Possivelmente, teria sido por causa deste discurso, que, no ano seguinte, Coelho Netto pode novamente fazer um discurso destinado às mulheres datilógrafas. Sendo assim, fez uma alocução⁵⁸ para a entrega de diploma às primeiras datilógrafas na Escola Comercial Feminina, mantida pela Associação das senhoras brasileiras, lembrando que:

A mulher, outr'ora, vivia assentada na pedra do lar e o limite do seu mundo era tratado pelo clarão da lampada domestica: era o genio, ou espirito da Familia, que se não desprendida da casa como a alma não se desliga do corpo. (COELHO NETTO, 1923, p. 47)

Coelho Netto ressalta que o objetivo dessa escola era preparar a mulher, com uma profissão para viver por si, com independência, enquanto solteira. Porém, enquanto casada, deveria servir como auxiliadora, colaboradora do homem, e não como “simples parasita”, tornando-se uma segunda coluna do lar, e florida de graça. É relevante notar que “uma eventual superioridade de instrução da mulher não compensava a superioridade intelectual do homem” (XAVIER, 2008, p. 121), mostrando que homens e mulheres eram diferentes. Posto isto, notemos a distinção que Coelho Netto faz entre o papel das mulheres solteiras: independência, e os das casadas: colaboradora do homem. A esse respeito, Corrêa (2010) salienta que:

Mesmo com a obtenção da possibilidade de estudar e se profissionalizar, dentro de alguns limites, já que as opções eram reduzidas, as mulheres não deixaram de ser controladas, uma vez que o Estado (representado pelos homens nos cargos) é que detinham o poder e o controle sobre os mecanismos educacionais. Como detentor do poder, o Estado (e os homens que o representava) fixou as normas sobre a instrução feminina. Elaborando leis, organizando currículos e estabelecendo as regras, conseguiu segregar a mulher a disciplinas consideradas femininas, entre elas, Trabalhos Manuais, Economia Doméstica e Culinária. (CORRÊA, 2010, p. 38)

Outro discurso em que pude observar a visão de Coelho Netto sobre o papel que a mulher deveria desempenhar na sociedade, foi na oração de paraninfo promovida no

⁵⁸ Discurso curto, lacônico, geralmente pronunciado em ocasião solene.

Colégio Piracicabano⁵⁹, em 1925, para a festa de formatura das professorandas. Nessa elocução, Coelho Netto destaca que, além da beleza, as alunas teriam recebido ensinamentos práticos indispensáveis à mulher, isto é, a conduta do lar. Reforça que “a mulher é a flor da civilização. [...] ela é que anima o lar e dá encanto à sociedade”, por isso:

[...] O curso domestico, que tambem aqui vos foi ministrado, minhas jovens patrícias, comprehende tudo quanto diz com a casa e a mulher diligente, a mulher soberana não é aquella que apenas se move graciosamente no salão, que sabe vestir com elegancia, menear o leque, compor a attitude e o gesto, conduzir a palestra entretendo os convivas, [...] e porque não dizer que a felicidade toda da casa depende da dona quando ella exerce o seu dominio com sabedoria e doçura, sabendo prender o esposo com a belleza e o carinho, dedicando-se á educação dos filhos, tratando com brandura os famulos, regendo a bolsa sem avareza, para que nada falte, mas com economia, para evitar desperdício. (COELHO NETTO, 1928, p. 120 e 121)

Observa-se assim, que a feminização do magistério estava diretamente ligada ao papel designado à mulher na sociedade da época, visto que a educação de meninas e moças era determinada pelo papel social a elas estabelecido. Às mulheres eram atribuídas as ações domésticas devido ao seu papel de mãe. Suas atividades econômicas restringiam-se à manutenção do lar, à compra e ao consumo de alimentos, aos cuidados com a saúde e a outras responsabilidades dos cuidados com a prole e a casa. Todas as atenções da mulher eram para os filhos, o bem-estar do mantenedor - o marido - e a permanente harmonia da casa. Assim, as escolas femininas preocupavam-se em ensinar habilidades relativas ao bom desempenho da mulher no lar: costura, teatro, piano, bordados, de tal modo que produzissem uma mulher “prendada”.

⁵⁹ Segundo o site da instituição, “o Colégio Piracicabano cresceu com a cidade, em 1881, num momento em que o Brasil era governado pelo Imperador D. Pedro II e a escravidão não havia sido abolida. Entretanto, um grupo de pessoas progressistas já trabalhava aqui, pela libertação dos escravos, pela implantação da República e pela criação de uma escola moderna para a juventude. Esse grupo era liderado pelos irmãos Manoel de Moraes Barros e Prudente de Moraes, ambos advogados e políticos influentes na região. Os irmãos Moraes estabeleceram contato com os imigrantes norte-americanos de Santa Bárbara D'Oeste. Entre eles havia um pastor metodista Rev. Newmann. Desta amizade surgiu a ideia de criar em Piracicaba uma escola moderna, aos moldes das escolas norte-americanas. Com o apoio político dos irmãos Moraes, a missionária americana Martha Watts conseguiu abrir as portas da nova escola. A construção do prédio próprio só ficou pronta em 1884. O belo casarão de tijolo à vista e telhas francesas diante do acanhado casario da vila na época, convenceu o povo de que a escola viera para ficar. O Colégio Piracicabano foi construído e sustentado pelas mulheres metodistas norte-americanas. O objetivo principal dessas mulheres era promover a educação feminina no Brasil. Por essa razão, até a década de 30 só havia internato para moças. A educação para meninos era em regime de externato. Somente em 1934 criou-se o internato masculino. Logo após a Proclamação da República, Prudente de Moraes foi nomeado governador do Estado de São Paulo e implantou a reforma do ensino público tendo como modelo o sistema de ensino do Colégio Piracicabano. O seu funcionamento se estende até os dias atuais”. Disponível em: <http://colegiometodista.g12.br/piracicabano/sobre-o-colegio/historia> [Consulta em 14 de novembro de 2016].

Aos pouco foi sendo criada uma nova função social para a mulher, a função de educadora, favorecida pela valorização da instrução feminina. O discurso positivista de forte influência na época fez com que se agregasse as funções de mãe, dona-de-casa e esposa a função de educadora dos filhos da pátria. Dessa forma, nos primeiros momentos do século XX, a forma idealizada de mulher na sociedade brasileira tinha como características: a pureza, doçura, moralidade cristã, maternidade, generosidade e patriotismo. A ela já era permitido o trabalho desde que este fosse uma extensão de seu papel no lar, tais como as de professora e enfermeira. Seu universo de leituras se expandiu e proporcionou uma mudança de vida. (NICARETA, 2009, p. 1943)

Por isso, a figura da professora devia estar relacionada à pureza, doçura, moralidade, devendo estar com roupas recatadas, no qual iria transmitir às meninas todas as boas qualidades e ensinamentos morais e cívicos de que deveria uma moça civilizada dispor (SILVA, 2014).

É relevante observar, também, que na data em que os três últimos discursos do quadro 4⁶⁰ foram proferidos e também publicados, Coelho Netto já se tornara Secretário-geral da Liga da Defesa Nacional. Paulo Coelho Netto (1957), ao apontar os espaços por onde as “palavras inflamadas” de seu pai transitaram, destacou que o afastamento da Câmara dos Deputados fora o principal motivo que o possibilitou dedicar-se exclusivamente à Liga da Defesa Nacional. Logo, os discursos proferidos aos jovens também se interligam com a sua atuação frente a esta Associação, como indicado a seguir.

1.3 A pátria como religião

Publicado no periódico *O Malho*⁶¹ e com o intuito de divulgar a propaganda contra o anarquismo, Coelho Netto compôs, em nome da LDN, o “Mandamentos Cívicos”, a ser impresso e distribuído à população, fazendo com que todo cidadão levasse

⁶⁰ Ver quadro 4 na página 56.

⁶¹ A revista *O Malho* “começou a ser publicada em 20 de setembro de 1902. Foi criada por Luís Bartolomeu de Souza e Silva, que tinha em seu corpo de ilustradores: J.Carlos, Angelo Agostini, Lobão, Crispim do Amaral, Guimarães Passos, L. Peixoto, Leonidas Freitas, Nássara, Raul, Kalixto, Storni e tantos outros. A revista deu um novo impulso à arte da charge e da ilustração em nossa imprensa, divertindo e informando o leitor. Era focada na política e cultura, usava como mote a crítica de costumes. Teve entre seus colaboradores Olavo Bilac, Pedro e Emílio de Rabelo, Arthur Azevedo e Álvaro Moreyra, dentre outros. No ano de 1920, o diretor-redator d’*O Malho* era A. Sergio da Silva”. Edições digitalizadas d’*O Malho*, disponíveis em: <http://www.casaruibarbossa.gov.br/omalho/?lk=8> ou <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> [Consulta em 14 de novembro de 2016].

consigo, a partir daquele momento, como indicado abaixo.

Figura 4 - Recorte de O Malho, 1 de maio de 1920, ed. 920, p. 29

OS "MANDAMENTOS CIVILIZADOS" DA LIGA DA DEFESA NACIONAL

Na última sessão da Liga da Defesa Nacional, a que estiveram presentes os Srs. ministros da Fazenda, do Interior e da Justiça, e em que se tratou de organizar a propaganda contra o anarquismo, o Sr. Coelho Netto, secretário geral, leu estes "mandamentos civis", que vão ser impressos e distribuídos largamente:

1 — Honra a Deus, amando a Pátria sobre todas as coisas, por não haver Elle dado por berço com tudo o que nella existe de esplendor no céu e de beleza e fortuna na terra.

2 — Considera a bandeira como a imagem viva da Pátria, prestando-lhe o culto do teu amor e servindo-a com todas as forças do teu coração.

3 — Honra á Pátria no Passado: sobre o tumulo dos heróes; glorifica-a no Presente: com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o Futuro: com a dedicação, que é a Força da Fé.

4 — Instrue-te, para que possas andar por teu passo na vida e transmite aos teus filhos a instrução, que é dote que se não gasta, direito que se não perde, liberdade que se não limita.

5 — Pugna pelos direitos que contere a Lei, respeitando-a em todos os seus principios, porque da obediencia que se lhe presta resulta a Ordem, que é a Força suave que mantem os homens em harmonia.

6 — Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem disciplina não pôde haver equilibrio. Quando sentires o tentador refugia-te no trabalho, como quem se defende do demonio na fortaleza do altar.

7 — Previne-te na mocidade, economizando para a velhice que assim prepararás de dia a lampada que te ha de allumiar á noite.

8 — Acolhe o hospede com agasalho, offerecendo-lhe a terra, a agua e o fogo, sempre, porém, como senhor da casa: nem com arrogancia que o affronte, nem submissão que te humilhe, mas serenamente sobranceiro.

9 — Ouve aos teus, que têm interesse no que lhes é proprio, reservando-te com os de fóra. Quem sussurra segredos é porque não pôde falar alto, e as palavras cochichadas na treva são sempre rebuços de idéas que se não ousam manifestar ao sol.

10 — Ama a terra em que nasceste e á qual reverterás na morte. O que por ella fizeres por ti mesmo farás que és terra e a tua memoria viverá na gratidão dos que te succederem.

Estes dez mandamentos encerram-se em dous: Amar a Pátria sobre todas as cousas e aos que conosco trabalham para engrandecel-a. — СОЕЛННО НЕТТО.

SOCIEDADE



Dona Cléo de Carvalho Leite Bastos

Fonte: Hemeroteca Digital/ FBN

Nesses ensinamentos, Coelho Netto aborda temáticas acerca de: honra a Deus; honra à pátria; instrução; obediência; economia; caridade e solidariedade; manutenção de segredos, pois quem sussurra é porque não pode falar alto porque as palavras cochichadas na treva são sempre rebuços de ideias que não se ousam manifestar ao sol; amor à terra e à bandeira, desejando que os patrícios considerassem a bandeira como a imagem viva da pátria, prestando-lhe o culto do teu amor e servindo-a com todas as forças do teu coração, que, por sua vez, são temas também tratados, como já vimos, em alguns dos discursos dirigidos à mocidade, como também já debatidos na Câmara dos Deputados.

Com base no método indiciário, proposto por Ginzburg (1989), isto é, a percepção cuidadosa e minuciosa dos pequenos detalhes, permitindo encontrar informações significativas das fontes estudadas, que possibilita que o trabalho do historiador seja semelhante ao de um detetive, ou seja, de decifrar pistas, fez com que, através do estranhamento, não olhasse de maneira neutra para os mandamentos. Nesse sentido, não poderia deixar passar a fotografia de uma mulher, que, no meio dos "mandamentos

cívicos” de Coelho Netto, ganha um sentido. Dessa maneira, quem seria Dona Cléo de Carvalho Leite Bastos? Que tipo de mulher ela estaria representando? Qual a função dessa imagem em meio ao texto?

Desse modo, notemos as vestimentas de Dona Cléo: roupas finas, leves, o vestido parecendo ser de renda, com o cabelo arrumado, um relógio no pulso, além da sua postura, como se estivesse posando para a foto - diferentemente das poses constantes das fotos de mulheres da alta sociedade, que apareciam nos jornais cobertas por apetrechos, chapéus, roupas em tons escuros e pesados. Por isso, ela poderia estar representando a modernidade. Pelo fato de ser chamada de “Dona”, em vez de “Senhorita” ou “Senhorinha” significa que era casada. Sendo assim, pude entrever que Dona Cléo de Carvalho Leite Bastos era filha de Elysio de Carvalho⁶², e esposa de Pedro Leite Bastos, ambos ligados ao movimento anarquista.

Estaria a imagem dela servindo apenas de função estética à página: aquela que equilibra o texto, ou de função sugestiva: aquela que potencializa a livre interpretação ou alimenta a fantasia? Pensando na última função, me permitiria interpretar que Dona Cléo de Carvalho Leite Bastos estaria representando aquilo que deve ser combatido segundo os “mandamentos cívicos” de Coelho Netto, isto é, o anarquismo.

Porém, ao invés disso, poderia interpretar a fotografia de Dona Cléo servindo apenas como função estética, visto que, nessa edição, pude observar também que havia anúncios com propagandas de roupas para mulheres, significando que o retrato dela estaria servindo como exemplo de trajes e hábitos de uma mulher da alta sociedade para os demais leitores(as) daquele periódico. De acordo com Augusto (2013),

A imposição da moda da elite encanta população mais simples do Rio de Janeiro de 1900, pois as “mariposas de luxo”, como João do Rio (2012) denomina, anseiam pelo fruto da modernidade imposta pela remodelação da cidade, ao desejarem os produtos expostos nas belas vitrines das grandes magazines da Avenida Central e das casas tradicionais da Rua do Teatro e Ouvidor. (p. 7)

Além dos anúncios presentes nessa edição, publicou-se também uma campanha expressiva a favor da divulgação dos trabalhos feitos pela Liga da Defesa Nacional e outras Ligas em nome do recenseamento geral do Brasil. Este fato, segundo a edição, é consequência da queda do número de alistamento militar dos jovens. Dentre os poucos

⁶² Elysio de Carvalho, cujo pseudônimo foi Elysio de Carvalho (1880, AL – 1925, na Suíça) “foi ensaísta, poeta, crítico, tradutor, jornalista”. Ver: COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001.

que se alistaram, verificou-se que predominavam os jovens rústicos, vindos do interior ao invés da mocidade dos centros urbanos. Nesse sentido, tornou-se necessário um investimento em propagandas para incutir nos jovens a importância de se defender a nação através do sentimento, isto é, do amor à pátria, sendo este um dever cívico e moral de todos os cidadãos.

Nagle (1974) salienta que a surgimento da Primeira Grande Guerra forneceu elementos para que se estabelecessem as ideias nacionalistas, assim como também as primeiras estratégias de ação em nome delas. Dessa maneira, a Conferência de Bilac, promovida aos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo⁶³, resumiu o esforço para mostrar a grave situação moral, que, na visão dele, o Brasil enfrentava, com a “desgraça de caráter e morte moral”, em que os políticos nada faziam para mudar esta situação, deixando as classes populares na ignorância. Sendo assim, Bilac acreditava que o caminho para a salvação era através da lei de sorteio militar, que seria:

O triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria; é o asseio obrigatório, a higiene obrigatória, a regeneração muscular e física obrigatória. Essas são as linhas mestras do chamamento cívico-patriótico do poeta, que irão fornecer o arcabouço para a formação da Liga da Defesa Nacional, a mais ampla e influente organização nacionalista do período. (NAGLE, 1974, p. 45)

Fundada em 7 de setembro de 1916, por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon, a LDN incorporou o nome da mais importante publicação militar da época, *A Defesa Nacional*⁶⁴, que significou a marca registrada dos jovens militares que acreditavam na regeneração do Brasil através de um projeto de cunho militarista, pretendendo incutir o amor à pátria, os valores nacionais e a consciência do papel do “soldado-cidadão”⁶⁵ dentro de uma sociedade voltada para os princípios da defesa

⁶³ Essa conferência junto a outros discursos de Bilac resultou no livro *A Defesa Nacional (discursos)*, publicado em 1917.

⁶⁴ Segundo Nascimento (2010), *A Defesa Nacional* foi uma revista, lançada em 1913, com “publicação escrita e editorada por jovens militares inspirados pelos ensinamentos recebidos em estágios realizados na Alemanha. [...] esses militares foram enviados a partir de 1906 à Alemanha para estagiar nos corpos de tropa daquele país. A iniciativa não partiu do Ministério da Guerra e parece ter sido muito mais inspirada no temor despertado pelas ações do vizinho argentino. A partir de 1904, o exército argentino enviou militares periodicamente à Alemanha, a fim de entrar em contato com as modernas técnicas de guerra europeias. De fato, este país estava bastante adiantado na discussão de um aporte exterior para a modernização de suas forças” (p. 60).

⁶⁵ Nagle (1974) aponta duas postulações para a doutrinação do cidadão-soldado: “1. Todo cidadão de uma Pátria livre tem o dever de ser político; 2. Os militares (sendo) cidadãos, no pleno gozo de todos os direitos e prerrogativas garantidas aos civis, é claro, e evidente, inconcusso e incontestável que têm o dever iniludível de ser políticos” (p. 68).

nacional (NASCIMENTO, 2010).

Com o objetivo similar ao da Defesa Nacional, a LDN era assim integrada por elementos desses dois setores, restringindo inicialmente suas atividades ao nacionalismo e ao serviço militar: as conferências e os debates sobre o nacionalismo eram de responsabilidade dos civis, ao passo que aos oficiais (sobretudo do Exército) cabia a parte prática do serviço militar. Entretanto, a emergência das reivindicações e greves operárias no final da década de 1910 levou a Liga a dedicar-se às questões sociais. Compartilhando as posições das entidades patronais, a LDN manifestou-se contra as reivindicações do operariado.

Vale ressaltar que, na mesma edição em que os “mandamentos cívicos” escritos por Coelho Netto são publicados, estes são representados pelo chargista Storni⁶⁶ como “Crêdo”, como demonstrado na figura a seguir.

⁶⁶ Alfredo Storni (1881, RS – 1965, RJ) “começou sua carreira artística no semanário ilustrado *O Bisturi* (1899) e, mais tarde, fundou o periódico *O Gafanhoto*. Em 1906, ganhou espaço em *O Malho*. A fidelidade fisionômica de seu traço, modulado pela deformação caricatural, resultava em flagrantes psicológicos, instrumentos perfeitos da sátira política. Em fins de 1907, na série ‘Do Amazonas ao Prata’, nas páginas de *O Malho*, Storni passou em revista os governantes estaduais da época. Em 1909, deu início a seus trabalhos no *Filhote* (da mesma editora da *Careta*) em que, por se encontrar preso a contrato com *O Malho*, utilizava o pseudônimo de Bluff. Ilustrou a revista infantil *O Tico-Tico* em ‘As Aventuras de Zé Macaco’ (a popularidade dos personagens Zé Macaco, Faustina, Serrote e Baratinha se manteve por décadas!), que espelhavam, segundo o próprio Storni ‘a macaquice indígena aos modismos estrangeirados, ao esnobismo de certa casta social, ao desajustamento tão comum a nosso povo, na competição aos postos e classes de elite’. Em 1917, colaborou com Bastos Tigre na revista *D. Quixote*, ao lado de Julião Machado, K. Lixto, J. Carlos e Raul. Existem registros de caricaturas suas até 1945”. Disponível em: http://www.funag.gov.br/chdd/index.php?option=com_content&view=article&id=276&Itemid=108 [Consulta em 14 de novembro de 2016].

Figura 5 - O Malho, 1 de maio de 1920, ed. 920, p. 28

1º de Maio

A posse do novo Presidente de São Paulo

Devem tomar posse hoje dos cargos de presidente e vice-presidente do Estado de S. Paulo, respectivamente, os Srs. Dr. Washington Luis Pereira de Souza e o coronel Virgílio Rodrigues Alves.

Ao ascender ao mais alto posto da administração do Estado, para o qual soube acertadamente indicá-lo o Sr. Dr. Altino Arantes, de acordo com a unanimidade da opinião pública paulista, o Sr. Washington Luis, por suas qualidades pessoais de energia, de carácter e de talento, está destinado a continuar o período de progresso intenso, de probidade administrativa e de tolerância política do quadriennio que ora finda.

No governo do Sr. Altino Arantes houve dificuldades grandes a vencer, no tocante aos problemas da administração, dificuldades que se depararam a todos os governantes e em todos os paizes atingidos pelos efeitos da conflagração europeia; mas esses obstáculos foram afastados de prompto e logo em seguida se iniciou para São Paulo uma era de mais franca prosperidade e de serias iniciativas governamentais, como a grande operação sobre o café, suficiente por si só para distinguir e assignalar uma administração e que proporcionou não só ao Estado, mas á União, um lucro considerável de milhares de contos.

Naturalmente o governo do Sr. Altino

SOCIEDADE



Senhorinha Aida Grassia Sereno

Arantes teve também a sua opposição, inevitável nas democracias, em que todo o mundo tem opiniões políticas.

Não é, porém, esse pequeno numero de pessimistas que conseguirá encobrir aos olhos dos observadores attentos e impar-

ciais não só do Estado, mas do paiz inteiro, os resultados irrefragáveis da sua presidencia, que marcará uma época na vida do glorioso Estado, como dos mais efficientes e felizes governos estaduais da Republica.

Não cabe nesta ligeira nota enumerar todos os benefícios e progressos do seu fecundo periodo presidencial; mas basta uma rapida evocação do quanto se fez no curto espaço de quatro annos, relativamente ás fundações de institutos de toda a ordem, de ensino, tecnico-profissionais, commerciaes, industriaes, escolas publicas, hospitaes, a penitenciaria, obra grandiosa e modêar, basta isso tudo, além de um sem numero de inaugurações por terminarem, todas do interesse publico, para se ter uma idéa do que foi o seu governo como força creadora e realizadora de progresso do Estado.

Do mesmo modo o Sr. Washington Luis está talhado para realizações vastas e prometeu na sua plataforma politico-administrativa levar a cabo e a soluções satisfactorias um numero consideravel de problemas sérios de governo. E isto não lhe será difficil, pois que o Sr. Altino Arantes lhe entrega o Estado em magnificas condições de trabalho pacífico e de concordia politica, e, além disso, apto para continuar a sua febre de vida intensa e de progresso, graças ás excepcionaes prosperidades financeiras em que deixa São Paulo o feliz e brilhante quadriennio do Sr. Dr. Altino Arantes.

A RELIGIÃO DA PATRIA

Coelho Netto commoz um Crêdo, que está sendo distribuido pela Liga da Defesa Nacional.



COELHO NETTO — E agora, estrangeiro indesejavel, terás que te converter a este credo, se quizeres entrar no nosso paiz!

Fonte: Hemeroteca Digital/ FBN

Ao considerar que as imagens são cheias de intencionalidades, embutidas de interpretações, tive que investigar a matéria que se divide com a charge de Coelho Netto pregando um "Crêdo". Nela, observa-se o retrato de outra mulher, semelhante ao de Dona

Cléo, como vimos anteriormente, com o mesmo estilo de vestuário e cabelo, porém com cordão de pérolas, e representada por “Senhorinha”, indicando não ser casada.

Nela, também é anunciada a posse do novo presidente do estado de São Paulo, o Dr. Washington Luís⁶⁷ e seu vice, o Coronel Rodrigues Alves⁶⁸. No texto, retratam-se os feitos do antigo prefeito de São Paulo, o Sr. Altino Arantes⁶⁹, dizendo que dos quatro anos que se passaram, este teria se destacado por ter fundado e investido em institutos de toda ordem: ensino, técnico-profissionais, comerciais, hospitais, escolas públicas etc. Tudo isto em nome do progresso do Estado de São Paulo. É interessante notar que, nas páginas anteriores, há um artigo tratando que era preciso que o povo aprendesse a ler sem que “atoleimasse” com leituras de ataques ao governo. Enquanto a parte textual demonstra estar de acordo com esse preceito, mostrando os feitos do antigo governante e o que é esperado pelo atual governo que chegava ao poder, as charges demonstram uma sátira da vida cotidiana e política do Brasil, como por exemplo a charge da figura anterior.

Segundo Souza (2001), fazer a leitura de imagens requer uma “alfabetização do olhar”, isto é, compreender e interpretar a figura de uma forma crítica, que leve em consideração a interação entre o momento de produção da imagem e do conteúdo que

⁶⁷ Washington Luís Pereira de Sousa (1869, SP – 1957, SP) “foi advogado, historiador e político brasileiro. Foi prefeito de São Paulo (1914-1919), tendo enfrentado o inimigo mais mortal de sua gestão, a gripe espanhola, fazendo com que o esforço da Prefeitura fosse, principalmente, garantir o abastecimento de comida, regularizar o serviço de limpeza e o funcionamento dos cemitérios e sepultamentos durante a crise. Foi também presidente do estado de São Paulo (1920-1924), Senador da República (1925-1926) e o último presidente efetivo da República Velha”. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/presidencia/ex-presidentes/washington-luis> [Consulta em 27 de novembro de 2016].

⁶⁸ Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848, RJ — 1919, RJ) “foi advogado, político brasileiro, conselheiro do Império, presidente da província de São Paulo, presidente do estado de São Paulo e presidente do Brasil”. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/presidencia/ex-presidentes/rodrigues-alves> [Consulta em 27 de novembro de 2016].

⁶⁹ Altino Arantes (1876, SP- 1965, SP) “foi advogado, político. Elegeu-se deputado federal pelo Partido Republicano Paulista (PRP) para as legislaturas de 1906-1908 e 1909-1911. Em 1911, renunciou seu mandato para assumir a Secretaria de Negócios Interiores de São Paulo. Permaneceu no cargo durante o governo de Rodrigues Alves (1912-1915), sendo também secretário interino da Fazenda e da Agricultura. Candidatou-se à vice-presidência do estado na chapa encabeçada por João Álvares Rubião Junior. Com o falecimento deste durante a campanha, substituiu-o como candidato a presidente. Eleito, em 1916, governador de São Paulo, onde permaneceu até 1920, tendo enfrentado, portanto o difícil período das greves operárias de 1917 a 1919, contra as quais agiu com severas medidas repressivas. Após deixar o governo paulista em 1920, retornou à Câmara Federal em 1921. Ali permaneceu como deputado até a Revolução de 1930. Foi casado com Maria Teodora de Andrade Junqueira, com quem teve dois filhos, e posteriormente com Gabriela Junqueira, com quem teve uma filha”. (*Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001). Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/altino_arantes [Consulta em 16 de novembro de 2016].

encontraremos nela. Com isso, não basta só o olhar, mas sim considerar todo o processo do desenho e seu significado. É preciso a desconstrução delas, tomadas como texto complementar não escrito, isto é, “enquanto receptor da imagem, o leitor, não pode desconsiderar os mecanismos implicados em sua recepção” (ibidem, p. 78). Logo, devemos considerar como um texto não verbal significativo a charge ilustrada anteriormente, visto que “a imagem também se constitui em uma interpretação do mundo” (idem, p. 78).

Badanelli (2003), ao propor um método de leitura e interpretação de imagens, sugere que pensemos no número de partes, de formas elementares que o observador possa perceber, e também no número e na precisão dos detalhes próprios das partes assim distinguidas. Para tal, é necessário examinar os elementos da imagem através da análise formal, aquela que investiga a cor, forma, linha, ponto etc., e da análise da trama, aquela que representa a interpretação das figuras central e secundárias, da relação dos elementos contidos na imagem, o vestuário, o cenário, a composição do tema. Partindo dessa premissa, ao observar a charge, pude destacar alguns elementos contidos nela: o Coelho Netto, o cenário, o outro personagem contido na charge, e os textos que acompanham a ilustração.

Observando a figura de Coelho Netto, enfatizo as vestes semelhante a de um padre. A batina preta, que, no padre, significa morte para o mundo (luto), e o colarinho branco, significando a pureza, em Coelho Netto irá significar a retidão de costumes, assim como para o padre. A faixa na cintura, conhecida como cingulo, que no padre representa o seu voto de castidade, a escolha que ele fez de resistir às tentações carnis e o símbolo da luta contra as “paixões desregradas” do mundo, na charge, irá representar o voto que Coelho Netto fez à Liga, indicando servidão. Na mão de Coelho Netto, carregando o “Crêdo”, no lugar do crucifixo, símbolo do catolicismo, significaria o fato de servir a alguma coisa, a Deus ou a um ideal.

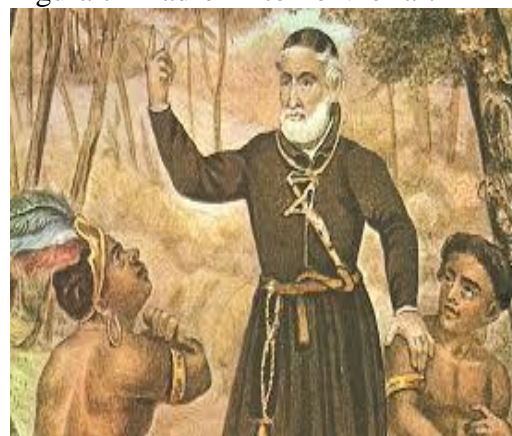
A charge me possibilitou imaginar que a articulação gestual do braço de Coelho Netto, levantando os mandamentos cívicos, seria semelhante ao gesto que fazia ao discursar⁷⁰. Além disso, a imagem representada por Coelho Netto me remeteu a figura de dois padres: Padre José de Anchieta, e Padre Antonio Vieira, ambos representados nas figuras a seguir:

⁷⁰ Ver Figura 1, página 22.

Figura 6 - Padre José Anchieta 71



Figura 7 - Padre Antonio Vieira 72



É interessante notar que, na figura 6, o Padre José Anchieta assemelha-se à charge de Storni ao observarmos a mão dele com o crucifixo, pregando o evangelho contra uma jaguatirica, isto é, um selvagem. No caso de Coelho Netto, o escritor estaria pregando o seu “Crêdo” ao estrangeiro, tentando convertê-lo à religião da pátria, o nacionalismo. Já a imagem do Padre Antonio Vieira, que se destacou pela sua oratória e pela pregação de sermões, aproxima-se da figura de Coelho Netto ao observarmos a mão esquerda do padre em cima do ombro do índio, significando que desejava a sua libertação. Para o padre, a palavra de Deus era como uma semente, que deveria ser semeada pelo pregador, se a palavra de Deus não dá frutos no plano terreno, a culpa é única e exclusivamente dos

⁷¹ Obra “Evangelho nas selvas” (1893) pintada por Benedito Calixto, representando o padre José Anchieta, que foi o principal autor jesuíta do Quinhentismo, teatrólogo, poeta e gramático. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_de_Anchieta#/media/File:Benedito_Calixto_-_Evangelho_nas_Selvas,_1893_\(ost,_58,5_x_70_cm_-_Padre_Anchieta\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_de_Anchieta#/media/File:Benedito_Calixto_-_Evangelho_nas_Selvas,_1893_(ost,_58,5_x_70_cm_-_Padre_Anchieta).jpg) [Consulta em 16 de novembro de 2016].

⁷² Disponível em: <http://historiahoje.com/wp-content/uploads/2015/05/vieira2.jpg> [Consulta em 16 de novembro de 2016].

pregadores que não cumprem direito a sua função⁷³. Sendo assim, a mão do Coelho Netto em cima de um monte, representado pela charge como sendo o Brasil, poderia estar significando o que desejava para a sua terra: a libertação do Brasil contra tudo que representava o estrangeiro.

Temos também outro personagem presente na charge, representado por um homem, rude, com feições brutas, com roupa tipicamente italianas, como a boina, a blusa quadriculada, carregando duas malas, demonstrando ser um estrangeiro, um viajante, ou um imigrante. De acordo com Nagle (1974), a pregação contra o estrangeiro foi outro ponto básico do programa nacionalista, que, em geral, tomou feições caracteristicamente antilusitanas.

Reparemos agora na bolsa desse sujeito, escrito “bolshevismo”, associando o estrangeiro a uma corrente revolucionária consequente do pensamento político no movimento operário internacional, que surgiu no princípio do século XX, na Rússia, e se modelou em um partido proletário de novo tipo, o Partido “Bolchevique”, fundado por Lenin. A imagem vem acompanhada da legenda, escrita por Coelho Netto, dizendo: “e agora estrangeiro indesejável, terás que te converter a este credo, se quiseres entrar no nosso país”, indicando um estado de condição para aceitar a entrada de um estrangeiro no Brasil. Nagle (1974) aponta que o movimento anarquista no Brasil se desenvolveu nas praças públicas e nas organizações de classe, dirigido sobretudo por líderes estrangeiros, principalmente italianos e espanhóis. Foram eles que difundiram as ideias e as regras de ação social do anarco-sindicalismo, por isso, a aversão ao estrangeiro significava a importância de combater o anarquismo.

O autor acrescenta que dentre as medidas do poder público de combate ao socialismo, principalmente ao anarquismo e ao comunismo⁷⁴ – conceitos ainda confusos na época, onde eram considerados integrantes desses ideários qualquer pessoa que, de alguma maneira, perturbasse a “tranquilidade da ordem pública (de determinados públicos)” (idem, p. 40), e no qual era estabelecida também a relação entre anarquistas e estrangeiros –, estavam: coibir atividades destes grupos, cercear a atividade do estrangeiro e limitar a infiltração desses ideários no país. Para tal, foram criados decretos,

⁷³ Disponível em: <http://univesptv.cmais.com.br/historia-do-brasil/padre-antonio-vieira-e-a-educacao-jesuistica> [Consulta em 16 de novembro de 2016].

⁷⁴ A fundação do Partido Comunista Brasileiro foi “precedida por vários acontecimentos, dentre os quais puderam ser observados a existência de diversos trabalhos sobre revolução russa e de divulgação do ‘bolchevismo’, bem como a existência também de diversos núcleos e sociedades simpatizantes das ideias comunistas. Sendo assim, o partido ‘estruturou-se em 1922, resultante de uma cisão na agremiação anarquista, em 1921’” (NAGLE, 1974, p. 39).

dentre eles o Decreto nº 4.247, de janeiro de 1921, onde estabeleceu normas reguladoras da entrada de estrangeiros no território nacional e definiu normas para os casos de expulsão; e, o Decreto nº 4.269, de janeiro de 1921, que regulou a repressão ao anarquismo e indicou as penas que estavam sujeitos aqueles que praticassem atos “com o fim de subverter a atual organização social”. (NAGLE, 1974)

Reparei também que o cenário representado pela charge indica que o estrangeiro está vindo do mar, demonstrando ser o meio mais utilizado na época, tanto para se conquistar um território, quanto para se entrar em um país, sendo assim, importante resguardá-lo. Portanto, para combater a entrada de um “estrangeiro indesejável” deveria unificar forças e proteger o litoral. Como o Rio de Janeiro era, na época, a capital do Brasil, que, por sua vez, era rodeado de morros e montanhas, a única entrada para tal, era através da Baía de Guanabara. Com isso, o monte na charge estaria representando o Brasil como um todo.

Todas essas questões representadas na charge, de forma sarcástica pelo chargista Storni, aludiam à propaganda contra o anarquismo. Nagle (1974) aponta que fora “estabelecida as duas coordenadas básicas do movimento – o serviço militar, para fazer frente ao perigo externo, e a instrução, para combater o perigo interno” (p. 46), dessa maneira, a pregação nacionalista centralizou-se na formação da consciência nacional. Sobre a questão nacionalista, Olavo Bilac discursou em nome da LDN, defendendo que para que houvesse pátria, antes de tudo era necessário disciplinar e formar:

Para que haja patria, é necessário que haja consciência, chesão e disciplina. Mas para que isto exista, é necessario que haja instrucción, intensa e extensamente disseminada, fácil e gratuitamente distribuída, constante e sabiamente dirigida. Não trato de instrucción secundaria e superior. Trato apenas da instrucción elemental, d'aquella que se deve dar a todos os homens do povo, com a hygiene no corpo e da alma, e com capacidade para trabalhar e viver, se não com fartura, ao menos com o necessario e a dignidade. Com a hygiene do corpo e da alma, a instrucción primaria, cívica e militar; com a capacidade para o trabalho, a instrucción profissional. É necessario, enfim, para que haja patria, que haja cidadãos. (BILAC, 1917, p. 135)

Nessa perspectiva, também em nome da Liga da Defesa Nacional, Coelho Netto publicou o livro *Breviário Cívico* (1921), editado pela *O Norte*, com distribuição gratuita o que garantiu uma maior circulação do mesmo. O livro foi dedicado pelo autor aos filhos: “A Emmanuel, Georges, Paulo e João”. O prefácio também marca a intenção do escritor: “Meus filhos, achareis, condensada nos breves capítulos deste livrinho, toda a doutrina com que vos preparei o coração para o culto da virtude e para o amor da Patria”

(COELHO NETTO, 1921, prefácio).

Pelos assuntos abordados, percebi que *Breviário Cívico* era uma compilação, com uma linguagem diferente e menos densa, dos “mandamentos cívicos”, publicados anteriormente n’*O Malho*. Com isso, podemos identificar que a partir de *Breviário Cívico*, assim como *Alma*, pensados primeiramente na educação de seus próprios filhos, Coelho Netto poderia transmitir exemplos para os demais pais e para a sociedade.

Visto que dentre os objetivos defendidos pela LDN estavam: difundir a instituição militar, desenvolver o civismo, o culto ao heroísmo, ativar o estudo de História do Brasil e das tradições brasileiras, promover o ensino da língua pátria, combater o analfabetismo, pude perceber que a atuação de Coelho Netto na Liga da Defesa Nacional foi uma estratégia adotada por este mestre para continuar fazendo política, já que fora impedido de se reeleger como Deputado Federal do Maranhão. Assim, o autor pode defender a causa da educação e seus discursos a respeito da necessidade de fazer do Brasil uma nação civilizada. Para isso, propunha, então, a criação de símbolos nacionais que representassem a defesa de valores ligados à disciplina e à eugenia, o que aprofundarei a seguir.

Ao adentrar outro espaço – a imprensa – percebi que essas temáticas se repetiram em suas crônicas, mostrando-se também um assíduo homem de letras que colaborava em periódicos, nacionais e internacionais, da época.

2 UM CRONISTA ENTRE O DESERTO E A FLORESTA

Há semanas que são, para o cronista, verdadeiros desertos, sem oasis onde a penna, ainda a mais afuroada, encontre assumpto. O remédio, em tal esterilidade, é recorrer o peregrino às reservas da memória, que é o farnel com que se viaja, ou às eternas miragens da fantasia que, como o canto, são meios de estimular o corpo fatigado e de alimentar o espirito com o manná da ilusão. Outras semanas ha tão exuberantes como as florestas grandiosas que frondejam no Ramayana. Não sei, em verdade, o que é mais difficil: se achar no deserto, se escolher na floresta.

Coelho Netto, 1924, p.359

No fragmento anterior, retirado da crônica “Registro”, primeiramente publicado no *Jornal A Noite*⁷⁵, em 9 de agosto de 1923, e sendo depois publicado no livro *Às quintas* (1924), Coelho Netto discorreu sobre os impasses enfrentados pelo cronista de sua época. Enquanto havia dias em que o cronista não encontrava nada sobre o que escrever, assemelhando-se a um deserto, sem planta, árvores, e vida, contrapunha os dias em que se tinham assuntos demasiados, semelhante a uma floresta exuberante, com árvores, flores e frutos, em que o escritor teria que escolher o que privilegiaria nas páginas dos jornais. De acordo com Chalhoub, Neves e Pereira (2005), cabia ao cronista:

⁷⁵ “O jornal carioca diário e vespertino *A Noite*, foi fundado por Irineu Marinho, em 18 de junho de 1911, e extinto em 27 de dezembro de 1957. A primeira fase do jornal foi demarcada entre 1911 a 1925, que em virtude de desentendimentos com a direção da *Gazeta de Notícias*, da qual era secretário-geral, Irineu Marinho decidiu abandonar seu cargo e, juntamente com mais 13 companheiros, fundaram o novo jornal. Sendo assim, *A Noite*, como foi chamado o novo periódico, definiu desde o início uma linha política oposicionista, declarando-se um crítico severo do recém-constituído governo do marechal Hermes da Fonseca (1910-1914). Sua posição era de apoio ao grupo civilista derrotado, que havia encampado a candidatura de Rui Barbosa à presidência da República. Apontando as falhas do governo e denunciando o autoritarismo do presidente, o jornal combatia sobretudo a política de “salvações” de Hermes da Fonseca, que promovia a substituição forçada dos grupos oligárquicos no poder. Essa postura custou, aliás, a *A Noite* uma suspensão e a prisão de seus diretores. O contato com a repressão não mudou, entretanto, a linha do jornal, que, ao longo de quase todo o período em que esteve ligado a Irineu Marinho, se distinguiria como órgão de oposição”. (FERREIRA, 2015a). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NOITE,%20A.pdf> [Consulta em 9 de maio de 2017].

A responsabilidade de buscar, dentre os acontecimentos sociais de maior relevo e divulgação, capazes de formar entre escritor e público códigos compartilhados que viabilizassem a comunicação, temas que lhe permitissem discutir as questões de seu interesse. (p. 11)

Sendo assim, Coelho Netto, encontrava-se em uma encruzilhada, não sabendo o que era mais difícil: “se achar no deserto” ou “se escolher na floresta”. Dentre os dois casos deparados pela sua função de cronista, Coelho Netto acreditava ser o segundo o pior momento, pois achava injusto dar preferência a uns temas em detrimento de outros, que acreditava serem tão importante quanto. Como solução, o escritor disse que faria como os viajantes, que “percorrendo terras longas”, traziam, de cada qual, uma lembrança pequenina. E foi o que Coelho Netto fez, se não em todas as suas crônicas, pelo menos na maioria delas: escrevia e sabia de tudo um pouco, como pretendo mostrar nesse capítulo.

2.1 Pseudônimos de um homem de letras

Muitos foram os periódicos em que Coelho Netto colaborou, totalizando um número de cinquenta e sete deles, como elencado em uma das biografias escritas por Paulo Coelho Netto (1972). Dentre esses periódicos, destaco: *Jornal do Commercio* – onde teria marcado a sua estreia em “letra de fôrma” na seção paga deste jornal, a 17 de dezembro de 1881, com uma poesia intitulada “No deserto”, com apenas dezessete anos – ; *Gazeta da Tarde* – onde iniciou sua carreira jornalística, sob a direção de José do Patrocínio –; *O Meio* (1889) – Revista social, política, literária e artística que fundou em parceria com Paula Ney e Pardal Mallet –; *A Política* (1918) – Revista combativa e ilustrada, que também ajudara a fundar –; assim como *Atlética* (1920) – Revista literária, artística e esportiva –; *A República*; *Revista Ilustrada*; *Kosmos*; *Diario de Noticias*; *Ilustração Brasileira*; *Atlética*; *Vida Domestica*; *O Paiz*; *A Noticia*; *O Imparcial*; *Gazeta de Noticias*; *Correio da Manhã*; *A Noite*; *Jornal do Brasil*; dentre outros, no Rio de Janeiro; *A Bruxa*; *A cigarra*; *Diario Popular*; *A Gazeta*; *Correio Paulistano*; *Revista de Ciência, Letras e Artes*; dentre outros, em São Paulo; *Pacotilha*; no Maranhão; dentre outros periódicos em Pernambuco, no Rio Grande do Sul, na Argentina e em Portugal.

Em alguns deles, lançou mão de pseudônimos, que, para além da inspiração, era

um recurso muito comum por escritores que, desse modo, podiam publicar livremente, testar e desenvolver estilos e receber críticas, sem que fossem claramente identificados. Às vezes, criticava-se o próprio companheiro de copos na boêmia, sem saber exatamente de quem se tratava. Com os pseudônimos, também se podia mostrar, sem medo, ideias incendiárias ou escandalosas. Foi assim com José do Patrocínio, de quem vários textos foram publicados como Zé do Pato ou Prudhone; com Artur Azevedo, o Juvenal ou Petrônio em boa parte das produções; e com Coelho Netto, que adotou nomes de personagens shakespearianos (ORMANEZE, s/d), como: Puck, Ariel e Caliban.

Além dos pseudônimos já citados anteriormente, Coelho Netto adotou também: Amador Santelmo, Alcide, Blanco Canabarro, C., C.N., Domonac, g., Henri Lesongeur, Victor Leal, N., e o mais famoso dentre eles, Anselmo Ribas. Alguns deles, pude organizá-los no quadro a seguir, indicando, assim, os jornais nos quais o autor os teria utilizado.

Quadro 5 - Mapeamento dos pseudônimos de Coelho Netto nos jornais brasileiros

Pseudônimo	Jornal	Livro	Temática
Puck	<i>Cidade do Rio</i> (Coluna: “Lazer”, em 1888).	---	Pregação abolicionista e republicana junto ao combate ao suposto atraso e ignorância do público distante das Letras e das artes.
Ariel	<i>Cidade do Rio</i> (Série: “Do Azul”)	---	Temas sobre artes.
Caliban	<i>Cidade do Rio</i> (Série: “Da Sombra”).	<i>Album de Caliban</i> (1897) – contos.	Temas cotidianos, relacionados ao atraso e a barbárie que o autor via na realidade nacional, como por exemplo, o lado ruim do fim da escravidão.
Charles Rouget	Folhetim “Os narcotizadores – história verídica de um bando de ciganos”.	---	---
Vítor Leal (Pseudônimo coletivo)	Folhetim <i>Paula Matos</i> ou <i>O Monte de Socorro</i> (1891)	---	A história narrada fala sobre o protagonista que enfrenta a dupla missão de encontrar um tesouro perdido e salvar a donzela.
Henri Lesongeur	<i>Gazeta de Noticias</i> (Folhetim “O Rajah do Pendjab”, em 1896 -1897).	<i>O Rajá do Pendjab</i> (1898) – romance.	Romance histórico sobre Brasil colônia, literatura, arte, literatura estrangeira e literatura portuguesa.
N.	<i>Diário de Notícias</i> (Série: “A Fumar”, em 1888), <i>O Paiz</i> (Coluna: “Bilhetes	<i>Bilhetes Postais</i> (1894) – crônicas, <i>Por montes e vales</i> –	Temas leves, em formato de bilhetes, que o personagem: N. respondia aos seus pseudo-leitores.

Quadro 5 - Mapeamento dos pseudônimos de Coelho Netto nos jornais brasileiros

Pseudônimo	Jornal	Livro	Temática
	Postais”, em 1892-1893), <i>Gazeta de Notícias</i> (Coluna: “Fagulhas”, em 1897-1899).	<i>impressões de Ouro Preto</i> (1899).	
Anselmo Ribas	<i>O Paiz, A Noticia, Gazeta de Notícias</i> (Pseudônimo utilizado com maior intensidade na década de 1890).	<i>A Capital Federal</i> (1893), <i>Miragem</i> (1895), <i>O rei fantasma</i> (1895), <i>A Conquista</i> (1899), <i>Fogo Fátuo</i> (1928) – romances.	Através do personagem-narrador Anselmo Ribas, Coelho Netto caracterizava a cidade do Rio de Janeiro a seu modo.
Coelho Netto	<i>A Noite</i> (1917-1927), <i>Jornal do Brasil</i> (década de 1920, 1930-1933), dentre outros.	<i>Às Quintas</i> (1924), <i>O Meu Dia</i> (1922).	Diversos assuntos sobre a cidade do Rio de Janeiro, política, artes, educação, esportes, teatros, sujeitos, costumes, moda, etc.

Pude observar, por meio do quadro anterior, que Coelho Netto utilizou alguns pseudônimos em folhetim, como em Charles Rouget, Henri Lesongeur e Vítor Leal. De acordo com Mendes e Silva (2011), o romance-folhetim surgiu na França, na primeira metade do século XIX, e só chegou ao Brasil no final do mesmo século, carregado de características formais inovadoras que tornaram seu enredo melodramático, divertido e atraente. Os autores acrescentam que mais do que um gênero, o folhetim deveria ser pensado como um lugar de inovação e experimentação da imprensa diária.

Dessa maneira, o folhetim deixa de ser apenas um local nas páginas dos jornais e passa a designar uma forma específica de literatura, da qual Coelho Netto teve a possibilidade de fazer parte. O lugar de publicação dá o nome ao gênero que o ocupa: o romance-folhetim. Entretanto, devido à sua falta de prestígio entre as camadas letradas, alguns escritores usavam pseudônimos para preservar suas imagens de escritores “sérios”, podendo assim, preservar seu estilo e leitores cultos, e ao mesmo tempo cultivar outro público leitor mais popular, com uma prática mais rentável de escrita. Um exemplo dessa prática pode ser visto no folhetim *Paula Matos ou O Monte de Socorro*, de Vítor Leal⁷⁶, pseudônimo que reunia um grupo de escritores praticantes de outros estilos e gêneros: o

⁷⁶ Antes dos quatro escritores utilizarem Vítor Leal no folhetim *Paula Matos*, o pseudônimo fora utilizado por Bilac e Pardal Mallet, em *O Esqueleto* (1890) e por Aluísio Azevedo, em *A Mortalha de Alzira* (1891). (MENDES e SILVA, 2011)

romancista naturalista Aluísio Azevedo⁷⁷; o poeta parnasiano Olavo Bilac; o romancista Coelho Neto; e o jornalista e romancista Pardal Mallet⁷⁸. (MENDES e SILVA, 2011)

É interessante notar que os pseudônimos utilizados por Coelho Netto tiveram grande intensidade até 1900, quando, por vezes, escreviam-se em um mesmo jornal, com vários pseudônimos e, em um mesmo período, em diversos jornais da época. Pude aferir também que, após essa época, Coelho Netto preferira dar notabilidade à sua própria identidade, enquanto homem de letras, como o fez nos jornais *A Noite* e no *Jornal do Brasil*, que veremos mais adiante. Nesse sentido, Pereira (2005), revela que a produção cronística de Coelho Netto passou por três momentos de sua atividade. No primeiro deles, podemos situar o escritor em sua estreia no gênero, ainda na década de 1880, que, de acordo com o quadro anterior, pode ser observado através dos seus primeiros pseudônimos: Puck, Ariel e Caliban.

Com o alônimo⁷⁹ Puck, Coelho Netto tratava de assuntos para se combater a ignorância do povo, mostrando-se necessário “aliar a pregação abolicionista e republicana ao enfrentamento de outro inimigo, ainda mais nefasto: o suposto atraso e ignorância do público distante das Letras e das Artes” (PEREIRA, 2005, p. 207). Ao despedir-se de Puck, o escritor deu formato a mais dois pseudônimos, que seriam publicados ao mesmo tempo. Enquanto que o alônimo Ariel seria para discutir sobre os temas relacionados as artes na série “Do Azul”, Caliban ficaria responsável pela série “Da Sombra”, onde escreveria temas mais cotidianos, relacionados ao atraso e à barbárie que o autor percebia

⁷⁷ Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857, MA – 1913, Argentina) “foi caricaturista, jornalista, romancista e diplomata. Era irmão mais moço de Artur Azevedo. Escreveu, em 1879, o romance *Uma lágrima de mulher*. Colaborou também para o jornal anticlerical *O Pensador*, que defendia a abolição da escravatura. Em 1881, lança *O mulato*, romance que causou escândalo entre a sociedade maranhense pela crua linguagem naturalista e pelo assunto tratado: o preconceito racial. Escreveu, também, *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890), além de romances, contos, crônicas, peças de teatro em colaboração com Artur de Azevedo e Emílio Rouède. Em 1895, ingressou na diplomacia, momento em que praticamente cessa sua atividade literária. Faleceu aos 56 anos de idade, em Buenos Aires, e seis anos depois, por uma iniciativa de Coelho Neto, a urna funerária de Aluísio Azevedo chegou a São Luís, onde o escritor foi sepultado”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/aluísio-azevedo/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

⁷⁸ João Carlos de Medeiros Pardal Mallet (1864, RS – 1894, MG) “foi jornalista e romancista. Membro da ABL, patrono da cadeira nº 30. Concluiu o curso de Direito, em Recife, graças à intervenção de Joaquim Nabuco, pois na colação de grau disse que não se sujeitaria às palavras que garantiam o respeito ao regime monárquico. Colaborou para a *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias*, *Diário de Notícias*, escrevendo muitas vezes sob pseudônimos: Armand de Saint Victor, Vítor Leal e Souvarine. Secretariou a *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio. Rompendo com o grande abolicionista, que era antirrepublicano, fundou o jornal *A Rua*, dirigindo-o ao lado de Luís Murat, Olavo Bilac e Raul Pompeia. Com Paula Ney, a princípio, e depois com Coelho Neto, Pardal Mallet teve grande êxito no panfleto *O Meio*. Fundou o jornal *O Combate*, em 1892”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/pardal-mallet/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

⁷⁹ Autor que usa nome diferente do seu.

na realidade nacional. Nesse sentido, essas duas séries possibilitariam ao cronista tratar, por exemplo, do fim da escravidão, onde Ariel abordaria a parte otimista e alegre a respeito desse tema, e Caliban mostraria o lado ruim do fim da escravatura, em que tratava de denunciar o “terror e a desumanidade do cativo para aqueles a ele submetidos” (idem, p. 210). Sendo assim, após a abolição da escravidão, a série “Do Azul”, desapareceria das páginas do jornal, dando progressiva opção à Caliban, num momento em que a luta abolicionista ganhava uma intensidade inusitada, utilizando, assim, uma linguagem mais direta com a intenção de aproximar-se mais do público para o qual escrevia (PEREIRA, 2005). Vale ressaltar que as crônicas, segundo Chalhoub, Neves e Pereira (2005) caracterizavam-se por sua leveza, surgidas ao acaso, da espontaneidade de uma conversa, tratando de temas diversos, que faziam dos pequenos acontecimentos sua matéria-prima privilegiada. Tais textos eram efêmeros e passageiros, presos aos assuntos do dia.

Nesse sentido, homens de letras, como Coelho Netto, que frequentavam assiduamente a chamada “boemia literária” carioca, onde se reuniam em cafés e confeitarias da rua do Ouvidor literatos como: Pardal Mallet, Olavo Bilac, Raul Pompéia⁸⁰, Guimarães Passos⁸¹, Alcindo Guanabara⁸² – que eram quase todos da mesma

⁸⁰ Raul de Ávila Pompeia (1863, RJ – 1895, RJ) “foi membro da ABL, patrono da cadeira nº 33, foi desenhista, caricaturista, jornalista. Em 1879, transferiu-se para o Colégio Pedro II, para fazer os preparatórios, e onde se projetou como orador e publicou o seu primeiro livro, *Uma tragédia no Amazonas* (1880). Em 1881, começou o curso de Direito, em São Paulo, porém, o concluiu em Recife, sem atuar na advocacia. Engajou-se nas campanhas abolicionista e republicana, tanto nas atividades acadêmicas como na imprensa. Escreveu em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, frequentemente sob o pseudônimo Rapp. Em São Paulo publicou, no *Jornal do Comércio*, as *Canções sem metro*, poemas em prosa, parte das quais foi reunida em volume, de edição póstuma. Também publicou, em folhetins da *Gazeta de Notícias*, a novela antimonárquica *As joias da Coroa*. De volta ao Rio de Janeiro em 1885, dedicou-se ao jornalismo, escrevendo crônicas, folhetins, artigos, contos e participando da vida boêmia das rodas intelectuais. Nos momentos de folga, escreveu *O Ateneu*. Decretada a Abolição, em que se empenhara, passou a dedicar-se à campanha favorável à implantação da República. Em 1889, colaborou em *A Rua*, de Pardal Mallet, e no *Jornal do Comércio*. Proclamada a República, foi nomeado professor de mitologia da Escola de Belas Artes e, logo a seguir, diretor da Biblioteca Nacional. No jornalismo, revelou-se um florianista exaltado, grande jacobino que era, em oposição a intelectuais do seu grupo, como Pardal Mallet e Olavo Bilac. Numa das discussões, surgiu um duelo entre Bilac e Pompeia. Combatia o cosmopolitismo, achando que o militarismo, encarnado por Floriano Peixoto, constituía a defesa da pátria em perigo. Referindo-se à luta entre portugueses e ingleses, desenhou uma de suas melhores charges: “O Brasil crucificado entre dois ladrões”. Com a morte de Floriano, em 1895, foi demitido da direção da Biblioteca Nacional, acusado de desacatar a pessoa do então Presidente da República, Prudente de Moraes no explosivo discurso pronunciado em seu enterro. Rompido com amigos, caluniado em artigo de Luís Murat, sentindo-se desdenhado por toda parte, inclusive dentro do jornal *A Notícia*, se suicidou”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/raul-pompeia/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

⁸¹ Guimarães Passos (1867, AL – 1909, Paris, França) “foi jornalista e poeta. Colaborou com a *Gazeta da Tarde*, a *Gazeta de Notícias*, *A Semana*, onde publicou crônicas e versos. Usou os pseudônimos: *Filadelfo*, *Gill*, *Floreal*, *Puff*, *Tim* e *Fortúnio*. Lutou contra Floriano Peixoto. Exilou-se em Buenos Aires durante 18 meses. Lá colaborou nos jornais *La Nación* e *La Prensa* e fez conferências sobre

idade, nascidos entre os anos de 1863 e 1865 –, e os veteranos formados por Luís Murat⁸³, Paula Ney⁸⁴, Aluísio Azevedo, Emílio Rouède⁸⁵ e Artur Azevedo (SILVA, 2002), que buscavam encontrar no jornal o que não encontrariam no livro: notoriedade, em primeiro lugar, e um pouco de dinheiro, se possível.

temas literários relacionados ao Brasil. Quando voltou ao Rio de Janeiro, encontrou a sua geração inteiramente transformada, pois alguns dos antigos companheiros estavam em postos bem remunerados, eram reconhecidos, enquanto ele permanecia como o último boêmio. Apesar de ter falecido em 1909, só em 1921, a ABL conseguiu fazer trasladar os seus restos mortais para o Brasil. Para aqui vieram acompanhados dos de Raimundo Correia, falecido em Paris em 1911”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/guimaraes-passos/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

⁸² Alcindo Guanabara (1865, RJ – 1918, RJ) “foi jornalista e político. Membro da ABL, fundou a cadeira nº 19, que tem como patrono Joaquim Caetano. Prestou exames no Pedro II e, em 1884, estava matriculado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1886, fundou seu primeiro jornal, a *Fanfarra*, órgão acadêmico, que dentre os colaboradores estava Olavo Bilac. Deixou o curso de Medicina no 3º ano. Aproximou-se, então, de José do Patrocínio, com uma apresentação de Marinho de Andrade, e foi admitido na *Gazeta da Tarde*. Logo depois, Patrocínio lhe confiava a crônica política, que ele assinava com o pseudônimo Aranha Minor. No mesmo ano, seu nome aparecia em vários jornais e revistas da cidade, assinando ora páginas de prosa, ora poesia e sonetos na *Semana* e na *Vida Moderna*. Fundou o jornal *Novidades* (1887). Estavam com ele Moreira Sampaio, Artur Azevedo e, pouco depois, Olavo Bilac. Publicava ali as suas “Teias de Aranha” (a seção assinada Aranha Minor, que trouxera da *Gazeta da Tarde*) e também as “Notas políticas”, assinadas Nestor, ambas cotidianas. Nesses artigos granjeou a admiração de quase todos os leitores, mas também provocou adversários, e entre estes contava-se então o próprio José do Patrocínio. Utilizou também os pseudônimos Marcelo, Diabo Coxo e Mefisto. Regressou ao Rio, e fundou a *Tribuna*, órgão de oposição a Prudente de Moraes. No período de Campos Sales (1899-1902), se tornou o grande jornalista da situação. Publicou o livro *A presidência de Campos Sales*. Fundou *A Nação*, onde desenvolveu a propaganda de um programa socialista. Colaborava em *O Dia*, onde publicava com o pseudônimo Pangloss. Foi nomeado redator-chefe de *O País*, e ali ficou até 1905. Na luta de Rui Barbosa contra Hermes da Fonseca, Alcindo Guanabara estava na *Imprensa* (jornal que ele fundou) fazendo a campanha do candidato de Pinheiro Machado. Foi eleito Senador representante do Estado do Rio em 1918, vindo a falecer logo depois de iniciar o período”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/alcindo-guanabara/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

⁸³ Luís Morton Barreto Murat (1861, RJ – 1929, RJ) “foi jornalista, poeta, filósofo e político. Após concluir os estudos básicos no Imperial Colégio de Pedro II, segue para São Paulo e matricula-se no Curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito, bacharelando-se em 17 de março de 1886. Publicou seu primeiro livro de poesias, *Quatro poemas*, em 1885. Fundou o jornal *Vida Moderna* (10 julho de 1886 a 25 junho de 1887) com Artur Azevedo, no qual colaboravam Araripe Júnior, Xisto Bahia, Coelho Neto, Alcindo Guanabara, Guimarães Passos, Raul Pompeia e outros. Depois colaborou na *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio, em *A Rua*, com Olavo Bilac e Raul Pompéia, e em outros jornais cariocas. Escrevia também sob o pseudônimo *Franklin*. Jornalista combativo, empenhou-se a fundo nas campanhas da Abolição e pelo advento da República. Em janeiro de 1890, publicou o poema dramático *A última noite de Tiradentes*, em folhetim, na *Gazeta de Notícias*. Nesse ano, foi eleito deputado pelo Estado do Rio e atravessou várias legislaturas. Foi secretário geral do governo fluminense e escrivão vitalício da provedoria da então Capital Federal. Insurgiu-se contra Floriano Peixoto, recebendo ordem de prisão, mas as imunidades parlamentares o salvaram. Foi, então, para o jornal *O Combate* e atacou violentamente o presidente. Na Revolta da Armada, em setembro de 1893, redigiu o jornal que publicou o manifesto do Almirante Custódio José de Melo. Esteve com os revoltosos na esquadra, mas deixou-se prender quando sentiu desvirtuado o intuito da revolução. Foi julgado e absolvido por unanimidade no Paraná. Seu artigo “Um louco no cemitério”, atacando frontalmente Raul Pompeia, por seu discurso no enterro de Floriano, foi a causa imediata do suicídio de Raul Pompéia, no dia de Natal de 1895. Membro da ABL, fundador da cadeira nº 1”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/luis-murat/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

⁸⁴ Francisco de Paula Ney (1858 — 1897, RJ) foi poeta e jornalista.

⁸⁵ Emílio Rouède (1848 – 1908) foi um francês que se fixou inicialmente no Rio de Janeiro, como pintor, jornalista, teatrólogo e escritor.

O segundo momento indicado por Pereira (2005) fora marcado pelas séries que Coelho Netto escreveu durante a década de 1890. Dentre elas, utilizando o pseudônimo N., publicada no jornal *O Paiz*⁸⁶. Com isso, abrigado sob o republicanismo do jornal em questão, Coelho Netto publicara crônicas leves e aparentemente distantes do universo da política, sob o título “Bilhetes postais”, temendo ser preso e perseguido pelo governo de Floriano Peixoto, assim como acontecera com seus amigos de letras, Olavo Bilac e Pardal Mallet. Afastado a partir desse momento das discussões propriamente políticas, Coelho Netto passava a dar forma a uma literatura que evitava o enfrentamento (PEREIRA, 2015). Distante de interesses políticos mais diretos, Coelho Netto seria assim definido por um cosmopolitismo literário acrítico, desinteressado da realidade social, “sendo sua produção literária apropriadamente definida como simples “sorriso da sociedade”” (SEVCENKO, 2006, p. 131 apud PEREIRA, 2015, p. 56).

Entretanto, a pesquisadora Ana Carolina Feracin da Silva (2002), que reuniu e analisou a série “Bilhetes postais”, demonstrou que, “para além das aparências, o autor fazia dela um meio de veicular críticas veladas aos rumos do regime pelo qual tanto lutara” (SILVA, 2002 apud PEREIRA, 2015, p.54). Por mais que adotasse um procedimento narrativo cuidadoso, expressando suas críticas alegoricamente de forma inofensiva no estilo de cartas endereçadas a seus “pseudoleitores”, mostrava não ter aberto mão do impulso de reflexão e intervenção sobre sua realidade. Vale ressaltar que, com a proclamação da República, *O Paiz* distinguiu-se como de maior influência na vida política brasileira, tornando-se um dos periódicos mais vendidos na capital federal. Dentre as temáticas mais tratadas de *O Paiz*, classificadas por Silva (2002), podemos encontrar: estética e moda; emancipação feminina; morte; espiritismo; literatura, literatos e crítica literária; intendência municipal; governo Floriano Peixoto; Câmara do Deputados; imprensa; os males da cidade (embriaguez, cólera, cortiços e casa de cômodo, crimes, mendicância, epidemias, etc); dentre outras.

Nessa perspectiva, em busca de crônicas escritas por Coelho Netto, em relação àquelas em que o autor tratou sobre educação, crianças ou escolas, objetivo maior desse capítulo, percebi que a única menção em relação a essa temática durante a série que publicava em *O Paiz*, fora em uma crônica, publicada em 3 de maio de 1893, classificada

⁸⁶ *O Paiz* foi “um jornal carioca diário fundado em 1º de outubro de 1884 por João José dos Reis Júnior. Tendo como primeiro redator-chefe Rui Barbosa, logo substituído por Quintino Bocaiúva. O jornal encerrou definitivamente suas atividades em 18 de novembro de 1934”. (LEAL, 2015, p.1). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PA%C3%8DS,%20O.pdf> [Consulta em 21 de maio de 2017].

por Silva (2002) como sendo uma temática sobre instrução pública, como pode ser observado na figura anterior. Nessa crônica, Coelho Netto narrou que, ao visitar uma escola na roça, dirigida por um professor, ao velho modelo, saiu do encontro convencido de que mais valia uma analogia sabiamente utilizada do que todo um curso de palavras técnicas, que atordoavam sem deixar proveito. A analogia a que Coelho Netto se referia fora utilizada na aula do professor em questão, em que este ensinava aos seus alunos o que era a forma republicana federal. O professor fizera uma analogia ao casamento, na qual a Constituição seria a mulher.

Figura 8 - Crônica da série “Bilhetes Postais”, retirada do jornal O Paiz, ed 04013, 9 de maio de 1893, p. 1



Fonte: Hemeroteca Digital/ FBN

É interessante notar também que, na série “Bilhetes Postais”, Coelho Netto

utilizou o pseudônimo “N.”, porém, ao publicá-la em livro, o autor assinou com o pseudônimo Anselmo Ribas, sem fazer menção alguma ao pseudônimo que adotara na série primeiramente divulgada. Portanto, ao observar o quadro 5, pude perceber também que, enquanto utilizou o pseudônimo Anselmo Ribas, Coelho Netto publicara nos jornais: *O Paiz*, onde publicou a coluna “A Capital Federal”, entre 1892 e 1893, transformando-a também em livro (romance) e onde também publicava a série “Bilhetes Postais”; *A Noticia*; e, *Gazeta de Noticias*⁸⁷.

A respeito do romance *A Capital Federal*, Pereira (2015) comenta que ainda que a essa altura já fosse de conhecimento do público ser ele o autor, fez questão de colocar o nome de seu personagem, Anselmo Ribas, na assinatura do livro, como também fizera em *Bilhetes Postais*, *Miragem* e outras obras escritas por Coelho Netto nessa época. Ao atribuir a Anselmo Ribas a autoria do volume, o romancista deliberadamente mantinha, no novo suporte, a perspectiva narrativa adotada enquanto publicada no periódico. Desse modo, mais uma vez contava aquela história a partir do olhar de seu personagem sertanejo, que se apresentava de forma diversa daquela do literato. Dizendo-se “incapaz da mais insignificante imagem poética” (COELHO NETTO, 1924, p. 36), Anselmo Ribas mostrava-se de fato bem diferente do autor que lhe dava vida. Através deste artifício, Coelho Netto adotava uma estratégia narrativa já utilizada por autores como Machado de Assis, que antes dele tratou de constituir elaborados personagens-narradores⁸⁸ para contar

⁸⁷ *Gazeta de Noticias* “foi um jornal carioca diário fundado, em 2 de agosto de 1875, por José Ferreira de Sousa Araújo. Introduziu uma série de inovações na imprensa brasileira, como o emprego do clichê, das caricaturas e da técnica de entrevistas, chegando a ser um dos principais jornais da capital federal durante a República Velha. Inicialmente, era dirigida por três diretores associados: além do fundador, chefiavam o jornal Henrique Chaves e Emanuel Carneiro. O objetivo do periódico no momento de sua fundação era lutar pela abolição da escravatura e pela proclamação da República. Para levar a efeito esse propósito, Ferreira de Araújo reuniu uma equipe que incluía figuras de destaque na vida pública da época, como Quintino Bocaiúva, Silva Jardim e José do Patrocínio. Este último manteria no jornal, entre 1877 e 1881, a coluna “Semana política”, além de publicar vários poemas dedicados à princesa Isabel. Por volta de 1890, o jornal transformou-se numa sociedade anônima, mantendo-se Ferreira de Araújo por algum tempo na direção. Pouco depois, entretanto, o fundador do jornal embarcou para a Europa, vindo nos adventos da abolição e da República a consolidação de suas principais aspirações. Por volta de 1890, a *Gazeta de Noticias* transformou-se numa sociedade anônima, mantendo-se Ferreira de Araújo por algum tempo na direção. Pouco depois, entretanto, o fundador do jornal embarcou para a Europa, vindo nos adventos da abolição e da República a consolidação de suas principais aspirações. Com o início da República Velha, o jornal passou a se identificar plenamente com a situação, funcionando nos primeiros tempos como órgão antimonarquista e depois como defensora das elites agrárias. Assim, já em 1891, defendendo o Governo Provisório de Deodoro da Fonseca, o jornal foi favorável a Rui Barbosa e à sua política do “encilhamento”. Pouco depois, identificou-se com a política autoritária de Floriano Peixoto, opondo-se à Revolução Federalista, na qual entrevia interesses da monarquia deposta”. (LEAL, 2015). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias> [Consulta em 21 de maio de 2017].

⁸⁸ É importante salientar que pseudônimo não é heterônimo. Este último se classifica por ser um nome imaginário que um criador identifica como o autor de obras suas e que, diferentemente do *pseudônimo*, designa alguém com qualidades e tendências marcadamente diferentes das desse criador. A exemplo de

suas histórias (CHALHOUB et al., 2003 apud PEREIRA, 2015, p. 57 e 58).

Sob o mesmo pseudônimo, escreveu no jornal *A Notícia*, onde o escritor publicava na coluna “Semanaes”, entre 1897 a 1898, onde depois continuou a escrever, porém, com novos títulos a cada crônica publicada. Percebi que, apesar de bastante usado na década de 1890, ao final do governo de Floriano Peixoto, não precisara mais esconder do público a verdadeira identidade de Anselmo Ribas. Ao folhear o jornal *A Notícia*, observei que o escritor ainda utilizava este pseudônimo em 1916, tratando de diversos temas, dos quais Coelho Netto, mais tarde, reuniria algumas das crônicas e as lançaria no livro *Versas* (1918).

Já o terceiro momento das atividades cronísticas de Coelho Netto, como apontado por Pereira (2005), foi marcado pela publicação das crônicas escritas no jornal *A Noite*, entre 1918 e 1927, demarcando sua atuação na primeira fase de atividade desse jornal, que foi de 1910 a 1925, como indicado por Ferreira (2015). Nesse momento, o periódico teria se aproximado das propostas levantadas pelos grupos urbanos e pelas oligarquias contrárias ao governo no poder, que em alguns momentos questionavam as regras do jogo político. Com isso, mantinha seu empenho em favor do candidato civilista Rui Barbosa na disputa eleitoral para a presidência contra Epitácio Pessoa, em 1919. Com a vitória desse último, o jornal continuou com a sua posição crítica frente à situação. Em 1921, ao se iniciar nova campanha sucessória, *A Noite* apoiou Nilo Peçanha⁸⁹, candidato da Reação Republicana, que já havia assumido a presidência, de 1909 a 1910, tendo sido oposição ao candidato Artur Bernardes⁹⁰. A vitória deste último colocou o jornal em posição incômoda, pois o governo desencadeou forte repressão às oposições. (FERREIRA, 2015a)

Dessa maneira, as crônicas escritas por Coelho Netto, publicadas todas as quintas-

Heterônimo ver: Fernanda Pessoa (ALBERTI, 2004). No caso de Coelho Netto, ao assinar suas obras por Anselmo Ribas, o escritor se manteve ainda com suas características literárias do autor Coelho Netto. Logo, Coelho Netto utilizava-se do nome Anselmo Ribas como um personagem para suas histórias, romances e crônicas, ao mesmo tempo que ele se tornava também o narrador, ao narrar suas obras, algumas delas de cunho autobiográfico.

⁸⁹ Nilo Procópio Peçanha (1867, RJ – 1924, RJ) foi deputado federal do Rio de Janeiro (1891-1902), presidente (1903-1906 e 1909-1910), vice-presidente (1906-1909), senador do Rio de Janeiro (1912) e presidente do Rio de Janeiro (1914-1917). Ajudou a instalar o Partido Republicano após a fundação, em 13 de novembro de 1888, do Partido Republicano da Província do Rio de Janeiro. (FERREIRA, 2015b). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PE%C3%87ANHA,%20Nilo.pdf> [Consulta em 18 de maio de 2017].

⁹⁰ Artur da Silva Bernardes (1875, MG – 1955, RJ) foi deputado federal de Minas Gerais (1909-1910, 1915-1918, 1935-1937 e 1946-1955) e presidente de Minas Gerais (1918-1922). (MALIN, 2015). Disponível em: <http://atlas.fgv.br/verbetes/artur-bernardes> [Consulta em 18 de maio de 2017].

feiras pelo jornal *A Noite* – coligidas nos livros: *O Meu dia* (1922), editado pela Livraria Chardron, de Lello e irmão, entre 1918 a 1920, e *Ás quintas* (1924), editado pela mesma casa editorial, demarcando as crônicas que havia escrito na mesma seção daquele jornal, entre 1921 a 1923 – não seriam diferentes, porque Coelho Netto pode mostrar-se presente nos embates políticos, sociais, culturais e educacionais da época. Nelas, assim como na maioria de suas crônicas jornalísticas, podemos encontrar relatos sobre os mais diversos temas, tais como: moda, peças teatrais, política, desmazelos da cidade, higiene pública, emprego, segurança pública, patriotismo, educação, esportes, a conduta em geral, do mais humilde ao mais soberbo dos cariocas, tudo era capturado, comentado, criticado ou mesmo narrado pelo escritor por meio de suas crônicas, onde pode deixar “testemunho de um tempo de grandes transformações (...) não se [limitando] a retratar (...) o tempo vivido, tentando também modificá-lo a seu modo” (PEREIRA, 2005, p. 202 apud NASCIMENTO, 2016).

É importante salientar que a imprensa foi/é um dos dispositivos privilegiados para forjar o sujeito/cidadão, porque é portadora e produtora de significações, como lembrado por Bastos (2002). Portanto, um espaço que através do seu discurso age/age como mediador cultural e ideológico privilegiado entre o público e o privado, fixando sentidos, organizando relações e disciplinando conflitos é, ao mesmo tempo, o que produz e divulga saberes que “homogeneizam, modelam e disciplinam seu público-leitor” (idem, p. 152). Dessa maneira, “cabe ao pesquisador fazer uma desmontagem do texto – imprensa – a fim de desvelar os significados, as contradições e as diferenças de forma e de conteúdo das falas que produz” (idem, p. 153). Nesse sentido, a consulta ao site da hemeroteca digital da FBN foi imprescindível, pois tive acesso aos exemplares dos jornais no qual Coelho Netto publicava suas crônicas, antes de transformá-las em livros.

2.2 Entrecruzando livros e jornais

Assim como fez Coelho Netto, que publicou suas próprias crônicas em livros, também fizeram outros homens de letras, como: Medeiros e Albuquerque, João do Rio⁹¹,

⁹¹ João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881, RJ – 1921, RJ), “pseudônimo literário: João do Rio, foi jornalista, cronista, contista e teatrólogo. Fez os estudos elementares e de humanidades com o pai. Aos 16 anos, ingressou na imprensa, notabilizando-se como o primeiro jornalista brasileiro a

Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Raul Pompéia, dentre outros. A esse respeito, lembra-nos Cunha (2017) que, no Brasil nessa época, jornalistas e escritores de livros frequentemente se confundiam. Jornalistas também publicavam livros, romances, contos ou coletâneas de crônicas. Uma sequência muito comum era a publicação de partes de uma obra em folhetim, que eram posteriormente reunidas em livro, como feito por Coelho Netto, que depois de haver publicado, em séries ou colunas, suas escrituras nos jornais, modificou-as transformando-as em romances e contos, como pudemos observar no quadro 5, exemplificado pelos livros: *A Capital Federal*, *Miragem*, *A Conquista*. Porém, tiveram aqueles que Coelho Netto manteve-se no gênero da crônica⁹², como em *Às Quintas* e *O Meu Dia*:

Quadro 6 - Mapeamento dos livros de crônicas de Coelho Netto

Livro (ano)	Editora	Primeira divulgação
<i>Bilhetes Postais</i> (1894)	Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães: Livraria Moderna.	<i>O Paiz</i> , de 1892 a 1893.
<i>Lanterna mágica</i> (1898)	Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães: Livraria Moderna.	Como Anselmo Ribas.
<i>Versas</i> (1918)	Bahia: Livraria Catilina.	São crônicas ⁹³ com datas esporádicas do Jornal <i>A Notícia</i> , com o pseudônimo de Anselmo Ribas e alguns discursos de Coelho Netto.
<i>Frutos do Tempo</i> (1920)	Bahia: Livraria Catilina.	---
<i>O meu dia</i> (1922)	Porto: Livraria Chardron, de Lelo & Irmão.	<i>A Noite</i> , dezembro de 1918 a dezembro de 1920.
<i>Fréchas</i> (1923)	Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1923.	<i>Jornal do Brasil</i> , 7 de agosto de 1921 a 24 de setembro de 1922.

ter o senso da reportagem moderna, entre as quais se tornaram célebres “As religiões no Rio” e o inquérito “O momento literário”, ambas reunidas depois em livros ainda hoje de leitura proveitosa, constituindo o segundo excelente fonte de informações acerca do movimento literário do final do século XIX no Brasil. Trabalhou em diversos jornais. Alguns deles utilizou pseudônimos, além de João do Rio: Claude, Caran d’Ache, Joe, José Antônio José. Foi o criador da crônica social moderna. Como teatrólogo, teve grande êxito a sua peça *A bela madame Vargas*, representada pela primeira vez em 22 de outubro de 1912, no Teatro Municipal. Foi diretor do diário *A Pátria*, dedicado aos interesses da colônia portuguesa, que fundara em 1920. Membro da Academia Brasileira de Letras, ocupante da cadeira 26, eleito em 7 de maio de 1910, na sucessão de Guimarães Passos, e recebido pelo acadêmico Coelho Netto em 12 de agosto de 1910”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

⁹² Diferentemente do romance e do conto, a crônica é uma compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo. Originalmente limitava-se a relatos verídicos e nobres; a partir do século XIX passou a refletir também a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc. (HOUAISS, 2001)

⁹³ Pude perceber que o livro *Versas* contém crônicas que foram primeiramente publicadas no jornal *A Notícia*, com o pseudônimo de Anselmo Ribas, junto a alguns discursos promovidos por Coelho Netto, ao invés de contos e discursos, como assinalado por Ubiratan Machado (2009).

<i>Às quintas</i> (1924)	Porto: Livraria Chardron, de Lelo & Irmão.	<i>A Noite</i> , janeiro de 1921 a Dezembro de 1923.
<i>Feira Livre</i> (1926)	Porto: Livraria Chardron, de Lelo & Irmão.	<i>Jornal do Brasil</i> , 1921 a 1923.
<i>Bazar</i> (1928)	Porto: Livraria Chardron, de Lelo & Irmão.	<i>Jornal do Brasil</i> , década de 1920.

O quadro me fez pensar: nas temáticas abordadas por Coelho Netto em suas crônicas, que o fez querer transformá-las em livros e as que não desejou ou não pode publicá-las em livros; na relação de Coelho Netto com as editoras em questão; e, nas crônicas que falavam sobre educação, que é o objetivo maior desse estudo, interpretar a perspectiva de educação para o mestre das palavras, Coelho Netto.

Sendo assim, ao observar o quadro 6, foi interessante notar os títulos dos livros, que não menos importante, dão significado a intenção do autor com determinadas obras. Intitular algo significa o mesmo que nomear, que conseqüentemente representa o ato de qualificar, denominar ou/e designar algo. Nesse sentido, as autoras: Ana Maria Machado (1991), com o livro *Recado do nome* – em que a autora fez uma leitura dos nomes utilizados por Guimarães Rosa em seus personagens –, e Mignot (1993), com o artigo *Decifrando o recado do nome* – onde interpretou a trajetória da Escola Regional de Meriti, sua fundadora Armanda Álvaro Alberto, os companheiros da Associação Brasileira de Educação (ABE), e sua importância na comunidade caxiense, especialmente nos anos 20 e 30, a partir do nome da escola que se chamaria mais tarde pelo nome do pai de sua fundadora – me ajudaram a pensar essa questão.

Apesar das autoras estudarem especificamente o nome próprio, seja ele de uma escola ou personagens, esses estudos me permitiram pensar nos títulos e pseudônimos de Coelho Netto, me levando a pensar que o ato de nomear, intitular algo está imerso a intenções e significações. Machado (1991) aponta que quando o autor confere um nome a um personagem, já tinha uma ideia do papel que lhe destinaria, tendo o nome a possibilidade de agir ou mesmo modificar esse personagem. Portanto, ao dar título aos seus livros Coelho Netto, estaria dando um significado/destino/finalidade aos seus textos de crônicas. Como, por exemplo, em *Às Quintas*, Coelho Netto remeteu o título do livro a sua coluna semanal que escrevia no jornal *A Noite*, todas as quintas. Em seu prefácio, atentava para o fato de que “o livro resiste mais do que o jornal [...] eis porque estes escriptos ephemerous fixam-se ou a arestas de rochedos agarram-se os que são arrebatados para o abysmo na correnteza das aguas” (COELHO NETTO, 1924, prefácio).

Nesse sentido, Chaloub, Neves e Pereira (2005) apontam que a crônica,

considerada “uma espécie de filha bastarda da arte literária” (p.9), tinha como uma de suas principais características serem os “textos ligeiros e sem importância, a serem esquecidos nas páginas dos jornais velhos” (idem, p. 10). Portanto, ao transformá-las em livros, Coelho Netto demonstrava, assim, sua tentativa de tirá-las do esquecimento, ao mesmo tempo, que mostrava preferência a certos assuntos em detrimento de outros. Contudo, a ideia de efemeridade também é realçada por Coelho Netto no prefácio de *O Meu Dia*:

Os meus dias são miúças que rolam na Eternidade, como circulam no espaço os átomos imperceptíveis. [...] A impressão destas páginas na memória dos leitores foi mais rápida do que é a passagem dos átomos na luz; estes, porém, às vezes, indo e vindo, iterativamente, insistem no luminoso trânsito. É a luta pela vida e pra glória, que até entre os efêmeros se observa, como prova o retorno á publicidade destas crônicas escriptas para um breve instante. (COELHO NETTO, 1922, prefácio)

Pude perceber, assim, que *O Meu dia* demonstra estar atrelado à questão da função e vida de escritor, em que todos os dias teria que trabalhar, horas e horas, sentado à mesa de trabalho para, deste modo, escrever o que seria o sustento do seu lar. Nessas escritas, pensadas primeiramente para um breve momento, em que os leitores dariam importância apenas no dia em que foram publicadas e depois esquecidas, ao jogar-se fora o jornal, Coelho Netto quis trazer de volta assuntos que um dia foram colocados em foco, mesmo que por um breve instante, e que, depois, caíram em deslembração, como demonstrado no trecho anterior. Mignot (2010), lembra-nos no artigo em que estudou sobre as crônicas de Cecília Meireles – publicadas na coluna “Página de Educação”, no *Diário de Notícias*, entre 1930 a 1933 –, que a função de cronista era árdua no sentido que a escritora ficava “presa aos assuntos do dia-a-dia, [dialogando] com seu tempo, por meio destes textos efêmeros, escritos sob a pressão de prazos, cujo brilho se esgotava na folha seguinte, como observou José de Alencar” (idem p. 85).

Foi importante também, além de atentar para os títulos, recorrer ao prefácio de cada livro, para demonstrar a tentativa de um elo entre Coelho Netto e o seu público-leitor, como podemos observar no prefácio de *Versas*:

Estas são as folhas que caem, por velhas e inúteis á arvore, bem que não sejam desnecessarias ao terreno [...] quantos assumptos ha que fazem pensar nessas folhas amarelas e encoscoradas que um leve sopro despede do galho nativo? Muitas vezes os olhos perdem-nos ou desaparecem sumidos no tumulto dos factos e são de valor precioso, quer para a moral, que é o terreno em que mais força ganham as sociedades, quer para as Artes, que são a Luz a que se aquecem as raças, e não falo da Politica, que é a fogueira que tudo

devora obrigando o fogo, que é o benefício, a fazer-se motivo de destruições. Aqui acharás, quem tiver paciência de revolver folhas secas, novidades e velharias. Quantas folhas ha que envelhecem e morrem sem nunca terem sido contempladas? É justo que as contemplemos, porque ha mortos que valem mais, no seu adormecimento, que muitos vivos nas suas acções. Aqui acharás, quem ler, assumptos de toda casta e nem por parecerem banaes devem ser tidos como escusados, porque tudo tem a sua utilidade prescripta: o bom de ser bom, o máu de ser máu. [...] Versas são as folhas que cahem e que, nem por serem perdidas, ficam desaproveitadas. Quem as quiser novas e d'aroma não as venha buscar neste alfombrado. (COELHO NETTO, 1918, prefácio)

Sendo assim, o autor do livro *Versas* (1918), expõe, em seu prefácio, a intenção na publicação, que seria de rememorar velhos assuntos escritos preliminarmente para o jornal *A Notícia*, no qual utilizava ainda o pseudônimo de Anselmo Ribas. Reunidas de maneira esporádica, como indicado no quadro 6, os leitores ali poderiam encontrar crônicas publicadas em 1898, como por exemplo “Zohar”, como também outras que Coelho Netto escrevera em 1910, como “As Montanhas”. Por isso, o autor atentou em seu prefácio de que se estivesse procurando crônicas “novas e d’aroma”, fossem procurá-las em outro lugar.

Assim como explica a temporalidade dos assuntos tratados no prefácio de *Versas*, Coelho Netto recomendava-lhes, também, aos futuros leitores de *Feira Livre* que se não encontrasse nada que lhe agradasse no livro, que passasse o volume adiante, comparando sarcasticamente, sua obra a uma feira, em que o comprador ao passear, de barraca em barraca, e tomado pela curiosidade, vai à procura de algo que lhe interesse:

Adapta-se, mui de molde, a este livro, o titulo nelle adaptado. Como nas feiras ha aqui de tudo em promiscuidade. [...] São rimas de queijos, a um lado; a outro, latas e boiões de doces e melado. Aqui, brinquedos; além hervas, raízes, batatas para mézinhas; louças [...] entra o comprador, vai ao que busca passando por tendas e balcões a vér o que nelles ha. Detem-no aqui, ali a curiosidade natural. Compra ou ... guarda e passa. [...] circule o leitor á vontade, fique com o que quiser. Não encontrando o que lhe agrade feche o volume e passe adiante, porque não é obrigado a comprar: a feira é livre. (COELHO NETTO, 1926, prefácio)

Os títulos e prefácios dos livros despertaram-me, também, a atenção para a materialidade. A esse respeito, Chartier (1999) comenta:

Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis. As obras, os discursos, só existem quando tornam realidade físicas, inscritas sobre as páginas de um livro, transmitidas por uma voz que lê ou narra, declamadas num palco de teatro. Compreender os princípios que governam a “ordem do discurso” pressupõe decifrar, com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito). (CHARTIER, 1999, p. 8)

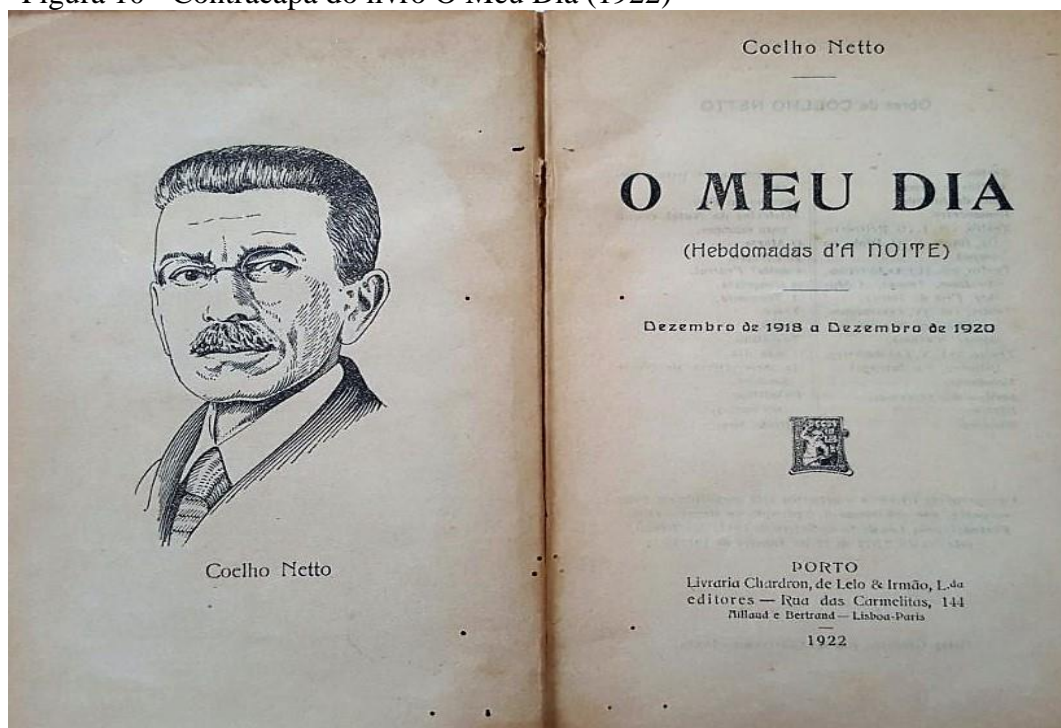
Nesse sentido, torna-se relevante que os historiadores de obras literárias e historiadores das práticas culturais tenham consciência dos efeitos produzidos pelas formas materiais dessas escrituras (CHARTIER, 1999). Logo, foi necessário além de olhar para os prefácios e títulos, analisar os editores, as capas, contracapas, textura, afim de melhor entender as intenções da obra para além da escritura.

Figura 9 - Capas dos livros O Meu Dia (1922) e Às Quintas (1924)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Figura 10 - Contracapa do livro O Meu Dia (1922)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Em relação aos que foram editados pela Livraria Chardron, de Lelo e Irmão, por exemplo, observei os mesmos padrões tipográficos entre eles, isto é, as semelhanças das capas, que eram sempre duras e com o mesmo formato e tamanho, diferentemente das capas dos livros editados pela Francisco Alves, e pela Livraria Catilina, cujas capas eram maleáveis, tipo brochura.

Hallewell (2005) revela, a partir de uma tabela com as taxas comparativas de impostos de importações de livros e papéis de outros países da Europa para o Brasil, que a encadernação de luxo de livros custava bem mais caro do que aqueles com encadernação normal, e que, em 1900, essa taxa aumenta, assim como a importação livre de papel para jornais. Logo, podemos perceber que, para se escrever uma obra, assim como publicá-la em livro, demandava não só tempo, como também dinheiro. Para Coelho Netto, a publicação de suas obras era um investimento que valia a pena, apesar de todo o esforço para tal. Seus livros não eram direcionados a um público qualquer. Possivelmente, custavam caro, pelo menos aqueles editados pela Livraria Chardron, devido às suas capas luxuosas, bem trabalhadas, que podemos observar nas figuras anteriores.

As capas assemelhavam-se também na textura, no alto relevo com o rosto (perfil) de Coelho Netto, acompanhado pela contracapa com um desenho do escritor, e na página de rosto que imprime o selo da editoria/livraria, como podemos observar também nas figuras anteriores.

Além disso, o livro vinha acompanhado, no começo ou, às vezes, no final, de propagandas de outros livros de autoria de Coelho Netto, que também tinham sido publicados pela mesma livraria, como também a divulgação de outras obras de outros autores que publicavam também pela Livraria Chardron, como: *A Margem da História*, *Contraste e Confrontos*, de Euclides da Cunha, *Sermões completos*, do Padre Antonio Vieira, obras de Eça de Queiroz, dentre outros. Outro escritor que publicou suas crônicas com os editores em questão foi João do Rio, que publicou os livros: *Cinematógrafo* (1909) e *Os dias passam* (1912).

Pude observar, também a partir do quadro 6, a diversidade de editoras nas quais Coelho Netto publicou seus livros de crônicas, demonstrando que o escritor tivera amplo acesso ao campo dos editores da época, concomitantemente à tentativa de consagrar-se no campo literário, com a venda dos mesmos. Com isso, notei que os livros *Bilhetes Postais* e *Lanterna Mágica*, assim como percebi nos romances de Coelho Netto, tais como *Miragem*, *Rei Fantasma*, dentre outros da década de 1890, foram editados pela Livraria

Moderna, com o editor Domingos de Magalhães.

Aliás, Ubiratan Machado (2009) aponta que, em 1894, Domingos de Magalhães, editor arrojado e de grande prestígio no final do século XIX, deu preferência a Coelho Netto, ao assinar com o escritor nacional um contrato único, em que o maranhense teria que entregar ao editor tudo o que escrevesse durante o período de cinco anos; em troca Coelho Netto receberia quatrocentos mil réis mensais. Esse fato é elogiado por Artur Azevedo que, comentando sobre o contrato do amigo, dizia já estar valendo a pena ser literato no país devido a quantia mensal que o editor pagaria a Coelho Netto.

A Livraria Moderna, de Domingos de Magalhães, foi uma editora e livraria brasileira que esteve em atividade nos anos 1890, localizada no Rio de Janeiro, na Rua do Ouvidor, nº 54, que chegou a ser a principal editora brasileira no campo da literatura, nos anos 1890. Editou livros de Arthur Azevedo (*A flor de liz* – 1882), Adolpho Caminha (*A normalista* – 1893), Viveiros de Castro (*A nova escola penal* – 1894), José do Patrocínio (*Motta Coqueiro [A pena de morte]*), Aluísio de Azevedo (*Livro de uma Sogra* – 1895), Afonso Celso (*Vultos e factos* – 1896), dentre outros. Porém, a Livraria Moderna começou a perder seu predomínio no fim da década de 1890, para a Garnier revitalizada, e a independência para a Francisco Alves, que começava sua expansão (HALLEWEL, 2005). Na figura a seguir, podemos observar a propaganda dos livros de Coelho Netto pelo editor Domingos Magalhães no jornal *O Paiz*.

Figura 11 - Recorte do jornal *O Paiz*, ed. 03688, 1894, p. 8

Domingos de Magalhães -- LIVREIRO-EDITOR

Acaba de sair do prelo e acha-se á venda o magnifico livro humorístico de
distinto estylista brasileiro COELHO NETTO (Anselmo Ribas)

BILHETES POSTAES

1 nítido e elegante volume in 8º brochado..... 3,000

Do mesmo autor :

ESSE LINDO LIVRO

Delicioso livro de contos orientaes; seu sumario: — Os ceos — O aroma das
canelas — Madrinha — Maria fuchro — Mytico — Feira de corações —
Tanto — Maudado — O Ultra do Fausto — Caucha selate — No Rio —
Nalda — Pralmo de amor — O sonho de Eva — Memento — Horror color-
rida — Sarcinacario — O rato do sol — Holocausto — Orem das Ca-
melias — Eumissante — Os rebeldes ciberros — O espelho — Infante —
Niterelle — O mentiroso — O paraiso. 1 elegante vol. broch. 35, enc. 55.
encadernação de luxo..... 8,000

CAPITAL FEDERAL

Impressão de um seralento na Capital. O enorme e merecido successo que teve
este livro em 1ª edição obrigou o editor a ter no preço a 2ª. Ainda ha um resto da
1ª edição que custa 1 vol. broch. 33 o enc..... 5,000

ESSE LINDO LIVRO

mimoso e artistico livro de contos com o seguinte sumario: — A fôrma — Pen-
has e injenios — A mão — A festa feita das frez — A palmandra — In-
tellecta — A alma — Rebellivos — Innocencia — Selemani — No horto —
Fôra do Paraiso — Buena Diez — Mirynx, o Ideal — Adagio — O fezo
magro — Castorini — Jesus Nazareth — Para o Inverno — Sarcin-
mas de noiva — Furtos do céu — Nona Folia — Chelito em Capitan-
niam — Ecliptica — Prisioneiro — A sentença — O espelho do Ingran-
cium — Zuhri — O baptismo — O oluciro — A cegonha. 1 nítido volume
brochado..... 3,000

A sair até 30 de novembro — **TRÊ FANTASMA** — até 15 de
dezembro — **CONTOS DO NATAL.**

LIVRARIA MODERNA

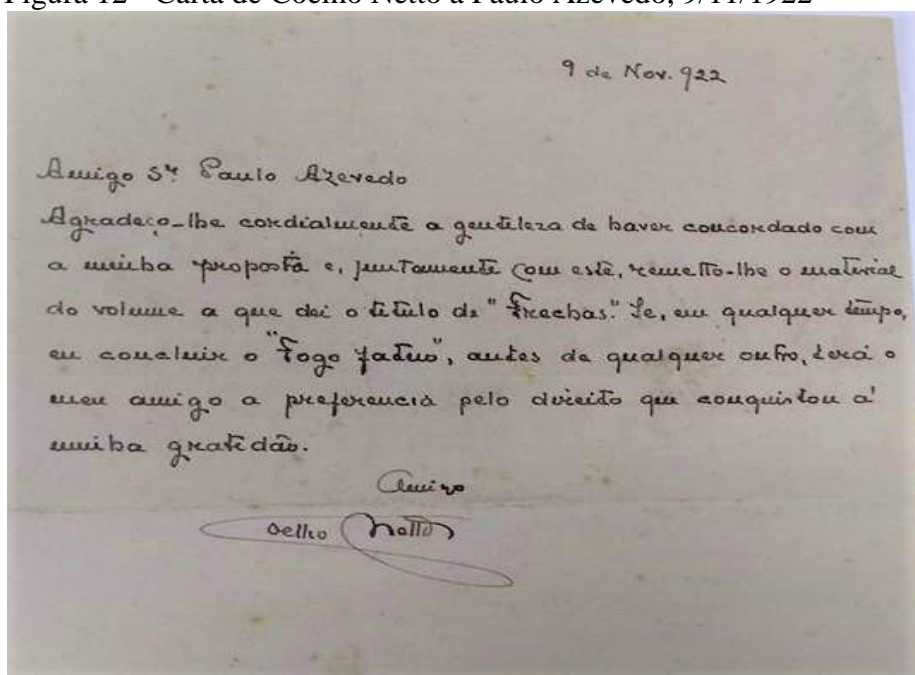
54 RUA DO OUVIDOR 54

Fonte: Hemeroteca Digital/ FBN

Coelho Netto também publicara livros de crônicas com a Livraria Catilina (localizada na Bahia), como em *Versas* (1918) e *Frutos do Tempo* (1919). Fundada por Carlos Pongetti, em 1835, passando a direção para Serra Teiga, em 1864, e depois à Xavier Catilina, em 1877, tivera seu principal período editorial durante a administração de Romualdo dos Santos, no começo do século XX, quando editou várias obras literárias consideradas relevantes na época, como: *Poesia até agora não reunidas Páginas Literárias* (1918) e *Cartas Políticas e Literárias* (1919), de Rui Barbosa; as obras de crônicas de Coelho Netto, aquelas indicadas no quadro 6, como também o livro *Contos Escolhidos* (1913); dentre outros. Em quase todos os casos, a impressão era feita em Portugal, ou em outros países da Europa, procedimento usual, nesse tempo, dos editores de livros em todo o Brasil (HALLEWELL, 2005).

Localizei a relação entre Coelho Netto com um de seus editores a partir de uma carta presente no arquivo pessoal do acadêmico, na ABL, que demonstrava a tentativa de Coelho Netto de fechar um contrato para a edição de um livro seu de crônicas. A carta em questão, foi enviada por Coelho Netto, a Paulo Azevedo, em 9 de novembro de 1922, que na época encontrava-se à frente da Francisco Alves. Nela, o escritor tratava sobre a proposta da publicação de algumas crônicas suas em livro, como podemos observar na figura a seguir.

Figura 12 - Carta de Coelho Netto a Paulo Azevedo, 9/11/1922



Fonte: Arquivo Pessoal do Acadêmico Coelho Netto/ ABL

É interessante notar que, na carta, Coelho Netto agradece ao editor por ter aceito sua proposta, remetendo-lhe o volume de *Fréchas*, que, ao observarmos o quadro 6, foi publicado pela Livraria Francisco Alves, um ano depois dessa carta, em 1923. Podemos perceber, então, o tempo entre o momento em que a obra chega manuscrita às mãos do editor e a publicação destas em formato impresso. Ao mesmo tempo, é relevante lembrar que a carta era o principal meio de comunicação da época, logo, é interessante notar, a partir dessa epístola, o elo comunicativo entre o destinatário e remetente, no caso, editor e escritor-autor, expondo que Coelho Netto era próximo a Paulo Azevedo, pois o chamou e terminou a carta com a palavra “amigo”. Notei, também, a partir do assunto tratado, que a carta demonstra ser de caráter administrativo, pois tratava sobre negócios, isto é, um acordo de edição. Coelho Netto termina a carta dizendo que, se em algum momento, terminasse a obra “Fogo fátuo”, Paulo Azevedo teria, antes de qualquer outro, a preferência da edição. Visto que a obra “Fogo Fátuo” de Coelho Netto fora editado pela Livraria Chardron⁹⁴, pude aferir que o escritor não cumprira com “a palavra” que dera ao editor Paulo Azevedo, de que quando terminasse a obra lhe daria preferência para edição.

O quadro 6⁹⁵ permitiu-me observar que Coelho Netto teve maior intensidade na publicação de livro com crônicas, depois de 1918, depois de ser expulso da representação do seu estado na Câmara dos Deputados, quando passou a se dedicar melhor a Liga da Defesa Nacional, tornando-se secretário geral dessa associação, como já visto no capítulo 1. Pude perceber também, que a temática sobre educação dos jovens, assim como das mulheres e da sociedade em si, assim como a questão do aprimoramento físico e moral

⁹⁴ “A Livraria Lello, também conhecida como Livraria Lello & Irmão ou Livraria Chardron, situa-se na cidade do Porto, em Portugal. A empresa remonta à fundação da “Livraria Internacional de Ernesto Chardron”, em 1869, no Porto. O francês Ernesto Chardron alcançou projeção como editor, sendo o primeiro a publicar grande parte das obras de Camilo Castelo Branco e outras de relevo na época, como o Tesouro da Literatura Portuguesa, de Frei Domingos Vieira. Após o imprevisto falecimento do fundador, aos 45 anos de idade, a casa-editora foi vendida à firma “Lugan & Genelioux, Sucessores” que, pouco depois, ficou com Mathieux Lugan como seu único proprietário. Em 1891, a Livraria Chardron adquiriu os fundos de três casas livreiras do Porto, pertencentes a A. R. da Cruz Coutinho, Francisco Gomes da Fonseca e Paulo Podestá. Porém, em 1881, José Pinto de Sousa Lello abriu um estabelecimento, dedicando-se ao comércio e à edição de livros. Em 1894, Mathieux Lugan vendeu a antiga Livraria Chardron a José Pinto de Sousa Lello que, associado ao seu irmão António Lello, manteve a Chardron com a razão social de “Lello & Irmão”. Em 1898, entrou para a nova sociedade o fundo bibliográfico da Livraria Lemos & C.^a, fundada pelos irmãos Maximiliano e Manuel de Lemos. Com projeto do engenheiro Francisco Xavier Esteves, em 1906, foi inaugurado o novo edifício da Livraria Lello, no número 144 da Rua das Carmelitas, causando grande impacto no meio cultural da época. Dentre as diversas figuras presentes na inauguração, encontrava-se Guerra Junqueiro, Abel Botelho, João Grave, Bento Carqueja, Aurélio da Paz dos Reis, José Leite de Vasconcelos e Afonso Costa. E em 1919, a razão social do estabelecimento foi alterada para “Livraria Lello e Irmão, Lda”, entrando para a sociedade Raul Reis Lello, filho de António Lello”. (Livreto *Livraria Lello / Prólogo Livreiros*, S.A., s/d)

⁹⁵ Ver página 92.

dos mesmos, apareceu com mais frequência nesse período.

Portanto, para compreender a perspectiva de educação pretendida pelo mestre das palavras, dei enfoque às crônicas presentes nos livros *Às Quintas* e *O Meu Dia*, pois assim, poderia fazer uma leitura mais ampla das escrituras de Coelho Netto, enquanto publicadas no jornal *A Noite* e as publicadas depois em livro, pois nem todas as crônicas dos jornais entraram na edição dos livros em questão. Entretanto, não pude deixar de lado algumas crônicas que apareceram, aos domingos, no *Jornal do Brasil*⁹⁶, nas décadas de 1920 e 1930, que me ajudaram a entender melhor e interligar com as crônicas privilegiadas do meu estudo, isto é, aquelas publicadas primeiramente no jornal *A Noite*. Como também não pude deixar de notar que havia assuntos nos quais Coelho Netto se repetia e que foram reunidos nos demais livros, tais como *Bilhetes Postais* (1894), *Versas* (1918), *Fréchas* (1923), *Feira Livre* (1926).⁹⁷

Entendendo que mesmo que Coelho Netto, em 1920, já demonstrasse ser um consagrado literato da Academia Brasileira de Letras, para qual colaborava assiduamente com os jornais da época, isso não garantiu que, anos depois, suas escritas caíssem em esquecimento, ou aparecessem em segundo plano em relação aos seus companheiros de geração, como Aluísio Azevedo, Olavo Bilac, Raul Pompéia. (PEREIRA, 2005). Este fato pode ser explicado, talvez, devido às inúmeras críticas feitas ao seu estilo rebuscado, pomposo, antiquado e, mesmo, superficial e distante da realidade brasileira⁹⁸, assim como apontado por José Veríssimo e Lima Barreto⁹⁹. O exagero de narrativas fora até mesmo

⁹⁶ Pude localizar alguns recibos feitos por Coelho Netto no Arquivo Pessoal do acadêmico/ ABL, demarcando o valor que recebia e os artigos que publicou nesse jornal de 1930 a 1933. Possibilitando que os localizassem no site da Hemeroteca Digital/ FBN através de seus títulos. Apesar do escritor chamá-los de artigos, pude perceber através de sua leitura que se tratavam de crônicas. Além de Coelho Netto, Luis Murat, Benjamim Constallat, Afonso Celso, dentre outros, também publicavam nesse jornal na mesma época do cronista.

⁹⁷ Ver quadro 6 na página 92.

⁹⁸ A esse respeito, ver: LOPES, Marcos Aparecido. *No purgatório da crítica: Coelho Neto e o seu lugar na história da literatura brasileira*. (Dissertação de mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos Linguagem. Campinas, SP.1997

⁹⁹ Afonso Henriques de Lima Barreto (1881, RJ — 1922) mais conhecido como Lima Barreto, foi um jornalista e escritor que publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos, principalmente em revistas ilustradas e periódicos anarquistas do início do século XX. Em 1903, começou sua colaboração com a imprensa do Rio de Janeiro, publicando artigos e crônicas em periódicos como *Correio da Manhã* e *Jornal do Commercio*. Em 1907, colaborou na revista *Fon-Fon*, e, com amigos literatos, fundou e dirigiu a revista *Floreal*, onde iniciou a publicação do folhetim *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* – publicado em livro somente em 1909. Publicou *Triste Fim de Policarpo Quaresma* nas páginas do *Jornal do Commercio*, que foi lançado depois em livro, 1915. Colaborou, também, na revista popular ilustrada *Careta*, onde foi um importante meio de divulgação de suas ideias e o periódico em que ele mais publicou ao longo de sua vida, inclusive sob diversos pseudônimos. Em 1916, colaborou com a revista *ABC*. Em 1919, foi publicado seu romance *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá* pela editora Revista do Brasil, de Monteiro Lobato. Em 1921, apresentou sua terceira candidatura

censurado por vezes pelos seus próprios companheiros de letras.

No livro reunido por Ana Carolina Feracin da Silva (2002), em que a autora reuniu cronologicamente as crônicas da série “Bilhetes Postais” de Coelho Netto, ela traz à tona algumas das críticas feitas entre o grupo de literatos do qual Coelho Netto fazia parte. A autora afirma que mesmo que a vivência entre eles fosse boa, e que isto não afetava a união e amizade entre o grupo, não significava que não haveria conflitos e diferenças políticas entre eles. A autora, visando corroborar seu raciocínio, explica que algumas discussões eram travadas no interior do grupo: Aluísio Azevedo definiu os primeiros escritos de Coelho Netto como “mania de orientalismos”, o que o irritava bastante, e em outro momento, Luís Murat, no grupo, criticou Arthur Azevedo sugerindo-o que abandonasse de vez as peças teatrais e se dedicasse somente à poesia (SILVA, 2002). Rememora a autora que em outro trecho do romance de Coelho Netto, Olavo Bilac aconselhava-o a não fazer notícias e nem reclamações:

Ataque as instituições, desmantele a sociedade, conflagre o país, excite os poderes públicos, revolte o comércio, assanhe as indústrias, enfureça as classes operárias, subleve os escravos, mas não escreva uma linha, uma palavra sobre notas policiais, nem faça reclamos. Mantenha-se artista. Havemos de vencer, mas para isto, é necessário que não façamos concessões. O redator não quer saber se temos ideais ou não: quer espremer. (COELHO NETTO, *op. cit.*, p. 158 e 159 apud SILVA, 2002, p. 10)

A respeito das críticas e reclamações, Flora Sussenkind (1987) em seu livro *Cinematógrafo de Letras*, lembra-nos que os cartazes, panfletos, painéis pintados, usados para anunciar diferentes produtos e estabelecimentos nas grandes cidades brasileiras que se urbanizavam, se popularizaram a partir da década de 1860. Antes disso, a circulação de jornais era restrita e com as dificuldades de impressão, restringiam bastante os objetos de anúncios como chapéus, sapatos, espelhos, pianos, fumo, livros, colégios etc. Anúncios esses que, por sua vez, eram direcionados à Corte e às camadas endinheiradas do Brasil, significando, em geral, uma espécie de “comércio de exceção” (idem, p. 61).

No início do século XX, com o aparecimento de diversos jornais na capital e na província, as inovações técnicas que transformavam os métodos de impressão, o crescimento das tiragens, a rapidez da distribuição, o surgimento de uma nova categoria de jornalistas profissionais (em especial os caricaturistas e ilustradores), a introdução de novas seções de entretenimento e de novas fórmulas no tratamento da informação

à Academia Brasileira de Letras (nas duas tentativas anteriores, é preterido, nesta última, o próprio escritor desiste antes das eleições), porém, sem sucesso. (SILVA, 2006)

demarcavam um processo de expansão, convertendo o jornal em grande empresa industrial, cuja sobrevivência dependia da mobilização de estratégias comerciais inovadoras. Sendo assim, o jornalismo tornou-se um ofício compatível com o status de escritor, tornando-se, para alguns, uma atividade regular que propiciava uma renda cada vez mais indispensável¹⁰⁰. (MICELI, 2001)

Com isso, a atividade jornalística possibilitava não só a profissionalização dos homens de letras, como também o aumento do prestígio e da influência política. Lembra Sérgio Miceli (apud SUSSEKIND, 1987) que o posto de editorialista era bastante cobiçado entre os escritores e constituía uma ponte para iniciar a carreira política. Entretanto, o tipo de trabalho que se oferecia aos literatos era cada vez menos literário, como apontado por Bilac no trecho anterior, e como também fora lembrado por Coelho Netto, em 1905, publicado posteriormente em *O momento literário* (1908), em um diálogo com João do Rio, tratando da industrialização da imprensa e da pressão no sentido de uma padronização na linguagem de seus redatores e colaboradores.

Nessa mesma perspectiva, Sevcenko (2003) aponta que as transformações técnicas de comunicação, assim como as mudanças do modo de vida em todo o mundo, como a transformação dos cenários urbanos, rurais, os novos objetos, instrumentos, hábitos e rotinas que surgiam, tornaram inadequadas ou mesmo ultrapassadas as imagens literárias tradicionais. Logo, “o novo ritmo da vida cotidiana eliminou ou reduziu drasticamente o tempo livre necessário para a contemplação literária” (idem, p. 123). Com a diminuição do tempo, da concorrência dos jornais diários, do livro didático, da revista mundana e dos manuais científicos, juntamente com as novas formas tecnológicas de lazer, o cinematógrafo, gramofone e a fotografia, estreitavam ao extremo o papel da literatura, obrigando a um rigoroso processo de seleção e exclusão nas páginas dos jornais. O jornalismo, que representava quase toda a atividade do intelectual da época, impunha uma rigorosa padronização à linguagem e empregava com baixas remunerações¹⁰¹ praticamente todos os homens de letras, exercendo um efeito geral negativo à criação artística, sufocando a originalidade de autores e contribuindo para o processo de banalização da linguagem literária. Portanto, “a ampla difusão da imprensa e

¹⁰⁰ Sobre essa questão, Miceli (1977) aponta que “o *Jornal do Commercio* pagava a 30, 50 e até 60 mil réis a colaboração; o *Correio da Manhã*, cinquenta; a *Gazeta de Noticias*, já em 1907, pagava um salário mensal a Bilac; *O Paiz* a Medeiros e Albuquerque; e, o *Correio da Manhã* a Coelho Netto” (apud SUSSEKIND, 1987, p. 74).

¹⁰¹ A renda que a maioria dos escritores tirava das atividades jornalísticas não permitia que vivessem apenas disso, sendo necessário adentrar outros campos para completar a renda, como a política, cargos públicos diversos e até mesmo o magistério, etc., como pude notar que ocorrera com Coelho Netto.

[os embalos] sociais que tumultuaram o período, ajudaram, por sua vez, para a perda progressiva do gosto literário” (idem).

Sussekind (1987), recorda ainda que, da virada do século XIX até as primeiras décadas do século XX, com o avanço e a entrada de diversos aparelhos tecnológicos, também na imprensa, indicou uma significativa mudança nos comportamentos e na percepção dos que passaram a conviver cotidianamente com tais artefatos novos. Cita o exemplo da máquina de escrever, que muitos literatos da época encaravam com desconforto e temor, como Lima Barreto, que encontrou na sátira e na ironia de suas crônicas, a principal característica de resistência a banalização e neutralização do campo da literatura. Nesse sentido, a autora cita uma das crônicas do escritor, intitulada “Esta minha letra...”, publicada na *Gazeta da Tarde*, em 18 de junho de 1911, no qual comentava sobre os muitos erros tipográficos, ou de revisão, encontrados em seus folhetins, sugerindo que fossem motivados pela sua letra difícil. Lima Barreto comentava também, sobre o desgaste desses aparelhos novos no mercado, que além de caros, tornavam o trabalho do escritor “nauseante” por ter que escrever primeiramente à pena e depois passar à limpo para a máquina. Nem cogitava de escrever direto dela, pois a impressão que se tinha de escrever só era concebível a mão, como se tratasse de uma espécie de artesanato, no qual a datilografia serviria apenas para o momento de passar a limpo o já escrito. (SUSSEKIND, 1987)

A respeito dos jornais da época, Lima Barreto, na crônica intitulada “Os nossos jornais”, em 20 de outubro de 1911, publicada na *Gazeta da Tarde*, elencou os defeitos dos jornais da época. Dizia que “os nossos jornais diários têm de mais e têm de menos; têm lacunas e demasias”. Acrescentou que grande parte deles eram ocupados com insignificantes notícias oficiais, longas seções sobre exército, marinha, estradas de ferro, alfândega, notas sociais, anúncios de empregos quase sempre inúteis, gastando assim, um espaço precioso, de nenhum interesse, ou melhor, se havia nelas interesse, tocava apenas a um número restrito de leitores que não valia a pena sacrificar os outros, mantendo-as. Nesse sentido dizia que um jornal que tinha dez mil leitores, servia, unicamente para atender ao interesse de meia dúzia. Na sua visão, “seria tolice exigir que os jornais fossem revistas literárias, mas, isto de jornal sem folhetins, sem crônicas, sem artigos, sem comentários, sem informações, sem curiosidades, não se compreende

absolutamente”.¹⁰²

Nos jornais em geral, especificamente no *A Noite* e no *Jornal do Brasil*, Coelho Netto mostrou-se frequente colaborador, abstendo-se de discussões mais aprofundadas sobre a questão do uso das novas tecnologias, por exemplo, entretanto, mostrou-se preocupado com outras questões do dia-a-dia dos brasileiros. Além de revelar-se um assíduo leitor de jornais, Coelho Netto demonstrou estar atento aos costumes e ao que acontecia na cidade, como nas crônicas: “Proh pudor!”, de 2 de janeiro de 1922, publicada depois em *Ás Quintas* (1924), onde criticou os trajes dos banhistas, dizendo: “são crianças, adolescentes, adultos e anciãos, tudo quase em pelo por essas ruas querendo, a pretexto de banho, restabelecer a moda paradisíaca” (COELHO NETTO, 1924, p. 159); “Precocidade”, publicada na *A Noite*, 15 de março de 1923, e depois em *Ás Quintas* (1924), onde atentava para a precocidade das crianças que deveria ser incentivada de maneira correta; “As palmeiras da rua Payssandú”, que no jornal *A Noite*, em 27 de fevereiro de 1919, publicada depois no livro *O Meu Dia* (1922), aconselhava a preservação dessas árvores na rua Paissandu, no Flamengo; dentre outras. Percebi, que por vezes, Coelho Netto trazia nelas, cartas ou artigos, que não necessariamente eram publicados no mesmo jornal no qual publicava suas crônicas, e desse determinado assunto da epístola ou artigo, surgiam novas temáticas que o ajudavam a delinear sua escrita.

Nesse sentido, em sua crônica “Ficha de Consolação”, publicada em *A Noite*, de 22 de janeiro de 1920, e depois em *O Meu dia* (1922), Coelho Netto, ao comentar que fora construído o “Abrigo dos Jornalistas”, criado pela *Associação da Imprensa*, e indicando que seria um lugar onde os jornalistas poderiam abrigar-se ao final do expediente, discorreu sobre a vida dura dos jornalistas, igualando à vida dos mineiros, que trabalhavam incessantemente para terceiros, sem receber a recompensa que mereciam.

Vida igual á dos mineiros é a do jornalista. São elles que fazem a agitação fecunda trabalhando infatigavelmente com a penna, com os outros trabalham com o almocafre. São elles que recavam a materia prima dos negócios, que outros realisam; são elles que preparam as situações, que outros aproveitam; são elles que annunciam as festas, em que outros se divertem; são os pregoeiros das guerras e os arautos da paz e com o resto de tinta com que encerram um artigo venturoso, iniciam a noticia de uma catastrophe.[...] Esses homens-força,

¹⁰² Crônica presente no livro *Vida Urbana* (1953, p.3), onde estão reunidas outras crônicas de Lima Barreto. Disponível online no site: <http://www.dominiopublico.gov.br/> [Consulta em 19 de maio de 2017].

de cuja penna ligeira e incansável depende a tranquilidade das nações, trabalham para todos e para tudo, menos para elles próprios. (COELHO NETTO, 1922, p.165 e 166)

Em vista disso, Barbosa (2007) ressalta que os jornais circulavam seis dias na semana, o que garantia um dia de descanso semanal, resultando, assim, muitas horas de trabalho para os jornalistas, que por vezes, chegavam até 12 horas por dia, em horários não estabelecidos para o exercício da profissão. Nesse sentido, ao elencar a função dos jornalistas na crônica “Um Prodigio”, publicada primeiramente n’*A Noite*, em 18 de janeiro de 1923, e depois em *Ás Quintas* (1924), homenageando Victor Vianna¹⁰³, Coelho Netto demonstra que o jornalista deveria se desdobrar em várias funções ao mesmo tempo, igualando-o a figura de um pródigo, mostrando assim que nem todos serviam para tal profissão:

O jornalista, quando se assenta á mesa da redacção, não leva notas nem programmas e há de escrever sobre os factos á medida que forem ocorrendo; relatando-os, commentando-os, temperando-os conforme o assumpto [...] Com a mesma penna que lança o artigo doutrinario, ha de deslisar pela chronica, resumir a noticia mantendo, porém, o cunho impressionante, formular a reclamação, vibrar o protesto, florir o epithalamio ou enlutar o necrológio, analysar a situação politica, dizer sobre o esporte, fazer a critica litteraria, dar a impressão do espectáculo da vespera, e, sendo preciso, conduzir o entrecho de um romance bem intrigado para goso dos leitores do rodapé. (p. 289)

A função de jornalista se desdobrava em várias com a finalidade, sempre, de entreter os seus leitores. Na visão de Coelho Netto, a crônica era uma das diversas funções de jornalista. Portanto, ao incluir-se como cronista, como em “Registo”, consequentemente se encontrava também na categoria de jornalista. Além disso, pude perceber também, que assim como fez a Victor Viana, e também na maioria de seus

¹⁰³ Vítor Viana (1881, RJ – 1937, RJ) “foi jornalista, professor, crítico literário e ensaísta. Membro da ABL, ocupante da cadeira nº 12. Após os estudos de humanidades e de Direito, entrou para o jornalismo. Colaborou nos jornais *O século*, *Cidade do Rio*, *Imprensa* (de Alcindo Guanabara), passando para *O Paiz* e, finalmente, para o *Jornal do Commercio*, do qual chegou a ser o redator principal e diretor. Durante a I Guerra Mundial, foi um dos comentadores mais informados dos acontecimentos da guerra. Encetou também colaboração na imprensa como crítico dos “Livros Novos” e redator das “Notas pedagógicas”. Foi bibliotecário da Escola Nacional de Belas Artes, professor da Escola de Altos Estudos e professor de Geografia Industrial e História das Indústrias na Escola Nacional de Artes e Ofícios Venceslau Brás. Representou o governo da União no Congresso da Instrução Primária, reunido no Rio de Janeiro em 1921. Fez parte do Conselho Superior de Comércio e Indústria. Serviu em comissão junto ao gabinete do ministro da Fazenda, de 1919 e 1922, e junto ao gabinete do ministro da Agricultura, de 1922 a 1925. Ocupou, a seguir, o cargo de superintendente dos estabelecimentos do Ensino Comercial. Seu nome aparece no Almanaque do Ministério das Relações Exteriores como redator do respectivo Boletim de 1926 a 1929. Foi membro do Conselho Federal de Comércio Exterior e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e membro titular da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, por proposta de Amaro Cavalcanti, em virtude dos artigos publicados sobre a guerra e a Liga das Nações”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/vitor-viana/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

discursos, em diversos lugares, como, por exemplo, como Deputado Federal e Secretário da Liga da Defesa Nacional, Coelho Netto homenageou sujeitos.

Quadro 7 - Mapeamento das crônicas de Coelho Netto nos livros *Às Quintas* e *O Meu Dia*, homenageando sujeitos

Livro	Página	Data	Título	Sujeito	Data nascimento/ morte
<i>O Meu Dia</i> (1922)	91-95	26/06/1919	Jacques D'Avray	José de Freitas Valle	1870-1958
<i>O Meu Dia</i> (1922)	96-99	03/07/1919	Rondon	Marechal Rondon	1865-1958
<i>O Meu Dia</i> (1922)	103-106	17/07/1919	Ainda uma vez...	Aluísio Azevedo (ABL)	1857-1913
<i>O Meu Dia</i> (1922)	107-110	24/07/1919	Jurity	Viriato Correa (ABL)	1884-1967
<i>O Meu Dia</i> (1922)	123-126	04/09/1919	Patria (A Pedro Bruno)	Pedro Bruno	---
<i>O Meu Dia</i> (1922)	271-274	21/10/1920	Alberto Nepumuceno	Alberto Nepumuceno	1864 – 16/10/1920
<i>O Meu Dia</i> (1922)	283-287	09/12/1920	Ridendo...	Humberto de Campos (ABL)	1886-1934
<i>Às Quintas</i> (1924)	51-55	26/05/1921	Machado de Assis	Machado de Assis (ABL)	1839-1908
<i>Às Quintas</i> (1924)	116-121	03/11/1921	O poeta da raça	Gonçalves Dias (ABL)	1823-1864
<i>Às Quintas</i> (1924)	288-292	18/01/1923	Um Prodigo	Victor Vianna (ABL)	1881-1937
<i>Às Quintas</i> (1924)	306-309	08/03/1923	Gomes Leite	Gomes Leite	1830-1921
<i>Às Quintas</i> (1924)	396-401	25/10/1923	Miguel Couto	Miguel Couto (ABL)	1865-1934

Ao observar as datas e os sujeitos, pude verificar que algumas dessas crônicas tratavam-se de homenagens póstumas de rememoração, como a Machado de Assis, Gonçalves Dias, Gomes Leite, Aluísio Azevedo e Alberto Nepomuceno. Algumas homenagens foram feitas a antigos membros da ABL, como Machado de Assis, Gonçalves Dias, Victor Vianna, Humberto Campos, Aluísio Azevedo, Viriato Correa, Miguel Couto. Em relação a estes últimos, enfatizo a importância que Coelho Netto atribuía aos sujeitos membros da ABL e, desse modo, rememorava-os em suas crônicas como “figuras ilustres” da sociedade. Dessa maneira, o escritor estaria dando também visibilidade à instituição e aos homens que, na sua visão, carregavam um grande valor cultural e intelectual para o país. Não bastava apenas discursar na Câmara, ou em outros locais públicos, era necessário também reafirmar a importância da ABL através de suas crônicas, e mais do que o público-leitor geral delas, era necessário eternizá-los,

demonstrando assim, a necessidade de transformar suas crônicas em livros, como fez com seus discursos.

Não é à toa que, no jornal *A Noite*, assinava suas crônicas com: “Coelho Netto (Da Academia Brasileira)”, caracterizando, dessa forma, sua identidade, seguido da informação de que pertencia à ABL. Assim, o cronista, poderia desfrutar também desse prestígio intelectual e literário de quem pertencia a tal instituição e conseguir uma posição de destaque no interior da elite da época. Dessa maneira, ajudava o leitor a perceber a posição a partir da qual seriam escritas tais crônicas: a de um consagrado literato da Academia Brasileira de Letras. Portanto, esse jornal se tornara um espaço para que, do alto do prestígio que acumulara em vida, já um consagrado homem de letras que era, discorresse de forma “professoral sobre temáticas que julgava relevante, levando ao público lições e ensinamentos dos mais diversos” (PEREIRA, 2005, p. 225), demonstrando-se um mestre para seus leitores.

El Far (2000) aponta que “os nomes notáveis que entravam pelo umbral acadêmico, ou que dele faziam parte, juntamente com o exercício de um estilo refinado e bem aceito pela elite mundana da *Belle Époque*, garantiam à associação um prestígio crescente” (idem, p. 89). A autora acrescenta que a ABL, ao final da primeira década do século XX, já conseguira relativa visibilidade social. Instalada no cais da Lapa, a instituição em questão garantia que as sessões marcadas pelos membros pertencentes a ela, ocorressem regularmente, já sem imprevistos. Compareciam, assim, quase sempre, a maioria de seus sócios, que residiam na cidade do Rio de Janeiro. A intensa relação entre os acadêmicos, pertencentes a determinados círculos da elite carioca, e os eventos que promoviam pela ABL, “eram largamente noticiados pela imprensa e comentados com grande apreço pelos jornalistas de plantão” (idem), assim também como as críticas, de caráter mais agressivo e impiedoso.

Dessa maneira, na crônica homenageando Machado de Assis, em 26 de maio de 1921, Coelho Netto defendeu a ideia de que a sociedade, deveria assumir a responsabilidade financeira do monumento póstumo dedicado ao acadêmico. Apesar de Machado de Assis ter deixado uma fortuna à ABL, com a sua morte, na visão do cronista, o povo deveria fazer questão de reverenciar essa atitude. Sendo assim, este ato, na visão de Coelho Netto, seria uma honra e gratidão por tudo que o acadêmico teria feito pelo Brasil, enfatizando que:

O povo precisa ter presentes os vultos dos seus heróis, que são guias como as estrelas. Vendo-os, irá pelo caminho que elles traçaram, como quem segue pela esteira de um clarão. E assim os mortos continuarão a trabalhar na vida pela gloria da terra de que se geraram e à qual reverteram no giro da perpetuidade, estimulando, com o exemplo do que fizeram, as gerações que por elles passarem como as arvores que margeam os rios reflectem nas aguas a sua força e belleza. (COELHO NETTO, 1924, p. 53)

Interessante notar que a construção de homenagens póstumas como feita a Machado de Assis, recriam a pessoa no templo da memória (ABREU, 1996). Dessa maneira, criam-se máscara mortuárias, discursos por ocasião de enterro, biografias, e, no caso do trecho anterior, um monumento, como forma de manter viva a memória do indivíduo (idem). É relevante observar também o local no qual esse monumento iria ficar: na Academia Brasileira de Letras, interligando mais uma vez e, definitivamente, a figura de Machado de Assis com a instituição que ajudara a fundar, e da qual foi o seu primeiro presidente.

Outra questão que pude observar foi que, em alguns casos, Coelho Netto homenageava um determinado sujeito ao propagandear a obra de algum literato, fazendo sugestões aos seus leitores sobre teatros, livros, artes. Como é o caso da crônica “Jacques D’Afray”, em que Coelho Netto aconselhava ao seu público-leitor a assistir a estreia de José de Freitas Valle¹⁰⁴ que, na semana seguinte da publicação de sua crônica, estaria nos palcos do Teatro Municipal. Coelho Netto também elogiou, em sua crônica “Jurity”, a 24 de julho de 1919, a obra *Jurity*, uma opereta em três atos, com libreto de Viriato Corrêa e música de Chiquinha Gonzaga¹⁰⁵. Também ao manifestar-se em críticas, na crônica “Patria (A Pedro Bruno)”, a 4 de setembro de 1919, Coelho Netto comentou não estar de

¹⁰⁴ José de Freitas Valle (1870, RS – 1958, SP) “foi político, advogado, professor, mecenas e poeta. Em 1887, publicou *Rebentos*, reunindo seus primeiros versos e traduções de poemas. O livro recebeu duras críticas, fazendo com que o autor procurasse recolher todos os exemplares a venda. A partir de então, passou a assinar com o heterônimo Jacques D’Avray, escrevendo apenas em francês. As principais obras assinadas por D’Avray são as duas séries de *Tragipoèmes*, editadas entre 1916 e 1917. Não ultrapassando tiragens de 81 exemplares fora de comércio, os livros são concebidos como objeto de arte. Criados para serem musicados e interpretados, os tragipoemas são compostos em verso livre, soneto ou rondel, e narram, no formato de uma pequena esquete teatral, uma história que o autor teria presenciado. Revelam uma atmosfera lúgubre e penumbriada, de influência simbolista, na qual desfilam personagens tradicionalmente melancólicos, como o louco, o cego, o leproso, o naufrago e o palhaço. Em 1893, é aprovado no concurso para a cadeira de Francês e Literatura Francesa do Ginásio Estadual de São Paulo, lecionando na instituição até 1936. Em 1895, é nomeado subprocurador fiscal do Estado de São Paulo, cargo que exerce até 1937. Em 1903, elegeu-se deputado estadual por São Paulo, sendo reeleito consecutivamente entre 1907 e 1922”. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa467510/freitas-valle> [Consulta em 19 de maio de 2017].

¹⁰⁵ A obra estreou em 16 de julho de 1919 no Teatro São Pedro de Alcântara (hoje, Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro), encenada pela Companhia de Operetas e Melodramas e sob direção de Eduardo Vieira. Vicente Celestino e Abigail Maia interpretaram os papéis principais, e o elenco incluía ainda Procópio Ferreira. O regente foi o maestro Luiz Moreira.

acordo com o júri de uma exposição de arte em Roma que não premiou o artista Pedro Bruno, responsável pelo quadro que pintara “Patria”. Enfatizou que o próprio nome da obra já dizia muito sobre a importância de seu trabalho, e sobre seu significado patriótico.

Já na crônica “O meu candidato”, publicada em *A Noite*, 17/02/1921, e depois, no livro *Às Quintas*, Coelho Netto defendeu o seu voto em Paulo de Frontin, que, em 1921, disputou uma vaga no Senado com o ex-ministro e ex-prefeito do Distrito Federal, Amaro Cavalcanti¹⁰⁶. O candidato de Coelho Netto saiu-se vencedor. Dessa forma, Coelho Netto argumentava que Paulo de Frontin já teria demonstrado a sociedade o seu valor, pois já havia sido senador (1917-1918), prefeito do Distrito Federal (1919) e Deputado Federal (1919-1920), tendo feito várias reformas na cidade, que na visão do cronista, foram de grande serventia ao povo:

A circular do candidato ahi está, não em palavras, em obras – é a Cidade, não só a do perímetro central como a que se dilata pelos subúrbios, a que vai pelos montes e que aconchega nos vales, toda ella, desde a orla littoranea até a ultima roça do Districto. E esse homem, que deu ao mundo a prova cabal e altiva da capacidade do brasileiro; esse homem que, com seu incansavel esforço, defende toda uma raça do labéu de inerte e lerda com que tantos a têm querido desmoralisar; esse homem que, se assume a direcção de um trabalho, faz-se ubíquo como a luz; esse homem, vontade; esse que apresenta a disputar nas urnas uma cadeira no Senado, é Paulo de Frontin. [...] A cidade, que tanto lhe deve, proceda como fôr de justiça. Sua alma, sua palma. O meu voto aqui fica a descoberto para que este, ao menos, na apuração... não desapareça”. (COELHO NETTO, 1924, p. 21)

Na crônica intitulada “Gilliat e o polvo”¹⁰⁷, publicada em *A Noite*, a 10 de abril de

¹⁰⁶ Amaro Cavalcanti Soares de Brito (1849, RN – 1922, RJ) foi jurista, político, advogado, jornalista, parlamentar, diplomata e professor, tendo lecionado no Liceu de Fortaleza e no Colégio Pedro II. Em 1917, foi nomeado prefeito da cidade do Rio de Janeiro quando ainda era o Distrito Federal, onde governou até 1918, data em que foi nomeado ministro de Estado da Fazenda pelo então presidente Delfim Moreira. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/acavalcanti.html> [Consulta 19 de maio de 2017].

¹⁰⁷ “O título se refere ao livro *Os Trabalhadores do Mar* – tradução portuguesa de *Les Travailleurs de la mer*, um romance de Victor Hugo, escritor francês, publicado em 1866. A história se passa no início do século XIX e o personagem principal da obra é Gilliat, um homem na faixa dos trinta anos que não era estimado na região. A população o julgava como bruxo, feiticeiro, mago, porque suas conquistas vinham de fontes suspeitas. Entretanto, Gilliat conhecia o mar como ninguém, e tudo o que possuía era fruto de seu trabalho duro. Certa vez, pôde ver uma jovem escrever seu nome na neve. Era Déruchette, sobrinha de um dos homens mais ricos de Guernesey, Mess Lethierry. Gilliat caiu de amores pela moça e estava disposto a tudo para casar-se com ela. Quando o navio de Mess Lethierry naufragou entre dois rochedos, o burguês prometeu a mão da sobrinha ao corajoso marinheiro que fosse até o local recuperar o maquinário a vapor - que era único - e traze-lo de volta para que fosse reconstruído uma nova embarcação. Gilliat, que era conhecedor do mar, aceitou a proposta”. Disponível em: <http://www.penapensante.com.br/2016/02/os-trabalhadores-do-mar-de-victor-hugo.html> [Consulta em 19 de maio de 2017]. Nesse sentido, Coelho Netto fez uma analogia desse romance com o cenário da época: de um lado Gilliat, que seria Frontin com suas reformas para a cidade, e do outro lado, o povo, que não valoriza seus atos.

1919, e depois no livro *O Meu Dia* (1922), Coelho Netto ressaltou os feitos de Paulo de Frontin, dizendo que ele não era um “pregador de promessas” e sim um realizador. Criticou o povo por não enxergar o verdadeiro valor de suas reformas. Afirmou que quando Frontin entrou para a prefeitura, acabou com o caos de toda a cidade, desde o centro até os mais afastados rincões, referindo-se a ele como o homem-força. Lembrou que, em sua curta passagem pela prefeitura do Rio de Janeiro, entre 22 de janeiro e 26 de julho de 1919, Paulo de Frontin realizou um grande número de obras de (re)configuração do espaço urbano carioca: a duplicação e pavimentação da avenida Atlântica; a abertura da avenida Meridional (atual Delfim Moreira), a qual, dando continuidade à avenida Vieira Souto, ligou o canal da Lagoa (atual Jardim de Alá) à subida da avenida Niemeyer, que foi alargada; o prolongamento da avenida Beira Mar, e a abertura do túnel João Ricardo, ligando o Campo de Santana à Gamboa – obra realizada para desviar da área mais central da cidade o movimento de mercadorias em direção ao Cais do Porto.

Segundo Pinto (2015), essa intensa atividade de Paulo de Frontin valeu-lhe apelidos de “Prefeito da Varinha de Condão”, “Hércules da Prefeitura” e “Prefeito da Densidade Máxima”, como era chamado pela imprensa favorável, como também Coelho Netto o representara em *A Noite*. Sua gestão entre os setores descontentes da sociedade, dos quais o *Jornal do Brasil* serviu muitas vezes de porta-voz, foi frequentemente classificada como desastrosa, e ele próprio foi acusado de sofrer de “megalomania” e de “proporcionar pão e circo ao povo”. Sendo assim, percebi que Coelho Netto publicava crônicas tanto em jornais que o apoiavam, quanto naqueles que eram de oposição ao governo.

Pinto (2015) acrescenta que a atuação de Paulo de Frontin à frente do Executivo Municipal gerou, na imprensa, especulações sobre uma futura candidatura à presidência da República, que, ao observar as crônicas escritas por Coelho Netto, demonstram que o escritor, provavelmente, o apoiaria nessa empreitada. Além disso, gerou também um movimento em defesa da sua permanência no cargo do governo de Epiácio Pessoa, que, eleito em abril de 1919, deveria tomar posse em 28 de julho seguinte. O movimento contou com o apoio do Partido Republicano Feminino e da União dos Operários Municipais – devido à lei que promulgou em 1º de maio de 1919, Decreto Lei nº 1.329, de sua autoria, onde concedia aos operários municipais com mais de dez anos de serviço direitos e regalias conferidos apenas aos funcionários públicos do município. Passou a ser chamado por alguns de “Pai do Operariado” (PINTO, 2015), e também recebeu adesão de variados setores da sociedade. Na ocasião, foram organizados diretórios para o

recolhimento de assinaturas a serem enviadas ao presidente eleito, mas nenhuma dessas iniciativas surtiu efeito. É interessante notar, como destacado por Pinto (2015), que, no pleito que conferiu a vitória a Epitácio Pessoa, Frontin apoiara a candidatura dissidente de Rui Barbosa.

Além de Frontin, Coelho Netto também enalteceu na sua crônica “Gilliat e o polvo”, Rondon¹⁰⁸, representado, na visão do cronista como o homem-audácia, e Pereira Passos, referindo-se a ele como herói-poeta, concluindo assim que a tríade Rondon, Passos e Frontin representavam, na visão de Coelho Netto, os gênios que a cidade do Rio de Janeiro tiveram a sorte de terem tido como políticos.

Para entender tal afirmação de Coelho Netto, dialoguei com Needell (1993), buscando entender a cidade do Rio de Janeiro e o momento peculiar da cidade, que vivia a denominada *Belle Époque*. O autor mostra que, para os brasileiros do século XIX, a civilização era a França e a Inglaterra. Desse modo, sustenta que, desde a época colonial, os brasileiros seguiam o exemplo português e procuravam nos dois países o que houvesse de melhor, especialmente matéria de tecnologia moderna, ambos tinham muito a oferecer: a Inglaterra, através do exemplo e da experiência e a França, através da experiência e do ensino. Essa questão se estendeu até as primeiras décadas do século XX. (NEEDEL, 1993)

Comenta o autor que, naquele momento, o Rio começara a civilizar-se. E, para isso, os auxiliares de Rodrigues Alves concluíram que a cidade, e seu sistema de saneamento, precisavam de reforma. Almejavam assim, atingir a civilização por meio de mudanças concretas, dentre elas, o saneamento, o urbanismo e o embelezamento, e conferir ao Rio ares de cidade moderna e cosmopolita, de acordo com os padrões

¹⁰⁸ Cândido Mariano da Silva Rondon (1865, MT – 1958, RJ) “foi militar. cursou a Escola Militar do Rio de Janeiro e, em 1889, ingressou na Escola Superior de Guerra. Foi aluno de Benjamin Constant. Ainda em 1889, participou do movimento político-militar no Rio de Janeiro que derrubou a monarquia e instituiu o regime republicano no país. Em 1891, tornou-se professor da Escola Militar. Nesse mesmo ano foi criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), do qual se tornou o primeiro diretor. Durante a década de 1910, deu continuidade às suas experiências de contato com os povos indígenas, promovidas através de expedições científicas e de reconhecimento do território que se estende do Mato Grosso à Amazônia. Em 1919, recebeu a patente de general do Exército. No segundo semestre de 1922, deu combate, em regiões situadas entre os estados do Paraná e Santa Catarina, aos rebeldes militares que meses antes haviam se insurgido contra o governo federal em São Paulo e no Rio Grande do Sul, e que logo em seguida dariam origem à Coluna Prestes. Em 1930, encontrando-se no Rio Grande do Sul, foi preso durante alguns dias pelas forças revolucionárias que levaram Getúlio Vargas ao poder por se declarar fiel ao presidente deposto, Washington Luís. Recebeu diversas homenagens significativas: em 1955, o Congresso brasileiro conferiu-lhe honras de marechal. No ano seguinte, o território brasileiro de Guaporé foi rebatizado com o nome de Rondônia; e, em 1957, foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz”. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/candido_rondon [Consulta em 19 de maio de 2017].

européus. Dentre essas transformações urbanas, estavam: o alargamento da Rua Marechal Floriano e a abertura da Avenida Central. Outras áreas foram destruídas, pois representariam o regresso da cidade como o histórico Morro do Castelo. A cidade ganhou inúmeras linhas de bonde que interligavam os espaços.

Em 1908, realizou-se, na Urca, a Exposição Nacional Comemorativa do I Centenário da Abertura dos Portos do Brasil, para a qual foram construídos vários edifícios temporários. A maioria desses edifícios foi derrubada após o término da exposição. Um dos maiores símbolos da *Belle Époque* na cidade, entretanto, foi a inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1909. A nova estética também estimulou o remodelamento de tradicionais centros de lazer do Rio, como a Casa Cavé e a Confeitaria Colombo. E, para a Exposição do Centenário Internacional da Independência, hotéis sofisticados como o Hotel Copacabana Palace, o Hotel Glória e o Hotel Balneário foram inaugurados.

Ao mesmo tempo em que Coelho Netto compartilhava da ideia de que era necessário civilizar o país para o progresso do mesmo baseado aos padrões europeus, o cronista mostrava-se preocupado em construir uma identidade própria e nacional para o Brasil. Nesse sentido, diferentemente do que pensava Coelho Netto sobre a atuação de Pereira Passos como político, assim como outros políticos preocupados só com a estética da cidade, Lima Barreto, por sua vez, criticou em sua crônica “As Enchentes”, em 19 de janeiro de 1915, publicada no *Correio da Noite* – que discorria sobre as chuvaradas de verão que aconteciam quase todos os anos, causando desastrosas inundações na cidade do Rio de Janeiro –, os atos do Pereira Passos enquanto prefeito do Rio de Janeiro. Escreveu, o cronista, que o prefeito se interessara tanto pelo embelezamento da cidade que se descuidou completamente de solucionar o problema das enchentes. Acrescentou que “infelizmente, [...] nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social”¹⁰⁹.

Priore e Venancio (2010) indicam que os anos posteriores à proclamação da República foram marcados por muitas mudanças. Dentre elas, a europeização, antes restrita ao ambiente doméstico, transformou-se, depois, em objetivo, ou “obsessão”, de políticas públicas, demarcando assim a chamada *Belle Époque* no Brasil. Nesse sentido, se por um lado, se desejava o embelezamento social e da cidade a qualquer custo, por

¹⁰⁹ Crônica presente no livro *Vida Urbana* (1953, p.17), onde estão reunidas outras crônicas de Lima Barreto. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/> [Consulta em 19 de maio de 2017].

outro, havia o esgarçamento da teia social que derrubava cortiços, levava os pobres para os morros ou para o subúrbio, longe do centro da cidade. Além disso, o início da República conviveu também com crises econômicas, marcadas por inflação, desemprego e superprodução de café. Tal situação, aliada à concentração de terras e à ausência de um sistema escolar abrangente, fez com que a maioria dos escravos recém-libertos passasse a viver em estado de quase completo abandono. Além dos sofrimentos da pobreza, haviam de enfrentar-se uma série de preconceitos cristalizados em instituições e leis, feitas para estigmatizá-los como subcidadãos, isto é, elementos sem direito à voz na sociedade brasileira. Nesse sentido, é possível afirmar que a importação do ideário da *belle époque* esteve longe de ser ingênuo. Desse modo,

A ciência europeia da época, que passou a ser vista como critério definidor das sociedades civilizadas, era marcada por visões racistas, na qual os brancos ocupavam o primeiro lugar do desenvolvimento humano, e os negros, o último. (PRIORE e VENANCIO, 2010, p. 159)

Nas crônicas de Coelho Netto, dos livros e dos jornais, o autor tratou também da temática educação, especialmente a partir de 1917, quando passa a dedicar-se às atividades ligadas a Liga da Defesa Nacional, demonstrando a preocupação de Coelho Netto com a regeneração da sociedade como um todo, que, na sua visão, representava o necessário para o Brasil progredir. Percebi também que essa temática apareceu, em sua maioria, atrelada a outros assuntos como: o dia de Natal e o dia das crianças, relacionando criança, miséria e caridade; a prática do esporte como necessária ao aprimoramento moral e físico dos jovens; a questão feminina; dentre outros, como analiso a seguir.

2.3 Sobre educação, crianças e mulheres

Fio que o Sr. Prefeito, que é um sincero e decidido propugnador da cultura physica, envidará meios de attender, como de justiça e direito á representação que lhe foi levada pelos diretores dos quatro clubes de natação e canoagem que têm as respectivas sedes na rua de Santa Luzia. São elles: Boqueirão do Passeio, Natação e

Regatas, Internacional e Vasco da Gama. [...] felizmente o actual prefeito é um entusiasta do esporte e sabe o bem que de tal cultura resultará para a nação. [...] nucleos de preparação eugénica e escolas de práticas de reservistas da nossa marinha, taes clubes, que se mantêm a expensas próprias, sem favores officiaes de ordem alguma, porque os proprios prêmios, instituídos pelo Governo, raramente lhes são entregues, prestam á Pátria serviços inapreciáveis. [...] Nelles reúnem-se, solidaria e disciplinadamente, os jovens que se dedicam ao esporte aquático, treinando-se em exercícos methodicos nos quaes, não só educam o espirito, encorajando-o nas competições em que se empenham, nas travessias ousadas que realisam a nado, nas provas de agilidade, força e calma que disputam, como se retemperam energicamente revigorando-se no mar, onde adquirem saúde, força e belleza para orgulho e melhoramento da raça.

Coelho Netto, 1924, p. 279 a 282

Na crônica intitulada “Augustioso appello”, publicada no jornal *A Noite*, a 11 de janeiro de 1923, Coelho Netto fez um apelo ao prefeito do Rio de Janeiro, na época, Alaor Prata¹¹⁰, para a questão da cultura do aprimoramento físico. Relatou o cronista que devido a antiga obra aprovada e realizada pela gestão anterior, do prefeito Carlos Sampaio¹¹¹ -foi convidado pelo presidente Epitácio Pessoa (1919-1922), para substituir o então prefeito Sá Freire, em 1920, com a missão de preparar a cidade para os eventos comemorativos do I Centenário de Independência do Brasil –, os clubes ficaram, a partir daí, sem saída para o mar.

¹¹⁰ Alaor Prata Leme Soares (1882, MG – 1964, RJ) foi engenheiro civil, deputado federal de Minas Gerais (1909-1922, 1927-1930) e prefeito do Rio de Janeiro (1922-1926) (MESQUITTA, 2015a). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PRATA,%20Alaor.pdf> [Consulta em 20 de maio de 2017].

¹¹¹ Carlos César de Oliveira Sampaio (1861, RJ – 1930, Paris, França) foi prefeito do Distrito Federal (1920 – 1922) na gestão do presidente Epitácio Pessoa. Foi engenheiro civil e geógrafo, e bacharel em ciências físicas e matemáticas. Em 1882, tomou posse como professor catedrático da Politécnica. Fez também concurso para a Escola de Marinha (depois chamada Escola Naval), onde foi classificado em primeiro lugar. Escreveu os livros: *Geometria aplicada; Mecânica aplicada às máquinas* (1918) e *Memória histórica e obras da prefeitura do Rio de Janeiro de 8 de junho de 1920 a 15 de novembro de 1922* (MESQUITTA, 2015b). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SAMPAIO,%20Carlos.pdf> [Consulta em 20 de maio de 2017].

Na década de 1920, intelectuais, dentre eles políticos, educadores, médicos e engenheiros estavam preocupados com a identidade nacional do país e mobilizados em mostrar para outros países que o Brasil fazia parte desse mundo “civilizado”. Nesse sentido, o governo do então presidente Eptácio Pessoa não poupou esforços nem recursos para mudar a imagem do Rio de Janeiro, então capital federal, para celebrar a data e sediar um importante evento: a Exposição Universal do Rio de Janeiro¹¹², que seria uma espécie de “vitrine do progresso” do país. Mesquitta (2015b) enfatiza que, para cumprir esse objetivo, foram realizadas, no governo de Carlos Sampaio, obras de calçamento, reposição, reparos e conservação da cidade do Rio de Janeiro. Entre elas, destacam-se a reconstrução e reposição da pavimentação da avenida Atlântica, destruída em partes pela ressaca; a construção da avenida Presidente Wilson, resultante do arrasamento do morro do Castelo e da Exposição do I Centenário; a construção da avenida Maracanã, obra de saneamento e urbanização da região, evitando, assim, as inundações frequentes do rio Maracanã que dificultavam o tráfego para alguns bairros da Zona Norte; remodelação e ampliação de edifícios que abrigavam escolas; dentre outras reformas (MESQUITTA, 2015b).

Ao assumir a prefeitura, ficando de 1922 a 1926, Alaor Prata “deparou-se com uma situação de dificuldades financeiras resultantes das inúmeras despesas feitas na administração anterior com diversas obras de urbanização e saneamento” (MESQUITTA, 2015a, p. 1). Com isso, o prefeito teve como proposta conduzir a sua administração com base na redução e no controle radical dos gastos, e assim o fez durante os primeiros anos, expondo abertamente a situação financeira do município, o que não agradou a seu antecessor, que contestou as informações baseadas em dados fornecidos pelos órgãos competentes da prefeitura (MESQUITTA, 2015a). Também enfrentou duras críticas da imprensa à sua administração, possivelmente por fazer parte do mandato do presidente Artur Bernardes, candidato que não fora apoiado pelo jornal *A Noite* e,

¹¹² A parte nacional da exposição foi composta por 25 seções, dentre elas: “educação e ensino; instrumentos e processos gerais das letras, das ciências e das artes; decoração e mobiliário dos edifícios públicos e das habitações; fios, tecidos e vestuários indústrias diversas; higiene e assistência; ensino prático, instituições econômicas e trabalho manual da mulher; forças de terra e esportes, dentre outros. A seleção dos expositores seria feita por comissões julgadoras encarregadas de dar parecer sobre a escolha conveniente dos produtos expostos, bem como de avaliar a qualidade e a quantidade daqueles que deveriam ser admitidos na exposição. Estavam ainda previstas atividades paralelas, como a exibição de filmes sobre assuntos que se relacionassem com a produção nacional e as riquezas naturais do país, bem como a realização de conferências sobre temas econômicos” (MOTTA, 2015, p.3). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/EXPOSI%C3%87%C3%83O%20INTERNACIONAL%20DO%20CENTEN%C3%81RIO%20DA%20INDEPEND%C3%8ANCIA.pdf> [Consulta em 20 de maio de 2017].

consequentemente, por Coelho Netto.

De acordo ainda com a autora, Alaor Prata foi incentivador das duas sociedades esportivas do Rio de Janeiro, o Jôquei Clube Brasileiro e o Iate Clube. Possivelmente por essa razão que Coelho Netto, em sua crônica “Augustioso appello”, dizia que o prefeito era “um sincero e decidido propugnador da cultura physica” e, por isso, concordaria com o pedido dos diretores dos Clubes Boqueirão do Passeio, Natação e Regatas, Internacional e Vasco da Gama, núcleos de preparação eugênica e escolas de práticas de reservistas da Marinha, de modo que não ficassem sem saída para o mar, o que era imprescindível para a prática de natação e canoagem.

Ao observar as demais crônicas escritas por Coelho Netto, percebi que o cronista não fizera críticas profundas às comemorações do I Centenário da Independência do Brasil em si, nem mesmo a outras obras promovidas pelo prefeito Carlos Sampaio para o evento da exposição, como, por exemplo, o arrasamento do morro do Castelo. Coelho Netto compartilhava da ideia de que o morro era considerado um empecilho à ventilação e ao saneamento da cidade, e que a exposição ajudaria a mostrar o progresso da cidade. Nesse sentido, na crônica “O Morro do Castello”, publicada em 5 de agosto de 1920, n’*A Noite*, depois no livro *O Meu Dia* (1922), Coelho Netto criticou a teoria sentimental dos tradicionalistas que diziam que não se poderia derrubar o morro do Castelo devido ao seu valor histórico, acrescentando que:

É o Castello, muralha que se oppõe aos ventos beneficiadores, que descem, em nuvens ravazes, os cupins, que infestam todos os predios da Avenida. O morro, na sua velhice rabugenta e sórdida, faz guerra à cidade que se lhe estende aos pés, devasta-a com as suas hordas, indiciona-as com o seu enxurro, abafa-a com o seu bócio, defendendo-se com um pouco de poeira fúnebre, poeira anonyma, que a Tradição quer que seja a dos ossos de Estacio de Sá. (COELHO NETTO, 1922, p. 243)

Ainda sobre o I Centenário da Independência, Coelho Netto escreveu a crônica “Independencia”, em *A Noite*, 14 de setembro de 1922, e depois no livro *Ás Quintas* (1924), criticando o enaltecimento e deslumbramento dos brasileiros com a cultura estrangeira em vez da nacional, afirmando que, no Brasil, quando se ia a um hotel, para conhecer a cozinha nacional, pediam um *menu* francês e pratos temperados com especiarias de importação. Quando pediam frutas, queijos, vinhos etc., traziam os estrangeiros. As vitrines divulgavam as modas parisienses. As livrarias estampavam nas brochuras novelas francesas. Nos salões, o *chic* era trocar línguas e se, entre um *ragtime* e um *foxtrote*, lembrava-se o visitante de pedir a uma senhorita que lhe recitasse algo, ela

atenderia sorrindo, tirando do seu escolhido repertório alguma poesia francesa a arrastar, com elegância o sotaque parisiense, os *rr*.

Independencia não consiste apenas ter o senhorio do território, mas em sentir e em fazer sentir a nacionalidade, em ter autonomia, em viver por si, e um povo que não ama a sua terra, que não se orgulha da sua historia, que não honra a memoria dos seus heróes, que não vibra com os altos feitos dos seus contemporâneos, que prefere o seu vernaculo formoso pela primeira geringonça em que lhe tartamudêa a língua, que deprecia o que lhe dá a natureza propria, será um povo arrincoado, mas não um povo independente; terá solo, mas não patria. (COELHO NETTO, 1924, p. 236)

Coelho Netto reforçou a ideia de que era necessário e urgente fundar escolas primárias de patriotismo, não tanto para que amassem o Brasil, uma vez que isso, na visão do cronista, devia ser assunto para os cursos superiores, mas, pelo menos, para que o “forasteiro” que aporta ao Brasil, pelo motivo da passagem da exposição do I centenário da independência do Brasil, não julgue que nesse país: “‘dá-se tudo’... menos gente” (COELHO NETTO, 1924, p. 234).

Coelho Netto revelou-se inquieto com a questão nacional. O escritor acreditava que o conceito de nação precisava ser construído. Nesse sentido, acreditava que o Brasil possuía um povo, mas não uma nacionalidade. Era preciso desvencilhar-se assim, dos estrangeirismos que impediam o desenvolvimento de uma identidade nacional. Não se tratava, porém, de uma negação da cultura europeia. Sua estratégia consistia em construir uma série de símbolos nacionais que pudessem criar uma identificação afetiva com sua pátria, como também nos jornais, como exemplificado na crônica anterior. Cada cidadão deveria desenvolver um sentimento de pertencimento a partir de um ideário nacional, que por sua vez, deveria ser elaborado por uma elite intelectual que permitisse que o Brasil se revelasse como uma nação civilizada. “Essas elites deveriam ser formadas por homens de larga cultura e preparo para criar o ‘ideal de cidadão brasileiro’” (FERNANDEZ, 2011, p. 32).

Com essa mesma perspectiva nacionalista, localizei uma crônica, intitulada “Eugenia”, publicada no *Jornal do Brasil*, em 16 de abril de 1922, na qual o cronista divulgou uma carta de Mario Pinto Serva¹¹³, onde este pedia ajuda a Coelho Netto, por estar associado a Liga da Defesa Nacional, para fundar um Ministério Nacional de

¹¹³ Mário Pinto Serva (1881, SP – 1962, SP) “foi jornalista e político brasileiro. Fundou a Liga Nacionalista, o Partido Democrático e também o Partido Constitucionalista. Participou das revoluções de 1930 e 1932. Suas principais obras são: *Comunismo e Democracia*, *A Pátria Nova*, *A Renovação Mental do Brasil* e *A Educação Nacional*, livro publicado pela primeira vez em 1924”. (RODRIGUES, 2005, p. 66)

Educação, para que assim, pudesse todo o Brasil, em colaboração unificada, ajudar a causa da mocidade:

S. Paulo, 12 de Abril de 1922.

Coelho Netto:

Saudo-o cordealmente.

[...] quando, não só no Rio, mas tambem no Amazonas, no Pará, no Maranhão, em todas as cidades, villas e povoações de todos os Estados do nosso paiz, a mocidade a se exhibir, como esculptura viva, em Jogos olympicos, radiosa de força e vigor, ao mesmo passo que, no commercio e na industria, demonstrar um preparo completo e não temer a concorrência de nenhum outro povo, – então teremos no Brasil attingido o periodo aureo da nossa historia [...] formar uma mocidade toda de belleza hellenica, no Brasil inteiro, com preparo cabal para a luta pela vida – tal deve ser o supremo ideal do nosso patriotismo [...] para isso a providencia decisiva é instituirmos, no Governo Federal, um Ministerio Nacional de Educação, que vale, em todo o paiz, pela cultura physica e preparo intellectual de todos os brasileiros. Esse Ministerio agirá junto a todos os governos estaduaes e municipaes, estimulando-os e combinado com elles todas as medidas necessarias para constituirmos ao Brasil uma raça forte e preparada [...] no anno do Centenario não haveria melhor commemoração que essa – a providencia decisiva para a formação da nossa raça. Tudo mais que se fizer é uma irrisão, um escarneo á condição actual da nossa gente [...] eis o que eu queria suggerir-lhe – é que, por sua proposta, a Liga de Defesa Nacional tome a iniciativa de levantar essa idéa – a do Ministerio Nacional de Educação – como commemoração do Centenario [...] o seu grande coração, de brasileiro e de patriota ardendo, já comprehendeu o alcance vastissimo da idéa. São milhões de jovens brasileiros cujo futuro inteiro, cuja cultura physica e preparo mental poderão ser desenvolvidos com a acção intensa de um Ministerio Nacional de Educação, a multiplicar os seus esforços em todos os recantos do Brasil em pról da regeneração da nossa raça [...] entregando essa idéa ao seu nobre espirito, é que conto certo com a victoria para ella [...] com o mais intenso apreço e distincta consideração, subserevo-me admirador amigo – Mario Pinto Serva. (JORNAL DO BRASIL, ed. 91, 16 de abril de 1922, p. 6)

A preocupação em melhorar as condições pelas quais passava o povo brasileiro colocava-se, como elemento justificador da tese de que, “quando não há educação [...] não há também possibilidade de desenvolvimento da sociedade, o que naturalmente implicaria em dificuldade para a formação da nação” (RODRIGUES, 2005, p.69). De acordo com Rodrigues (2005), o indivíduo era considerado peça-chave no alicerce para o crescimento do país, isto é, “não tendo condições para educar-se, não poderia contribuir com o avanço da civilização, desequilibrando, dessa forma, a engrenagem que deveria mover a nação” (idem, p. 68). Com isso, o grande mal social daquela época era, na visão de Serva, assim como também podemos perceber que era para Coelho Netto, a ignorância da população, gerada pela ausência de educação.

Portanto, “a instituição educativa e sua expansão teriam o poder de estabilizar a sociedade [e/ou] promover a ascensão social tão necessária, diante da “ignorância” que

caracterizava a população brasileira” (idem, p. 66). A educação, nesses discursos, passa a ser defendida acreditando-se que possa remediar vários ou todos os males da sociedade. A respeito de tais discursos, tiveram também outros intelectuais da época e obras publicadas a partir do final do período imperial, que introduziram “a discussão acerca da priorização do desenvolvimento da nação tendo como meio o avanço educacional” (idem), como por exemplo: Carneiro Leão¹¹⁴, Anísio Teixeira¹¹⁵, dentre outros. Todos com a mesma ideia de que a educação era necessária para a transformação da sociedade (RODRIGUES, 2005).

Nesse momento, acreditavam, assim, que o Brasil já havia cumprido a tarefa de constituir-se em uma República, dessa maneira, a sociedade brasileira já existia. Nesse sentido, deveria então constituir-se o povo brasileiro, “com características cívicas que fizessem do país uma nação” (idem, p. 68). Nessa perspectiva, os males sociais do Brasil revelavam-se na falta de instrução. Logo, defendia-se o alfabeto como solução para a civilização, garantindo-se, “que sem o alfabeto não haveria no mundo civilização, nem [ciência], nem progresso, nem cultura, nem civismo, nem patriotismo” (idem).

Ao publicar a carta de Mario Pinto Serva, Coelho Netto colocava em foco a questão da educação, assunto este, que ao seu ver, não era justo ficar guardado em sua

¹¹⁴ Antônio Carneiro Leão (1887, PE – 1966, RJ) “foi educador e ensaísta. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife em 1911. Iniciou uma longa carreira no magistério universitário como professor de Filosofia de 1911 a 1914. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde prosseguiu na área da educação, como professor e administrador. Foi diretor geral da Instrução Pública no Rio de Janeiro (1922 a 1926); fundador da Escola Portugal, em setembro de 1924, e das 20 escolas com os nomes das 20 repúblicas americanas, entre 1923 e 1926, no Rio de Janeiro. Autor da Reforma da Educação no Estado de Pernambuco em 1928; foi Secretário de Estado do Interior, Justiça e Educação do Estado de Pernambuco (1929-1930); diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais da Prefeitura do Distrito Federal na administração Anísio Teixeira (1934); criador e diretor do Centro Brasileiro de Pesquisas Pedagógicas da Universidade do Brasil. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Letras, sendo o segundo ocupante da Cadeira 14, dentre outras associações”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/antonio-carneiro-leao/biografia> [Consulta em 21 de maio de 2017].

¹¹⁵ Anísio Spínola Teixeira (1900, BA – 1971, RJ) “foi advogado, educador. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, em 1922. Sua formação educacional foi fortemente influenciada pelo pragmatismo do filósofo John Dewey, de quem foi aluno no *Teachers College* e cujas idéias divulgou no Brasil. Mas foi, sobretudo, nos embates entre a gestão cotidiana da educação e sua visão de futuro, em meio a aliados e adversários, que aprendeu a organizar homens e instituições. Foi Inspetor Geral do Ensino da Bahia, passando logo depois a Diretor da Instrução Pública desse estado. Mais tarde, já no Rio de Janeiro, assumiu a Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, no governo do prefeito Pedro Ernesto (1931-1935). Nessa gestão conduziu importante reforma educacional que o projetou nacionalmente, foi signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), teve participação ativa na Associação Brasileira de Educação (ABE), criou a Universidade do Distrito Federal (UDF). A história da educação brasileira, no século XX, está marcada por suas ideias e ações em favor da democratização das oportunidades de acesso à educação pública, universal, gratuita, laica e de qualidade”. Disponível em: <https://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/FAT/BiografiaAnisioTeixeira> [Consulta em 21 de maio de 2017].

pasta. Dessa maneira, escrevia que a carta do jornalista e político, era importante, não só porque era endereçada ao cronista, mas sim, pelo intermédio de Coelho Netto com a Liga da Defesa Nacional, da qual era Secretário-geral. Na crônica, Coelho Netto enalteceu a ideia do paulistano, dizendo que a sua iniciativa além de ousada era inquietante, mas que infelizmente, acreditava ser difícil a sua realização, referindo-se aos pró-homens, que seriam aqueles homens que só sobem a política para se promoverem, deixando de lado as questões importantes e de valor para o país como a saúde e a educação.

Se cuidassemos um pouco mais do typo humano dando-lhe energia physica e cultura intellectual; saúde e consciencia, realisaríamos, em breve, o ideal dos que amam verdadeiramente este Brasil e o querem ver no posto que lhe cabe, entre as primeiras potencias, não só pela sua vastidão territorial e pela riqueza que nella se contam, como pelo vigor pelo espirito, claro do seu povo. [...] e como faremos nós os cidadãos fortes para que elles sejam a força da cidade? Apurando-lhe o corpo e o espirito por meios eugenicos, defendendo-o dos males que o dessoram, robustecendo-o com exercicios methodicos a hygiene e illuminando-lhe o espirito com a instrucção. [...] as nações valem pelo trato das suas terras e pela actividade dos que nellas trabalham, que são os criadores da sua riqueza, e por seus homens de escól, que são a medulla e o seu cerebro, e não pela extensão das suas fronteiras nem pelo numero da sua população. [...] nas ruas desta capital, em contraste com o esplendor ficticio com o que nos vamos exhibir no proximo Setembro: as crianças tolhiças, enfesadas, que trambelham em abandono como sargaço, nas praias, correndo todas, pelo descaso em que as deixam, umas para a cova, outras para os vicios, frageis de corpo e incultas [...] mas – pergunto eu – convirá á Política dar ao Brasil um povo forte que levante a Nação á altura em que Ella merece figurar? Não creio. A Política, como a hyena, nutre-se de cadaveres. Não lhe convem um povo são. Quanto peor melhor, eis a sua divisa. Emfim, a idéa formosa aqui fica enflorando esta columna. Coelho Netto. (*JORNAL DO BRASIL*, ed. 91, 16 de abril de 1922, p. 6)

Camargo (2006) sustenta que a crítica relacionada com o “rebaixamento do nível moral”, estudado pela autora no prefácio do livro de Fernando de Azevedo, *A poesia do corpo* (1915)¹¹⁶, foi uma constante em intelectuais como Rui Barbosa, Olavo Bilac, Coelho Neto e Monteiro Lobato, que protestavam nos jornais contra a “falta de espírito público dos governantes”. Denunciavam, com isso, o “favoritismo político” nos empregos e acesso a cargos, a falta de “ideais éticos”, “as cavações”, o “arreveso”, a falta de “solidariedade social” e de “conduta moral”, assim como a perda da “noção de sacrifício”, enfim, o individualismo exagerado que passou a existir no “novo regime”. Acrescenta a autora que esse tipo de crítica, já existia antes da escrita do livro em

¹¹⁶ No livro *A poesia do Corpo* (1915), Fernando de Azevedo (1894-1974) – educador, professor, crítico, ensaísta e sociólogo brasileiro, percussor do movimento da Escola Nova – trabalhou com o conceito de nacionalidade e defendeu a ideia de “regeneração social do país”, tendo como estratégia a educação física. O educador pautava-se pela ideia da defesa da “regeneração social” em nível nacional, vendo na escola um espaço relevante para a obra de regeneração da sociedade, sendo que no campo educacional a educação física desempenhava um papel muito importante. (CAMARGO, 2006)

questão, e vai se acentuar no contexto da Primeira Guerra (1914-1918), favorecendo o surgimento de manifestações nacionalistas.

A ideia tratada por Fernando de Azevedo em seu livro também apareceu em algumas das crônicas de Coelho Netto, anos depois, quando criticou não só a “falta de espírito público dos governantes”, mas também em relação às instituições que promoviam festas com o intuito de arrecadar fundos para crianças carentes e outras instituições que necessitavam, chamado por Coelho Netto de “surto filantrópico”, mas que, no final das contas, nada era revertido para essas crianças e/ou quem precisasse, como comenta na crônica “As Crianças”, publicada no *Jornal do Brasil*, em 22 de janeiro de 1933:

De quando em quando, por um surto de philantropia, infelizmente ephemero, suggere-se a idéa generosa de dar amparo á criança, defendendo-a da miseria e dos vicios da rua, agasalhando-a convenientemente, alimentando-a, instruindo-a, preparando-a enfim, para ser um elemento util na sociedade. Organizam-se commissões que tratam de programmas de festas em theatros ou em parques, cujo producto liquido reverte em beneficio das instituições de defesa infantil. Terminadas, porem, as festas, decido o panno sobre o espectáculo ou recolhidas as barracas e desfeitos os coretos, fica-se á espera da inauguração das taes beneficências, que não aparecem, continuando as crianças soltas, imundas, jogando football nas ruas e praças e atroando os ares com o vocabulario sórdido aprendido no convivio do pessoal arruaceiro. [...] na rua, á falta de recursos, atropilham-se e vão, de casa em casa, choramingar por um pão ou um resto de comida com que engabellem a fome. Saciados tornam ao football ou á patinette ou a brincadeiras indecorosas, em sitios escusos onde a policia não lhes dá caça, para não perder tempo com garotos insubordinados. E a nossa criança desfibrada, anda por ahi tossindo, a escarrar os pulmões, em indicio de tuberculose. (*JORNAL DO BRASIL*, 22 de janeiro de 1933)

A questão de pensar o que fazer com as crianças ou jovens desvalidos, foi algo muito forte no início da República, já que neste período havia o interesse pela construção de uma nação civilizada principalmente pelos intelectuais e a elite no Brasil, como nos lembra Varella (2012). Nesse sentido, intelectuais, assim como Coelho Netto pensaram em soluções para a cidade do Rio de Janeiro, que vivia tomada pelo atraso, como o surgimento de Ligas Nacionalistas (como a LDN), campanhas higienistas e sanitaristas, e campanhas contra o analfabetismo. A respeito dos médicos higienistas e sanitaristas, Coelho Netto acreditava que estes contribuiriam para a necessidade de construir-se outro cenário para a cidade, sanando problemas como o das crianças de rua, ociosas, que estavam entregues aos males e vícios que a cidade lhes proporcionava. Dessa maneira, era necessário e urgente acabar com a ociosidade dessas pessoas, principalmente com a

das crianças de ruas, abandonadas à miséria.¹¹⁷

Na visão de Coelho Netto, competia ao governo defender essa causa, porém, por não se encarregarem de tal responsabilidade, encontravam auxílio nas instituições particulares, mesmo que por um breve momento de filantropia que elas proporcionavam. Na crônica exposta anteriormente, Coelho Netto também anunciava que em breve, haveriam de ter mais construções desejadas para “salvamento de tantos infelizes”, que pereciam antes de chegarem a adolescência, uns consumidos pela fome, a maioria minada pela verminose, que é “o abutre que devorava o melhor da população”, mantendo a triste fama de insalubridade do país. Porém, no final dela, Coelho Netto faz uma crítica em relação à sociedade e aos políticos que deixavam de lado essa questão da miséria, mas não o Carnaval, que era festejado nos primeiros meses do ano.

A temática sobre crianças desamparadas, e/ou de rua foram abordadas por Coelho Netto, no dia do Natal e também no dia das crianças. Na crônica “O dia da criança”, publicada primeiramente em *A Noite*, em 02 de outubro de 1919, e depois no livro *O Meu Dia* (1922), Coelho Netto defendeu que todos da sociedade deveriam salvar as crianças que viviam à margem da sociedade. Salvá-las dos perigos do mundo, como: pobreza, abandono, miséria, pais desleixados, indagando “e essa flôr, que é o filho do povo, quem a defende? Quem a resguarda? Quem della cuida? Tudo lhe é hostil [...] abandonando-as, deixam-nas ir aos paúes onde, de uteis que seriam se as aproveitassem transformam-se em venenos que inficionam o ar” (COELHO NETTO, 1922, p. 137). Acrescenta o cronista que nada entristecia mais do que o “espectaculo miserabilissimo que nos offerecem constantemente aos olhos as nossas ruas por onde erram, aos magotes, crianças abamdnadas” (idem, p. 136). Para tal defende que:

Institua-se a creche para os pequeninos, guie-se o infante á escola, dê-se uma profissão ao adolescente, afeiçõe-se, desde cedo, a alma para o bem e o Futuro terá columnas que o sustentem, mas com o abandono em que jazem os homens de amanha só por dois vallos correrão ao destino que os espera: um, direito ao hospital, canalizado ao presidio (idem, p. 138).

Na visão de Coelho Netto, assim como foi defendido também por intelectuais da época, como o médico Aleixo de Vasconcellos¹¹⁸, ao ser “alfabetizado, o brasileiro teria

¹¹⁷ Varella (2012) aponta que a criação do primeiro espaço para abrigar as meninas órfãs na capital da República foi por iniciativa de Medeiros e Albuquerque.

¹¹⁸ Aleixo de Vasconcellos (1885, RJ – 1961, RJ) “foi médico legista, perito químico, professor. Foi membro da Associação Brasileira de Educação (ABE), Associação de imprensa, Liga Brasileira contra a Tuberculose. Foi também delegado do Brasil no Congresso de febre aftosa (1920), presidente e

finalmente condições de superar seu estado de ignorância, do qual resultariam sua miséria, falta de saúde e de vigor físico, e sua pouca produtividade” (STANCIK, 2006, p.34). Isto significa que eles entendiam que o grande mal do brasileiro era a “ignorância”, que não “conhecendo aquela ciência, não seguia seus ensinamentos, e assim prosseguia doente e miserável” (idem). O país, munido de uma raça de pouco vigor, permanecia entre as nações atrasadas, afastado, portanto, “da civilização, da prosperidade e da modernidade” (idem). Portanto, ao modificar o espírito e o físico dos brasileiros de “raça de pouco vigor” através da alfabetização, da educação higiênica, e da prática de esportes, seria dado o primeiro passo na direção da regeneração da raça para o progresso do país. Dotado de novos hábitos, o brasileiro saberia, a partir de então, zelar pelo futuro da raça e da nação. (STANCIK, 2006)

É nesse contexto que Coelho Netto defendeu, em suas crônicas, que a educação e a prática de esportes, como também a importância de se fundar escolas, principalmente as primárias, por causa da alfabetização, eram uma causa necessária a ser apoiada, visando o melhoramento da raça, ideia essa inserida no conceito da eugenia¹¹⁹.

Santos (2010) lembra que, a partir de meados do século XIX, havia várias linhas filosóficas, como: positivismo, darwinismo, evolucionismo, que movimentaram o pensamento político nacional. Sendo assim, conceitos construídos por intelectuais europeus alcançavam grande repercussão, propiciando justificativas “hierarquizantes” baseadas no critério científico. Dessa maneira, se explicavam as diferenças sociais das nações inferiores em vista das nações europeias. O autor acrescenta que, no Brasil, a eugenia chegou por meio de livros produzidos nos EUA e na Europa, sendo que

organizador do Congresso de Febre Aftosa, reunido no Rio de Janeiro (1922). Atuou como assistente da Policlínica de Crianças da Santa Casa. Estudou a possibilidade do tratamento da Coqueluche por uma vacina, obtendo êxito. Portanto, foi o precursor da Vacinoterapia de coqueluche no Brasil. Colaborou em várias revistas médicas do país, escrevendo sobre pediatria, microbiologia, higiene, imunidade, vacinação e sobre o problema do leite, sob o ponto de vista higiênico, químico, alimentar e bacteriológico”.

Disponível em:

[http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=135&descricao=Aleixo+de+Vasconcellos+\(Cadeira+No.+89\)](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=135&descricao=Aleixo+de+Vasconcellos+(Cadeira+No.+89)) [Consulta em 21 de maio de 2017].

¹¹⁹ A eugenia pode ser conceituada como “um importante movimento científico e social interessado no aperfeiçoamento genético da espécie humana, com supostas consequências físicas e morais. Suas origens encontram-se na obra do naturalista inglês Sir Francis Galton (1822-1911), primo de Darwin (1809-1882). Galton acreditava que tanto o físico como o mental eram resultados da herança biológica, o que justificava, no seu entender, os ‘cruzamentos selecionados’ mesmo entre humanos. Da aplicação dessas ideias, observou-se, que, em 1931, 27 estados norte-americanos adotavam legislação destinada a impor a esterilização de indivíduos tidos como disgênicos. Nos casos mais extremos, e servindo a propósitos racistas, o movimento eugênico conduziu a práticas de ‘limpeza racial’”. (STANCIK, 2006, p.35)

Algumas dessas ideias já existiam desde a metade do século XIX, e explicavam a experiência histórica em torno das populações escravas. Outras, [...] foram desenvolvidas após 1870, almejando construir um mundo moderno, colocando o Brasil nos trilhos do progresso. [...] Um dos motivos para o desenvolvimento do eugenismo nas três primeiras décadas do século XX estava, então, na preocupação com os ex-escravos que estavam em processo de proletarianização. (SANTOS, 2010, p. 4)

Stancik (2006) indica que, nos tempos iniciais da República, a intelectualidade brasileira, da qual Coelho Netto fazia parte, manifestava sérias dúvidas em relação ao futuro do país. Segundo as teses a respeito da questão racial do período, a miscigenação entre brancos, negros e índios, “teria gerado uma raça inferior, degenerada, incapaz para o progresso e de se fazer adaptada à civilização” (idem, p. 33). Desse modo, acreditavam que este fato levava o Brasil a uma condição de atraso em relação às nações industrializadas, ricas e “civilizadas”. Uma das condições que impediam o Brasil de progredir, na visão eugênica, era o crescimento desordenado das cidades e a imigração para os grandes centros urbanos, compondo um contingente de pessoas procurando moradia e trabalho (STANCIK, 2006).

Pude localizar também outra crônica de Coelho Netto, em que o cronista tratou sobre a questão da eugenia. Intitulada “Eugenia”, publicada em *A Noite*, no dia 10 de junho de 1924, Coelho Netto analisava o conceito da palavra em si, dizendo que “a palavra é bella e sôa harmoniosa como o estribilho de um hymno heroico”, e que:

[...] para que pudessem tirar proveito do encantamento refazendo as forças perdidas, readquirindo a belleza e a alegria, hoje tão raras, levantaram gymnasios, construíram piscinas, grammaram campos, balisaram arenas e, contractando profissionaes de athletica, pretenderam renovar os dias áureos, [...] Nós, que nos pretendemos inscrever no rol das nações que apuram o typo humano, osquecendo as lições primarias do paredro espartano, entendemos que só nos devemos preoccupar com a “especie” depois que ella chega ao seu desenvolvimento pleno, sem nos lembrarmos de que o homem, sendo argilla, deve ser afeiçoado emquanto tenro, como o oleiro enforma vaso emquanto o barro, humido e molle, se presta a ser plasmado. (*A Noite*, ed. 04504, 10 de junho de 1924, p. 1)

No Brasil, em nome da eugenia, pretendeu-se salvar a nação, pois os brasileiros doentes, pobres e feios seriam os responsáveis por transmitir essas características hereditariamente. Assim, era necessário um conjunto de ações para tornar os brasileiros de doentes e feios em fortes e belos, como também salvar as crianças carentes, que estavam à margem da sociedade, entregues aos vícios da cidade. Esse resultado seria obtido com uma série de estratégias educativas, sanitaristas e eugenistas. Para Coelho Netto,

A criança, *materia prima*, é, entre nós, o que vemos: refugio social, rebutalhado das ruas. Os infantes, em Esparta, eram pupillos do Estado – criavam-se sob as vistas do educador e do Irene, submettidos á *hygiene physica e moral*, robustecendo-se com a alimentação e com exercicios gradativos e aprendendo, em exemplos e lições de moral, a amar a Patria e a cumprir com heroismo inquebrantavel os deveres que tal amor lhes impunha. E como vive a criança entre nós, o pequeno filho do povo? Vive em sordicie, quasi famintos, (*sic.*), descuidada, correndo as ruas em vagabundagem, apandilhada com a escumalha, com a qual se norteia ao vicio e do vicio, que é resvaladio, se preccipita no crime. Que se púde esperar de uma cultura cuja sementeira é assim descurada, parte lançada entre pedras, parte abandonada em abafeiras e a maior quantidade comida pelas aves que, em casos taes, são as enfermidades que devastam os pobresinhos? É tratando assim as crianças que esperamos formar um povo sádio e activo, trabalhador e honesto, amoroso da Patria e que por ella corra a dar o sangue como fazia a mocidade espartana educada na escola de Lycurgo? [...] não basta bradar, como por ahi bradam: Eugenia! Eugenia! Melhor, de certo, seria que cuidassemos menos de jogos que apenas divertem e pensassemos mais nas crianças, fortaleccendo-as, educando-as para que, no futuro, dêem ao Brasil aquillo que mais lhe falta – homens. (*A NOITE*, ed. 04504, 10 de junho de 1924, p. 1)

Com o objetivo de modernizar o país, era necessário apagar os símbolos da degeneração. Como solução para este problema, vieram os remédios para um futuro promissor do Brasil: a educação higiênica e as ações públicas sanitárias. As condições ambientais teriam de modificar-se para que, transformando os indivíduos, os seus descendentes fossem beneficiados. Eugenistas e sanitaristas entendiam que as reformas das políticas públicas de saúde aprimorariam a capacidade hereditária. Na crônica anterior, Coelho Netto expõe bem a sua visão de que só com a Eugenia seria possível solucionar o problema das crianças de rua. Vale ressaltar que havia várias tendências eugênicas, porém, não pretendo aprofundar-me nas divergências e semelhanças delas, mas mostrar que o sujeito aqui estudado, Coelho Netto, estava inserido nesse contexto. Diante disso, pretendi tornar evidente algumas das particularidades e especificidades que marcaram a visão desse “mestre das palavras” em relação ao tema.

Priore e Venancio (2010) lembram que no final do século XIX, as instituições de caridade brasileiras registraram um crescimento acelerado do abandono de meninos e meninas negras, que por sua vez, coincidiu com a mudança do status jurídico da infância carente. Se até então essas crianças eram consideradas “anjinhos”, a serem socorridos por instituições misericordiosas, “eles passaram a ser encarados como “menores abandonados”, membros mirins das “classes perigosas”, que deveriam ser isolados do convívio social, em asilos destinados a esse fim” (idem, p.161).

Os autores ressaltam ainda que a política higienista da *Belle Époque* se estendeu ainda no espaço urbano, onde, depois de 1889, em diferentes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belém e Fortaleza, iniciou-se o que ficou conhecido como a era do

“bota-abaixo”. Com isso, este espaço que antes era

Fruto de uma experiência secular de adaptação da arquitetura portuguesa aos trópicos, cedeu lugar a projetos de reurbanização, orientados pela abertura de largas avenidas e pela imitação de prédios europeus, decisão levada a cabo pelos poderes públicos e que implicava desabrigar milhares de famílias pobres – a maior parte delas de negros e mulatos –, expulsando-as de áreas centrais, onde estavam os cortiços, para locais de difícil edificação. Dessa maneira, a mesma cidade que se embelezava era também aquela que inventou a favela, termo que nasce na época, concomitante com a expressão pivette (erva daninha) – designação em francês, a língua da moda, para criança de rua. (PRIORE e VENANCIO, 2010, p. 161)

Logo, a leitura sobre as demais crônicas permitiu-me observar que, na crônica “Primeiras Sementes”, publicada em 7 de agosto de 1921, e, depois, no livro *Fréchas* (1922), Coelho Netto comentava sobre a lei n. 1.750, de 8 de dezembro de 1920, promulgada pelo presidente de São Paulo da época, Washington Luís, cujo projeto, apresentado ao Congresso Estadual e defendido pelo deputado Freitas Valle, estabelecia a obrigatoriedade do ensino primário e providenciava sobre outras conveniências da instrução. Defendeu o cronista que deveria o estado dar a todos os que nele nasciam as primeiras sementes, que seriam o alfabeto, e ainda o instrumento da cultura, que seria a “pena”.

Acreditava, assim, que o impulso inicial para os homens passarem de rudes a fortes era através da instrução primária. No entendimento de Coelho Netto, a educação era uma ferramenta capaz de impor novos hábitos, mas dependia da prévia alfabetização. O analfabetismo impossibilitaria o indivíduo a ter acesso aos saberes, como por exemplo, os higiênicos, fazendo com que permanecesse dominado pelos saberes populares, que os tornaria doente, degenerado, improdutivo - e uma raça nessas condições condenaria a nação ao atraso. Razões dessa natureza o levavam a defender que alfabetizar, educar, transformar hábitos, eram patriótica missão dos homens de ciência em defesa da raça. Com essa mudança nos hábitos, nas mentes e nos corpos dos indivíduos, Coelho Netto pretendia garantir que as futuras gerações também fossem constituídas por homens vigorosos.

Outros defensores da questão da educação no Brasil, tendo como base a eugenia, nesse período, foram os médicos Miguel Couto¹²⁰, Afrânio Peixoto¹²¹, Renato Kehl¹²²,

¹²⁰ Miguel de Oliveira Couto (1864, RJ – 1934, RJ) “foi professor e médico. Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da qual se tornou lente, por concurso, no ano de 1898. Apóstolo da educação nacional combateu, também, a imigração japonesa, que considerava poder vir a constituir sério perigo para o Brasil. O apelo de Miguel Couto na Associação Brasileira de Educação começara a dar os seus

dentre outros. O primeiro foi conhecido por suas opiniões em relação à educação e a cultura no Brasil. Era defensor da medicina preventiva, e dizia que para melhorar o nível da saúde pública no Brasil era preciso ensinar a população a se prevenir, e para isso era preciso que ela tivesse o mínimo de instrução, ou seja, que ela fosse educada. Nessa perspectiva, em 02 de julho de 1927, Miguel Couto proferiu uma conferência na Associação Brasileira de Educação (ABE) apresentando um projeto sobre educação, largamente distribuído em todas as escolas normais e institutos profissionais da então Capital Federal, na qual, afirmava que o analfabetismo estaria diretamente ligado aos problemas na saúde pública e ao desenvolvimento do país. Nesse documento, sugeriu a criação do Ministério da Educação, com “dois departamentos: o do ensino e o da higiene”. Interessante notar que Coelho Netto homenageou Miguel Couto em uma de suas crônicas, em 25 de outubro de 1923, publicado em *A Noite*, e depois no livro *Às Quintas* (1924), como também Freitas Valle, mostrando que partilhava da mesma opinião desses sujeitos sobre a questão da educação.

A temática sobre o aprimoramento físico, por sua vez, também apareceu em relação a mulher, na crônica “O Esporte e a Belleza”, publicada primeiramente no *Jornal do Brasil*, em 6 de maio de 1923, e depois aproveitada no livro *Feira Livre* (1926). Na crônica, Coelho Netto criticou o Sr. Lafreté, presidente da Academia de Sports de Paris e

frutos. Nesse sentido, o ‘Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova’, lançado em 1932, reproduziu o que já pregara Miguel Couto cinco anos antes: ‘Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobleva em importância e gravidade o da educação’. Presidiu a Academia Nacional de Medicina durante 21 anos consecutivos. Foi membro da ABL, terceiro ocupante da Cadeira 40”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/miguel-couto/biografia> [Consulta em 20 de maio de 2017].

¹²¹ Júlio Afrânio Peixoto (1876, BA – 1947, RJ) “foi médico legista, político, professor, crítico, ensaísta, romancista, historiador literário. Foi inspetor de Saúde Pública (1902) e Diretor do Hospital Nacional de Alienados (1904). Após concurso, foi nomeado professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1907) e assumiu os cargos de professor extraordinário da Faculdade de Medicina (1911); diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro (1915); diretor da Instrução Pública do Distrito Federal (1916); deputado federal pela Bahia (1924-1930); professor de História da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932). Reitor da Universidade do Distrito Federal, em 1935. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia das Ciências de Lisboa; da Academia Nacional de Medicina Legal, do Instituto de Medicina de Madri e de outras instituições”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/biografia> [Consulta em 21 de maio de 2017].

¹²² Renato Kehl (1889, SP – 1978, SP) “foi farmacêutico e médico. Dedicou-se aos problemas de hereditariedade, e empolgado com a doutrina de Galton, se torna divulgador da eugenia no Brasil, com a criação, em 1918, da Sociedade Eugênica de São Paulo e seu próprio órgão, o “Boletim de Eugenia”. As atividades intensas como farmacêutico, não o impediram de continuar, desde 1918, com a propagação da Eugenia, o que fez com persistente dedicação nas várias conferências que pronunciou na Sociedade de Medicina e Cirurgia, na Academia Nacional de Medicina e em outras organizações médicas, além de inúmeros livros científicos e outros sobre ensinamentos de medicina social, higiene mental e educação, dentre eles, destacam-se *Lições de Eugenia*, *Eugenia e Medicina Social*, *Melhoremos e Prolonguemos a Vida*, *Porque sou Eugenista*”. Disponível em: [http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=660&descricao=Renato+Kehl+\(Cadeira+No.+93\)](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=660&descricao=Renato+Kehl+(Cadeira+No.+93)) [Consulta em 21 de maio de 2017].

o escritor espanhol, Gomez Carrilho, na afirmação deles de que os exercícios físicos comprometiam a “plástica” feminina. Para tal, o cronista elencou autores estrangeiros com a finalidade de defender a ideia de que a ginástica e os esportes metodizados beneficiavam a beleza feminina e realçavam seus encantos naturais. Defendeu também que o movimento de vida e saúde eram essenciais à beleza. Sendo assim, caso a mulher não se exercitasse, ela ficaria flácida, perderia a flexibilidade e engordaria. Além disso, na visão de Coelho Netto, o benefício maior que a educação enérgica poderia trazer para a mulher, além da beleza, era o reforço à sua estrutura corporal, preparando-a para o seu destino maior: a maternidade. Em contrapartida, não era qualquer exercício que era adequado para sua prática. Dentre os que podiam ser praticados, estavam a natação, a corrida e os exercícios de corpo livre, que desenvolveriam a plástica e fariam circular, com vivacidade, o sangue, dando leveza aos movimentos e graça as atitudes. Nesse sentido, Coelho Netto atentava:

Certamente ninguém exigirá da mulher que jogue football ou o rugby, que esmurrece antagonistas com o guante de box, que arremesse barras de ferro, que se engalfinhe em luta romana. Ha exercicios que lhe não são proprios e que lhe seriam prejudiciaes, não só á belleza como á saude e até a sujeitariam ao ridiculo. (COELHO NETTO, 1926, p. 178 e 179)

Amante de vários esportes, Coelho Netto acreditava que a prática deles era fundamental para o desenvolvimento do cidadão e para afirmação nacional, não só nos aspectos físicos, mas no revigoramento moral, contribuindo para a formação de um indivíduo virtuoso e de boa índole (FERNANDEZ, 2011). Nesse aspecto, Coelho Netto exemplificou a questão da prática dos esportes como sendo necessário para a aprimoramento moral e físico dos jovens a partir da educação dos seus próprios filhos, como pude observar em uma carta do escritor, publicada no jornal *Pacotilha*:

[...] Prouvera Deus que todos os Paes guiassem seus filhos pelo caminho em que puz os meus, que são sete, todos sadios e alegres, formando em torno da minha velhice, que começa a alvejar, um carinhoso halo de caridade e conforto. Tendo perdido os primeiros, que foram tantos quantos são os que hoje tenho e abenço, [...] desisti do aperreado sistema, tão mal sucedido, de encerrar e atafabar em lãs os pequeninos, decidindo-me pela liberdade, que é o natural. Abrir as janelas ao sol e ao ar deixando as crianças soltas no jardim, brincando onde e como lhes parecesse; num raio de sol ou á sombra arejada, na terra ou no gramado, numa redouça entre ramos ou, á maneira dos passaros, num galho de arvore, chilreando risos. [...] E, assim como se adestravam no mar, exercitavam-se em terra; os rapazes em jogos varonis; as meninas, na corrida, na patinação, na corda [...] E aqui os tenho robustos não só de corpo em musculos, como de espírito em caráter; fortes e enerjicos, resistentes e corajosos, temperantes e alegres, altivos e delicados, tão prontos na represália como obedientes á disciplina, não faltando aos treinos, quando escalados,

tantos os de natação e canoagem, como os de “football” desportos que fizeram, improvisadamente da Inglaterra, que foi sempre um viveiro de “sportmen”, uma formidável nação guerreira. Esparta saiu do stádio, a Inglaterra exercitou-se em clube. Onde se preparará o Brazil? Que soam sempre vezes como a de v. s. chamando a mocidade às escolas de energia e, ainda que os tangos cessam por falta de pares, a Patria ganhará homens e será bom para os meus filhos e também para mim que os vejo como devem ser homens-viris de corpo e d’alma.-Patricio muito agradecido, Coelho Netto. 79, rua do Rozo. (*PACOTILHA*, ed. 69, 6 de março de 1917, p.4)

Na carta publicada no jornal *Pacotilha*, em 6 de março de 1917, Coelho Netto mostrava que a prática de esportes era considerada um hábito saudável, bom para o corpo e para a mente, utilizando os próprios filhos como exemplo. Após perder vários filhos por doença na infância, Coelho Netto desistiu de mantê-los em ambientes fechados e resolveu expô-los a uma vida mais livre e dinâmica, incentivando a prática da educação física, fazendo dos seus filhos grandes desportistas. Violeta¹²³, já era, aos dez anos, uma das maiores atletas de nado *crawl* da cidade; João, conhecido como Preguinho, foi um atleta multicampeão em vários esportes, com destaque para a natação e futebol, onde sobressaiu por ser o autor do primeiro gol da seleção brasileira em uma copa do mundo em 1930; Georges e Paulo jogaram *water polo*; e Emanuel (Mano) foi campeão sul americano de futebol em 1919.

O incentivo ao esporte o associou a vários clubes, como lembra Fernandez (2015), rendendo-lhe várias homenagens. No entanto, sua maior paixão foi o Fluminense Football Club, para o qual compôs o primeiro hino oficial, em 1915, e foi diretor artístico, em 1925. Sendo assim, considerava o futebol um esporte moderno e promotor de um tipo de civilização adaptado aos modelos idealizados pela Europa, capaz de levar ao aperfeiçoamento físico e cívico do indivíduo. Indo contra esse pensamento, Lima Barreto, que fora um opositor ferrenho das concepções de Coelho Netto em relação ao futebol, por acreditar que esse esporte não passava de um passatempo de ricos, “importação odiosa que não deveria ser levada a sério”, o crítico chegou a fundar a “Liga contra o football”, em 1919 (FERNANDEZ, 2011). Essa crítica de Lima Barreto ao futebol também esteve presente em sua crônica “O nosso esporte”¹²⁴, publicada no jornal *A.B.C.*, do Rio, em 26 de agosto de 1922:

¹²³ Sobre Violeta Coelho Netto, acessar: <http://www.operasempre.com.br/2013/07/violeta-coelho-netto-de-freitas.html> [Consulta em 21 de maio de 2017].

¹²⁴ Crônica presente no livro *Vida Urbana* (1953, p.139), onde estão reunidas outras crônicas de Lima Barreto. Disponível online no site: <http://www.dominiopublico.gov.br/> [Consulta em 19 de maio de 2017].

Quem abre qualquer um dos nossos jornais, principalmente nestes dias de centenário festejados faustosamente em meio da maior miséria, há de concluir que este nosso Rio de Janeiro não é o paraíso do jogo do bicho, a retorta monstruosa da politicagem, a terra dos despautérios municipais e de poetas. Concluirá que é um imenso campo de *football*. Senão, vejam; os quotidianos ocupam urna ou duas colunas, em semana, com política, um cantinho com coisas de letras, algum pouco mais com as patacoadas do nosso teatro, quase nada com artes plásticas, tudo o mais de suas edições diárias, isto é, a quase totalidade da folha, enche-se com assassinatos, anúncios e *football*. [...] Abram o *Diário Oficial*, lá verão, no orçamento e fora dele, as autorizações inúmeras ao governo para auxiliar com subvenções de cem, duzentos e mais contos, tais e quais ligas de “desportos”, como eles, os *sportmen*, dizem, na sua comichão de vernaculismo. As mais das vezes, essas subvenções ficam no caminho; mas, nem por isso, o congresso deixa de auxiliar o desenvolvimento físico dos nacionais do país. (A.B.C., 26 de agosto de 1922 apud BARRETO, 1953, p. 139)

Importante salientar que, nessa época, o futebol era um jogo das elites. Helal e Teixeira (2011) lembram que, na segunda metade do século XIX, o esporte teria chegado ao Brasil por meio de filhos de imigrantes ingleses e, por isso, era praticado exclusivamente em clubes que reuniam as elites das sociedades das principais cidades brasileiras. Um desses clubes, por sua vez, considerado exclusivamente da elite no início do século XX, era o Fluminense. A exemplo disso, os autores relatam um episódio no qual o jogador do Fluminense, Carlos Alberto, um mulato que durante uma partida contra o time do América, em 1914, cobriu o corpo com pó de arroz para se passar por branco. Ao longo da partida, a maquiagem derreteu e a cor da sua pele veio à tona, originando o apelido de pó de arroz do aristocrático clube das Laranjeiras. Além da exclusão dos negros, que havia ainda as altas despesas com mensalidades, uniformes, etc, que acabava por afastar os mais pobres (HELAL e TEIXEIRA, 2011).

Outra questão presente na crônica “O esporte e a beleza” é sobre os hábitos e o papel da mulher perante a sociedade da época: destinada à maternidade e à ordem do lar e da família (no caso, os filhos e o marido). Essa temática, como já visto no primeiro capítulo, em sua oratória, foi também recorrente em suas crônicas jornalísticas. Na crônica “Pernas...”, publicada primeiramente no jornal *A Noite*, e depois no livro *O Meu Dia* (1922), Coelho Netto aconselhava que as mulheres fossem recatadas em relação à atitude daquelas que usavam as pernas de fora. O cronista acrescenta que “a mulher deve ser lentamente decifrada, como enigma, que é: encanto a encanto” (COELHO NETTO, 1922, p. 169). Sendo assim, a Igreja, por exemplo, não devia fazer ameaças para conseguir a moralização das mulheres- pois elas não temem - mas sim mostrar-lhes que isso é imoral:

Uma menina que não se resguarda, que tudo traz exposto aos olhos do mundo é como o prodigo que atira a sua fortuna á rebatinha e, um dia, recorrendo ao cofre, não encontra vintém. [...] eu entendo que isso de andar com as pernas á mostra, longe de attrahir, espanta. O anzol deve estar escondido; mostre-se a isca, que é o rosto formoso, o mais occulte-se, e, quanto mais escondido, melhor. (idem, p. 170)

Maluf e Mott (1998) apontam que as mudanças no comportamento feminino ocorridas durante as primeiras décadas do século XX, incomodaram os conservadores, possibilitando, assim, debates a respeito da temática entre os mais progressistas. Era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, conhecidas como “de boa família”, que se aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou comprar para o lar, para si mesma, ou para os filhos. Assim, para as novas maneiras de se comportar, tornara-se necessário o seu controle. Nessa perspectiva, todos impunham a elas respeito, instituindo que era de bom tom que a senhora soubesse conservar um “ar modesto e uma atitude séria”, como, por exemplo, as casadas, que tinham que ser sensatas e não saírem à rua com homens que não fossem seu pai, seu irmão ou seu marido. Caso contrário, iriam expor-se à maledicência, comprometendo não só as próprias honras, como a dos maridos, como indicado pelas autoras em uma revista feminina da época. Diante desse contexto, intelectuais da época, conjugaram esforços para disciplinar toda e qualquer iniciativa que pudesse ser interpretada como ameaçadora à ordem da família, como por exemplo, usar vestidos que mostrassem as pernas.

O dever das mulheres brasileiras foi determinado por um forte discurso ideológico que reunia tipos de comportamentos femininos ideais, convertendo-os em rígidos papéis sociais a elas destinados, reduzindo ao máximo suas atividades e aspirações até “encaixá-las no papel de “rainha do lar”, sustentado pelo tripé: mãe, esposa e dona de casa” (MALUF e MOTT, 1998, p. 373). Isto é, os papéis eram casar, cuidar do lar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos de amanhã. Essa representação das mulheres, correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos, juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa, que mais do que suas obrigações, passou a ser medida e avaliada pelas prescrições do dever ser. (MALUF e MOTT, 1998)

É interessante notar, então, que, possivelmente, essa crônica não era destinada às mulheres, apesar de ser o tema principal do texto, mas sim, destinado aos homens, principalmente aos conservadores que se indignavam com a ousadia das mulheres que mostravam as pernas e não tinham o recato com o corpo. Mas, também, à Igreja, que ao

invés de condená-las deveria inculcar nelas que esse costume era uma má conduta, fazendo com que elas tivessem vergonha de sair às ruas com roupas que expusesse partes do corpo, inibindo-as de cometerem tal hábito. Nesse sentido, Almeida e Rossini (2016) lembram que os manuais de civilidade¹²⁵, por exemplo, se faziam necessários, pois ditavam normas comportamentais restritivas ao sexo feminino. Os tratados de civilidade, etiqueta e boas maneiras sufocavam o espaço da sociabilidade e as relações de gênero, ao impor normas sociais, desde as obrigações das jovens e senhoras de não saírem desacompanhadas, até os impedimentos dentro do lar, como atenderem à porta ou receberem visitas particulares. Pregava-se assim, costumes de acordo com as normas religiosas e as obras literárias, especialmente os romances femininos, propagavam imagens de mulheres íntegras, controladas, castas, caladas e sufocadas pelas normas sociais. A respeito dos manuais de civilidade Cunha (2006) acrescenta que:

[...] eram considerados vetores de sistemas de valores, ferramentas para a consolidação das formas e dos códigos morais e sociais. Eles compunham-se de inúmeros conselhos, regras precisas e orientações de conduta pessoal, moral e social cujo objetivo era transmitir e ensinar atenções e cuidados que cada indivíduo deveria dirigir a si mesmo, no espaço público e privado. (p. 352)

A exemplo da representação do ideal feminino na visão do Coelho Netto e presente em suas crônicas, podemos encontrar na própria família do escritor, como fazia questão de mostrar: uma esposa bela, recata e dedicada ao marido, conhecida por todos como Dona Gaby (Figura 13). Mantinha a ordem do lar, recebia muito bem os convidados do marido em saraus, eventos, festas e etc. além disso, criara todos os filhos exemplarmente, e principalmente, as meninas: Dina, Violeta e Zita (Figura 13), mostrando-lhes o papel que deveriam desempenhar no futuro.¹²⁶

¹²⁵ Sobre manuais de civilidade, ver: CECCHIN, Cristiane, CUNHA, Maria Teresa Santos. *Tenha modos! Educação e Sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta*. In: X Simpósio Internacional PROCESSO CIVILIZADOR, 2007, Campinas/SP. X Simpósio Internacional Processo Civilizador/Sociabilidades e Emoções. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007. v. 01. p. 123-135, e, CUNHA, Maria Teresa Santos. *Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal (1920-1960)*. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia/MG. COLUBHE 06/ ANAIS. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. v. 01, p. 350-361.

¹²⁶ A respeito da educação de meninas e moças, na visão de Coelho Netto ver: SILVA, Shayenne Schneider. *Alma: educação feminina para Coelho Netto*. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Figura 13 - O Malho, edição 1336, 21 de abril de 1928, p. 26



Fonte: Hemeroteca Digital/ FBN

Dessa forma, a subordinação das mulheres a pais e maridos demonstrava que a posição destas era, ao mesmo tempo, dependente e central, como exemplificado pelas mulheres da vida de Coelho Netto. Além da administração doméstica, as mulheres eram as estrelas no palco da alta sociedade, pois a exibição de roupas e joias (como pode ser observado na figura anterior também), o comportamento em salões e estabelecimentos de chás da cidade, e a graça que conferiam às recepções semanais serviam como indicadores confiáveis do status familiar (NEEDELL, 1993).

Na crônica “Uma obra pia” publicado primeiro no jornal *A Noite*, em 04 de dezembro de 1919, e depois no livro *O Meu Dia* (1922), o escritor tratou sobre o progresso das mulheres na sociedade, como por exemplo o fato delas saírem de “prisoneiras” do lar para frequentarem o espaço público. Falou também da possibilidade delas trabalharem nas fábricas e frequentarem escolas, bancos, casas comerciais,

companhias, escritórios sozinhas. O escritor demonstra, também em sua crônica, as preocupações em relação a elas nesses espaços, desprotegidas pelas ruas da cidade, sujeitas aos males que haviam nela. Pensando nisso, Coelho Netto anunciou que foi fundado uma generosa Associação Feminina, patrocinado pela Comunidade de S. Vicente de Paula,

Funcionando, em começo, como escola de instrução moral e pratica foi, pouco a pouco, desenvolvendo-se, tornando-se verdadeira colméa de trabalho alegre, onde aprendem meninas, umas nascidas em berços de ouro, que naufragaram na correnteza assoberbada da vida contemporânea, outras saídas da mais extrema pobreza que, reunidas sob os auspícios de uma zelosa directora, salvaram-se e vivem com virtuoso conforto, não só mantendo-se como ainda sustentando o lar da familia, que nellas tem a sua providencia” (idem, p. 148).

Portanto, a Associação Feminina, que oferecia cursos preparatórios, escrituração mercantil, datilografia, taquigrafia, corte, costura e desenho, e que, em breve, se tornaria um “diversório de hygiene de corpo e d’alma” (COELHO NETTO, 1922, p. 149), serviria para a proteção das jovens trabalhadoras da cidade. Coelho Netto anunciava que seria, em breve, inaugurado um restaurante com pensão de preço acessível e exclusivo para senhoras. Acrescenta que, além disso, haveria dormitórios, também a serem inaugurados, para as mesmas, para protege-las dos perigos e explorações que a assediam. Porém, para que esse sonho se tornasse possível, era necessário que todos ajudassem a essa Associação. É nesse sentido que Coelho Netto apelava aos seus leitores no mês de Natal, para que ajudassem a tal instituição beneficente. Dessa forma, percebo que a crônica era destinada às pessoas da alta sociedade, pois ao mostrar o benefício que essa Associação iria trazer a cidade, principalmente às mulheres de baixa renda que precisavam trabalhar fora do lar para complementar a renda do marido ou mesmo sustentar o lar, poderiam ter aonde se abrigar, logo, os leitores, da alta sociedade poderiam se comover com essa causa e ajudar financeiramente.

Entretanto, percebi que, em contrapartida à maneira que Coelho Netto defendia as questões femininas – isto é, aceitava que estas ocupassem espaços públicos, porém ditava que deveria haver lugares, profissões e maneiras adequadas de frequentar, comportar, demonstrando também uma preocupação em controlá-las e protegê-las dos males e dos vícios da cidade –, Lima Barreto abordou a questão ligado às mulheres, porém com críticas ferrenhas a esse “falso feminismo” que imperava na sociedade e na imprensa da

época. Como por exemplo em sua crônica “O Nosso Feminismo”¹²⁷, publicada no jornal carioca *A.B.C.*, a 12 de agosto de 1922, o cronista mostrava-se atento às causas femininas, dizendo ser preciso fazer uma discussão clara e livre sobre a emancipação feminina, e não fingir que defende a causa feminina enquanto na verdade era uma defesa falsa, e uma maneira de controlá-las, financeiramente, politicamente, psicologicamente e ideologicamente.

Needell (1993) sustenta que as mulheres da elite, criadas no seio da família, silenciosas e discretas ao público, conscientes das formalidades que implicavam respeito e subordinação, e preparadas para exercer suas funções no casamento e na sociedade desde jovens, desfrutavam na época de uma vida mais plena, mas não de uma vida livre, assim como apontado na crônica de Lima Barreto. *A Belle Époque* não eliminou preconceitos tradicionais, somente os modificou no mundo carioca europeizado (idem).

As crônicas escritas por Coelho Netto, como aquelas em que discorreu sobre crianças, educação e mulheres, destinavam-se em sua maioria, ou principalmente aos seus pares, homens letrados, que pudessem entender seu estilo rebuscado e erudito de escrever. Contudo, percebi que Coelho Netto abordou as mesmas temáticas, de forma mais leve e sutil nos seus contos, teatros e livros didáticos para o público jovem. Pude perceber também que a sua vida de escritor para crianças esteve diretamente ligada à sua atuação nas escolas. Nesse sentido, pretendo agora perscrutar o campo do magistério, a fim de conhecer mais de perto o discurso desse mestre a respeito do papel da educação nas escolas que lecionou, em particular no Ginásio Nacional, no Ginásio de Campinas e na Escola Dramática.

¹²⁷ Crônica presente no livro *Vida Urbana* (1953, p.137), onde estão reunidas outras crônicas de Lima Barreto. Disponível online no site: <http://www.dominiopublico.gov.br/> [Consulta em 19 de maio de 2017].

3 “É NA ESCOLA QUE O POVO TRANSFORMA-SE EM NAÇÃO”

3.1 Devo ser professor: uma Congregação a favor de Coelho Netto

Retornando ao Rio, em 1905, êle enfrenta o período mais difícil de sua carreira, pois os livros e os artigos de jornal mal lhe proporcionavam meios para manter o lar. Em 1907, é nomeado lente de Literatura, interino, do Ginásio Nacional, atual Externato Pedro II, e, no ano seguinte, o barão do Rio Branco oferece-lhe um posto na diplomacia, mas êle recusa para não sacrificar a família. Resistindo à sedução duma alta, compensadora e tranquila missão no estrangeiro, longe de dos seus, preferiu permanecer e lutar em sua terra, junto dos seus filhos pequeninos.

Coelho Netto, Paulo, 1957, p. 20

Segundo seu filho, Paulo, o escritor Coelho Netto fora um pai muito preocupado com a educação e saúde dos filhos. Logo, a carreira diplomática não seria a melhor escolha para buscar uma renda que pudesse sustentar o lar. Provavelmente, este poderia ter sido um dos motivos para Coelho Netto ingressar, além da política, no magistério pois, assim, poderia estar presente na vida dos filhos e, ao mesmo tempo, conseguir o sustento da família. Ubiratan Machado (2009) indica que, ao retornar à cidade do Rio de Janeiro, Coelho Netto teria ficado instalado no Hotel Metrópole, em Laranjeiras, devido às dificuldades enfrentadas pelo homem de letras e de sua época, pois para quem vivia da pena, a publicação de livros e a colaboração na imprensa não oferecia os recursos para o sustento de sua família, que era composto pela esposa e de sete filhos, dentre eles três meninas e quatro meninos¹²⁸. O autor acrescenta que Coelho Netto, em 1905, não aguentando viver em um hotel, conseguira alugar uma casa na rua do Roso (atual rua Coelho Netto, em homenagem ao escritor), nº 79, onde só depois de assumir a política e as escolas que lecionou conseguira efetuar a compra dela e onde viveria até sua morte.

¹²⁸ Coelho Netto depois de se casar com Dona Gaby, teve quatorze filhos. Porém, sobreviveram apenas sete deles.

Como demarcado por Alexandra Lima da Silva (2014), poucos eram os homens de letras que conseguiam sobreviver somente “da pena”, tendo a necessidade de exercer mais de uma atividade. Sendo assim, muitos deles, viam na escrita de livros didáticos e na atuação do magistério, o caminho para atingir o progresso, num momento em que a instrução e a leitura serviriam como meio para que o país superasse o analfabetismo.

Porém, a escolha do colégio para construir essa renda estável do lar não poderia ser aleatória, tinha que ser um colégio de nome, que pudesse oferecer a este professor um lugar de destaque e prestígio intelectual a sua altura. Sendo assim, em 1907, Coelho Netto é nomeado Lente de Literatura interino do Externato do Ginásio Nacional¹²⁹, onde dois anos depois fora efetivado. Vale ressaltar que, em 1891, o governo equiparou as vantagens dos lentes e professores do Ginásio aos Lentes e professores de Ensino Superior, isto é, estes ganhavam os mesmos salários do corpo docente de Ensino Superior (DORIA, 1997).

O Colégio de Pedro Segundo, segundo o site oficial do colégio¹³⁰, foi o primeiro colégio de instrução secundária, criado para ser referência de ensino no Brasil. Com a Proclamação da República, em 1889, o Colégio passou a se chamar Instituto Nacional de Instrução Secundária, “com o intuito de apagar a identificação do Colégio com o regime imperial extinto e com próprio imperador deposto” (ALVES, 2006, p. 176). E, já em 1890, mudou para Ginásio Nacional. Apesar disso, nos primeiros anos da República, o Ginásio Nacional se manteve como era no Império, “um ponto de encontro e lugar social de um pequeno círculo de intelectualidade – como professores, jornalistas e escritores” (GASPARELLO, 2004 apud ALVES, 2006, p. 177). A autora ainda revela que esses intelectuais pertenciam a outros grupos sociais formando uma complexa rede que compunha a “intelectualidade carioca” (idem).

Nesse sentido, se tornou necessário a consulta ao acervo do Núcleo de

¹²⁹ Atual Colégio Pedro II.

¹³⁰ “Sua origem remonta ao Colégio dos Órfãos de São Pedro, criado em 1739 pelo Bispo D. Antônio de Guadalupe, posteriormente chamado Seminário de São Joaquim (1766). O seminário exercia também a função de escola, funcionando como um polo de cultura na cidade do Rio de Janeiro, papel que ganhou mais relevância quando da expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759. A partir desse episódio, a educação dos jovens se limitou à instrução doméstica com preceptores e aos seminários ligados às paróquias locais, como o São Joaquim. Por iniciativa do ministro interino do Império, Bernardo Pereira de Vasconcellos, o Seminário de São Joaquim foi transformado no Imperial Collegio de Pedro Segundo, por meio de um Decreto de 2 de dezembro de 1837. O nome dado à instituição foi uma homenagem ao Imperador Dom Pedro II, que naquela data completava 12 anos de idade. Com um programa de ensino de base clássica e tradição humanística, a instituição conferia a seus formandos o diploma de Bacharel em Letras, o que os habilitava a ingressar no ensino superior sem prestar exames”. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/component/content/article/83-cpii/1631-per%C3%ADodo-imperial.html> [Consulta em 27 de março de 2017].

Documentação e Memória (NUDOM)¹³¹, arquivo presente no próprio colégio, a fim de interpretar a atuação de Coelho Netto como professor deste colégio. Vidal (2005) relata que, nos últimos anos, a temática sobre arquivos escolares tem sido recorrente no campo da história da educação, e tem mobilizado “investigadores da área, renovando as práticas da pesquisa e suscitando o uso de um novo arsenal teórico-metodológico” (VIDAL, 2005, p. 71). A autora explica ainda que esse movimento tem despertado a preocupação com a preservação de acervos, “enredando os historiadores da educação na discussão sobre cultura material, o exercício do arquivamento e do descarte e as técnicas específicas de conservação de cada suporte e objeto” (idem).

Posto isto, Cardoso (2017) elenca os principais documentos que podemos encontrar neste acervo, dividindo-os em: acervo bibliográfico, histórico e iconográfico,¹³² assim como indicado por Furtado (2011) sobre os tipos de documentos que podemos encontrar em arquivos das instituições escolares:

[...] pode-se dizer que nos arquivos das instituições escolares é possível encontrar documentos de diversos tipos e registros de caráter administrativo, pedagógico e histórico, documentos esses de valor inestimável, como: álbuns de fotografias, livros didáticos e paradidáticos, relatórios, listas de matrículas, prontuários de alunos e professores, trabalhos de alunos, cadernos, entre outros, que permitem a compreensão do processo de ensino, da cultura escolar e, conseqüentemente, da História da Educação, tornando-se fontes de informações fundamentais para a pesquisa. (p. 152)

Sendo assim, no NUDOM, pude localizar a ata de congregação do colégio, no qual contém um parecer com os argumentos da candidatura de Coelho Netto para o preenchimento da vaga de Lente, permitindo-me pensar sobre: Quais seriam esses argumentos que o possibilitaram assumir a cadeira em questão? Quais docentes faziam parte dessa Congregação? Como a ata de congregação de uma escola, utilizada como uma

¹³¹ O NUDOM foi criado há 20 anos e atualmente, tem sido parte integrante do Centro de Documentação e Memória do Colégio Pedro II, localizado no campus centro, na cidade do Rio de Janeiro. “Tem como um dos principais objetivos resgatar e preservar a memória da educação dessa tradicional instituição de ensino, bem como estimular e implementar a realização de estudos e pesquisas em História da Educação” (CARDOSO, 2017). Segundo o site do Colégio Pedro II, o NUDOM é constituído “de um acervo arquivístico, bibliográfico e iconográfico formado por cerca de nove mil itens, entre obras raras, livros didáticos dos professores catedráticos, programas de ensino, livros manuscritos, a Coleção das Leis do Brasil, entre outros”. Disponível em: https://www.cp2.g12.br/component/content/article/189-programas_interdisciplinares/nudom/1487-n%C3%BAcleo-de-documenta%C3%A7%C3%A3o-e-mem%C3%B3ria-nudom.html [Consulta em 25 de janeiro de 2017].

¹³² Cassab e Selles (2008) comenta que o arquivo escolar do Colégio Pedro II é composto, predominantemente, por “registros relacionados à vida administrativa da escola, como livros de ofícios, livros de pontos, atas da congregação, enquanto a dimensão pedagógica tende a ser menos representativa” (p. 244).

das fontes, ajuda na pesquisa em história da educação?

A leitura e interpretação da Ata da congregação – por ser considerada um documento administrativo da escola, colégio ou instituição, no caso, do Ginásio Nacional – me permitiu traçar pistas e indícios (GINZBURG, 1989) para entender mais sobre Coelho Netto no magistério. Ginzburg (1989), em seu método indiciário, sugere que o primeiro olhar a uma fonte deve se distinguir “pela proposição de olhar prioritariamente para o universo micro” (apud ABREU JÚNIOR, 2005, p. 147). Devemos, assim, ficar atentos “a cada percepção cuidadosa e detalhada desse universo do diminuto e do detalhe e a cada encontro de particularidades significativas” ressaltando “as minudências que compõem a base da urdidura do contexto” (idem).

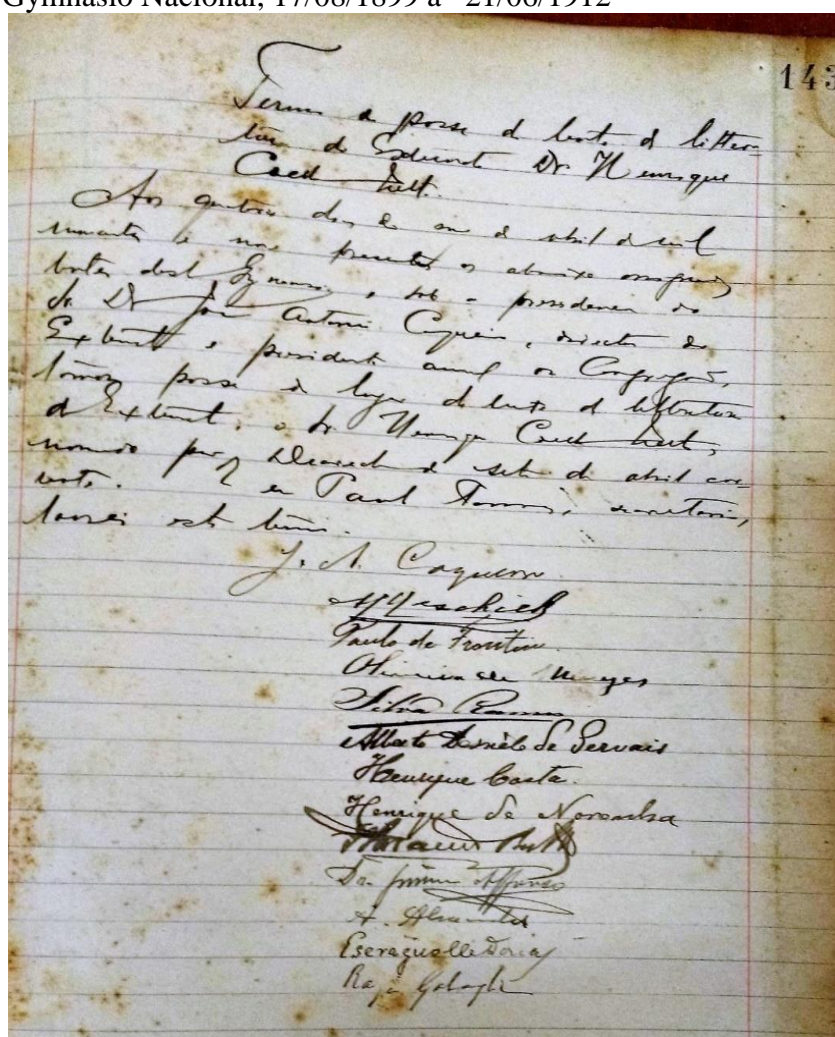
Isto é, enquanto um documento administrativo, a ata da congregação poderia ter passado despercebida aos meus olhos enquanto pesquisadora, porém, ao observá-la mais atentamente, para o conteúdo em si, assinaturas, datas, etc., questões iam surgindo a fim de descobrir mais sobre seu entorno. Conforme Hernandez (2002, p. 225), “las cosas, los bjetos, guardan um orden, cumplen uma función en el aula, en los espacios del colegio, de la escuela o del instituto”. Logo, devemos refletir sobre eles, pois todos os objetos nos informam, nos dizem como pensam, como estão formados, que sistema de comunicação e que relações são estabelecidas com as crianças, quais as diretrizes mais importantes da administração, como a escola está organizada e etc (SACHETTO, 1986 apud HERNANDEZ, 2002). Sobre cultura escolar Julia (2001) comenta:

A cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização [...]. (p. 10 e 11)

Julia (2001) aponta que não devemos desassociar as normas e práticas do corpo profissional dos agentes, isto é, quem as coloca em ação. Isto é, os objetos não são neutros, eles constroem relações com agentes que fazem parte desse universo escolar. E mais do que revelar práticas e normas de uma determinada escola, podem nos revelar

também sentidos difundidos na sociedade como um todo. Portanto, recorri aos documentos administrativos do colégio, para entender mais sobre seu corpo docente, mais especificamente, durante a Primeira República, que por sua vez, poderiam me revelar também mais sobre Coelho Netto. Dentre eles, me deparei com o termo de posse, destacado na imagem a seguir, contido no Livro de Atas da Congregação do Ginásio Nacional. Junto a ele, localizei o parecer do relator Francisco Pinheiro Guimarães,¹³³ que discorre os argumentos para Coelho Netto assumir definitivamente a cadeira de Literatura do colégio.

Figura 14 - Livro de Atas Congregação – ACO Externato do Gymnasio Nacional, 17/08/1899 a 21/06/1912



Fonte: NUDOM

¹³³ Francisco Pinheiro Guimarães (1871 – 1948) “foi médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, jornalista e escritor. Casado com Maria Joaquina de Magalhães Castro. Escreveu *Um voluntário da Pátria* (1958). Filho do Dr. Francisco Pinheiro Guimarães (1832-1877), teatrólogo, romancista, médico e lente catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e neto do escritor Francisco José Pinheiro Guimarães (1809 – 1857), teatrólogo, poeta, jornalista e tradutor”. (COUTINHO e SOUSA, 1989, p. 691)

No parecer, o relator utilizou-se de alguns critérios para servir de justificativa na seleção de Coelho Netto, obedecendo aos dizeres restritos do artigo 52 do Código de Ensino da época, segundo o qual seriam dispensados de concurso os pretendentes que já tivessem “publicado obras, as quais, sujeitas ao exame da congregação, sejam por ella julgadas como reveladores de sufficiente preparo teorico e pratico” (ATA DA CONGREGAÇÃO, 1909). Lembrando também que, como já visto no capítulo 1, Coelho Netto não tinha formação acadêmica, o que, segundo a legislação vigente, também não era motivo para impedi-lo de assumir a cadeira desse Ginásio, como resguardado na lei:

HABILITAÇÃO PARA O CONCURSO

Art. 57. Poderão ser admittidos a concurso nos institutos de ensino superior os brasileiros que se acharem no goso dos direitos civis e politicos e possuirem o gráo de doutor, bacharel ou engenheiro pelo estabelecimento onde houver a vaga ou por outros a elle equiparados, e tambem os brasileiros que, tendo esse gráo por instituições estrangeiras, se houverem habilitado perante algum dos referidos estabelecimentos.

Parapho unico. Para o magisterio no Gymnasio Nacional não ha mister que os candidatos possuam gráo scientifico. (Decreto nº 3.890, de 1º de Janeiro de 1901)

Vale ressaltar que o decreto em questão foi implantado na Reforma Epitácio Pessoa, em 1901, quando este era Ministro da Justiça e Negócios Interiores do governo Campos Sales¹³⁴, propiciando “a concretização do idealismo de Benjamin Constant, corrigindo e adaptando a reforma deste às realidades regionais” (BOMENY, 2015, p.5). Dentre as propostas para a educação em seu mandato estava a priorização da formação secundária, “visando consolidar a estrutura seriada do modelo educacional” (idem). Dessa forma, o ensino ficaria desvinculado da frequência obrigatória, prevalecendo na prática os exames preparatórios, assim como no Ginásio Nacional, que davam aos alunos a oportunidade de acesso ao conhecimento pela via seriada ou através de estudos individualizados e orientados fora das escolas. Tal proposição gerou uma contraditória possibilidade de aquisição de conhecimento, com ou sem escola, o que acabou enfraquecendo o próprio espírito reformador proposto, ora afirmando o valor da instituição escolar, ora negando-o pelo mesmo princípio. (BOMENY, 2015)

A autora acrescenta ainda que, de tão modificada que a reforma foi pelo Congresso Nacional, o ministro restabeleceu, assim, o exame de madureza por considerar ineficiente a Reforma Benjamin Constant, estendendo também o privilégio da

¹³⁴ “A partir de 1892, essa pasta passou a abranger os serviços de educação e saúde pública” (BOMENY, 2015, p.5).

equiparação ao Ginásio Nacional “não mais apenas aos liceus, mas a qualquer instituição de ensino secundário, estadual, municipal ou particular. O exame de madureza foi mantido sob o argumento de elevar a qualidade de ensino” (idem).

Posto isto, dentre as atividades da congregação, segundo o Decreto nº 3.890/1901, art. 23, estavam: aprovar os programas do ensino, podendo também modificá-los; regular o horário do serviço docente; aprovar ou alterar as listas dos pontos para os concursos e exames; propor ao Governo as medidas aconselhadas pela experiência para melhorar a organização científica do estabelecimento ou aperfeiçoar os métodos didáticos; informar ao Governo sobre o mérito dos profissionais que se houverem de contratar para exercer o ofício de lente, com os ônus e vantagens dos outros membros do corpo docente; informar sobre a troca de cadeiras (nos termos do art. 37); eleger comissões, segundo as exigências do ensino e dos concursos; eleger em sua primeira reunião aquele dos seus membros que deve redigir a memória histórica dos mais notáveis acontecimentos escolares do ano; e, por fim, auxiliar o diretor na manutenção do regime disciplinar.

Podemos perceber, assim, que mesmo com a “existência de uma legislação republicana para o ensino secundário, em vigor no Colégio Pedro II, a Congregação do colégio manteve suas atribuições e seu poder de decisão e intervenção em todos os assuntos” (SANTOS, 2011b, p. 92). Isto é, além de ser responsável pela admissão de novos docentes, era também de responsabilidade da Congregação, praticamente todas as decisões da instituição, inclusive a escolha dos programas de ensino, que passavam pelo criterioso aval da congregação da instituição.

Sendo assim, a partir da Ata da Congregação intrincada às demais fontes presentes no arquivo do colégio, como por exemplo, o Livro de Registro dos Diplomas e Título dos professores e empregados do Externato (1958 – 1909), periódicos estudantis, dentre outros, pude compor um quadro com os componentes da congregação que fizeram parte da comissão para admissão de Coelho Netto como representado na figura anterior, pelas assinaturas ao final da imagem, que segundo a legislação, dedicavam-se a essa atividade os lentes¹³⁵ e os substitutos em exercício de cadeiras.

¹³⁵ De 1890 a 1910, o corpo docente do Colégio Pedro II era formado por ‘Lentes’ e ‘Professores’, sendo o último termo aplicado aos professores de ginástica, desenho e música. Em seguida, com a Reforma Maximiliano em 1915, os Lentes passam a ser chamados de ‘catedráticos’, isto é, ocupavam a regência efetiva das cadeiras (SOARES, 2015).

Quadro 8 - Professores da Congregação do Ginásio Nacional (segundo o parecer)

Nome	Cargo	Formação
João Antonio Coqueiro	Diretor do Externato	Bacharel em Ciências
Augusto Guilherme Meschick	Lente de Alemão	Ex-aluno
André Gustavo Paulo de Frontin	Professor de Mecânica e Astronomia	Engenheiro civil e geográfico e bacharel em ciências físicas e matemáticas
Dr. Francisco Xavier Oliveira de Menezes	Lente do Internato de física e química	-
Dr. José Julio Silva Ramos	Interino da Cadeira de Português do Internato	Ex-aluno e formado em Direito
Alberto Desnéle de Gervais	Professor de Italiano do Externato	-
Dr. Henrique Cesar de Oliveira Costa	Interino da Cadeira de matemática elementar do Internato	Ex-aluno e engenheiro Civil
Sr. Antonio Henrique de Noronha	Lente da Cadeira de Grego do Externato	Ex-aluno e engenheiro e matemático
Inelegível	-	-
Inelegível	-	-
Inelegível	-	-
Luis Gastão Escragnole Doria	Regente Interino da Cadeira de Lógica do Externato/ Catedrático de História Geral do Externato	Ex-aluno e formado em Direito
Eugenio de Barros Raja Gabaglia	Professor Catedrático de geometria	Engenheiro, Bacharel em Ciências Matemáticas

A partir do quadro anterior, podemos observar que se destacam engenheiros e advogados, como por exemplo, Paulo de Frontin¹³⁶, engenheiro civil, que atuou também na política, tornando-se senador, deputado e prefeito do Distrito Federal. De acordo com Barros (2009), o Colégio Pedro II, nas décadas republicanas, “conseguiu manter o prestígio adquirido no século anterior devido, em grande parte, ao mérito de seu corpo docente” (p. 191). Além disso, Soares (2015) chama a atenção para o fato de que quem compunha o corpo docente do colégio eram professores, que, em sua maioria, também atuavam em outras instituições de nome, fosse como membros ou professores, como: a

¹³⁶ André Gustavo Paulo de Frontin (1860, RJ – 1933, RJ) estudou nos Colégios São Luís e José Ferreira da Paixão, em Petrópolis, e Pinheiro e Pedro II, no Rio de Janeiro, então capital do Império, concluindo neste último os preparatórios. Em 1879, formou-se em engenharia civil e geográfica. No ano seguinte obteve mais dois títulos: o de engenheiro de minas e o de bacharel em ciências físicas e matemáticas. Ainda em 1880 tornou-se professor substituto do curso de engenharia civil da Escola Politécnica e do Colégio Pedro II. Em 1882, conquistou o título de doutor em engenharia civil e de minas. Também na década de 1880, fundou com amigos, na Politécnica, um clube abolicionista. (PINTO, 2015). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/Frontin,%20Paulo%20de.pdf> [Consulta em 22 de março de 2017].

Academia Brasileira de Letras (ABL), assim como Silva Ramos¹³⁷; a Escola Normal do Distrito Federal; e como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), como o professor Luis Gastão Escragnolle Doria¹³⁸, que foi professor da Escola Normal, em 1909 e se tornou membro do IHGB em 1912 (SANTOS, 2011b).

Apesar de não conseguir fontes que possibilitassem revelar três das assinaturas presentes no termo de posse, Lapa (1960) me indicou pistas acerca dessa questão, assinalando que dentre os professores que assinaram o parecer para a admissão de Coelho Netto no Ginásio Nacional estavam João Ribeiro¹³⁹, Sylvio Romero¹⁴⁰ e Capistrano de

¹³⁷ José Júlio da Silva Ramos (1853, PE – 1930, RJ) “foi professor, filólogo e poeta. Passou grande parte da infância em Portugal, educado pelas tias maternas. Concluiu o curso de Direito em Coimbra, quando publicou um livro de versos, *Adejos* (Coimbra, 1871). A volta definitiva ao Brasil começou pela sua cidade natal, Recife, de onde viajou para o Rio de Janeiro. Lecionou no colégio de Pedro II, onde ensinou português, e, colaborou em alguns periódicos, destacando-se entre eles *A Semana*, dirigida por Valentim Magalhães. Fez parte do grupo que fundou a Academia Brasileira de Letras, na qual escolheu para patrono de sua cadeira n.º 37, o poeta português Tomás Antônio Gonzaga, embora tivesse manifestado, anteriormente, preferência pelo nome de Gonçalves Crespo. Fez parte, na qualidade de Segundo-Secretário, da Diretoria que assinou os primeiros estatutos da Academia, para cuja presidência chegaria a ser eleito em 22 de dezembro de 1927, recusando, contudo, a indicação”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/silva-ramos> [Consulta em 22 de março de 2017].

¹³⁸ Além disso, foi membro do Pedagogium (1908) e Diretor do Arquivo Nacional (1917 – 1922) (SANTOS, 2011b, p. 268).

¹³⁹ João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860, SE – 1934, RJ) “foi jornalista, crítico, filólogo, historiador, pintor, tradutor. Dedicou-se também a pintura e a música. Depois de ter concluído na cidade natal os primeiros estudos, transferiu-se para o Ateneu de Sergipe, em Aracaju, onde se destacou como o primeiro da classe. Matriculou-se na Escola Politécnica. Simultaneamente, continuava a estudar arquitetura, pintura e música, os vários ramos da literatura e sobretudo filologia. Desde 1881 dedicou-se ao jornalismo e fez-se amigo dos grandes jornalistas do momento, Quintino Bocaiúva, José do Patrocínio e Alcindo Guanabara. Teve os pseudônimos: Xico-Late, Y., N., Nereu. Foi professor de colégios particulares desde 1881, e em 1887 submeteu-se a concurso no Colégio Pedro II, para a cadeira de Português. Só foi nomeado, contudo, três anos depois, para a cadeira de História Universal. Foi também professor da Escola Dramática do Distrito Federal, cargo em que ainda estava em exercício quando faleceu. A partir de 1895 fez inúmeras viagens à Europa, ora por motivos particulares, ora em missões oficiais. A última fase de atividade na imprensa foi no *Jornal do Brasil*, desde 1925 até a sua morte. Ali escreveu crônicas, ensaios e crítica. Em 1897, ao criar-se a Academia, estava ausente do Brasil e por isso não foi incluído no quadro dos fundadores. Em 1898, de volta ao país, a Academia o escolheu para a vaga de Luís Guimarães Júnior, que havia falecido. Na Academia, fez parte de numerosas comissões, entre as quais a Comissão do Dicionário e a Comissão de Gramática. Foi um dos principais promotores da reforma ortográfica de 1907. Segundo ocupante da cadeira 31, eleito em 1898”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/joao-ribeiro/biografia> [Consulta em 27 de março de 2017].

¹⁴⁰ Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851, SE – 1914, RJ) “foi crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira. Foi membro da ABL, onde fundou a cadeira n.º 17, escolhendo como patrono Hipólito da Costa; do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa; e de diversas outras associações literárias. Formou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1868, junto com Tobias Barreto, dentre outros. Colaborou nos jornais: *A Crença*, que ele próprio dirigia juntamente com Celso de Magalhães, *o Americano*, *o Correio de Pernambuco*, *o Diário de Pernambuco*, *o Movimento*, *o Jornal do Recife*, *A República* e *O Liberal*. Tentou ingressar como professor de Filosofia no Colégio das Artes, classificando-se em primeiro lugar, porém a Congregação resolveu anular o concurso. Publicou o livro: *Cantos do fim do século*, em 1878, mal recebido pela crítica da Corte, e *Últimos harpejos*, em 1883. Em 1880 prestou concurso para a cadeira de Filosofia no Colégio Pedro II, conseguindo-a com a tese “Interpretação filosófica dos fatos históricos”. Jubilou-se como professor do Internato em 2 de junho de 1910. Fez parte também do corpo

Abreu¹⁴¹. A respeito desse último, pude perceber que a relação entre Coelho Netto e esse professor já vinha antes do mestre das palavras ter sido nomeado Lente de Literatura do colégio, pois observei que as datas das missivas localizadas sob a guarda da FBN, em que ambos já conversavam sobre publicações e traduções de livros, visitas e encontros, eram desde 1895¹⁴², mostrando, assim, que Coelho Netto já tecia desde cedo sua rede de sociabilidade, ajudando-o na votação da Congregação a seu favor para se tornar parte do corpo docente dessa escola.

Além disso, a falta de fontes que também pudessem contar sobre a formação de alguns dos membros da congregação, como demonstrado no quadro anterior, me fez recorrer a livros de memória de ex-alunos do colégio em questão, onde pude ao menos identificar algumas características marcantes de seu corpo docente.

Nas memórias de Pedro Nava (1976), Augusto Guilherme Meschick¹⁴³ era catedrático de Alemão, porém, em 1918, teria assumido a cadeira de Português do terceiro ano suplementar. É importante lembrar, ainda, que este mestre, assim como João Ribeiro, era um dos raros professores que podiam reger qualquer das humanidades do curso deles. Nava (1976) revela ainda que Meschick foi ex-aluno do Imperial Colégio de Pedro II, como chamado o colégio na época, sugerindo que devido a sua baixa condição financeira, os rumores do colégio entre os alunos era de que seu curso fora custeado pelo próprio Dom Pedro II, por ele obter tantos méritos e tamanha precocidade no Latim.

João Batista Mello e Souza¹⁴⁴ (1958), outro ex-aluno que publicara suas memórias

docente da Faculdade Livre de Direito e da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia> [Consulta em 17 de março de 2017].

¹⁴¹ João Capistrano Honório de Abreu (1853, CE – 1927, RJ) “foi linguista, crítico literário, geógrafo, historiador e jornalista. Passou a ser membro do IHGB a partir de 1888, e catedrático de História o Brasil do Colégio Pedro II, em 1883. Devido a uma Reforma Eptácio Pessoa, foi colocado em disponibilidade, pois, a cadeira que lecionava passou a ser incluída na cadeira de História Geral, recusando-se a lecionar esta última” (*SÍMBOLO*, ed. 12, nov/dez, 1952 apud SANTOS, 2011b).

¹⁴² As missivas trocadas entre Coelho Netto para José Capistrano somam o total de 5 cartas, dentre elas com datas de 1895, 1898 e outras sem data. Elas estão presentes da Seção de manuscritos da FBN.

¹⁴³ “Nascido em 1868, foi lente de alemão do Ginásio Nacional desde os 21 anos de idade, e também examinador de preparatórios do mesmo estabelecimento. Atuou como professor de alguns colégios particulares, dentre eles: Colégio Rezende, Externato Aquino, Curso Normal de Preparatórios. Foi casado com D^a Maria Josephina da Silveira Meschick com quem teve duas filhas: Dora e Elza” (*CORREIO DA MANHÃ*, ed. 08005, 1921, p. 3). Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> [Consulta em 08 de janeiro de 2016].

¹⁴⁴ João Batista de Mello e Souza (1888, SP – 1969) “estudou no Internato do Colégio Pedro II. Foi catedrático de História Universal do Internato do Colégio Pedro II, em 1926, e de História da América, em 1942, e docente da Escola Normal. Teve publicações cunho didático como a obra *Compêndio de História da América*” (SANTOS, 2011b, 269).

da época que estudou no Colégio Pedro II, destaca que foi amigo de todos os mestres que teve no colégio, com a única exceção de Hans Heilborn, lente da cadeira de grego, que que ao seu ver, queria tratar os alunos com o mesmo rigor com que, quando era ainda “simples capitão prussiano, sevia os recrutas de seu regimento” (p. 14 e 15). Acrescenta ainda que havia frequentado “as casas de Silvio, de Oliveira de Menezes, de Meschick; fui mais de uma vez às de Pinheiro Guimarães, e de Guilherme Afonso” (p. 187).

A respeito da escrita autobiográfica, vale ressaltar que quem escreve procura atribuir sentidos aos fragmentos rememorados, portanto, mesmo que os autores tentem ou desejem, a escritura memorial não poderá ser realizada com fidelidade, pois lembrar é uma atividade do presente sobre o passado, que sofre interdições e imposições sem que o narrador consiga evitar. Além disso, tem que ser levado em conta que quem escreve uma biografia de si mesmo, ao mesmo tempo, é narrador e personagem. Logo, o narrador/personagem será o responsável pelo que será revelado e/ou retido, isto é, a sua edição (LACERDA, 2000). Isto porque a escrita (auto)biográfica está diretamente ligada a memória, onde Nora (1993) aponta que esta última “não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vaga, telescópica, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a toda as transferências, cenas, censura ou projeções” (p. 9).

Sobre Coelho Netto, as únicas lembranças, que se têm no livro de Pedro Nava (1976) foi quando se referiu a este mestre como uma das “figuras de maranhenses ilustres”, junto a Cipriano de Freitas e Urbano dos Santos. E em outro momento, quando relatou um caso em que Coelho Netto se mostrou solícito à viúva de Luís Cândido Paranhos de Macedo¹⁴⁵, no velório do marido, pois era vizinho e amigo do falecido. Essas memórias, por terem sido de ex-alunos que estudaram no Internato, não me puderam revelar muito sobre Coelho Netto, podemos aferir que fora por ele ter sido professor do Externato. Apesar disso, propiciou que nos indicasse mais sobre o perfil do corpo docente deste colégio, considerado modelo de ensino secundário do país.

Como exposto no quadro, o diretor do Externato do Ginásio e presidente da congregação era João Antonio Coqueiro¹⁴⁶. Nascido em 1837, no Maranhão, trabalhou

¹⁴⁵ Foi aluno do colégio, bacharel em 1975, inspetor, vice-reitor, diretor, regente de algumas disciplinas, e, desde 1911, catedrático de Geografia do Internato.

¹⁴⁶ Concluiu seus estudos em Paris, tornando-se bacharel em Ciências e o doutorado em 1862. É autor do livro *Tratado de Aritmética*. Ver biografia: COQUEIRO, Edmundo. *João Antonio Coqueiro (a vida e a obra)*. Rio de Janeiro, Magalhães, Correard, 1942.

como professor do ensino secundário, sendo nomeado diretor do Internato do Ginásio em 1901 até 1908, quando fora transferido para a direção do Externato ocupando esse cargo até sua morte, em 1910. Segundo Nava (1976), ele era matemático, e fora notabilizado por outras comissões de responsabilidade que havia exercido. E acrescenta que:

Apezar dos cabelos brancos e da fraqueza própria da idade, esforçou-se o velho educador no desempenho trabalhoso posto. Não pequeno serviço nos prestou restabelecendo a ordem e a disciplina, que andavam muito abaladas em consequência dos incidentes a que me referi. As exageradas economias do Governo, e as minguadas verbas orçamentárias que mal davam para o custeio do colégio, não permitiram que o diretor realizasse melhoramentos que o velho pardieiro estava a exigir. O diretor ficou, pois, com sua ação reduzida à burocracia do cargo [...]. (NAVA, 1976, p. 13 e 14)

No lugar do Dr. Coqueiro, assumiu a direção do Ginásio Nacional o José Candido de Albuquerque Mello Mattos¹⁴⁷, nomeado pelo Presidente Nilo Peçanha, que, logo depois, foi nomeado também para assumir a cadeira de Instrução Cívica e Noções de Direito pelo Presidente Hermes da Fonseca (SOUZA, 2011). Eugenio de Barros Raja Gabaglia¹⁴⁸, que era engenheiro Civil, Geógrafo e de Minas, além de professor do Colégio Pedro II, também foi diretor, de 1912 até 1914. Além deles, foi diretor da Ginásio Nacional, José Verissimo¹⁴⁹ (1892-1898) e José Gil Castello Branco (1903 – 1905).

Segundo o Decreto 3.890, de 1901, dentre as funções incumbidas ao diretor da instituição estavam: presidir a congregação, assim como também convocar, adiar ou suspender reuniões da congregação; executar e fazer executar as decisões da Congregação; propor ao governo pessoas que, no caso de vaga ou quando ninguém se inscrever para o concurso, se acham em condições de exercer interinamente o magistério; apresentar à Congregação um relatório mensal dos lentes, substitutos e professores;

¹⁴⁷ José Candido de Albuquerque Mello Mattos (1864, BA – s/d) cursou o secundário no Externato Pedro II. Concluiu os estudos na Faculdade de Direito de Recife, em 1887. Foi adjunto de Promotor Público no Distrito Federal (1889 a 1891) e terceiro Promotor Público até 1893. Em 1887, criou a Assistência Judiciária e foi nomeado Diretor Geral, pelo Presidente Prudente de Moraes, neste cargo permaneceu até 1903. Foi Diretor do Instituto Benjamin Constant (1920-1924) e Professor docente de Teoria e Prática do Processo Penal da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, em 1923. (SOUZA, 2011)

¹⁴⁸ Eugenio de Barros Raja Gabaglia (1862, RJ – 1919) ingressou na Escola Politécnica, em 1880, e em 1885, formou-se em Engenharia Civil e Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. Foi membro da Academia Brasileira de Ciências e autor de um livro de História da Matemática, em 1889. Também foi autor de livros e de artigos em jornais. (DASSIE e SOARES, 2010)

¹⁴⁹ A respeito de José Verissimo como diretor do Ginásio Nacional, ver: ALVES, Rosana Lopis. *José Verissimo Dias de Mattos: Um crítico na direção do Gymnasio Nacional (1892-1898)*. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (Dissertação), 2009.

dentre outros. Como descrito no art. 6º, perante seus atos, o diretor só teria que responder ao governo. Como o diretor era nomeado pelo próprio presidente, assim como os demais cargos teriam que estar de acordo com seu diretor da congregação e, por conseguinte, o governante da época. Pude notar, assim, que as nomeações eram seladas através de alianças, troca de favores e das redes de sociabilidades.

Essa questão me fez pensar nos critérios ressaltados no parecer pela Congregação a favor da admissão de Coelho Netto, sem precisar de concurso, demarcados no fato de que: o peticionário serviu como secretário e auxiliar da administração do Dr. Francisco Portella no Estado do Rio de Janeiro; foi aprovado em concurso para obter a cadeira homologada do Ginásio oficial de Campinas; regeu a cadeira do Ginásio de Campinas até 17 de abril de 1906, como catedrático efetivo, e a do Externato do Ginásio Nacional, como interino, desde 15 de abril de 1907; e conseguiu ter uma posição definitiva entre os homens de letras profissionais de seu país.

A respeito do que o relator trouxe no parecer, Soares (2015) destaca que outras características marcantes dos professores do colégio Pedro II residiam no fato de que, antes de terem prestado concurso para se tornarem professores dessa instituição, foram professores substitutos ou ocuparam interinamente algumas cadeiras, além de possuírem trabalhos e publicações nos respectivos campos, e de terem colaborado em diversos jornais e periódicos da época, como justificado pela congregação para a escolha de Coelho Netto. Mendonça (2016) assinala que esses professores podiam ser identificados como membros de uma elite intelectual, e recorre a Andrade (2007) que os categorizou como:

homens do mundo – homens formados nas tradicionais universidades européias e/ou nos cursos superiores de direito, medicina e engenharia do país, muitos deles, também, ex-alunos do CPII, sócios do IHGB e de outras instituições culturais – que se destacaram nos grupos de elite cultural como professores-autores de textos legislativos, literários, científicos, de obras históricas e de memória (individual, coletiva e institucional), artigos de jornais (palco de polêmicas e consagração) e de materiais didáticos de várias disciplinas escolares, adotados na maioria das escolas brasileiras (p.222 apud MENDONÇA, 2016, p. 824).

Podemos perceber, assim, que Coelho Netto ao ser admitido para o Ginásio Nacional, já fazia parte do que Andrade (2007) categorizou como “homens do mundo”, pois era membro da ABL, já havia tido cargo político, mesmo que apenas administrativo, como visto, enquanto Secretário do Governador Francisco Portela, como também, se destacou nos grupos da elite cultural, por ser autor de textos literários, de obras históricas

e de memória, artigos de jornais e de materiais didáticos de várias disciplinas escolares, adotados na maioria das escolas brasileiras. Dentre elas, a Congregação ressaltou as obras de diversos gêneros: *O rei fantasma*, *As três gotas*, *A descoberta da Índia*, os teatros¹⁵⁰: *Pelo amor!*, *Quebranto*, *O diabo no corpo*, *Neve ao sol e Muralha*, e também as de cunho didático, das quais o relator acentuou que “as seletas, onde os estudantes vão buscar os verdadeiros modelos da beleza literaria e de que se servem os mestres, andam cheias de transcrições da obra multipla do professor Coelho Netto” (COELHO NETTO, 1909).

Dentre os volumes organizados de educação, o relator realçou os dois compêndios que o professor havia escrito, um de literatura brasileira, impresso, que pude localizá-lo na ABL, intitulado de *Compêndio de Litteratura Brasileira: segundo o programma do Gymnasio Nacional*, de 1905. E outro de literatura geral, em manuscrito, que não pude localizar em nenhuma instituição de guarda e de memória. O parecer diz que o primeiro, é resumido, exíguo, que só poderia servir, devido ao tempo do curso, às lições dadas. Já o de literatura geral é muito mais desenvolvido, de maneira que apenas o relator da Congregação dizia ter conhecido. Apesar disso, defende que mesmo que a Congregação não o tenha lido, a sua palavra, “como delegado da Congregação, lhe merece fé, della pôde ficar convicta de que o ultimo trabalho do professor Coelho Netto não é inferior aos anteriores” (COELHO NETTO, 1909). Concluindo que “sessenta volumes constituem a obra que o professor Coelho Netto acredita “reveladora do seu suficiente preparo teórico e pratico para rejir a cadeira de literatura” (idem).

Vale ressaltar que a onda nacionalista da República tentava imprimir um ensino “moderno”, mais comprometido com a ciência e com a pátria. Nesse sentido, notou-se no currículo o aumento significativo da carga horária de matemática e das ciências físicas e naturais, e o estudo autônomo da “História do Brasil” e da “História da Literatura Brasileira”. O processo de nacionalização do ensino incluía, além das novas disciplinas históricas, a preferência pelos compêndios brasileiros (RAZZINI, 2000). Entretanto, podemos observar que os compêndios escritos por Coelho Netto, especificamente aquele que fora impresso, mesmo sendo escrito de acordo com o currículo do colégio, e estar indicando “segundo o programa do Ginásio Nacional”, não fora adotado no Ginásio Nacional¹⁵¹.

¹⁵⁰ Sobre a relação de Coelho Netto com o teatro, ver: CARVALHO, Daniele Crepaldi. *Arte em tempos de “chirinola”*: a proposta de renovação teatral de Coelho Netto (1897-1898). Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Campinas: Unicamp, 2009.

¹⁵¹ “Depois da proclamação da República, em 1889, o Ginásio Nacional obteve-se quase sem alteração em sua estrutura política, administrativa ou educacional. Com exceção de professores como Carlos de Laet,

Comparado aos outros compêndios utilizados pelo colégio nessa disciplina, como, por exemplo, o compêndio escrito por Silvio Romero, a obra de Coelho Netto era muito mais compacta, com apenas cento e vinte páginas, aproximadamente, enquanto que o adotado pelo colégio cada volume continha em torno de mais de duzentas páginas. Vale ressaltar, porém, como apontado por Alves (2006), que escrever um compêndio não era tarefa para qualquer escritor e demandava prestígio ao autor. Nesse sentido, pude aferir que a publicação do compêndio escrito por Coelho Netto mostrava a intenção do autor em conseguir fazer parte do corpo docente deste colégio, e que mesmo não sendo adotado pelo Ginásio Nacional, poderia ser indicado para fins didáticos em outros colégios equiparados ao colégio almejado pelo escritor.

Além das obras literárias de Coelho Netto, o relator sobressalta a atuação dele no Ginásio de Campinas, como explícito no trecho a seguir, o que me fez pensar como teria sido sua atuação nesse outro ginásio, que o fez ter sido enaltecido pela Congregação do Ginásio Nacional.

A afirmação da letra C tem a meu ver um interesse capital. Quinze Anos de majisterio e a longa experiencia, com que me gratificou a observação do nosso Ensino, convenceram-me de que nada concorre mais para a nação do professor do que o trato diuturno da sua cadeira. Recorrendo as leislações dos paizes civilizados, encontrei assinalada a exigencia de um majisterio frutuozo para a nomeação das cadeiras officiais. De todos os codigos europeus foi banido o concurso, mas em todos figura como recomendação especial e de primeira ordem o fato de um tirocinio escolar. Ora, sendo o Sr Coelho Netto: rejido aqui e em Campinas, com aplauzos de mestres e dicipulos, a cadeira de literatura, não poderia apresentar melhor elemento de convicção do que esse passado pedagogico de que lejitimamente se orgulha. É consequentemente lojica que a elle se refira, dirigindo-se a professores, embora a lei olvidasse esse requisito. (ATA DA CONGREGAÇÃO, 1909)

José R. do Amaral Lapa (1960), em seu estudo sobre a passagem de Coelho Netto em Campinas, fornece subsídios para entender a atuação desse professor no magistério, especificamente, no Ginásio de Campinas¹⁵². Coelho Netto mudou-se com a família para

que era publicamente contra o novo regime e por isso foi exonerado do cargo, depois da República o corpo docente do Colégio Pedro II permaneceu inalterado, mas o poder de sua Congregação aumentou com relação à definição dos programas e compêndios que deveriam ser usados no ensino secundário e nos exames preparatórios. Nesse sentido, a decisão sobre o currículo e a escolha de livros didáticos era função praticamente exclusiva dos professores do colégio modelo, que obviamente tinham a preferência, mesmo quando lecionavam outra disciplina. João Ribeiro (1860-1934), por exemplo, que era professor de história desde 1890, teve vários livros didáticos adotados nas aulas de português (1892, 1893, 1895). Exemplo semelhante foi o de Silvio Romero (1851-1914), professor de filosofia desde 1871, autor da *História da Literatura Brasileira* (1888) e do *Compêndio de História da Literatura Brasileira* (1906), em co-autoria com o mesmo João Ribeiro, lá adotados na cadeira de Literatura Nacional” (RAZZINI, 2006, p.86)

¹⁵² Atual Colégio “Culto à Ciências”.

Campinas, em 1901, aos 37 anos. Sustenta o autor, que nessa época, Coelho Netto, já possuía prestígio na vida intelectual do país, já tendo publicado obras de destaque como: *Miragem*, *Inverno em Flor*, *A Conquista*, *O Rajá de Pendjab*, como já comentadas no capítulo anterior, além de novelas, contos, crônicas, teatros, etc. Afirma, ainda, que Coelho Netto já teria passado pelo magistério, tendo ocupado o cargo de Lente de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e que o principal motivo da mudança de Coelho Netto para Campinas fora pela abertura dos concursos para diversas cátedras do ginásio local, pois como já lembrado pelo filho, Paulo Coelho Netto, os artigos em jornais e venda de livros não dava para manter o sustento da família. É importante salientar que Campinas, em 1900, era considerada uma cidade provinciana, sem muitos atrativos para quem estava acostumado com o polo urbano do Rio de Janeiro. O historiador expõe, por fim, que os Concursos do Ginásio de Campinas atraíam a atenção de todos na cidade, “principalmente pelos nomes que disputavam as cadeiras vagas” (idem, p. 28).

Para a vaga de Literatura concorreram Alberto Faria¹⁵³, Antônio da Rocha Batista Pereira¹⁵⁴ e Coelho Netto. Apesar dos pontos das provas terem sido favoráveis a outro candidato, Coelho Netto saiu vencedor. E em agosto assumiu a cadeira de Literatura do ginásio. Segundo a biografia de Alberto Faria no site da ABL, quem teria ficado em primeiro lugar no concurso fora Alberto Faria. Lapa (1960) evidencia no exposto abaixo que esse concurso fora suspeito na escolha de seu vencedor:

Os aborrecimentos da mesa julgadora e dos próprios candidatos não devem ter sido pequenos. Terminado o Concurso, a banca consignou na Ata do julgamento o seu protesto contra aquela calúnia. Talvez a desconfiança fosse mais motivada pelo natural nervosismo dos candidatos. O fato é que, galhardamente, Coelho Netto venceu as provas, apesar dos pontos terem sido, supostamente acreditamos, favoráveis a outro candidato. (LAPA, 1960, p. 30)

¹⁵³ Alberto Faria (1869, RJ – 1925, RJ) “foi jornalista, professor, crítico, folclorista e historiador. Fez o primário e o secundário no interior do Estado de São Paulo. Em 1889, fixou-se em Campinas (SP), onde exerceu o jornalismo. Fundou *O Dia*, em 1894, e escreveu para o *Correio de Campinas*, tornando-se seu diretor entre 1895 e 1896. Em 1897, lançou a *Cidade de Campinas*, por ele dirigida até 1904. Obteve grande êxito a seção “Ferros velhos”, sob o pseudônimo de Adelino. Além de professor de literatura e jornalista, destacou-se como crítico e historiador de cunho erudito (*scholarship*). Polemista, manteve nos diversos jornais em que colaborou debates e discussões com escritores da época, tratando de temas de alto interesse para a cultura histórico-literária. Foi um dos primeiros críticos brasileiros a se preocupar com o estabelecimento dos textos ou da autoria, a descoberta de influências, datas e fontes, e com a análise de formas e temas. Utilizava os pseudônimos: Adélio, Adelino e Marcos Tuim. É membro da ABL, eleito em 1918, sendo o terceiro ocupante da Cadeira 18”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D205/biografia> [Consulta em 30 de março de 2017].

¹⁵⁴ Antônio da Rocha Batista Pereira (1880 – 1960), era genro de Rui Barbosa. Escreveu as obras: *Vultos e episódios do Brasil*, *Figuras do Império e outros ensaios*, *Diretrizes de Rui Barbosa* e *Pelo Brasil Maior*.

No Ginásio de Campinas, Coelho Netto participou da fundação de um grêmio, propondo-lhe o nome de “Centro de Ciências, Letras e Artes”, onde participou ativamente desde o começo das atividades, permanecendo como orador apenas na gestão da primeira Diretoria, em 1901. Também foi redator da *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, que foi criada em 1902, e destinava-se mostrar sobre a cidade de Campinas, o Centro de Ciências, Letras e Artes (agremiação de origem), os sócios fundadores e mantenedores da instituição e do próprio periódico (GOMES, 2009). Lapa (1960) ressalta que o objetivo de Coelho Netto no Centro de Ciências fora transformá-lo em uma casa de cultura, “a serviço da gente campineira, e não uma Academia fechada” (idem, p. 35). Sendo assim, umas das propostas de autoria de Coelho Netto fora que esse grêmio oferecesse aulas gratuitas de matérias como desenho linear, noções de arquitetura, canto coral, estética, dicção e rudimentos da história das artes.

Pretendia, portanto, o escritor, não apenas a formação de um núcleo, que atendessem um mínimo de intelectualidade, dando ensejo a que talentos como o seu encontrassem campo para os seus vãos, mas, também, a proposta indicava que o Centro devia semear para o futuro, preparando as gerações mais jovens para tal, numa cidade provinciana, em que as dificuldades deviam ser inúmeras. (idem, p. 36)

Podemos observar, então, que desde sua atuação no Ginásio de Campinas Coelho Netto lutara em nome da arte e da pátria. Da arte, a partir da democratização da cultura, como pretendia através das aulas em locais abertos e gratuitos para os alunos que não possuísem condições tivessem uma oportunidade de contato com as artes. Essa proposta feita por Coelho Netto atendia aos anseios defendidos pelo projeto pedagógico de sociedade em vigor. Nessas aulas, a população de Campinas estaria assim, se “embelezando”, isto é, “civilizando-se” segundo os padrões europeus, e da Academia.

É relevante notar também que para legitimarem-se como intelectuais, esses sujeitos, assim como foi com Coelho Netto, se vinculavam a associações, grêmios, clubes literários, educandários e atividades de trabalhos diversificados, podendo deste modo fazer crescer suas redes de sociabilidade, “numa sociedade onde o apadrinhamento era natural e esperado, exercendo ações para grupos específicos ou para si próprios”, como apontado por Santos (2011a, p. 77). A autora revela ainda que, em muitas vezes, essa relação era utilizada quando se pretendia obter um favor, um emprego ou fazer alianças, etc. Sendo assim, uma das maneiras de se perceber os vínculos que iam se formando era através da escrita epistolar dos sujeitos.

Desta maneira, pude localizar na FBN, na seção de manuscritos, a correspondência pessoal de Coelho Netto. Dentre os seus correspondentes, encontravam-se nomes que “ocupavam lugares de destaque na vida política e cultural” (MIGNOT, 2005, p.50) do país, como: Alberto de Oliveira¹⁵⁵, Euclides da Cunha, Emídio Dantas Barreto¹⁵⁶, Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque¹⁵⁷, João Ribeiro, Luís Murat, Paulo Barreto (João do Rio), Vicente Augusto de Carvalho¹⁵⁸, Giulio de Medici, dentre outros.

É interessante notar, que em uma das cartas endereçadas a este último, Coelho Netto apresenta-lhe Otávio Augusto, engenheiro, poeta e professor de italiano do Colégio Pedro II, recomenda-lhe Claudio de Souza e sua comédia *Flores de sombra*. Sendo assim, Coelho Netto estaria servindo de ponte entre Giulio e Claudio, e Giulio e Otavio, que provavelmente o conhecia porque também lecionava no Colégio Pedro II. Silva (2012) lembra-nos que a partir das “diferentes formas de se comunicar e se corresponder com o outro, é possível conceber todos estes meios explorados [...] também enquanto ‘lugares de sociabilidade’, conforme pontuado por Ângela de Castro Gomes” (SILVA, 2012, p.129).

É também possível notar as marcas da rede de sociabilidade de Coelho Netto através das cartas trocadas com Osório Duque-Estrada, como já citado no capítulo anterior¹⁵⁹. Em algumas dessas missivas, me despertou a curiosidade devido ao seu conteúdo, pois estão tratando sobre um concurso que acontecia em um ginásio. Na carta, datada em 10 de abril de 1909, Osório Duque-Estrada pede a Coelho Netto que interviesse junto ao diretor de um colégio, em favor de sua nomeação como professor. Pelo assunto e pela data da carta, podemos aferir que se tratava de um concurso do Ginásio Nacional:

¹⁵⁵ Antônio Mariano Alberto de Oliveira (1857, RJ – 1937, RJ) “foi farmacêutico, professor e poeta. Em 1892, foi oficial de gabinete do presidente do Estado, Dr. José Tomás da Porciúncula. De 1893 a 1898, exerceu o cargo de diretor geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro. No Distrito Federal, foi professor da Escola Normal, da Escola Dramática e membro da ABL. Colaborou em jornais cariocas: *Gazetinha, A Semana, Diário do Rio de Janeiro, Mequetrefe, Combate, Gazeta da Noite, Tribuna de Petrópolis, Revista Brasileira, Correio da Manhã, Revista do Brasil, Revista de Portugal, Revista de Língua Portuguesa*”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/alberto-de-oliveira/biografia> [Consulta em 27 de março de 2017].

¹⁵⁶ Emídio Dantas Barreto (1850, PE – 1931, RJ) “foi marechal-de-exército, historiador militar, jornalista, romancista, teatrólogo e membro da ABL”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/dantas-barreto/biografia> [Consulta em 27 de março de 2017].

¹⁵⁷ Dentre as cartas enviadas por Medeiros e Albuquerque para Coelho Netto, podemos encontrar assuntos sobre: eleições da ABL (1912 e 1916), felicitações (1910), colaboração para periódicos (1920).

¹⁵⁸ Vicente Augusto de Carvalho (1866, SP – 1924, SP) “foi advogado, jornalista, político, magistrado, poeta e contista. Membro da ABL, ocupou a cadeira 29, eleito 1909, na sucessão a Artur Azevedo”. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/vicente-de-carvalho/biografia> [Consulta em 27 de março de 2017].

¹⁵⁹ Ver Quadro 1, p. 42.

Netto

Ahi vão repetivos, os abraços que te enviei por telegrama. Agora que sabes bem avaliar quanto custa a lucta para uma collocação definitiva e que, sem mais preocupação pelo teu futuro, deves julgar quanto vivo amargurado pela injustiça de que fui victima, e ha tres annos sofrendo, sem poder realizar o casamento que já tanto me afflige, tortura e abate; agora, digo eu, lembra-te de que podes conquistar para sempre vós corações que já te são affeioados, e promove com um impulso decisivo a felicidade de que elles têm tanta sede! Empenha-te pela minha causa, intervem junto do Lyra em favor da nomeação que é a minha ultima esperança, e verá depois quanto é capas o meu coração. [...] si tiveres de ser ouvido (certamente será) sobre o horario das aulas de Literatura, vê si consegues que sejam das 10-10 ás 12-20, ou das 9 ás 11-10. O principal trabalho será tirar da cabeça do Lyra a supposição de que o código do Ensino abriga á consulta aos lentes, ou estabelece preferencia para estes. Sabes o que está acontecendo actualmente no Gynnasio? Não ha examinadores para o concurso de Logica, apesar do lente de Historia estar regendo interinamente a cadeira dessa disciplina! Já houve um de grego e o outro de frances para as suas foi preciso convidar pessoal de fóra! Para avançar na interinidade são todos competentes! A tua posição actual permite que lembres essas cousas ao Lyra: eu sou apenas um candidato!

Meus respeitos á tua Senhora. Abraços do teu
Osório.¹⁶⁰

Osório Duque-Estrada aponta o quanto era difícil passar nos concursos do ginásio, e, para tal, supõe que Coelho Netto saberia disso porque acabara de participar de um processo para obter efetivamente a cadeira que já lecionava interinamente, a de Literatura. Vale ressaltar que Osório Duque-Estrada já havia sido nomeado regente interino da cadeira de História Geral do Brasil, deixando o magistério em 1905. Na carta, podemos observar que Osório Duque-Estrada pede que Coelho Netto convença o Lyra¹⁶¹, para votar em favor da sua nomeação, indicando que tentava voltar ao magistério. E, ao dizer que “a posição atual do amigo permitiria que fizesse isso”, demonstrava que o lugar de destaque em que Coelho Netto encontrava-se já era a de um docente do Ginásio Nacional.

Em outra carta, sem data - embora pelo assunto seja possível entrever que fora depois da carta anteriormente citada, uma vez que Osório Duque-Estrada comemora vitória de seu caso e agradece ao amigo, mostrando que Coelho Netto teria cedido ao seu pedido, e que conseguira que fosse indicado para fiscalizar dois colégios equiparados ao ginásio. Logo, ganharia em torno da mesma quantia que se tivesse sido nomeado para o ginásio que queria.

¹⁶⁰ Carta de Osório Duque-Estrada a Coelho Netto, em 10/04/1909, sem local, localizada na seção de manuscritos da FBN.

¹⁶¹ Augusto Tavares Lyra (1872, RN – 1958, RJ) foi jurista, político e historiador. Disponível em: http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC00000000108123.PDF [Consulta em 27 de março de 2017].

Netto,

Abraços.

Creio que já podemos contar vitória com o caso do Conselho: fui procurado hoje pelo Pedro Lessa e convidado, em nome do Brasílio Machado, a comparecer amanhã, às 2 horas, na rua Floriano Peixoto (sede do Conselho). A esse convite acompanhou a declaração de que o cargo de fiscal da Academia só será dado a um bacharel em direito, mas que, em compensação, serei nomeado para fiscalizar dous Collegios equiparados ao Gymnasio. Essa acumulação renderá 7:200#000, ao passo que o cargo de fiscal da Academia rende apenas 6:000#000. O serviço é quasi o mesmo e só começará em setembro, mas serei nomeado desde já, para receber logo, adiantadamente, metade dos vencimentos. Que tal? [...] não vou dar-te já o primeiro abraço porque o Heitor e o Astolpho Dutra ficaram de vir hoje aqui e sou obrigado a esperal-os. [...] recebe-o, porém, nestas linhas, pelo muito que me ajudaste [...] Recommenda-vos á Gaby.

Teu Osório.¹⁶²

Vemos, assim, que Coelho Netto legitima-se como professor. Lugar este que também era ocupado por aqueles que selecionavam quem entrava ou não, isto é, a Congregação. Nesse sentido, outra questão que podemos identificar do corpo docente do Ginásio Nacional, e que pode ser observado no quadro 5, com os membros da congregação que admitiu Coelho Netto, é que alguns deles, assim como foi com Osório Duque-Estrada, foram ex-alunos dessa instituição. Dentre eles: Henrique Costa, Henrique Noronha, Silva Ramos, Escrandolle Doria, e os demais docentes já mencionados anteriormente. E, o que também fora apontado pela Congregação sendo um dos fatores de influência, segundo o parecer, para a decisão da Congregação em favor de Coelho Netto, que “o candidato é filho desta casa cujas aulas cursou até o quinto ano” (ATA da CONGREGAÇÃO, 1909) e que veremos melhor a seguir.

3.1.1 De aluno a professor

As minhas *Memorias...* se eu as escrevesse uma das paginas mais commovidas seria, sem duvida, a que viesse com a data de 20 de abril de 1907. Na manhan d’esse dia cheguei, não sem emoção direi até: receio, á portaria desta casa. Logo á entrada como que se me mudou a alma – senti-me outro por dentro de mim. Uma viva e forte recordação operara o encanto devolvendo-me ao Passado.

¹⁶² Carta de Osório Duque-Estrada a Coelho Netto, localizada na seção de manuscritos da FBN, sem data.

Em vez do homem, já orvalhado de velhice, foi um menino de quatorze anos louro, reforçado, myope, a testa sempre franzida, como a repuxar a atenção, quem cruzou o limiar, sorrindo ao velho porteiro Gomes, curvado sobre a perna ankylosada que, arrastando os passos, a resmungar, ia tanger a sineta.

Coelho Netto, 1911, p. 111

O trecho anterior foi retirado da palestra proferida na sessão literária comemorativa da 70ª aniversário da fundação do Ginásio Nacional, em 2 de dezembro de 1907, que, depois intitulada “Página de Saudade”, fora publicada no livro *Palestras da Tarde* (1911). Nela, Coelho Netto discorre sobre a emoção que tomou conta dele quando pisou a primeira vez no Ginásio Nacional como professor (interino), e também relembrou da época em que era aluno. Sendo assim, em busca de mais informações sobre Coelho Netto como aluno, voltei ao arquivo do Colégio. Ao percorrer os passos deixados por Coelho Netto no acervo do colégio, só o localizei nos cursos do 1º e do 2º ano, nos quais exponho a seguir:

Figura 15 - Livro para o lançamento de numero de notas de aplicação, procedimento, bancos de honra e faltas dos alumnos do Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo, 1876

1.º Ano *Henrique Maximiliano Coelho Netto*

AULAS	1.º Trimestre					2.º Trimestre					3.º Trimestre					Total					OBSERVAÇÕES				
	APLICAÇÃO			PROCEDIMENTO		Bancos de honra	APLICAÇÃO			PROCEDIMENTO		Bancos de honra	APLICAÇÃO			PROCEDIMENTO		Bancos de honra	APLICAÇÃO			PROCEDIMENTO		Bancos de honra	
	B	S	M	B	S		M	B	S	M	B		S	M	B	S	M		B	S		M	B		S
Portuguez	2	2	0			1	5	3	1				8	1	0				15	4	1				1
Latim																									
Francuz																									
Ingliz																									
Geog.																									
Algebra																									
Religiao	2	2	0				4	4	0				7	0	0				13	6	0				
Geographia																									
Historia de Portugal	6	0	0				5	1	1				7	0	0			1	18	1	0				1
Historia																									
Algebra																									
Sciencias Physicas																									
Historia Natural																									
Geographia do Brazil																									

Fonte: NUDOM

A partir do livro de notas de alunos no colégio, pude notar que Coelho Netto não se destacou em suas notas como aluno, porém pude observar as disciplinas que esse professor cursou no primeiro ano, dentre elas: inglês, religião e história. O programa de ensino da época, aprovado no ano de 1876, pelo decreto 6.130, era composto por religião, onde o aluno teria que aprender catecismo da doutrina cristã; história sagrada, em que o professor ofereceria um resumo desta desde a criação do mundo até a fundação da Igreja; e português, onde teria leitura expressiva e recitação de cor de prosadores e poetas nacionais, gramática, análise e exercícios ortográficos.

Figura 16 - Livro para lançamento de numero de notas de aplicação, procedimento, bancos de honra e faltas dos alunos do 1º e 2º anno do Externato do Imperial Collegio de Pedro Segundo, 1877

45
1877

2º anno

Henrique Maximiano Coelho Netto

AULAS	1º Trimestre						2º Trimestre						3º Trimestre						Total						OBSERVAÇÕES
	APLICAÇÃO			PROCEDIMENTO			Bancos de honra	APLICAÇÃO			PROCEDIMENTO			Bancos de honra	APLICAÇÃO			PROCEDIMENTO			Bancos de honra				
	R	S	M	R	S	M		R	S	M	R	S	M		R	S	M	R	S	M					
Portuguez	5	1	2																						
Latim	2	0	6																						
Francez	2	4	7																						
Inglez																									
Grego																									
Allemão																									
Religião																									
Geographia																									
Historia																									
Rhetorica																									
Philosophia																									
Sciencias Physicas																									
Historia Natural																									
Mathematicas																									
Musica																									
Dezenho																									
Gymnastica																									

Fonte: NUDOM

Já para o segundo ano, como podemos observar na imagem anterior, os alunos teriam português, que visaria o desenvolvimento das regras de lexicologia e sintaxe, análise lógica e etimológica, recitação de prosadores e poetas clássicos, exercícios de redação verbal e escrita; no latim e no francês aprenderiam gramática elementar, temas e tradução de prosadores.

Vale ressaltar que um dos professores lembrados no discurso de Coelho Netto no

ginásio, em 1907, fora José Francisco Halbout, professor de francês no Externato, o qual tinha seu livro, *Gramática teórica e prática da Língua Francesa* (1873), incluído no programa da disciplina. Dizia sobre Halbout que ele era do tipo austero e ríspido de “professor à antiga”. Lembra ainda de dois professores que teriam marcado também sua estada no colégio enquanto aluno: Lucindo Passos e Dr. Garcia. Este último, pelas lembranças que tivera dele, podemos pressupor que era de português, pois, dizia ser erudito, “familiar dos classicos vernaculos e tão amoroso de Camões e de Vieira que, não raro, em aula, perdia o fio da lição repousando numa oitava do épos ou enlevado no crystallino período de algum sermão” (COELHO NETTO, 1911, p. 113). E Lucindo, possivelmente era de história antiga e media, pois dizia que esse professor sempre estava às voltas com assuntos abordados nessa disciplina, como: as guerras de Cesar, a eloquência de Cícero, sobre Roma e etc. Sendo assim, Coelho Netto deixa entrever que gostara das matérias relacionadas a línguas: portuguesa, francesa, e história, diferentemente de geometria, pois exclama no final de seu discurso: “Geometria (Oh! Medo)” (idem, p. 114).

Não podemos dar certeza que esses professores teriam sido o principal motivo para Coelho Netto ter seguido o campo da literatura, nem que Coelho Netto referenciava-se neles como modelos a seguir na sua vida de magistério. Porém, uma questão que pode ser identificada a partir de suas notas e também das lembranças soltas de seu discurso memorialístico, foi que Coelho Netto teria estudado no Imperial Colégio de Pedro II, até o quinto ano, como destacado pelo parecer da Congregação, porém os documentos que teriam suas notas, do 3º ao 5º ano, perderam-se com o tempo.

É relevante ressaltar ainda que o relator para a admissão de Coelho Netto fora Francisco Pinheiro Guimarães, que em 5 maio de 1909, fora nomeado para reger interinamente a cadeira que Coelho Netto acabara de conquistar, junto com a que ele já regia, de Literatura do Internato. Sendo assim, estaria substituindo Coelho Netto. Possivelmente, o mestre das palavras, tivesse que ficar em disponibilidade para poder assumir a Câmara dos Deputados, como representante do Maranhão, onde, em agosto do mesmo ano, já promoveria o seu primeiro discurso da tribuna. Visto que, em 1914, Coelho Netto encontrava-se ainda em disponibilidade¹⁶³, observei que a cadeira de Literatura em 1912, com a Reforma de Ensino de 1911, não existia mais, passando a ser lecionada pelo professor da cadeira de história da literatura geral e nacional.

¹⁶³ Segundo o Anuario do Colégio Pedro II, n. 1, 1914. (Fonte: NUDOM)

Apesar de Coelho, em 1925, ainda estar em disponibilidade (MARINHO et al, 1938), ele ainda estaria vinculado a esta instituição, já que segundo a legislação, sobre os membros do magistério, atribuído pelo art. 26, “os lentes, substitutos e professores seriam vitalícios desde a data da posse e exercício e não perderão seus lugares senão na forma das leis penais e das disposições deste código”. E recorrendo aos periódicos da época, localizei, no *Correio da Manhã*, que Coelho Netto só teria se aposentado em 1934, no mesmo ano do seu falecimento.

Figura 17 - Recorte do jornal *Correio da Manhã*, 10 de outubro de 1934, ed. A12232



Fonte: Hemeroteca Digital/ FBN

Sendo assim, mesmo que estivesse em disponibilidade, ainda manteve o vínculo com a instituição e o status de professor do Ginásio Nacional. Paralelamente a Câmara dos Deputados, Coelho Netto iria dirigir também a Escola Dramática, a primeira escola de teatro voltada para a formação do ator, e que tanto se empenhara para a sua criação, como veremos no item a seguir.

3.2 Cartas do ofício: um professor à frente da Escola Dramática

04/01/1912

Snr, Dr Henrique Coelho Netto,

Tendo recebido a melhor impressão possível da prova publica de fim de anno dos alumnos da Escola Dramática, realizada no Theatro Municipal em 24 de Dezembro p. fundo cumpro o grato dever de louvar-los pela alta competencia e extremado amor com que tendes dirigido esse importante instituto de arte, comprovando o meu acerto em vos confiar tão árdua tarefa. [...] peço-vos tornes extensivo este elogio aos vossos dignos auxiliares do corpo docente e bem assim aos alumnos pela applicação e aproveitando que demonstrara.

Saudações

Bento Ribeiro.¹⁶⁴

Muitas foram as cartas que localizei nas instituições de guarda e de memória do Rio de Janeiro, dentre elas: ABL, FBN, Casa de Rui Barbosa. Nelas, Coelho Netto agradecia, enviava livros e saudações, convidava, concordava, discordava, recomendava, avisava, lamentava, informava, pedia, e até desculpava-se. Isto porque a correspondência não é homogênea. São também diversos os tipos de cartas: oficiais, públicas, privadas, íntimas, abrigando diferentes formas discursivas e de práticas epistolares.

Venancio (2002), ao estudar a correspondência de Oliveira Vianna, as categorizou em grupos para melhor definir seus assuntos e que puderam me iluminar acerca do meu estudo. São elas: social (englobam mensagens de Natal e de boas festas, parabenização, etc); assuntos políticos (discussão sobre eleições, pareceres, etc); para aquisição de bens materiais (principalmente aquelas referentes a aquisição de livros); sobre assuntos cotidianos (pagamentos, empréstimos, causas judiciais, etc); referentes a questões intelectuais (tratam sobre assunto de livros, solicitação para artigos de livros, pedidos de doação de livros para bibliotecas, convites para prefaciá-los, etc); e, de agradecimentos

¹⁶⁴ Localizada na seção de manuscritos da FBN.

(agradecimento pelo envio de livros como presentes). Pude observar que Coelho Netto possuía todos os tipos de correspondência exemplificados pela autora. Sendo assim, percebi, através da escrita epistolar de Coelho Netto, que o professor mantinha um intercâmbio intelectual (VENANCIO, 2002) ativo com os demais sujeitos, ao considerar que a correspondência representava um “local por excelência da expressão das intenções e das trocas de idéias, espaço de sociabilidade e de inspiração” (p.223).

Das missivas em geral trocadas por Coelho Netto, pude identificar aquelas que tratavam sobre assuntos acerca da Escola Dramática Municipal, enquanto ele exercia a função de diretor e de professor de História e Literatura Dramática. Ao me debruçar na interpretação dessas missivas, pude pensar sobre os destinatários e remetentes de Coelho Netto, enquanto diretor da escola; a finalidade da escrita; o contexto da escrita; e, a relação que Coelho Netto tinha com seus interlocutores.

Destaco, então, a carta de Bento Ribeiro¹⁶⁵ enviada a Coelho Netto, como exposto anteriormente, elogiando-o pela competência com que dirigia a Escola Dramática. Também pediu que seus elogios chegassem ao corpo docente e alunos da escola. Na época, a Escola Dramática era constituída, segundo o seu regulamento, pelo diretor, o pessoal da administração (secretário, contínuo e servente) e o corpo docente, que segundo Andrade (1996), era formado pelos professores: João Ribeiro (Prosódia), Alberto de Oliveira (Arte de Dizer), Cristiano de Souza e Eduardo Victorino (Arte de Representar), Fernando Magalhães (Fisiologia das Paixões) e Coelho Netto (História do Teatro e Literatura e também Diretor).

Apesar dos elogios, a luta para mantê-la em funcionamento e com a disciplina com que Coelho Netto desejava, não foi tarefa fácil, levando-o quase a desistir de tudo, como apresentado em uma carta enviada ao prefeito Serzedelo Corrêa, em 20 de

¹⁶⁵ Bento Manuel Ribeiro Carneiro Monteiro (1856, RS – 1921, RJ) “foi militar, nomeado prefeito do Distrito Federal, em 1910, sucedendo Serzedelo Correia (quando marechal Hermes da Fonseca tomou posse da presidência da República, em 15 de novembro do mesmo ano). Ao tomar posse na prefeitura, implantou um programa rigoroso de contenção de despesas, na tentativa de estabilizar as finanças municipais. Conseguiu autorização da Intendência Municipal para unificar e consolidar a vida flutuante, deu continuidade às obras iniciadas e desenvolveu algumas, tentando respeitar as limitações financeiras com se deparou. No entanto, com o passar do tempo, suavizou o programa de redução de despesas e gerou gastos, deixando para o sucessor um déficit igual ao que encontrara. Sensível à má remuneração do funcionalismo municipal, Bento Ribeiro defendeu junto ao Legislativo o aumento dos vencimentos dos funcionários. Também reduziu a jornada de trabalho dos empregados no comércio e regularizou a venda avulsa de jornais, revistas e periódicos; foi um dos primeiros políticos brasileiros a tratar de questões referentes às condições de trabalho. Ao final do governo Hermes da Fonseca, em 15 de novembro de 1914, deixou a prefeitura, sendo substituído por Rivadávia Correia”. (MESQUITTA, 2015). Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RIBEIRO,%20Bento.pdf> [Consulta em 27 de março de 2017].

setembro de 1910, meses após sua inauguração. Nela, Coelho Netto pedia demissão e reclamava da má administração do Sr. Guilherme da Rosa, na época, empresário responsável por dirigir o Teatro Municipal, por não atender aos pedidos feitos por Coelho Netto acerca das demandas da escola de teatro que dirigia. Porém, Bento Ribeiro não aceita o pedido de demissão de Coelho Netto, preferindo rescindir o contrato com o empresário, e logo depois expedindo o Decreto nº 823, do art. 4º, em junho de 1911, deliberando sobre o regulamento da escola. (ANDRADE, 1996)

A instituição também demorou a ter um lugar fixo, tendo funcionado, primeiramente, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, depois, no Instituto de Educação, em uma sala emprestada na Avenida Venezuela, e no Teatro João Caetano. Só tendo sua instalação definitiva na casa que foi do Barão do Rio Branco. Além disso, teve vários outros nomes, já foi conhecida por Escola Coelho Neto, Escola de Teatro e Cinema, Escola de Teatro Martins Pena, e, atualmente, por fazer parte da rede FAETEC, chama-se Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena. (MIGNOT, 2014)

Figueiredo (2011) indica que a história da Escola Dramática esteve ligada à construção do Teatro Municipal, cuja consagração do projeto desse teatro nasceu “em meio à polêmica e esteve longe de contar com a unanimidade, mas cujo impacto, uma vez concluído, acabou por calar – ou pelo menos intimidar – os críticos” (idem, p. 46). Acrescenta o autor que na opinião do cronista, da época, João do Rio, o Teatro Municipal havia proporcionado à cidade o “seu mais belo edifício” (idem). Essa polêmica em torno de sua construção se deu por conta das obras que seriam realizadas para a sua edificação, dividindo as opiniões dos cariocas entre os que eram contra e os que eram a favor das demolições:

Parte deste passado começou a vir abaixo ao ritmo da célere reforma urbana promovida na cidade do século XX. Assistindo a essas demolições com sentimentos ambivalentes, os cariocas dividiam-se entre progressistas e nostálgicos. O poeta Olavo Bilac decididamente não se incluía entre esses últimos. “Na cidade continuam as demolições”, comemorou ele, escrevendo numa crônica da *Gazeta de Notícias* publicada em 1903. Nela registrava com uma ponta de satisfação a chegada daquela onda avassaladora à área do antigo largo: “Agora já vetusta rua da Guarda Velha começa a ser desafogada. Talvez haja quem lamente a queda daqueles pardieiros medonhos – porque, neste mundo extravagante, não falta quem goste do que é abominável. Eu por mim confesso que a cada golpe das picaretas demolidoras, sinto um alívio no coração. Não há quem, mais do que eu, adore as tradições desta terra. Mas a tradição, para viver perpetuamente, não carece de ficar materializada em casas medonhas, em ruas tortas, em exemplares de arquitetura teratológica”. (FIGUEIREDO, 2011, p. 48)

Assim como Olavo Bilac e João do Rio, Coelho Netto também compartilhava da ideia de que a construção do Teatro Municipal seria importante para revigorar e modernizar a cidade do Rio de Janeiro. A esse respeito, Mignot (2014) cita Andrade (2009) para explicar que:

No momento em que foi criada, a Capital Federal passava por um processo de modernização, com reformas urbanas, e a sociedade vivia dominada pelo francesismo que informava e conformava “as idéias da literatura, da educação, da moda, das diversões. A própria reurbanização introduz a arquitetura art nouveau. Mas, paralelamente há uma crescente reação nacionalista, que vem desde 1890, e que visa principalmente a valorização do homem brasileiro”. Neste contexto, lembra ainda a autora, a “nova Avenida Central (atual Av. Rio Branco, no Centro) é o eixo do mundo das altas finanças, da cultura e dos passeios elegantes. Além disso, reúnem-se nos cafés da avenida grupos de intelectuais, jornalistas e comerciantes. A cidade carioca que mais parece um pedaço da Europa, vive uma nostalgia parisiense. Em pouco tempo, as largas avenidas exibem a mais nova conquista técnica: o automóvel”. Para ela, nos primeiros anos do século XX a população carioca chegava aos oitocentos mil habitantes, e em 1908 funcionavam oito teatros no Rio de Janeiro. Relacionando-se a lotação destas casas de espetáculo, que na sua maioria ultrapassa o milhar, a uma tão reduzida população é fácil perceber que o teatro era o centro da vida social da cidade, quase o seu único divertimento coletivo: Lírico 1.621 lugares; Apolo 1.455; Recreio 1.313; Carlos Gomes 1.217; Pálace 1.155; São Pedro 1.131; Exposição 930; Lucinda 609. O número de lugares mais baratos constituía cerca de cinquenta por cento da lotação total na maioria dos teatros, o que indica a presença de um público menos abastado. (ANDRADE, 2009, p.4 apud MIGNOT, 2014, p. 206 e 207)

Nesse período, os intelectuais, assim como Coelho Netto, Arthur Azevedo, dentre outros, e a imprensa, não se cansavam de chamar atenção para “a decadência do teatro nacional, para a necessidade da criação de uma companhia brasileira e de uma escola de arte dramática, ao mesmo tempo em que, provavelmente, ir ao teatro era um dos melhores programas da cidade” (ANDRADE, 2009, p.4). É nesse contexto histórico-social que a Escola Dramática fora criada, pelo Decreto nº 1.167, no dia 13 de janeiro em 1908, na cidade do Rio de Janeiro, atrelada à construção do Teatro Municipal:

Artigo 19º - O Prefeito promoverá a criação de uma escola dramática destinada ao estudo da língua portuguesa, reta pronúncia, declamação e prática teatral. As aulas, que serão regidas por profissionais de reconhecida competência destinar-se-ão a ambos os sexos e serão de frequência gratuita. (apud ANDRADE, 1996, p. 73)

Porém, sua inauguração só aconteceria dois anos depois, no dia 15 de abril de 1910, quando Coelho Netto promoveria o seu primeiro discurso para a escola. Segundo Paulo Coelho Netto (1957), um de seus filhos e também biógrafo, indicou que a criação da escola de teatro foi possível a partir do sucesso que Coelho Netto havia conquistado na

inauguração do Teatro Municipal, no qual fora apresentada uma peça de sua autoria, *Bonança*. No discurso de inauguração da Escola Dramática, Coelho Netto discorreu sobre a finalidade da escola:

Aqui o alumno virá aprender a reproduzir as emoções humanas, desde a que ri, na comedia, até a que alucina e desfigura na tragédia; reflectirá como um espelho e, reproduzindo a alegria ou o soffrimento, será, ao mesmo tempo, o interprete da nossa poesia dramatica, tanto tempo e humilhanamente açacanhada pelo córdace obsceno; virá afinar o seu dizer pela nossa prosódia, sem, todavia, sacrificar o vernaculo, senão apurando-o no falar estreme; virá exercitar-se na arte da scena movendo-se com elegancia, ouvindo com discreção, atalhando com a proposito, dialogando com eloquencia, sabendo estar em todas as attitudes, sem comprometer a graça com o geito cachestro do pastrano nem affectar, até ao ridículo, a posição e o jeito; virá, enfim, a ter ideias geraes do bello e conhecer a historia do theatro, desde os grandes dias dyinisiacos até ao refferer da vida intensa deste seculo. Já era tempo de termos esta didascalía. (COELHO NETTO, 1911, p. 135)¹⁶⁶

Para tal, Coelho Netto também defendeu em seu discurso que fundar uma escola era construir no futuro, pois acreditava que era nela que o povo poderia se transformar em nação. Justifica que apesar da escola que ali estava sendo inaugurada, não fosse “das que iniciam a intelligencia no trato das letras”, por exemplo de educação primária e secundária, a sua instrução seria para imitá-la, guiada ao “conhecimento da alma”. Acrescenta que os governos deveriam saudar as inaugurações de escolas, pois a construção destas significava prosperidade e defesa da pátria.

A respeito disso, Marta M. Chagas Carvalho (1989) aponta que o modelo de escola, instaurado durante a República, representou uma nova ordem para fugir das trevas, obscurantismo e opressão marcado pelo regime anterior, e um futuro luminoso, no qual saber e cidadania andavam juntos para se chegar ao progresso. “Como signo da instauração da nova ordem, a escola devia fazer ver[...] daí a importância das cerimônias inaugurais dos edifícios escolares [...] o rito inaugural repunha o gesto instaurador” (p.23). Sendo assim, a construção de uma escola de formação do ator também seria uma reforma do teatro brasileiro, marcado pelo o teatro obsceno, que só visava o lucro que Coelho Netto tanto falava em seu discurso. Para o professor, o desanimo dos poucos artistas que labutavam junto a ele nessa causa, a favor da arte, foram cedendo lugar aos “invasores”, remetendo-se aos estrangeiros que comandavam as companhias de teatro no país.

Com isso, o papel do ator seria, então, o de interpretar o poeta, que, por sua vez,

¹⁶⁶ De 138 candidatos inscritos, apenas puderam ser matriculados 30, como previsto em lei.

interpretaria o povo, de modo a interpretar o tempo, acreditando que era essa a “Vida que aparece no Theatro em clarões mais ou menos intensos – ora pallidos, ora rubros, ora violáceos, mas sempre a Vida” (COELHO NETTO, 1911, p. 138). O entusiasmo pela educação sedimentado durante a República entre os intelectuais, assim como foi com Coelho Netto, residia na crença de que era através educação que se solucionariam todos os males da sociedade, como o vimos também defender em suas crônicas nos jornais *A Noite* e *Jornal do Brasil*:

Nesse âmbito, o papel da educação foi hiperdimensionado: tratava-se de dar forma ao país amorfo, de transformar os habitantes em povo, de vitalizar o organismo nacional, de construir a nação. Nele se forjava projeto político autoritário: educar era moldagem de um povo, matéria informe e plasmável, conforme os anseios de Ordem e Progresso de um grupo que se auto-investia como elite com autoridade para promovê-los. (CARVALHO, 1989, p. 9)

Outras missivas que merecem destaque, são aquelas enviadas por Coelho Netto e recebidas pelo intelectual João Ribeiro, tratando sobre: sua substituição na disciplina “Prosódia”, por motivo de viagem, outro momento por motivo de uma cirurgia que iria fazer, dentre outras cartas¹⁶⁷. Silva e Clemente (2014) sugerem que um dos motivos pelo qual João Ribeiro teria aceitado assumir a cadeira de Prosódia da escola de teatro, envolvia a relação que estes sujeitos mantinham, e que poderia ser explicitado através de suas cartas. Em uma delas, tratando sobre seu afastamento para se sujeitar à cirurgia, podemos observar a informalidade com que se comunicavam:

23/03/1913

Meu Caro Coelho Netto,

Venho pedir-lhe uma desgraçada licença de 25 a 30 dias. Estou com grande pedra na bexiga, o que não sabia, apesar de muitos sofrimentos que tenho passado. O Dr. Alberto Ramos determinou que sem perda de tempo me recolhesse ao (Inelegível) Hospital (rua da Passagem) onde devo ser operado sem demora, pois estou sob risco de infecção mortal.

Entro para o hospital n’esta semana e o mais irá a Deus misericórdia.

Um abraço,

João R.¹⁶⁸

Nas cartas de João Ribeiro, ele utiliza uma linguagem informal, referindo-se a Coelho Netto como “Meu caro”. Segundo Cunha (2015, p.279) “a linguagem das cartas,

¹⁶⁷ Ver mais sobre as cartas entre João Ribeiro e Coelho Netto em: SILVA, Alexandra Lima da, CLEMENTE, Marcela Guimarães. Teatro das Letras: papéis de João Ribeiro para Coelho Netto. In: MIGNOT, Ana Chrystina V., SILVA, Alexandra L. da, SILVA, Marcelo G. da. *Outros tempos, outras escolas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2014.

¹⁶⁸ Localizado na Seção de Manuscritos da FBN.

principalmente das pessoais, é desprovida de formalidades ou palavreado rebuscado”. Assemelha-se a um diálogo entre amigos, por isso há liberdade de ideias e sentimentos. Com isso, podemos dizer que as cartas entre João Ribeiro e Coelho Netto são cartas entre amigos, ao mesmo tempo, que o seu conteúdo aponta para um ofício do trabalho, pois João Ribeiro pede licença para que possa se ausentar por motivo de doença, e a escreve para Coelho Netto por ser o seu diretor. No ano seguinte, João Ribeiro escreve de novo ao diretor, solicitando a exoneração de seu cargo devido à viagem que faria à Europa. Podemos aferir que Coelho Netto aceita, pois, em substituição ao professor João Ribeiro, Coelho Netto teria convidado José de Oiticica¹⁶⁹ para reger a cadeira vaga, e em agradecimento, o professor responde:

04/05/1914

Ill mo. Im. Diretor da Escola Dramatica Saúdo a V.I.

Profundamente penhorado com o honroso convite que me fez V. I. para assumir a regencia da cadeira de prosodia da Escola Dramatica em substituição ao povicto professor João Ribeiro, respondendo a V. I. agradecendo a confiança que em mim deposita e promptificando-me a secundar o nobre esforço de V. I. fazendo quanto em mim couber por não desmerecer de tão alta incumbencia.

Aguardando as ordens de V. I.

Subscrevo-me

Admirado e obrigado

José Oiticica.¹⁷⁰

Enquanto que a carta de João Ribeiro a Coelho Netto demonstrava ser missivas entre amigos, a carta de José Oiticica irá apontar a distância que se revela entre os comunicantes, devido aos pronomes de tratamento formais utilizados por Oiticica. É relevante ressaltar que em 1917, José Oiticica é nomeado professor de português do Colégio Pedro II, e Coelho Netto encontrava-se em disponibilidade desse ginásio nessa época, porém, ainda mantinha vínculo com a instituição. Sendo assim, as redes de sociabilidade entre as duas instituições permaneciam interligadas através de seus

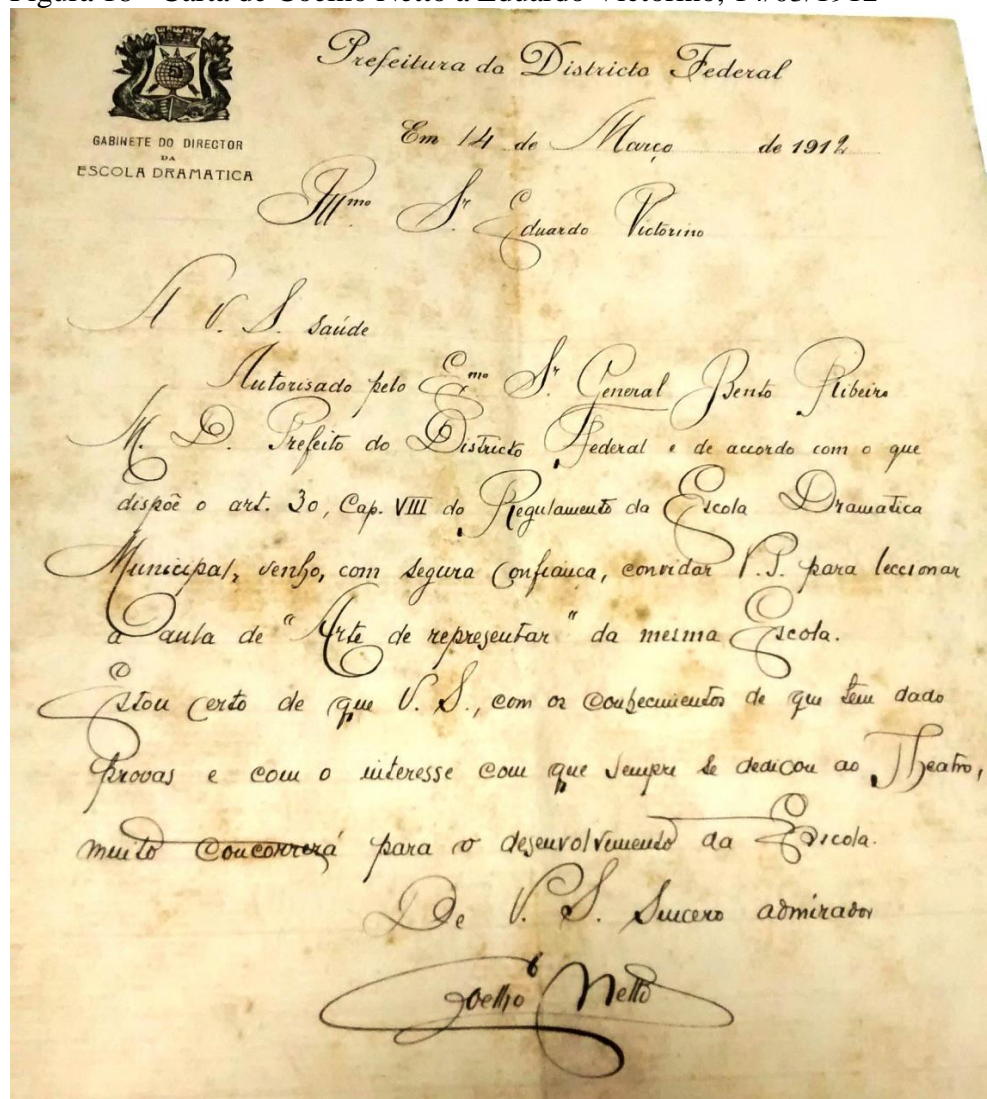
¹⁶⁹ José Rodrigues Leite e Oiticica (1882, MG – 1957, RJ) “foi filólogo e professor. Em 1914, passou a lecionar na Escola Dramática do Rio de Janeiro. Em 1917, foi nomeado professor de português do Colégio Pedro II. Em novembro do ano seguinte, foi preso quando participava de articulações com vistas à deflagração de uma insurreição operária no Rio de Janeiro. Publicou *Princípios e fins do programa comunista-anarquista* (1919) e *A doutrina anarquista ao alcance de todos*. Entre 1929 e 1930, lecionou filologia portuguesa na Universidade de Hamburgo, na Alemanha. Lecionou também na Universidade do Distrito Federal, em meados da década de 30. Publicou um significativo conjunto de obras linguístico-filológicas, entre as quais *Estudos de fonologia* (1916), *Do método no estudo das línguas sul-americanas* (1930), *Roteiro de fonética fisiológica*, técnica do verso e dicção e *A teoria da correlação* (1955)”. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica [Consulta em 27 de março de 2017].

¹⁷⁰ Localizado na seção de Manuscritos da FBN.

professores.

Por sua vez, o mesmo tipo de formalidade da carta de Oiticica estará presente também nas cartas que Coelho Netto enviou a Eduardo Victorino¹⁷¹, convidando-o para preencher a vaga de professor da cadeira “Arte de Representar” – no qual este professor deixou um material escrito e sistematizado sobre o que ensinava nessas aulas, chamando-o de *Compêndio da Arte de Representar*¹⁷², publicado em 1912, e depois reeditado e ampliado em 1916, com o título de *Para ser ator*.

Figura 18 - Carta de Coelho Netto a Eduardo Victorino, 14/03/1912



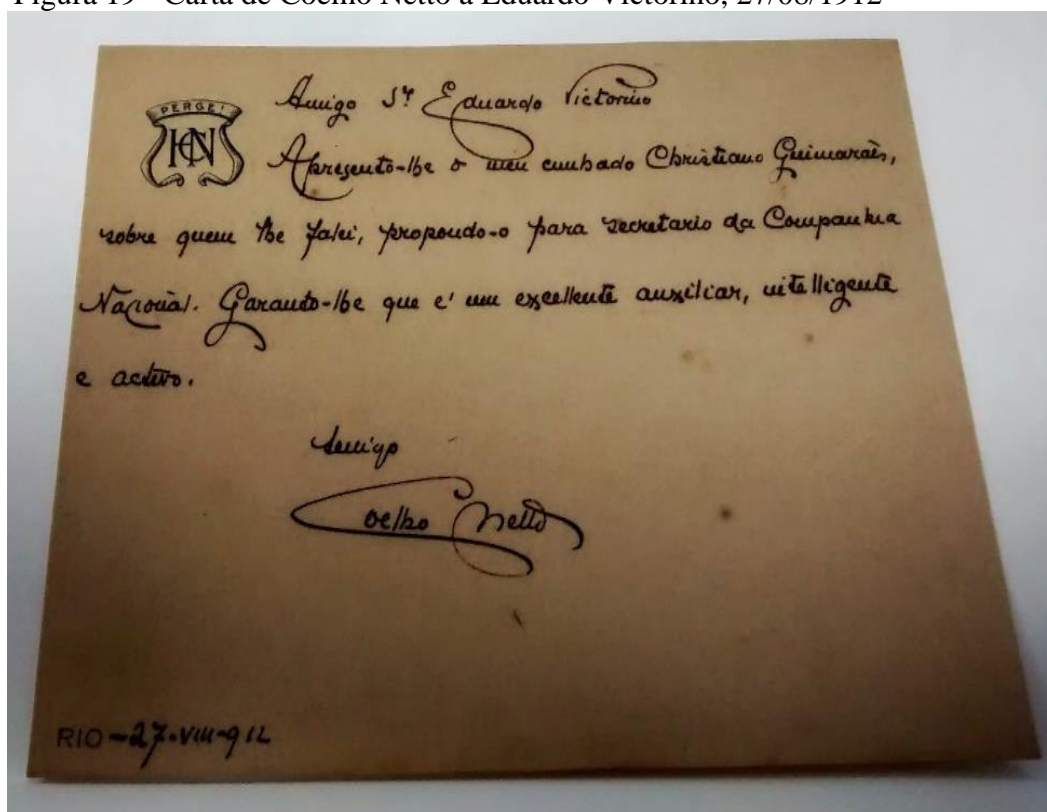
Fonte: Arquivo Pessoal do Acadêmico Coelho Netto/ ABL

¹⁷¹ Eduardo Victorino (1869, Portugal – 1949, RJ), foi empresário, autor e diretor teatral. Foi contratado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, para empresariar os espetáculos do Teatro Municipal, devido à crise gerada pelo empresário Guilherme Da Rosa, em 1912 (ANDRADE, 1996).

¹⁷² Este livro “é composto por 115 notas, a maioria delas curtas, que ensinam noções básicas, porém muitas vezes de realização prática extremamente complexas” (ANDRADE, 1996, p. 94). Pude localizar um exemplar deste livro na FBN, na seção de Obras Gerais.

É interessante notar a linguagem rebuscada utilizada por Coelho Netto, a letra desenhada, os pronomes de tratamento formais: “Ill mo Sr. Eduardo Victorino”, “Emº Sr. General Bento Ribeiro”, “V. S.”, além do timbre da Escola Dramática e da Prefeitura do Distrito Federal, poderia se tratar de uma carta oficial, isto é, administrativa, que deveria representar o contrato entre o diretor, Coelho Netto, e o professor, Eduardo Victorino. Contudo, pude localizar, nesse mesmo Arquivo Pessoal de Coelho Netto/ ABL, um cartão do diretor para Eduardo Victorino, com a data de 27 de agosto de 1912, porém, com outro tipo de tratamento e tema.

Figura 19 - Carta de Coelho Netto a Eduardo Victorino, 27/08/1912



Fonte: Arquivo Pessoal do Acadêmico Coelho Netto/ ABL

Dentre as missivas em geral, havia algumas nas quais Coelho Netto apresentava alguém ao destinatário, como demonstrado pelo cartão anterior, onde Coelho Netto apresentava a Eduardo Victorino o Christiano Guimarães, propondo-lhe que o cunhado preenchesse a vaga de secretário da Companhia Nacional, garantindo ser um excelente auxiliar, inteligente e ativo. A partir da data, pude perceber que Eduardo Victorino já estava atuando como professor da Escola Dramática Municipal, e que, pela carta aparentemente, menos formal, designa que Coelho Netto não a escrevia enquanto Coelho Netto diretor, mas sim como amigo. Apesar disso, podemos perceber as relações

implícitas de autoridade a partir dessa carta, pois Coelho Netto indica o cunhado para trabalhar com Eduardo Victorino, garantindo-lhe que ele faria um bom trabalho. Como recusar uma indicação feita pelo seu próprio diretor?

Percebo, assim, que mesmo que Coelho Netto cumpra seu dever enquanto diretor cotidianamente, as cartas trocadas por ele dentre os demais sujeitos, demonstram sua autoridade enquanto diretor de uma instituição escolar, mesmo que as cartas sejam informais, ou não, pessoal ou não, oficial ou entre amigos. Dentre as incumbências destinadas ao diretor estava: exercer a inspeção superior da escola, providenciando sobre todos os assuntos que se refiram ao ensino e a disciplina. Demonstrando um total poder sobre todos os assuntos que cercavam a escola, dentre elas estava a escolha do corpo profissional da escola, como exemplificado em algumas cartas anteriormente.

Lima (2010) pontua que, no campo das cartas, a “relação contratual” nos permite elucidar a respeito das contradições apresentadas nos textos de um determinado missivista, isto é, como um mesmo sujeito contém diferentes perfis identitários, pai, amigo, professor, diretor, literato, político, etc. No caso de Coelho Netto, devemos levar em conta que ao exercer seu papel de diretor, ele também atuava como Deputado Federal do Maranhão. Logo, na Câmara, ele poderia lutar, como o fez, incessante pela causa da cultura, nacionalização do teatro brasileiro e também permitiu para legitimar seu sonho de construção de uma escola que pudesse formar atores para ocuparem os palcos do Brasil. Sendo assim, enquanto diretor conseguia adquirir as vantagens de político, e enquanto deputado, tinha o reconhecimento de um “homem das letras” e professor.

Andrade (2014) aponta que o elenco do corpo docente escolhido pela Escola Dramática tinha por objetivo “dar credibilidade à escola, atrair jovens de classe burguesa, cujas famílias, certamente, se sentiriam mais confiantes e seguras de ter seus filhos orientados por [professores] tão ilustres” (p.190), formado, em sua maioria, por “imortais” da Academia Brasileira de Letras, com exceção dos professores Cristiano de Souza e Eduardo Victorino (disciplina “arte de representar”), que eram diretores de teatro. A autora lembra, ainda, que essa escolha significava uma tendência “à formação de um profissional à altura do grande teatro burguês, sério e erudito, aquele que diz com perfeição as palavras do texto” (idem). Sendo assim, a escola iria servir:

À classe que via no teatro europeu importado a sua melhor representação, pois, no mesmo estilo da reforma urbana que copiava a arquitetura francesa, a Escola Dramática Municipal também vai organizar seu currículo seguindo o modelo europeu de teatro. (idem, p. 189 e 190)

Dessa maneira, “a história desta escola confunde-se especialmente com a história da educação no Rio de Janeiro, na medida em que sua criação se dá num momento de busca pela afirmação de um ideal republicano de escolarização na vitrine do país” (MIGNOT, 2011, p.7). Posto isto, percebi que Coelho Netto ao atuar como diretor e também professor da Escola Dramática, almejava educar atores para interpretar o povo e assim o moldar, segundo os padrões de sociedade que considerava como sendo o ideal. A escola foi um desses meios que possibilitou pôr em prática o modelo educacional que considerava ser o mais adequado para se obter o progresso do país, civilizar para progredir. Contudo, percebi também, que, paralelamente às escolas que lecionou e que ajudou a fundar como a de teatro, Coelho Netto encontrou na escrita e na publicação de obras destinadas às crianças, um novo investimento para pôr em prática o seu projeto educacional tão almejado, como veremos a seguir. Sendo assim, como as obras publicadas se relacionavam com a sua atuação como professor?

3.3 Um escritor para crianças

O livro é sempre um degrau: sobe, se é bom: desce se é mau. Por êle o espírito ascende à claridade ou abisma-se na treva.

Coelho Netto, 1919, p. 110

Em uma palestra¹⁷³, cuja a proposta era falar sobre o pai, Zita (1964) destacou a importância que Coelho Netto tinha em relação à educação, sua dedicação de formar jovens e enalteceu o pai dedicado que havia sido. Lembrou ela que, ao ver os filhos doentes, ficava nervoso e inquieto, talvez pela preocupação que o assolasse ao lembrar dos filhos que não vingaram, e de Emanuel que perdera ainda jovem, e que, posteriormente, homenageou-o com um livro a ele dedicado, chamado *Mano*.

Lembrou também, em outra conferência proferida para o *Diário da Tarde* em comemoração do centenário de nascimento de Coelho Netto, sobre aspectos peculiares da

¹⁷³ “Palestra realizada na UNITER, em 26 de novembro de 1962, e na Associação Guanabariana de Imprensa, para os alunos do Curso de Jornalismo da turma de 1962, no dia 5 de dezembro de 1962, cujo patrono foi o escritor e jornalista M. Paulo Filho” (COELHO NETTO, ZITA, 1964, p.5).

vida do escritor, e enfatizou a figura do pai como “poeta e escritor para crianças”. Rememorou, ainda, que Coelho Netto “se preocupou demais com as crianças e com a mocidade [...] e não era por simples arranjo de palavras que dizia que “é na Escola que um povo transforma-se em nação”, como já visto no discurso de inauguração da Escola Dramática. Contou que a casa do pai “era aberta a todos, mas frequentada sobretudo pelos jovens que lhe pediam conselhos e orientação em todos os campos desde esporte até literatura” (*DIÁRIO DA TARDE*, 30 de abril de 1964)¹⁷⁴.

Com isso, paralelamente à vida de professor, Coelho Netto escrevera os livros dedicado ao público infantil: *América* (1897), *Apólogos: contos para crianças* (1904), *Compêndio de Literatura Brasileira: segundo o programa do Gymnasio Nacional* (1905), *Pastoral: evangelho em 1 prologo e 3 quadros* (1905)¹⁷⁵, *Teatrinho* (1905), *Alma: educação feminina* (1911), *Mystério do Natal* (1911), *Breviário Cívico* (1921), e as obras: *A Pátria Brasileira* (1909), *Contos pátrios* (1904), *A terra fluminense* (1989)¹⁷⁶ e *Theatro Infantil: comédias e monólogos em prosa e em verso* (1905), junto com Olavo Bilac.

Essa parceria entre os escritores citados acima é destacada na biografia sobre o mestre das palavras, escrita por Paulo Coelho Netto, onde o biógrafo lembrou da vez em que o “parnasiano-lírico”, tão pobre quanto o pai na mocidade, chegou ao extremo dos sacrifícios, vendendo ao editor Francisco Alves uma parte da coleção de seus versos, que seriam, assim, editados sem unidade e fragmentariamente, operação essa efetuada por quatrocentos ou quinhentos mil réis. Nesse momento, Coelho Netto correu ao livreiro, evitou a divulgação precipitada e devolveu-lhe a quantia que o mesmo, por antecipação, já havia entregue a Olavo Bilac (COELHO NETTO, Paulo, 1942).

Hansen (2011) indica que Olavo Bilac – conhecido como o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, título concebido pela revista *Fon-Fon*, em 1913, foi jornalista, poeta, inspetor escolar do Distrito Federal (1898), membro da ABL, fundou a Liga de Defesa Nacional, participou de várias campanhas cívicas, dentre elas de difusão do ensino primário –, com a mesma finalidade de Coelho Netto, isto é, de formar crianças e jovens para amar a pátria brasileira, por meio da moralidade e do civismo, escreveu individualmente a obra *Poesias*

¹⁷⁴ Recorte de revista presente no acervo do Arquivo pessoal do acadêmico Coelho Netto, localizado na Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro.

¹⁷⁵ Escrita e encenada a primeira vez em Campinas (1903).

¹⁷⁶ A respeito de *A Pátria Brasileira* (1909), *Contos pátrios* (1904), *A terra fluminense* (1989), ver: VIEIRA, Cleber Santos. *Transfigurações Cívicas: A terra fluminense, Contos pátrios e A pátria brasileira*. Revista IEB, n. 50, set./mar., 2010, p. 79-102.

Infantis (1904), e em parceria com Manuel Bonfim (1868–1932) – formado em Medicina, foi professor de educação moral e cívica na Escola Normal (Instituto de Educação), diretor do Pedagogium (1897)¹⁷⁷, “museu de pedagogia criado em 1890 com o objetivo de impulsionar o ensino nacional dando ênfase ao ensino nas escolas normais” (SILVA, 2015, p.1) –, escreveu *Língua Portuguesa* (1896), *Livro de Leitura* (1901) e *Através do Brasil* (1910).

A autora ressalta ainda que a principal especificidade do projeto “bilaqueano” era “a ênfase no modelo militar, do soldado como ideal de masculinidade, de uma ética e de uma estética marcial e espartana” (idem, p.7), no qual este tipo de representação não aparecia nos livros individuais de seus colaboradores. A esse exemplo, Hansen (2011) descreve que:

[...] a valorização da estética, da disciplina, da honra, da cultura física e de outros atributos que podem ser associados à figura militar e que aparecem representados mais nos personagens de soldados do que em de oficiais, surge muito antes do comprometimento/engajamento de Olavo Bilac na campanha pelo serviço militar obrigatório ou da organização da Liga da Defesa Nacional. Está presente já nos contos de *A terra fluminense* que seriam depois republicados em *Contos Pátrios*. Ou seja, desde 1897 que esta representação encontra expressão na produção do autor, tornando-se ainda mais evidente em 1904. (p. 8)

As edições europeias de literatura infantil que circulavam no Brasil, no final de século XIX, principalmente as portuguesas, eram precárias e irregulares e colocavam a necessidade de criação de uma literatura nacional. Logo, a literatura passa por um processo de nacionalização visando à formação das crianças. No início do século XX, devido ao crescimento da população urbana e à chegada de imigrantes para a cidade do Rio de Janeiro, a confecção e o consumo de livros infantis e escolares aumenta, época que coincide com as campanhas de alfabetização, liderada por intelectuais, políticos e educadores, no projeto de formação dos “filhos do Brasil”. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1986)

Além de Olavo Bilac, Manuel Bonfim e Coelho Netto, que fizeram parte desse grupo de intelectuais a favor da causa da educação, podemos citar Tales de Andrade (1890–1977) – educador que participou de “vários projetos de renovação e modernidade da escola brasileira” (idem, p. 55), tendo publicado *Saudade* (1919), espécie de evangelho rural brasileiro, e *Encanto e verdade* (1921), uma série de histórias curtas pela

¹⁷⁷ Sobre o Pedagogium, ver: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana*. Rio de Janeiro: Quartet; Faperj, 2013.

Editora Melhoramentos; Julia Lopes de Almeida (1862 – 1934) – escritora que foi casada com Filinto de Almeida, tendo publicado as obras infantis *Histórias da nossa terra* (1907), *A árvore* (1916), *Era uma vez* (1917), *Jardim florido* (1917), *Jornada no meu país* (1920) e *Contos infantis* (em parceria com a sua irmã Adelina Lopes Vieira, em 1886); e Francisca Julia¹⁷⁸ (1874 – 1920) – “poeta ortodoxa e parnasiana” (idem), que publicou *Alma infantil* (em parceria com o irmão Júlio Cesar da Silva em 1912), onde traduz um “projeto de poesia infantil edificante e pedagógica, ao qual se soma o gosto parnasiano pela palavra rara, pela perfeição formal e pelo destaque a dimensões sensíveis e plásticas da realidade” (idem).

Nesse momento, podemos perceber, assim, que há um olhar diferenciado dedicado à criança. Esses escritores viam esses jovens como o futuro promissor da pátria que vivia dominada pelo atraso e analfabetismo, deixado, na visão deles, pela Monarquia. O ideal, a realidade utópica que pensavam construir era um país onde o analfabetismo não existisse, e onde a civilidade imperasse, por isso, a necessidade de incutir nas crianças o amor à pátria, bons hábitos e costumes que a tornariam civilizadas. Por outro lado, a meta republicana de construir uma nação se iniciava pautada na escolarização – que diferenciava do regime anterior, de educação na família por preceptoras e das casas-escolas que, mal faladas, estavam distantes das premissas e dos ideais do regime republicano, como explicam as autoras:

Tanto a escola como a literatura infantil expressam e se beneficiam da noção de mudança. Por isso, somente podem desenvolver-se no contexto de uma sociedade em fase de modernização, que estimule os mesmos valores. É o que começa a acontecer entre nós a partir do final do século XIX, de modo que as histórias respectivas da instrução e do gênero literário para crianças articulam-se de maneira inseparável à história das transformações da sociedade nacional, fazendo parte dos rumos que esta escolhe. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1986, p. 250)

Podemos perceber, então, que tanto as obras escritas por Coelho Netto, quanto as escritas em parceria de Olavo Bilac, tinham por finalidade formar essas crianças e jovens para amar a pátria brasileira, que faziam isso por meio da moralidade e do civismo. Hansen (2007) descreve que a partir da análise dessas obras, “podemos reconhecer uma idealização das crianças para as quais se dirigia essa literatura, uma vez que os autores tinham, obviamente, a preocupação de construir personagens com os quais seu público

¹⁷⁸ Sobre Francisca Júlia, ver: PACHECO, Gabrielle Carla Mondêgo. *Os deveres do pequeno cidadão em Alma Infantil: versos para uso das escolas* (1912). 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

alvo se identificasse” (p.45). Logo, uma das dificuldades encontradas pelos autores estava na própria escrita direcionada ao seu público-alvo – as crianças –, como evidenciado no prefácio de *A Terra Fluminense* (1898):

Não conseguimos, por certo, apresentar um trabalho perfeito. Mas anima-nos a convicção de que não poupamos esforços para escrever um livro original, em que a criança encontrará, sumariamente indicadas, toda a vida política, toda a vida moral e toda a vida comercial da Terra Fluminense. [...] quisemos fugir da aridez, da forma complicada e da banalidade, ao mesmo tempo; dirão os competentes se nos saímos bem da empresa. E se nestas poucas páginas sinceras a criança aprender a amar a sua Pátria, estarão satisfeitos os desejos de Coelho Netto e Olavo Bilac. (apud HANSEN, 2009a, p.12)

Vale ressaltar que uma das dificuldades encontradas pelo historiador e/ou pesquisador nos estudos da história da leitura e da literatura, como apontado por Chartier (1995), encontra-se no fato de poder trabalhar apenas com “representações da prática” – representações normativas nas artes de ler e nas sentenças judiciais; representações de uma leitura pretendida, desejada, implícita, nos prefácios, prólogos e palavras ao leitor; representações codificadas segundo as convenções estéticas com as imagens de leitores e leitoras propostas pela pintura ou pela gravura; representações dirigidas pelas táticas do *self fashioning* nos testemunhos de natureza autobiográfica (livre de raison, diário, narrativa de vida). Portanto, devemos levar em conta de que a “leitura documentária não deverá ser ingênua e imediata (suas razões, gêneros, intenções) para poder decifrar corretamente as representações das práticas” (CHARTIER, 1995, p. 7).

Sendo assim, dentre as temáticas recorrentes nas obras de Coelho Netto, podemos citar o trabalho, que é explicitado nos contos do livro *Apólogos*. Em “Os três grãos de milho”, o autor apresenta um herdeiro que não soube aproveitar a herança que seus pais deixaram: a terra, abandonada, sem plantação e sem colheita. Um dia, um mendigo que por ali passava recebeu pequena migalha como esmola. Plantou-a e dela colheu bons frutos com seu trabalho e, para reforçar a ideia de que o trabalho árduo traz boas recompensas, escreve o autor:

Sabeis com que dinheiro vos pago? Com o que me deram os tres grãos de milho que, desprezivelmente, me atirastes. Levei-os commigo e, como não tinha ferramenta, com as próprias mãos fiz uma cova na terra e a terra devolveu-me o deposito muitas vezes dobrado. Plantando os grãos que vieram, consegui um canteiro, deu-me o canteiro uma roça, deu-me a roça um campo e fui sempre trocando os lucros por novos benefícios: primeiro em sementes,

depois em gado, depois em machinas e hoje, com elles, adquireo as terras de onde sahio o capital modesto com que comecei a grangear fortuna.¹⁷⁹

A construção de uma ética do trabalho tornou-se uma das preocupações da literatura cívica, devido a uma sociedade cujo passado escravista estava tão recente a ela ligado (HANSEN, 2007). Observamos a valorização do trabalho, através da figura humanizada do trabalhador, explícita no conto “Os fructos de Ouro”, contido no mesmo livro:

O velho, então, com pequenas ceiras, sahia a colher retirando das arvores maravilhosas o premio do seu trabalho. Tanto, porém, que terminava a colheita, longe de se deixar ficar em preguiçosa inercia, voltava á acção, [...] Querieis o milagre? Ah! parente, os milagres somos nós que os fazemos e não ha santo mais milagroso do que o homem trabalhador.¹⁸⁰

Outra característica que podemos notar na literatura de Coelho Netto é a valorização da natureza, que ainda o faz no mesmo conto. Demonstrando que a natureza é tema recorrente e considerado essencial na obra de Coelho Netto que busca, através das palavras, incutir o conhecimento da terra pátria, do amor e respeito à abundante natureza brasileira que devia ser amada e respeitada.

De acordo com Hansen (2007), era por meio de textos de ficção, romances e contos que Coelho Netto incutia conhecimentos sobre a pátria de maneira sutil, e a importância moral, secundário à primeira em seus enredos com o intuito de se chegar ao público-leitor criança, considerado como projeto de um novo homem. Sendo assim, Coelho Netto que retrata a cidade como viciosa (SILVA, 1997), apresenta à infância os privilégios da convivência com a natureza para o desenvolvimento da virtude, e para afirmar esses valores, Coelho Netto utilizava elementos da própria natureza como frutos, animais (borboleta, passarinhos, insetos), árvores, plantas, água, floresta, terra, sendo esta produtiva, necessária, bonita e vasta.

O escritor também atribuía à natureza o lugar de um tesouro necessário a ser encontrado, como pode ser observado nos contos de “A União”, “Os fructos de Ouro” e “Os tres grãos de milho”, também do livro *Apólogos*, no qual a terra é representada como um tesouro que precisa ser cuidado e protegido. Segundo Lajolo e Zilberman (1987, p. 39) “estes apelos ao heroísmo e ao patriotismo, à devoção e ao sentimento filial se fazem,

¹⁷⁹ Trecho retirado da revista *O TICO-TICO*, 1928, ano XXIII, edição 1174, p. 23.

¹⁸⁰ Trecho retirado da revista *O TICO-TICO*, 1916, ano XI, edição 0552, p. 5 a 7.

geralmente, em meio a uma evocação da natureza que tem sublinhados seus aspectos de riqueza, beleza e opulência”.

Já o conto “Quem tudo quer tudo perde”, também do livro *Apólogos*, fala sobre uma família (pai, mãe, três filhos) humilde, que ao tentar levar todo o tesouro de uma caverna, acabam virando árvores, ficando presos na floresta. A filha que, na visão do autor, representava a mais sábia, foi à caverna e só levou um pouco do tesouro, atenta as palavras de um peregrino que lhe dissera para não ter ganância. Apesar de ter conseguido todo o tesouro, a menina apresentava-se triste, porque ficara rica, porém sem o amor de sua família, e com isso, busca salvar a família, e consegue salvá-los a partir de suas lágrimas sinceras de sofrimento. A moral embutida na história, através do ato da filha, que ouviu atentamente as palavras de um senhor e, sem avareza, conseguiu toda a riqueza, mostrou que a cobiça por dinheiro fez com que quase perdesse a família.

Com isso, o autor enfatiza na história que a ambição e a ganância seriam um mau costume, que poderia levar o amor e a união familiar a serem perdidos. Importante lembrar que, no momento em que o conto é publicado, o capitalismo está sendo consolidado, visando primordialmente o lucro, e o conto é uma forma de educar para valores não inclusos nesse novo paradigma. A literatura assumia um caráter combativo, isto é, espaço de reflexão sobre os tipos e os contextos sociais como meio propício de intervenção social (PEREIRA, 2000, p. 19). Vale ressaltar que alguns dos contos contidos nos livros de Coelho Netto, como por exemplo do livro *Apólogos*, foram publicados na revista *O Tico-Tico*¹⁸¹, para melhor difusão de seu projeto pedagógico de sociedade, considerando que o periódico era mais acessível e mais barato do que o livro.

Dentre os livros publicados, podemos destacar também os teatros para crianças, visto que, assim como a literatura infantil, também nasceu a partir da nacionalização das artes. Logo, essas obras também se preocupavam com a valorização da pátria, que se consolidava sob o regime republicano, e que tinham por fim último modernizar para civilizar. Portanto, dedico-me a seguir aos teatros infantis escritos pelo mestre, para

¹⁸¹ A Revista *O Tico-Tico* foi a primeira e a mais importante revista voltada para o público infanto-juvenil no Brasil, tendo sua primeira publicação circulada em 1905. À frente do primeiro número estava o jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva. Segundo Hansen (2007, p. 17) a revista não fora escrita para uso escolar, “ainda que fosse destinada a cumprir uma função pedagógica”, sendo ela, “principalmente um empreendimento comercial que obteve enorme sucesso entre o público infantil” (Idem). Publicado toda as quartas-feiras pela empresa d’*O MALHO*, a revista exibia, dentre várias seções, passatempos, publicações de retratos dos leitores que mandavam as suas fotos, concursos para as crianças resolverem, literatura juvenil, histórias em quadrinhos, algumas coloridas outras em preto e branco, e informações sobre História brasileira e Ciência. Coelho Netto era um dos assíduos colaboradores da revista. (SILVA, 2015)

melhor aprofundamento. Sendo assim, a interpretação de seus textos permitirá compreender melhor a tônica do trabalho de Coelho Netto: sua “missão educativa” (CARVALHO, 2009b).

3.3.1 A moral da história

Procurado por uma professora, que me pediu ‘qualquer coisa’ para os seus alunos, dei-lhe uma das cenas aqui enfeitadas. Agradou. Escrevi outras. E assim se fez êste livrinho no qual, se não muito para cascalhadas, há sempre um pouco para educação.

Coelho Netto, 1960, prefácio 182

O exposto anterior foi retirado do livro *Teatrinho*¹⁸³, de Coelho Netto, editado pela Elos Rio, e prefaciado pelo próprio filho, Paulo Coelho Netto, que dizia ser esse o último e melhor livro escrito pelo pai antes de falecer. Havia edições suas nas línguas portuguesa, alemã, francesa, italiana e espanhola. Segundo Paulo Coelho Netto, a obra tinha por finalidade criticar a reprodução das peças infantis, que para um sucesso imediato do teatro, faziam-se peças cada vez mais grosseiras, com temas escabrosos e palavreado obsceno. O livro encontra-se dividido nas cenas: “Caridade Suprema”, “Uma lição”, “Exemplos”, “A Melindrosa”, “O Mêdo”, “O torcedor”, “Carolice”, “Ventoinha”, “Um par de botas” e “O trevo de quatro Fôlhas – Cenas I, II, III, IV e V”.

A partir das narrativas, podemos observar a função da família na formação do caráter da criança, como nas cenas “Uma lição”, “Exemplos” e “A Melindrosa”, em que, por meio dos personagens do pai, da mãe e do avô, sempre deixavam uma lição de moral

¹⁸² A partir do jornal *A Noite* (ed. 03268, 1921, p. 1), no qual Coelho Netto publicava suas crônicas, todas as quintas, na coluna “Quinta-feira”, como visto no capítulo anterior, pude aferir que as cenas do livro *Teatrinho*, fora escrito para ser recitado na festa de encerramento das aulas de uma escola pública em São Luiz do Maranhão.

¹⁸³ Anexo a outras obras de 1960, o livro *Teatrinho* está localizado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Com capa dura e vermelha, o livro aparenta bom estado de conservação, sem figuras ilustrativas, com 89 páginas. Este livro está anexado a outras quatro histórias de literatura infanto-juvenil também de cunho moral e cívico: *O Menino que virou formiga*, da autora Vamba e editora Melso; *A amiguinha dos pássaros*, do autor Carlos Lastra e Editora Melso; *Histórias bíblicas para teatro de sombras*, da autora Elza; e, *A luz do mundo: conto de primeira comunhão*, da autora Eneida de A. Lima e editora Paulinas.

para a criança. Isto porque, na visão do “escritor para as crianças”, a professora ou a escola deveriam instruir e a educação deveria se desenvolver no lar, pelos pais, avós ou parentes, mas principalmente pela mãe, que, como indicado no prefácio do livro *Teatrinho*, deveria ser o exemplo, pois este era o papel destinado à mulher na sociedade desse período, ser responsável pela prole:

A criança é como uma tela que reflete projeções. Que culpa tem o pano do que nêle aparece? A culpa é tôda do refletor. Instruir é polir. Por melhor que seja o lapidário não conseguirá tirar a jaça de uma pedra. Assim, que poderá fazer a professôra se encontrar um mau caráter? E o caráter quem o faz é a educação materna. (COELHO NETTO, 1960, p.7)

Podemos perceber, também, a função da família, sendo ela essencial para intervenção no caráter da criança, a partir da história em que a mãe ensina como a filha deve se comportar diante da sociedade ou diante do marido, dizendo que não deveria dar importância só à beleza, mas também valorizar o conhecimento. Revelando, portanto, a preocupação do escritor com a educação moral e física da criança, semelhante à história de “O torcedor”, em que aparece o pai dizendo ao filho que ele deveria praticar esporte, mas também cuidar do intelecto através dos livros.

Outra cena que revela a educação pretendida por Coelho Netto para as crianças, está presente no episódio “Um par de botas”, em que o avô não dá presente de Natal para o neto, pois este queria tudo. Assim o ensinou a não ser ambicioso. Essa moral indicada pelos teatros infantis, que também era recorrente nos demais livros de Coelho Netto, está relacionada a uma questão, onde:

A família, por sua vez, ou o que resta dela: a mãe, o pai ou um dos avós, sempre investe ao máximo sobre essa criança-protagonista [...] Em seu aspecto econômico, essa família não era rica nem pobre, seu provedor pode ser um engenheiro ou um médio agricultor [...] se define principalmente pelos valores, sentimentos e atitudes que exprimem, produzindo um certo modo de vida, do qual as representações da infância e da família presentes na literatura cívica deveriam construir um ideal. (HANSEN, 2007, p.46)

Tendo em vista que essas cenas deveriam ser protagonizadas por crianças, mas que em algumas, sendo a maioria delas, com uma intervenção de um adulto, sendo eles da sua família, ou professores (as), como indicado no prefácio, percebemos a intenção do autor em ensinar a boa educação, com o propósito de se ter caráter, respeito pelos outros e pela natureza, humildade, conhecimento, solidariedade e amor.

Assim como *Teatrinho*, podemos observar essas temáticas também no livro

Teatro Infantil (1905), escrito com Olavo Bilac. O livro apresenta-se dividido em duas partes. Na primeira, escrita em prosa por Coelho Netto, e na segunda parte, Olavo Bilac escreve em verso. Para melhor interpretação dessas histórias, organizei-as no quadro abaixo de acordo com os personagens e os assuntos tratados.

Quadro 9 - Temáticas do livro *Theatro Infantil* (1905)

Título	Autor	Moral da história
“O Corvo e a Raposa”	Coelho Netto	O ensino da língua pátria.
“A Borboleta Negra”	Coelho Netto	Crítica aos males do analfabetismo.
“A Carta”	Coelho Netto	A importância da alfabetização.
“O Avô”	Coelho Netto	Valoriza a figura dos avós pela experiência de vida.
“A Boneca”	Coelho Netto	O dilema da adolescência, especificamente, enfrentado pelas meninas.
“A Carapuça”	Coelho Netto	Papel das meninas e das mulheres na sociedade.
“O Presumpçoso”	Olavo Bilac	Traz a importância das crianças se dedicarem as atividades infantis.
“O Mundo Está Torto”	Olavo Bilac	Valorização do livro.
“As Bonecas”	Olavo Bilac	Defende a necessidade e interesses das crianças.
“Quando eu Fôr Grande”	Olavo Bilac	Necessidade de dar atenção especial as crianças.
“O Nariz”	Olavo Bilac	Ensina que a criança deve entender somente de assuntos para crianças.
“A Mentirosa”	Olavo Bilac	Dizer mentira é um gesto feio.

A partir do quadro anterior, podemos destacar algumas atitudes que a criança deveria ter e as que não deveriam ter, como exemplificado no quadro anterior pelo capítulo “A Mentirosa”, que tem como personagem principal Julia, que ao quebrar uma porcelana da mãe, coloca a culpa na criada. Arrependida de ter posto a culpa na empregada, e de esta ter sido demitida, conta toda a verdade para a mãe. A cena termina com o agradecimento da mãe à criada por ela ter “curado” a filha desse gesto feio de contar mentiras. Segundo Hansen (2007),

Na literatura cívica as atitudes, corretas ou erradas, são premiadas ou punidas pelo reconhecimento ou pela reprovação, ou ainda por gerar situações objetivas de recompensa ou castigo. [...] Esse modelo pedagógico associado ao sentido patriótico totalizador, constitui em sistema de compreensão que confere

significados próprios aos atributos da bondade, da generosidade, da honestidade, etc, também objetos da pedagogia moral efetuada pela literatura infantil de maneira geral. (p. 170)

Coelho Netto, assim como Olavo Bilac e “muitos intelectuais atuantes no contexto das transformações ocorridas na passagem do século XIX para o XX” (HANSEN, 2007, p. 42), destacaram-se em sua época por colocar em “ação seus próprios projetos para a formação de brasileiros” (idem, p.38). E, nesse caso, contar mentiras não era um hábito apropriado para a criança ter.

No quadro anterior, podemos destacar, também, em algumas narrativas, a importância dos livros, da alfabetização e do saber para as crianças, como no caso do monólogo “A carta”. A peça trata sobre a carta que um menino recebera e que por não saber ler, fica imaginando o que teria escrito nela, e que para que soubesse a mensagem que continha nessa missiva teria que pagar, delegando a outros, essa função. Nessa história, o menino que era um operário demonstra a vergonha que seria mostrar a alguém que não sabia ler, como demonstrado no trecho: “Mas eu tenho tanta vergonha de confessar que não sei ler, é tanto quasi como dizer que não tenho alma, como os brutos” (COELHO NETTO, 1910, p. 78).

A esse respeito, Hansen (2011) indica, através de uma conversa relatada por João do Rio com Olavo Bilac, publicada depois em *O Momento Literário*, em 1907, a consciência que o poeta tinha de sua obra enquanto projeto, e da importância da alfabetização:

- Oito horas já? Há não sei quantas escrevo eu.
 - Versos?
 - Oh! Não, meu amigo, nem versos, nem crônicas — livros para crianças, apenas isso que é tudo. Se fosse possível, eu me centuplicaria para difundir a instrução, para convencer os governos da necessidade de criar escolas, para demonstrar aos que sabem ler que o mal do Brasil é antes de tudo o mal de ser analfabeto. Talvez sejam idéias de quem começa a envelhecer, mas eu consagro todo o meu entusiasmo — que é a vida — a este sonho irrealizável. [...] (BILAC, 1996, p. 28 apud HANSEN, 2011, p.6)

Podemos observar, também, o papel dos pais, principalmente da mãe, de ser o bom exemplo para seus filhos, características essas, identificadas nas histórias “A Boneca” e “A Carapuça”¹⁸⁴. Na primeira peça, contado pela personagem Laura, que com a sua boneca na mão e o livro na outra, se veste com os trajes da mãe e a imita. Laura

¹⁸⁴ Assim como prescrito por Coelho Netto em *Alma*, livro de dicção e leitura para que as professoras usassem com suas alunas. (SILVA, 2014)

brinca e reclama por ainda ser jovem para algumas situações, como ir ao teatro (para poder então usar roupas iguais a da mãe) e pronta para outras, como tocar piano, pintura, aritmética e gramática. Podemos observar as atividades consideradas essenciais na educação de/para meninas, como pintura, piano etc., e a criticada, que seria inadequado a uma menina vestir-se igual a um adulto, além disso, elas deveriam ter seu próprio teatro em vez dos destinados a adultos.

Já na peça “A Carapuça”, representada pela personagem Martha, a menina se olha no espelho e reclama das tias que vieram lhe visitar, todas elas enfeitadas, que só falavam “mal dos outros pelas costas”. Sendo assim, sentia pena da mãe que tinha que recebê-las e fingir ser agradável. Nessa cena mostra a representação da mulher perante a sociedade, que deveria vestir uma “carapuça” de boa esposa e mulher, isto é, obediente, respeitosa, simpática e boa anfitriã. Critica a mulher que fazia fofoca e que falasse muito, sendo estes gestos considerados inapropriados perante a sociedade.

Uma outra preocupação de Coelho Netto para com a educação das crianças é pela aprendizagem da língua vernácula, que podemos observar em “O Corvo e a Raposa”. Thereza, preocupada com que os filhos passem nos exames finais, contrata um professor para que desse aula de reforço. Ao longo da peça, há uma discussão entre a mãe e o professor sobre a língua vernácula e as línguas estrangeiras. A mãe acha que a primeira que deve ser ensinada, já o professor retruca, dizendo que nos “colégios de nomeada” dão preferência à literatura estrangeira, logo, os filhos de Thereza teriam que começar aprendendo a que os colégios privilegiam.

Essa mesma temática pode ser encontrada também no *Compêndio de Literatura Brasileira*, que fora apontado pela Congregação do Ginásio Nacional como sendo um critério que possibilitaram perceber o valor teórico e prático de Coelho Netto a respeito da cadeira de literatura a qual iria lecionar. O livro está dividido em duas partes. Na primeira, Coelho Netto aborda a importância da Literatura enquanto perpetuadora das tradições dos povos, levando em conta que essas são consideradas elementos constituidores de raça e nação. Além disso, discute também o papel relevante da literatura para a instrução do espírito e a relação entre a História Literária e os fatores originais internos (a raça, o meio, a tradição, a língua, a nacionalidade) e externos (as grandes individualidades e as influências das literaturas estrangeiras). Na segunda, apresenta os escritores pertencentes à Literatura Brasileira e discute as tipologias: prosa, teatro, eloquência e imprensa (CARVALHO, 2009b).

Nessa mesma perspectiva, Coelho Netto aborda também a questão da língua

nacional na peça “Uma lição”, do livro *Teatrinho*. O episódio trata sobre um avô que, ao ver o neto ensaiando para uma peça da escola declamando versos em outro idioma que não a língua da pátria, fica inconformado. O avô questiona as razões da peça ser em francês, espanhol ou outra língua estrangeira e não em português. Questiona até a eficiência da professora, dizendo que ela não estaria ensinando certo. E também culpa os pais do menino, pois, ao viajarem, sempre traziam brinquedos de outros países, incentivando-o a gostar da cultura alheia, deixando de lado a sua própria. A respeito dessa temática, podemos perceber que a aprendizagem da língua pátria seria necessária para a união do povo, e responsável por estabelecer assim a nacionalidade.

Com isso, nas peças escritas por Coelho Netto, é de extrema relevância a questão do livro, que continha a sabedoria, e de uma pessoa mais velha que deveria guiar a criança na leitura para se chegar à sabedoria. Além disso, podemos identificar também, a importância da família na educação dos filhos, pois estes seriam modelos para eles. Sendo assim, Coelho Netto, pretendia então mostrar não só as crianças, mas também aos professores e familiares, uma educação moral, nacionalista e cívica, através dos personagens, que se apresentariam em cena com exemplos de questões parecidas com de ações tidas como “infantis” em suas peças. Essas cenas ao serem vistas e comparadas ao que pareciam já ter vivido e visto, era uma forma de assim modificar o que poderia estar errado na educação moral das crianças.

É interessante notar que, assim como apontado por Hansen (2011, p.10), a “infância brasileira” construída por Bilac, assim como observei que fora construída também por Coelho Netto, pois muitas das obras infantis foram escritas em parceria com Bilac, é uma categoria excludente. Por serem livros cujos protocolos de leitura pareciam ser mais apropriados para a leitura individual e silenciosa, acabam por excluir de imediato os não alfabetizados. Com exceção de *Teatro Infantil*, *Alma* e *Poesias Infantis*, a maioria desses livros excluem as meninas que não encontram qualquer elemento de identificação nessas narrativas, além de que, as “crianças não-brancas nunca são protagonistas, no máximo coadjuvantes e sempre em posição subordinada ou dependente” (HANSEN, 2011, p. 10). Sendo assim, essa “infância brasileira” a quem se dirige as obras de Coelho Netto e aquelas escritas em parceria com Olavo Bilac, indica ser para uma “elite formada por crianças do sexo masculino, já com bom domínio da leitura e perspectivas de chegar ao ensino superior” (idem).¹⁸⁵

¹⁸⁵ Hansen (2011, p.10) aponta ainda para “a diferença entre esta elite educada e preparada para conduzir o progresso do país, das elites tradicionais de proprietários de terras, principalmente acentuando os valores,

Entendendo que essas histórias que valorizavam a pátria remetem a uma sociedade no momento de transição da Monarquia para República e a uma infância idealizada e tendo em vista, que essa literatura se remete a uma crítica à educação da sociedade na época, no caso, elas teriam por finalidade mostrar a importância da escola, do estudo, dos livros e da aprendizagem da língua pátria, ostentando que era preciso ensinar aos pequenos cidadãos a amar a pátria através do combate ao analfabetismo e também ensinar-lhes os bons hábitos e costumes. Mas, então, como fazer com que essas histórias saíssem da “pena” de Coelho Netto e chegassem às mãos das crianças?

Nesse sentido, devemos atentar também para o fato de que era preciso ter forte esquema de divulgação e propagação dessas obras em escolas, e outros espaços, pois esses livros possuíam em comum fato de que, eram, em sua maioria ou se não sempre, escolhidos por um adulto, sejam eles os pais ou responsáveis por comprar, por indicação ou exigência de um professor ou da escola, devido aos programas escolares (HANSEN, 2009a). Para tal questão, Lapa (1960) dá pistas a respeito de como Coelho Netto fazia em relação a divulgação de suas obras: depois de sua estada em Campinas, ao retornar ao Rio, o escritor manteve contato com o Ginásio de Campinas, onde continuou a doar à biblioteca do Centro de Ciências, como fizera desde a sua fundação, as suas obras, que segundo o autor, “iam saindo em ritmo acelerado” (p. 45). Essa ação mostrava a tentativa de Coelho Netto legitimar-se também como escritor para crianças.

Outros indícios (GINZBURG, 1989) que demonstram a tentativa de Coelho Netto fazer circular suas obras nas escolas podem ser observados através das cartas localizadas na FBN, que foram enviadas a Irineu Guimarães¹⁸⁶, entre 1928 a 1929. Nelas, Coelho Netto escrevia informando que não poderia visitá-lo em Juiz de Fora devido ao excesso de trabalho e à doença de sua mulher; confirmando a participação em conferência promovida pelo grêmio do Colégio Granbery; falando da biografia de Zita (filha de Coelho Neto); solicitando o envio de fotografias feitas no Colégio Granbery e da lista dos seus livros existentes na biblioteca do grêmio; tratando do não recebimento das fotografias e da lista de seus livros; informando o recebimento das fotografias solicitadas

sentimentos e hábitos desejáveis em contraposição aos que estavam fortemente associados a uma ordem vista como ultrapassada, retrógrada e anacrônica”.

¹⁸⁶ Irineu Guimarães (1900, MG – s/d) “foi aluno, professor, reitor do Instituto Granbery. Nele, fundou também a Tropa de Escoteiros do Granbery, uma escola de civismo em 1927. De origem pobre, em 1916 ganhou bolsa de estudo no próprio colégio onde estudou. Além disso, foi membro ativo das Igrejas Metodistas Centrais de Juiz de Fora, Belo Horizonte e Piracicaba”. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/10mostra/7/246.pdf> [Consulta em 01 de janeiro de 2016].

e o atraso da lista de seus livros existentes no grêmio com o fim de completar a biblioteca do mesmo; e por fim, comunicando a ausência de Zita na festa promovida pelo Colégio Granbery. Um elo entre a memória e a escola revelado através das cartas.

Podemos perceber, assim, que essa prática de enviar seus próprios livros para grêmios, associações, escolas, instituições, etc. era recorrente. Vale ressaltar que pelo assunto tratado entre os correspondentes, já havia livros de Coelho Neto nessa escola, e que o escritor estava pedindo que mandassem uma lista de suas obras presentes no grêmio, com a finalidade de completar essa lista de obras suas, presentes no Instituto. Dentre as motivações para Coelho Neto a fazer isso, poderiam estar relacionadas à preocupação com o tipo de educação que se teria nas escolas, como pai e professor, queria que as escolas tivessem o estudo adequado de literatura. Por outro lado, poderia ser apenas em função própria, para propagação das suas obras. Poderia significar, também, que era em função da lei de 1927, que, segundo Gomes (2002) aponta que:

O regulamento do ensino primário de 1927, determinava a instalação em todas as escolas de uma biblioteca e do museu escolar. A biblioteca dos grupos escolares deveria ser uso dos professores e alunos, seria composta de livros aprovados pelo Conselho Superior de Instrução Pública ou aqueles que fossem doados por particulares. Todas as obras deveriam ser examinadas pelo diretor antes de chegarem à biblioteca, tendo em plenos poderes para recusar aquelas que julgassem inconvenientes ou impróprias. (p. 42)

Posto isto, para além da divulgação e circulação de sua literatura, pude observar também, a partir das missivas de Coelho Neto, que junto a professores, diretores, escritores, políticos, literários, etc. em sua rede de sociabilidade, fazia-se também necessário uma boa relação com os seus editores, para fazê-los de escritores a autores. Segundo Bragança (2016) o Brasil só começou a construir um público comprador de livros apenas na segunda metade do século XIX, de modo a consolidar a sua vida urbana e o consumo interno, permitindo o desenvolvimento de uma indústria editorial e de uma sociedade de autores. Pois,

Durante muito tempo os escritores tiveram no aparelho do Estado uma forma de obter o sustento que as letras não lhe asseguravam. Mas houve[...] os jornais, as revistas, imprensa periódica, que foram muito importantes para a profissionalização de alguns escritores. Se não formavam autores, ao menos permitiam-lhes continuarem a escrever, tornarem-se conhecidos dos leitores, e mesmo a pagarem a edição de seus livros. (idem, p. 34)

Podemos observar que Coelho Neto também fazia isso, pois mesmo publicando

em livros, publicava seus contos de forma avulsa nos periódicos, como já visto por exemplo, na Revista *O Tico-Tico*. Apesar disso, também gostava de fazer o inverso. Coelho Netto mostrara no prefácio de uma de suas crônicas, que falarei sobre elas no terceiro capítulo, aponta que o escritor achava de extrema relevância transformar seus contos, crônicas, romances, etc. avulsos, em livros para ficar para a posteridade e para o futuro promissor do país, que eram os jovens. Dessa maneira, podemos observar quais foram os editores que publicaram as obras infantis escritas por Coelho Netto no quadro a seguir:

Quadro 10 - Editoras(es) dos livros infantis de Coelho Netto

Título (ano)	Editor
<i>América</i> (1897)	Imprensa Bevilacqua
<i>A Terra Fluminense</i> (1898)	Imprensa Nacional
<i>Apólogos</i> (1904)	Livraria Chardron, de Léllo & Irmão
<i>Contos Pátrios</i> (1904)	Francisco Alves
<i>Compêndio de Literatura Brasileira</i> (1905)	Francisco Alves
<i>Theatro Infantil</i> (1905)	Francisco Alves
<i>Pastoral</i> (1905)	Livraria Chardron, de Léllo & Irmão
<i>Fabulário</i> (1907)	Livraria Chardron, de Léllo & Irmão
<i>A Pátria Brasileira</i> (1909)	Francisco Alves
<i>Alma: educação feminina</i> (1911)	Jacinto Ribeiro dos Santos
<i>Mystério do Natal</i> (1911)	Livraria Chardron, de Léllo & Irmão
<i>Breviário Cívico</i> (1921)	O Norte
<i>Teatrinho</i> (1960) [1920]	Elos Rio

Como lembrado por Hansen (2009b), a obra *América* (1897) – livro dedicado aos “jovens patricios”, onde são narradas as lembranças do primeiro ano do protagonista-narrador Renato, onde descreve também os colegas, professores e funcionários da escola, as situações vividas por ele, e as lições aprendidas dentro e fora desse contexto escolar – provavelmente, teria sido o primeiro livro de educação cívica em prosa de ficção escrito para crianças brasileiras, porém, nem por isso tem sido contemplado nos estudos de literatura infanto-juvenil, de história da educação, dentre outras áreas. Para tal, a autora destaca algumas das razões que contribuíram para isso como, por exemplo, a restrita circulação dessa obra, publicada pela Editora Imprensa Bevilacqua, onde teve somente uma edição, que, por sua vez, colaborou para o fato de não haver comentários sobre tal livro em biografias, memórias e outros materiais que servem de vestígios para os historiadores. Acrescenta a autora que:

[...] ao nomear seu colégio fictício de América e sublinhar a importância desse nome colocando-o no título do livro, Coelho Netto faz “ecoar” um dos

enunciados do Manifesto Republicano de 1870: “Somos da América e queremos ser americanos”, um dos principais “discursos fundadores” da república no Brasil. [...] é essa filiação a uma determinada tradição de sentidos que permite que se faça a leitura do livro infantil *América* como uma utopia cívica e republicana. O título do livro e nome da escola, que mais do que mero cenário é representação de um (não-)lugar regido por uma ordem social idealizada e perfeita, acrescenta significados para além daqueles que se encontram explícitos no texto. *América* remete às ideias de “mundo novo”, “liberdade”, “democracia”, “progresso” e “república”, e se constitui em uma chave de leitura que confere sentido às experiências narradas pelo menino Renato. (HANSEN, 2009b, p. 516)

Ao observar o quadro anterior, podemos destacar, que a Francisco Alves e a Livraria Chardron, foram as editoras que mais publicaram livros infantis de Coelho Netto. A respeito disso, podemos relacionar o fato de que o público escolar era fundamental para o desenvolvimento de leitores, e para isso, o país precisava de escritores/autores para atender a esse público: fazendo manuais, cartilhas para escolas, livros, etc. Isto é, para se fazer do Brasil um país com uma cultura letrada, era necessário investir na leitura. É nesse contexto que, alicerçado em Bragança (2016), a Francisco Alves surge, apontando que esse editor manteve, desde sempre, uma relação “correta e digna” com seus autores, cumprindo fielmente os contratos de edição, que lhe era próprio, e demonstrando-lhes respeito e reconhecimento do trabalho dos escritores. (BRAGANÇA, 2016)

Pude perceber a relação entre editor-autor, ao explorar seu Arquivo pessoal presente na ABL. A partir da escrita epistolar de Coelho Netto, pude interpor a relação entre o escritor e o editor Francisco Alves, como no exemplo da carta datada em 29 de agosto de 1898, como indicado na imagem a seguir.

Figura 20 - Carta de Coelho Netto a Alves, 29/01/1898

Rio-29-8-98 -
27/08/1898

Confidencial

Meu caro Alves

Volto á carga. Não é uma insistência importuna, é uma urgência, um caso inadiável: a garantia do meu esforço. Não é justo que se perca o que, com tanto sacrificio, consegui accumular. Vença-se no dia 31 o meu registo e eu vejo-me em difficuldades para voltar a apolice porque n'este mes, com o nascimento do meu filho e despesas occorrentes foi-me todo o meu gredo. Peço-te que, no caso de não aceitares a minha proposta ou adiantes nos termos da mesma obra ou de outra á tua escolha, a quantia de 1:000 fozos até 6 de Outubro proximo, irremovivelmente. Com isto salvarei o meu capital que, só por falta do cumprimento da promessa do Alberto Torres que nos marcou a data de 15 de Setembro para recebermos a importância da Terra fluminense, perigo. Sabes que sou cumpridor da minha palavra principalmente em questões delicadas de dinheiro.

Conto contigo absolutamente

Amigo
Coelho Netto

Fonte: Arquivo Pessoal do Acadêmico Coelho Netto/ ABL

Nela, podemos observar a dificuldade de se “viver da pena” naquela época, ainda mais com o nascimento de outro filho do escritor. Sendo assim, Coelho Netto pede a Alves um adiantamento para quitar dívidas, oferecendo-lhe uma obra da escolha do editor, dizendo estar esperando receber de Alberto Torres¹⁸⁷ pela obra *Terra Fluminense*,

¹⁸⁷ Alberto Torres (1865, RJ – 1917, RJ) “foi político, bacharelou-se em de Direito, em 1885. Foi deputado estadual (1892-1893) e em seguida deputado federal (1893-1896) pelo estado do Rio de Janeiro. A convite do presidente Prudente de Moraes, assumiu a pasta da Justiça em 1896, onde permaneceu no cargo até 1897. De 31 de dezembro desse ano a 31 de dezembro de 1900, foi presidente do Estado do Rio. Em abril de 1901, foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal. Publicou os livros *O problema nacional brasileiro*, *A organização nacional* e *As fontes da vida no Brasil*. Na sua visão, a nação deveria organizar-se “como corpo social e econômico, não devendo copiar nem criar instituições, mas fazê-las surgir dos próprios materiais do país”. Disponível em:

que fora publicada no mesmo ano pela Imprensa Nacional. Ao observar a materialidade da carta, percebemos a marca de Coelho Netto a partir do carimbo em vermelho com as iniciais do autor sobrepostas: “C” e “N”. Além disso, podemos observar que o escritor fez questão de escrever “confidencial”, como indicado na figura anterior, no canto direito da carta. Possivelmente, poderia significar que esta carta era para ser mantida em “segredo” ou talvez explicado pela vergonha de se mostrar vulnerável a situação que se encontrava, de pedir dinheiro a alguém. Podemos perceber, também, como esses interlocutores se comunicavam, mostrando uma relação próxima, devido a Coelho Netto começar a carta com “meu caro Alves”, e terminar se dizendo “Amigo” do editor. Assim como sugere Venancio (2002):

Uma carta expressa mais do que o texto que ela contém. Sua materialidade denota a condição de sua redação, a análise de sua trajetória e a identificação de seu(s) destinatário(s) – se individual, institucional ou familiar; permite a compreensão dos mecanismos de sua circulação e a sua presença num arquivo, isto é, o conhecimento dos gestos em prol de sua conservação deixa entrever os critérios que definiram sua importância. [...] A correspondência pessoal de um indivíduo é, portanto, um espaço definidor e definido pela sua sociabilidade. (p. 222 e 223)

Segundo Bragança (2016), a relação entre os correspondentes já tinha se dado antes dessa carta. Conta um episódio, de 1896, e que fora publicado anos mais tarde, no *Diário Secreto*, de Humberto Campos (1954)¹⁸⁸, que Olavo Bilac precisava de dinheiro para fugir da perseguição de Floriano Peixoto e que para ajudá-lo, Coelho Netto teria recorrido a Alves. Propôs-lhe um romance e um livro de contos escolares, a escolha do editor, tendo este preferido um livro de contos. Ao explicar-lhe o motivo de sua proposta, Alves deu-lhe um adiantamento da metade da quantia do contrato estipulado. Foi assim que surgiu *Contos Pátrios*, que só fora publicado anos mais tarde, em 1904.

Outra carta que merece destaque, é a que Coelho Netto envia a Paulo Azevedo:

28-V-922
Amigo Sr. Paulo Azevedo,
Pede-me, em telegramma, o director da “Escola Solano Netto”, em Balsas, no Estado do Maranhão, que obtenha da sua bondade generosa algumas obras didacticas (ensino primario) para as pobresinhas que frequentam aquelle estabelecimento. Reforço o pedido do educador com os meus rogos, certo de que o meu amigo, a quem não fazem falta migalhas, prestará a criançada

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/alberto_torres [Consulta em 04 de maio de 2017].

¹⁸⁸ Paulo Coelho Netto, na biografia sobre o pai, de 1957, critica veemente o diário publicado de Humberto Campos, dizendo que tudo que havia nele seria calúnia contra a figura do pai.

sertaneja da minha terra, empobrecida e miserabilizada pela politica, essa obra de caridade.

Amigo

Coelho Netto.¹⁸⁹

A carta como forma de escrita pessoal, ajuda a construir a identidade de quem escreve, como também do destinatário (HÉBRARD, 2000 apud ROCHA, 2004). Paulo de Azevedo, o destinatário, nessa época, era o atual responsável pela direção da Francisco Alves, já que a carta era de 1922, pois com a morte do livreiro-editor Alves, em 1917, passara a dirigi-la, seguindo os passos do ex-patrão com muito êxito (BRAGANÇA, 2016). Além disso, a missiva pode nos revelar também a preocupação de Coelho Netto com a educação das crianças do Estado do Maranhão. A esse respeito, Carvalho (1989) indica que o antídoto para frear o crescimento da industrialização do país, tida como “o fenômeno de importação onde a terra definha de emigração” (p. 12) era educar o povo sertanejo desprotegido. Estes deveriam fixar-se no campo, contendo o fluxo migratório para as cidades e fazendo vitalizar a produção rural. Ademais, podemos notar que Coelho Netto, por causa de sua naturalidade maranhense, constrói uma auto representação: um sujeito humilde, que veio de um lugar marcado pela pobreza e “esquecida” pela política.

Visto que Coelho Netto, ao entrar para o magistério, possibilitou ampliar sua rede de sociabilidade, que já havia começado a construir desde o começo da sua vida pública, tendo atuado em espaços políticos, isto o ajudou a tecer trocas entre professores, diretores, políticos, literatos, e também editores, sendo possível observar esse intercâmbio intelectual através da correspondência pessoal desse mestre. Contudo, vale ressaltar que, enquanto na função de professor, não fora possível interpretá-lo indissociável a sua função de escritor/autor para crianças. Dessa maneira, sua atuação nas escolas aqui estudadas, assim como na política, Coelho Netto já mostrava obter um prestígio intelectual para seus pares. Isso foi possível pelo fato de que já havia adentrado um campo muito utilizado pelos homens de letras de seu tempo.

¹⁸⁹ Arquivo Pessoal do acadêmico Coelho Netto, Academia Brasileira de Letras, pasta 25-1-24.

À GUISA DE EPÍLOGO

Epílogo: remate de uma peça literária em que se faz a recapitulação e o resumo da ação; desfecho, fecho, final; capítulo, comentário ou cena, geralmente breve, que, no final de uma narrativa, uma peça teatral etc., alude ao destino das personagens mais importantes da ação, depois de ocorrido o desenlace, ou revela fatos posteriores à ação, complementando-lhe o sentido.¹⁹⁰

Para entender a missão educativa de Coelho Netto, foi preciso adentrar alguns espaços transitados por este homem de letras. Dentre eles a política, que utilizou em prol de sua oratória. Entendi que Coelho Netto mostrou-se na política, inicialmente, servil, isto é, mesmo ocupando um cargo de destaque junto ao governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretário do Dr. Francisco Portella (facilitado pelo sogro Alberto Brandão, educador e político, que tinha uma rede de sociabilidade já consolidada na época), executou apenas atividades administrativas como demonstrado pelo relatório presente no Arquivo Nacional. Em contrapartida, ao ser eleito como Deputado Federal, em 1909, representando o Maranhão, estado onde nasceu, e sendo reeleito por mais duas legislaturas, demonstrou que já conseguira nessa época impor seus ideais a partir dos discursos defendidos nessa casa, que fora representado pela tentativa de consagração da Academia Brasileira de Letras (da qual era membro) e também daqueles homens que pertenciam a esta instituição; pela defesa de símbolos nacionais (hino, bandeira, etc.) que representassem o Brasil como um país civilizado de mãos dadas com o progresso; além de defender, também, a questão da modernização do teatro, outro espaço utilizado por Coelho Netto em prol da cultura do país.

Essas questões eram entendidas, na visão de Coelho Netto, essenciais para a construção do modelo de nação que achava ideal, que só era permitido na defesa da cultura (arte) e da defesa dos símbolos nacionais da República (a pátria). Nesse sentido, ao não ser reeleito em 1917 como Deputado Federal, significando que não estava mais atendendo as expectativas, segundo seu filho, Paulo Coelho Netto, às ordens do governo

¹⁹⁰ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/epilogo/> [Consulta em 08 de junho de 2017].

da época, comandado pela política oligárquica, possibilitou o começo de uma incessante defesa patriótica e civil como Secretário geral da Liga da Defesa Nacional.

Foi participando dessa liga, formada por companheiros que lutavam em favor dos mesmos anseios, como Olavo Bilac, Pedro Lessa, Felix Pacheco, Miguel Calmon, Rui Barbosa, entre outros que Coelho Netto viu a chance do Brasil se transformar em um país modernizado e civilizado, por isto, era necessário lutar pela educação. Alcançando os jovens, estaria alcançando o futuro promissor do país. Dentre os objetivos defendidos pela Liga da Defesa Nacional estavam difundir a instituição militar; desenvolver o civismo; o culto ao heroísmo; ativar o estudo de História do Brasil e das tradições brasileiras; promover o ensino da língua pátria; combater o analfabetismo; etc. Conseguindo tudo isso, estaria o Brasil, assim, civilizado.

Nesse sentido, percebi que sua atuação como político foi se consolidando e seguindo os mesmos caminhos feitos em sua trajetória na imprensa, no qual pude observá-lo através de suas crônicas. O início de sua carreira como cronista foi demarcado pela sua tentativa de entrar no universo das letras, no qual se juntou a outros homens com os mesmos ideais, liderados por José de Patrocínio, na luta pela abolição e proclamação da República; depois, a tentativa de se consagrar como literato, com a criação da Academia Brasileira de Letras. Percebi, ainda, que utilizava pseudônimos devido à instabilidade política da época e temendo ter destino igual ao dos seus companheiros que foram exilados para outros países, outros esconderam-se pelo interior do Brasil; e por fim, marcado pelo momento em que publicava suas crônicas no jornal *A Noite*, na década de 1920, mostrando que já se tornara um consagrado homem de letras, e conseguido prestígio entre editores e livrarias do Brasil e de outros países, como Portugal. Vale ressaltar que, nesse período, Coelho Netto já participava ativamente da LDN. Logo, foi neste momento que Coelho Netto discorria sobre questões ligadas ao aprimoramento moral e físico dos jovens almejando o melhoramento da raça, visão inserida no contexto posto na época, de eugenia, também defendidos por outros intelectuais, dentre eles educadores, políticos, médicos etc.

Vimos, assim, que, para Coelho Netto, o conceito de nação precisava ser construído a partir de três alicerces: a política, através de uma ação que valorizasse a história e os símbolos nacionais; a educação, voltada para ensinamentos cívicos; e o esporte, cuja principal qualidade seria a disciplina. Esse ideário nacional só poderia, na sua visão, ser elaborado por uma elite formada por homens de larga cultura e preparo para criar o “ideal do cidadão brasileiro” que permitiria assim, que o Brasil se revelasse

como uma nação civilizada de que tanto sonhara, baseado sempre em padrões europeus.

Para tal, nesse estudo, objetivando interpretar a importância da educação no discurso e na prática de Coelho Netto, foi necessário interpretar também outro espaço transitado por este homem de letras: as escolas. Percebi que sua atuação enquanto secretário do Estado do Governo do Rio de Janeiro, assim como a publicação de suas obras literárias, algumas delas de cunho didáticos e também sua atuação no ginásio de Campinas revelaram-se decisivos para que a Congregação do Ginásio Nacional (Colégio Pedro II), fosse a favor de sua nomeação como Lente de Literatura do colégio. Desse modo, a sua atuação nessas escolas e colégio, assim como sua carreira como Deputado Federal, possibilitou a estabilidade financeira que tanto desejava, tendo que sustentar a família formada pela esposa e sete filhos, já que não conseguia sobreviver apenas de sua pena.

Apesar de sua atuação como professor (temporário, em 1907, e efetivo, em 1909) do Ginásio Nacional ter sido de pouca duração, possibilitou seus vencimentos até 1934, quando se aposentou. Isso permitiu também que fosse chamado para ser diretor e professor da escola de teatro, a Escola Dramática, sonho que almejou por muitos anos e que tanto lutou para sua criação, e onde ficou até a sua morte. Sua atuação nessas escolas acompanhou o processo de escolarização do país, que depois de instaurado a República tornou-se necessário colocar em prática o projeto republicano que se aproximava da visão de Coelho Netto, que era fundar escolas.

Homenageado no dia do seu aniversário, em 21 de fevereiro de 1924, o jornal *A Noite* publicou “Coelho Netto é o homem de letras que vive das letras para as letras”, pois mesmo atuando em várias áreas, na política, no magistério, na Academia Brasileira de Letras, não deixou de escrever suas obras, em um ritmo intenso. Segundo João do Rio, a jornada de trabalho de Coelho Netto era exorbitante e exemplificou que *Saldunes*, *Pelo amor!* e *Artemis* foram escritos em um dia; a *Pastoral*, em 2; *A descoberta da Índia*, em 6; *O polvo*, em 15; e, mesmo assim, comentava e respondia a todos os escritores, desde os amadores até os escritores consagrados, que lhe mandavam livros para ler (apud COELHO NETTO, Paulo, 1942).

Por outro lado, esta questão lhe causou duras críticas. Uns acreditavam que era extraordinária a sua intensa jornada de trabalho, por outro, achavam, assim como criticado por José Veríssimo, que não era possível se escrever tanto a ponto de todas as obras saírem perfeitas. Além disso, após 1922, foi acusado pelos modernistas de “afetação, helenismo, prolixidade, culto da palavra difícil, estilo pomposo e vazio [...]

considerado por Lima Barreto em 1918 de ser ‘o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio cultural’” (ANDRADE, 1996, p. 89 e 90). Essas justificativas demonstram a possível causa do nome de Coelho Netto ter caído ao esquecimento no universo das letras.

Acredito, também, que sua atuação no magistério, responsável por um silenciamento na historiografia da educação brasileira, pode ter ocorrido por não ter sido sua principal atividade ocupada na época, isto é, apenas ter servido como suporte financeiro e de ponte para o prestígio no campo das letras, que desde o começou atuou incansavelmente. Por isso, em relação às suas escritas para o público infanto-juvenil, percebi que os livros, que de alguma forma foram utilizados para fim escolar, foram aqueles que escreveu com Olavo Bilac, como *Contos Pátrios*, *A Terra Fluminense* e *A Pátria brasileira*. Analisando os motivos que poderiam ter levado a essa questão, penso que poderia ter sido por Coelho Netto não ter ocupado um cargo político na educação, como Instrutor de Educação, ou Inspetor de Ensino, ou em algum Ministério responsável pelos assuntos educacionais da época, ou mesmo, talvez, pelos seus livros terem tido poucos exemplares, ou terem sido pouco divulgados, ou até mesmo, devido à sua escrita, de difícil entendimento, onde nem todas as suas obras continham imagens ilustrativas.

Nem por causa disso, entretanto, sua contribuição social e educativa ficou apenas no universo escolar, tendo chegado ao campo da política e da imprensa. Por isso, compreendi que Coelho Netto, mais que escritor, literato, político, professor, cronista, jornalista, fora um homem de letras que usou de suas palavras como arma de combate - seja na escrita ou na oratória - contra os males de uma sociedade que acreditava estar nas sombras do regime político anterior, demonstrando, assim, a trajetória de consagração de um “Mestre das Palavras”.

Ao se voltar para a presença de Coelho Netto na cena educacional, esta investigação, de certo modo, pretende contribuir para romper com o esquecimento ao qual foi relegado na historiografia da educação brasileira, que, diferentemente de outras áreas de conhecimento como Artes Cênicas, História Social e Letras, ainda não se dedicou a explorar a importância da educação no discurso do escritor.

Considero que por mais que haja ainda muitas possibilidades de escritas a respeito desse mestre, devido a sua extensa obra literária e aos significados que as carregam, entendo que este estudo se fecha para o personagem no qual dediquei anos de estudos para compreendê-lo, pela sua escrita rebuscada e erudita, carregada de densos significados por trás de seus livros, jornais e discursos. Apesar disso, o contato com a sua

rede de sociabilidade, extensa e necessária, abriu-me os olhos e horizontes para novos caminhos, possibilidades e sujeitos, que, assim como Coelho Netto, lutaram em prol de um ideal na política, na imprensa e na educação. Permitindo, assim, permear pelo caminho da política, como a Câmara dos Deputados; ou pelo mundo das letras, como literários e/ou acadêmicos; ou até mesmo pelo campo da educação, como professores, diretores e/ou outros sujeitos que pensavam a educação de um jeito mais amplo.

Como exemplo, remeto as cartas trocadas entre Coelho Netto e João Ribeiro – professor, jornalista, crítico, filólogo, historiador, pintor e tradutor –, enquanto lecionaram na Escola Dramática, que despertaram o meu interesse em investigar, posteriormente, a vida deste novo personagem presente na rede de sociabilidade do mestre das palavras. Dentre as curiosidades já levantadas a respeito de suas atividades exercidas, estava: lecionou no Colégio Pedro II, na Escola Dramática e em outros colégios particulares. Foi também membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Publicou um vasto número de obras literárias, dentre elas didáticas. Nesse sentido, peço permissão, caro leitor, para me despedir do presente protagonista dessa história, para dar lugar ao novo personagem que, semelhante ao atual, também foi um mestre que transitou por múltiplos espaços.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015.

ABREU JR, Laerthe de Moraes. Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar. *Pro-Posições*. v. 16, n. 1(46), jan./abr. 2005, p. 145 – 164.

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

ABREU, Regina. *O enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Discurso de João Neves da Fontoura ocupante da cadeira nº 2, Conferência pronunciada em 12 de junho de 1937. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/joao-neves-da-fontoura/discurso-de-posse> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE, José Joaquim da Costa de Campos Medeiros e. *Quando eu era vivo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.

ALMEIDA, Jane Soares de, ROSSINI, Leonardo de Lima. *Mulheres dos anos 1920: sociabilidade, educação e lazer*. XI COLUBHE (Anais). Porto, Portugal. 2016, p. 2-10.

ALVES, Rosana Lopis. *José Verissimo Dias de Mattos: um crítico na direção do Gymnasio Nacional (1892-1898)*. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (Dissertação), 2006.

ANDRADE, Elza Maria Ferraz de. *Escola Dramática Municipal: a primeira escola de teatro do Brasil (1908-1911)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

ANDRADE, Elza Maria Ferraz de. Escola de Teatro Martins Pena: a primeira escola de teatro do Brasil. *O Percevejo Online*. V. 1 (02), jul-dez, 2009, p. 1-12.

ANDRADE, Elza Maria Ferraz de. Escola Dramática Municipal: a primeira escola de teatro no Brasil. In: In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, SILVA, Alexandra Lima da, SILVA, Marcelo Gomes da. *Outros tempos, outras escolas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2014, p.179-198.

ASSIS, Vanessa Kitizo Venturelli. “Fagulhas”: uma coluna de crônicas de Coelho Neto

na Gazeta de Notícias (1897-1899). Faculdade de Ciências e Letras de Assis (Dissertação de Mestrado), Universidade Estadual Paulista, 2010.

ARQUIVO NACIONAL. Entrevista com Roger Chartier. (trad. Leo Novaes). *Revista Acervo*, Rio de Janeiro, v. 8, nº 1-2, jan/dez, 1995, p. 3 - 12.

AUGUSTO, Michele Dias. *A Belle Époque carioca em revista*. 9º Colóquio de Moda – Comunicação Oral/ Eixo 3. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2013.

AZEVEDO, Nara, FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. *Cadernos Pagu*, nº 27, julho-dezembro, 2006, p. 213-254.

BADANELLI RUBIO, Ana Maria. Aproximación a um método de lectura e interpretacion de imágenes em los manuales escolares. In: JIMÉNEZ EQUIZÁBAL, Alfredo et al (coordenadores). *Etno historia de la escuela/ Colóquio Nacional de História de la Educacion*. Burgos: Servicio de Publicaciones, Universidad de Burgos, 20013, p. 333-241.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900 – 2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARRETO, Lima. *Vida Urbana*. 1953. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000161.pdf>. [Consulta em 17 de julho de 2017].

BARROS, Orlando de. O Colégio Pedro II no Estado Novo. In: CHAVES, Miriam Waidenfeld, LOPES, Sonia de Castro. *Instituições educacionais da cidade do Rio de Janeiro: um século de história (1850-1950)*. Rio de Janeiro: Faperj/ Mauad X, 2009, p. 189-216.

BILAC, Olavo. *A Defesa Nacional (discursos)*. Rio de Janeiro: Liga da Defesa Nacional, 1917. Disponível em: http://www.brasiliana.usp.br/bitstream/handle/1918/00291000/002910_COMPLETO.pdf [Consulta em 17 de julho de 2017].

BRASIL. Decreto nº 3890, de 1º de janeiro de 1901. Aprova o Código dos Institutos Oficiais de Ensino Superior e Secundário. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-3890-1-janeiro-1901-..521287-publicacaooriginal-1-pe.html> [Consulta em 23 de janeiro de 2017].

BRASIL. Decreto nº 3914, de 26 de janeiro de 1901. Aprova o regulamento para o Ginásio Nacional. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-3914-23-janeiro-1901-503356-publicacaooriginal-1-pe.html> [Consulta em 23 de janeiro de 2017].

BOMANY, Helena. Reformas Educacionais. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário*

histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930). (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REFORMAS%20EDUCACIONAIS%20.pdf> [Consulta em 17 de julho de 2017].

CAMARGO, Elizabeth de Almeida Silveiras Pompêo de. A poesia do corpo: a defesa de uma moral austera. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 94, jan./abr., 2006, p. 13-46.

CARDOSO, Tatyana Marques de Macedo. *Arquivos Escolares. Você conhece o Núcleo de documentação e memória do Colégio Pedro II?*. 2017. Disponível em: <http://www.memoriaesociedade.ibict.br/arquivos-escolares-voce-conhece-o-conhece-o-nucleo-de-documentacao-e-memoria-do-colegio-pedro-ii/> [Consulta em 17 de julho de 2017].

CARVALHO, Claunísio Amorim. *O insigne pavilhão: nação e nacionalismo na obra do escritor Coelho Netto*. Mestrado em História Social. Universidade Federal do Maranhão. Maranhão: São Luís, 2012.

CARVALHO, Danielle Crepaldi. *“Arte” em tempos de “chirinola”*: a proposta de renovação teatral de Coelho Netto (1897-1898). (Dissertação de mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2009a.

CARVALHO, Danielle Crepaldi. Coelho Netto (1864-1934): uma vida dedicada à literatura. *Travessias* (UNIOESTE. Online), v. 6, p. I-XIX, 2009b.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, nº 1, janeiro-dezembro, 2000, p. 123-152.

CARVALHO, Marta M. Chagas. *A Escola e a República*. São Paulo: Editora brasiliense, 1989.

CASSAB, Mariana, SELLES, Sandra Escovedo. Investigando os rumos curriculares da disciplina história natural no colégio Pedro II: as atas de concursos para professores como fonte histórica. *Revista Contemporânea de Educação*. V. 3, n.8, 2008, p. 236-258.

CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. (trad. Mary Del Priore). Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999.

COELHO NETTO, Paulo Coelho. *Coelho Netto*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1942. [FBN]

COELHO NETTO, Paulo Coelho. *Imagem de uma vida*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1957. [ABL]

COELHO NETTO, Paulo. *Bibliografia de Coelho Netto*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1972. [ABL]

COELHO NETTO, Zita Coelho. *Coelho Neto – Meu pai e Grande amigo*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1964. [FBN]

COELHO NETTO, H. M. *Bilhetes Postais*. (organização, introdução e notas Ana Carolina Feracin da Silva). São Paulo: Mercado de Letras: CECULT; Fapesp, 2002.

CORRÊA, Fabiana Figueira. Euclides da Cunha em sala de aula: um desafio recompensador. In: CONSIDERA, Anabelle Loivos, PIETRANI, Anélia Montechiari, SANGENIS, Luiz Fernando Conde. *Euclides, Mestre-Escola*. Rio de Janeiro: Ed Uerj. 2015, p. 55-75.

CORRÊA, Vanessa Simone Alves. *Gestão Escolar e Gênero: o fenômeno do teto de vidro na educação brasileira*. Brasil. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná Curitiba, 2010.

CUNHA, Luiz Antônio. *A Educação Brasileira na Primeira Onda Laica: do Império à República*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017. Disponível em: <http://www.luizantoniocunha.pro.br/uploads/livros/AEducacaoBrasileiranaPrimeiraOndaLaica.pdf> [Consulta em 17 de julho de 2017].

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Norma I (1920-1960)*. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia/MG. Colubhe 06/ Programação e Resumos. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. v. 01, p. 350-361. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/29MariaTeresaSantosCunha.pdf> [Consulta em 19 de maio de 2017].

CUNHA, Rick Azevedo da. “Eu, Euclides” – a autodenominação de Euclides da Cunha em sua produção epistolar. In: CONSIDERA, Anabelle Loivos, PIETRANI, Anélia Montechiari, SANGENIS, Luiz Fernando Conde. *Euclides, Mestre-Escola*. Rio de Janeiro: Ed Uerj. 2015, p. 277-292.

DANTAS, Paulo. *Coelho Neto*. São Paulo: Edições Melhoramentos, sd.

DANTAS, PAULO. Conversando com Paulo Dantas em Recife. [20 de julho, 2005]. Recife: *Migalhas*. Entrevista cedida a Jayme Vita Roso. Disponível em: <http://www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI14604,71043-Conversando+com+Paulo+Dantas+em+Recife> [Consulta em 21 de setembro de /2016].

DASSIE, Bruno Alves, SOARES, Flávia dos Santos. *Eugenio de Barros Raja Gabaglia: vida e obra de um professor de matemática*. V Colóquio de História de e Tecnologia no

Ensino da Matemática. Recife, Brasil, 2010.

DORIA, Escragnonle. *Memória histórica do Colégio de Pedro Segundo (1837-1937)*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1997.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FARGE, Arlette. *O sabor do Arquivo*. (tradução Fátima Murad). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERNANDEZ, Renato Lanna. Coelho Neto, Henrique. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/COELHO%20NETO.pdf> [Consulta em 17 de julho de 2017].

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Noite. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015a. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NOITE,%20A.pdf> [Consulta em 9 de maio de 2017].

FERREIRA, Marieta de Moraes. Nilo Peçanha. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015b. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PE%C3%87ANHA,%20Nilo.pdf> [Consulta em 18 de maio de 2017].

FIGUEIREDO, Cláudio. O ponto de partida: a Cidade em busca de seu teatro. In: SANTOS, Núbia Melhem (org.). *Theatro Municipal do Rio de Janeiro: um século em cartaz*. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2011, p. 42-97.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Garnier, um livreiro francês no Brasil*. s/d. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/francebr/garnier.htm> [Consulta em 19 de maio de 2017].

FURTADO, Alessandra Cristina. *Os arquivos escolares e sua documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação*. InCID: R.Ci.Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v.2, n.2, jul./dez., 2011, p.145-159.

GOMES, Angela Maria de Castro. Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de festa. *Luso-Brazilian Review*, Volume 41, Number 1, 2004, pp. 80-106.

GOMES, Antonia Simone Coelho. *Templo do saber: a consagração da Escola Estadual Melo Viana em Carangola – Minas Gerais*. (Dissertação). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

GOMES, Patrícia Michele. *A Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (1902-1916)*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2009.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. GINZBURG, Carlo; tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

HALLEWELL, Lourence. *O livro no Brasil: sua história*. (Tradução Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HANSEN, Patrícia Santos. *Os primeiros livros infantis brasileiros: análise da literatura cívico-pedagógica de ficção*. Rio de Janeiro: Programa Nacional de Apoio à Pesquisa - FBN/MinC, 2009a.

HANSEN, Patrícia Santos. América. Uma utopia republicana para crianças brasileiras. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.22, n. 44, julho-dezembro de 2009b, p. 504-521.

HANSEN, Patrícia Santos. *Infância como projeto*. Nacionalismo, sensibilidades e etapas da vida em Olavo Bilac. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho, 2011.

HELAL, Ronaldo, TEIXEIRA João Paulo Vieira. O racismo no futebol carioca na década de 1920: imprensa e invenção das tradições. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n. 1, jan./jun, 2011, p. 77-88.

HERNÁNDEZ DÍAZ, José M^a. Etnografía e historia material de la escuela. In: ESCOLANO BENITO, Agustín, HERNÁNDEZ DÍAZ, José M^a. *La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada*. Salamanca: Humanidades Pedagógica. 2002, p. 225-246.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. (trad. Gizele de Souza) *Revista Brasileira de História da Educação*, n° 1, jan./jun., 2001, p. 9-43. -> “La culture scolaire comme objet historique”, *Paedagogica Historica. International journal of the history of education* (Suppl. Series, vol. I, coord. A. Nóvoa, M. Depaepe e E. V. Johanningmeier, 1995, pp. 353-382).

LACERDA, Lilian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, CUNHA, Maria Teresa Santos (Organizadoras). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres. 2000, p. 123-143.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças*. São Paulo: Ed. Global Universitária, 1986.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

LAMARÃO, Sérgio. Liga da Defesa Nacional (LDN). In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIGA%20DA%20DEFESA%20NACIONAL%20\(LDN\).pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIGA%20DA%20DEFESA%20NACIONAL%20(LDN).pdf)

LAPA, José Roberto do Amaral. *Coelho Netto em Campinas (1901 – 1904)*. Conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. 6 de fevereiro de 1960.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

LEAL, Carlos Eduardo. O Paiz. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PA%C3%8DS,%20O.pdf> [Consulta em 21 de maio de 2017].

LEAL, Carlos Eduardo. Gazeta de Notícias. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias> [Consulta em 21 de maio de 2017].

LEMOS, Renato. Floriano Peixoto. In: JOFFILY, Bernardo (coord.). *Atlas Histórico. Brasil 500 anos*. (formato de fascículos encartados na revista *Isto É* e em *CD Rom*). 2016 [1988]. Disponível em: <http://atlas.fgv.br/verbetes/floriano-peixoto> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

LIMA, Kleverton Teodoro. Cartas, História e Linguagem. *Revista de Teoria da História*, ano 1, nº 3, junho, 2010, p. 210-226.

LOPES, Raimundo Helio. Francisco Portela. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PORTELA,%20Francisco.pdf> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

LOPES, Raimundo Helio, NOLL, Izabel. Germano Hasslocher Filho. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/HASSLOCHER,%20Germano.pdf> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo:

Fundação Editora da UNESP, 1999.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do Nome: Leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MACHADO, Ubiratan. *Coelho Netto* (Melhores crônicas). São Paulo: Global, 2009.

MALCOM, Janet. *A mulher Calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*. Tradução Sergio Flaksman. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MALIN, Mauro. Artur Bernardes. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: <http://atlas.fgv.br/verbetes/artur-bernardes> [Consulta em 18 de maio de 2017].

MALUF, Marina, MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 367-422.

MENDES, Leonardo, SILVA, Andréa Gonçalves da. Victor Leal e o romance-folhetim no Rio de Janeiro no final século XIX. *SOLETRAS*, Ano XI, Nº 22, jul./dez, 2011. São Gonçalo: UERJ, 2011.

MENDONÇA, Ana Waleska Pollo Campos. *Sociedades científicas e acadêmicas como espaços de formação docente: o caso dos professores do Colégio Pedro II (1885-1889)*. Anais XII Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana (CIHELA), Eixo 3 - Los maestros historias, trayectos y formación. Medellín, Colômbia. 2016, p. 822-832.

MESQUITTA, Claudia. Alaor Prata. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015a. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PRATA,%20Alaor.pdf> [Consulta em 20 de maio de 2017].

MESQUITTA, Claudia. Carlos Sampaio. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015b. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SAMPAIO,%20Carlos.pdf> [Consulta em 20 de maio de 2017].

MESQUITTA, Claudia. Bento Ribeiro. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015c. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RIBEIRO,%20Bento.pdf> [Consulta em 20 de maio de 2017].

MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Decifrando o Recado do Nome: uma escola em

busca de sua identidade pedagógica. *Revista brasileira Esl. pedag.*, Brasília, v.74, n.178, set./dez, 1993, p.619-638.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. O carteiro e o educador: práticas políticas na escrita epistolar. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n. 10, jul./dez. 2005.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Sobre coisas de outros tempos: rastros biográficos nas crônicas de Cecília Meireles na “Página de Educação”. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 14, n. 30 p. 81-99, Jan/Abr 2010

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Um homem de letras na cena escolar: Coelho Neto (1910-1934)*. Projeto Faperj, 2011.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 25, n. 11, jan./abr, 2006, p. 40-61.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Um homem de letras na cena escolar: Coelho Neto. In: *Outros tempos, outras escolas*. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, SILVA, Alexandra Lima da, SILVA, Marcelo Gomes da. Rio de Janeiro: Quartet, 2014, p. 199-220.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, VARELLA, Jacqueline de Albuquerque. Entre (auto)biografias: Medeiros e Albuquerque na construção da educação republicana. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana*. Rio de Janeiro: Quartet; Faperj, 2013.

MOTTA, Marly. Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/EXPOSICAO%20INTERNACIONAL%20DO%20CENTENARIO%20DA%20INDEPENDENCIA.pdf> [Consulta em 20 de maio de 2017].

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas*. O folhetim nos jornais de Mato-Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

NASCIMENTO, Andreza Felipe do. *Às quintas: Coelho Netto na causa cívica pela educação nacional*. Anais de resumos da 25ª Semana de Iniciação Científica, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

NASCIMENTO, Fernanda de Santos. *A Revista A Defesa Nacional e o projeto de modernização do Exército brasileiro (1931-1937)*. Mestrado em História. Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

NAVA, Pedro. *Chão de Ferro: memórias* (vol.3). Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. (tradução Celso Nogueira). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NICARETA, Samara Elisana. *A imagem feminina nos livros didáticos nos anos 1930-40*. In: IX Congresso Nacional de Educação (EDUCERE): III Encontro Sul Brasileiro de Psicologia, 26-29 out, 2009. Anais. Curitiba: PUCPR, 2009, p. 1941-1948.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. (trad. Yara Aun Khoury). *Proj. História*, São Paulo. n. 10, dez, 1993, p. 7-28.

ORMANEZE, Fabiano. *Entre ser dândi, flâneur e militante, um carioca chamado João do Rio*. [Sem data]. Disponível em: <http://portal.metodista.br/mutirao-do-brasileirismo/cartografia/verbetes/america-do-sul/joao-do-rio-2> [Consulta em 08 de maio de 2017].

PADILHA, Tarcísio Meireles. Coelho Neto ou o culto à palavra. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro (RJ), v. 12, n. 49, p.53-74, out./dez. 2006.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Um sertanejo na capital federal: Coelho Netto e o Rio de Janeiro dos primeiros anos da República. *Acervo*, rio de janeiro, v. 28, n. 1, Jan../jun. 2015, p. 54-66.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Barricadas na Academia: literatura e abolicionismo na produção do jovem Coelho Netto. *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*, v. 5 (n.10), 2000, p. 15-37.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Literatura em movimento: Coelho Netto e o público das ruas. In: *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. CHALHOUB, Sidney, NEVES, Margarida de Souza, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005, p. 201-237.

PINHO, Adeílato Manoel. O sistema literário de *A Conquista*: nomes, leitura e números para um romance de Coelho Neto. *Revista Literatura em Debate*. V.3, n.4, 2009, p. 109-128.

PINTO, Surama Conde Sá. Paulo de Frontin. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FRONTIN,%20%20Paulo%20de.pdf> [Consulta em 17 de julho de 2017].

PIZA, Daniel. *Academia Brasileira de Letras: história e revelações*. São Paulo: Dezembro editorial, 2003.

PRIORE, Mary del, VENANCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo:

Editora Planeta do Brasil, 2010.

PROST, Antoine. As questões dos historiadores. In: PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. 2.ed. Belo Horizonte: Autentica, 2012, p. 75-114.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. *O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*. Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (Doutorado em Letras). Universidade de Campinas (UNICAMP), SP, 2000.

REIS, Flávio Antonio Moura. Grupos políticos e estrutura Oligárquica no Maranhão (1850/1930). Dissertação. (Mestrado em Ciência Política). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 1992.

ROCHA, Bárbara Trindade. *Cartas em revista: estratégias editoriais de difusão e legitimação da Nova Escola*. Mestrado (Dissertação em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RODRIGUES, Elaine. Educação Nacional: ancestralidade e projeção de um projeto de democratização. *Revista HISTEDBR*, Campinas, n.18, jun., 2005, p. 65 – 79.

SANTOS, Ricardo Augusto Dos. *Oliveira Vianna, Eugenia e o campo Intelectual da Primeira República*. VI SNEPC – Estado e poder. (Anais). 2010. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/Mesas/mesa5-Ricardo.pdf> [Consulta em 17 de julho de 2017].

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos. *O currículo da disciplina escolar história no Colégio Pedro II – a década de 1970 – entre a tradição acadêmica e a tradição pedagógica: a história e os estudos sociais*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011b.

SANTOS, Beatriz Boclin Marques dos, ANDRADE, Vera Lucia Cabana de Queiroz. *Colégio Pedro II: polo cultural da cidade do Rio de Janeiro. A trajetória de seus uniformes escolares na memória coletiva da cidade*. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2016.

SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos. *A Congregação da Escola Normal: da legitimidade outorgada à legitimidade (re) conquistada (1880-1910)*. 2011.155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011a.

SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos. *Esther Pedreira de Mello: múltiplas faces de uma mulher (in) visível (1880-1923)*. Tese (Doutoramento em Educação). Programa de PósGraduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Alexandra Lima da. *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual*. 2012. 266f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Alexandra Lima da, CLEMENTE, Marcela Guimarães. Teatro das Letras: papéis de João Ribeiro para Coelho Netto. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, SILVA, Alexandra Lima da, SILVA, Marcelo Gomes da. *Outros tempos, outras escolas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2014, p. 221-237.

SILVA, Ana Carolina Feracin da. [COELHO NETTO, H. M.] *Bilhetes Postais*. (organização, introdução e notas Ana Carolina Feracin da Silva). São Paulo: Mercado de Letras: CECULT; Fapesp, 2002.

SILVA, Beatriz Coelho. Manuel Bonfim. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIA,%20Serzedelo.pdf> [Consulta em 17 de julho de 2017].

SILVA, Maurício Pedro. A cidade dos vícios: releitura de Coelho Netto. *Itinerários*. Araraquara, nº 11, 1997, p.209-217.

SILVA, Maurício Pedro. *A Hélade e o Subúrbio: Confrontos Literários na Belle Époque Carioca*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Shayenne Schneider. *Alma: educação feminina para Coelho Netto*. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Shayenne Schneider. Entre versos e prosas: a literatura infantil de Coelho Netto através da revista pedagógica *O Tico-Tico*. In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José M^a. *La prensa de los escolares y estudiantes: su contribución al patrimonio histórico educativo*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2015, p 201- 210.

SOARES, Jefferson da Costa. Os Professores do Colégio Pedro II: Categorias, trajetórias e aspectos identitários (1925-1945). *Revista brasileira de História da Educação*, Maringá-PR, v. 15, n.3(39), set-dez, 2015, p. 293-320.

SOUZA, J. B. Mello. Estudantes do meu tempo: crônicas do antigo Colégio Pedro II. Rio de Janeiro: *Publicação do Colégio Pedro II* – nº 4, 1958.

SOUZA, Rosa Fátima. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. *Educar*, Curitiba: Editora da EFPR, n. 18, 2001, p. 75-101.

SOUZA, Tatiane Ferreira de. *Pensamento social do primeiro juiz de menores do Rio de Janeiro José Cândido de Albuquerque Mello Mattos e a criação das instituições assistenciais do Distrito Federal (1924-1934)*. Monografia (Licenciatura em Pedagogia).

Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

STANCIK, Marco Antonio. Eugenia no Brasil nos tempos da Primeira República (1889-1930): a perspectiva de Aleixo de Vasconcellos. *Espaço Plural*, Ano VI, nº 14, setembro, 2006, p. 32-35.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VARELLA, Jacqueline de Albuquerque. *Instrução Pública e Instituições Educacionais na trajetória intelectual de Medeiros e Albuquerque*. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. n. 28, 2001, p. 23-47.

VENANCIO, Giselle Martins. “Sopros inspiradores”: Troca de livros, intercâmbio intelectuais e práticas de correspondências no arquivo privado de Oliveira Vianna. In: BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Chrystyna Venancio *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 217-242.

VENTURELLI, Vanessa Kitizo. “Fagulhas”: uma coluna de crônicas de Coelho Neto na *Gazeta de Notícias* (1897-1899). (Dissertação de mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista, 2010.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1904. [ABL]

VIDAL, D. G. Apresentação do dossiê arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 10, p. 71-73, jul./dez, 2005.

VITÓRIA, Teresa. Serzedelo Correia. In: ABREU, Alzira Alves De. *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889 - 1930)*. (formato E-book), FGV, 2015. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIA,%20Serzedelo.pdf> [Consulta em 26 de setembro de 2016].

WASSERMAN, Claudia. Identidade Nacional: o Brasil para seus intelectuais. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 19, nº 1-2, jan/dez, 2006, p. 23-36.

WERNECK, Maria Helena. *O Homem Encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: Ed Uerj, 2008.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. *A educação na literatura do século XIX*.

Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

Obras de Coelho Netto:

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Bilhetes Postais*. Rio de Janeiro: Domingo Magalhães [Livraria Moderna], 1894.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Lanterna Mágica*. Rio de Janeiro: Domingo Magalhães [Livraria Moderna], 1898.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Palestras da Tarde*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Versas*. Bahia: Livraria Catilina, 1918.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Falando...* Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1919.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Alma: Educação feminina*. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, 1919.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Frutos do Tempo*. Bahia: Livraria Catilina, 1920.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Breviário Cívico*. Publicação Liga da Defesa Nacional. Editora O Norte, 1921.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *O Meu Dia*. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1922.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Orações*. São Paulo: Imprensa Methodista, 1923.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Fréchas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Às Quintas*. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1924.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Feira Livre*. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1926.

COELHO NETTO, Henrique Maximiano. *Livro de Prata*. São Paulo: Livraria Liberdade,

1928.

Periódicos:

A NOITE, edições de 1917 a 1927. Disponível em <http://www.hemerotecadigital.bn.br> [Consulta em 16 de novembro de 2016].

DIÁRIO DA TARDE, 30 de abril de 1964. Fonte: Arquivo Pessoal Coelho Netto/ ABL.

CORREIO DA MANHÃ, 1934, ed. 12275, p.3. Disponível em <http://www.hemerotecadigital.bn.br>. [Consulta em 16 de novembro de 2016].

CORREIO DA MANHÃ, 1921, ed. 08005, p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> [Consulta em 08 de janeiro de 2016].

JORNAL DO BRASIL, edições de 1920 a 1934. Disponível em <http://www.hemerotecadigital.bn.br> [Consulta em 16 de novembro de 2016].

O MALHO, 1920, ed. 920, p. 28. Disponível em <http://www.hemerotecadigital.bn.br>. [Consulta em 16 de novembro de 2016].

O MALHO, 1920, ed. 920, p. 29. Disponível em <http://www.hemerotecadigital.bn.br>. [Consulta em 16 de novembro de 2016].

O MALHO, 1928, ed. 1336, p. 26 Disponível em <http://www.hemerotecadigital.bn.br>. [Consultada em 16 de novembro de 2016]

O MALHO, 1928, edição 1336, p.29. Disponível em <http://www.hemerotecadigital.bn.br>. [Consulta em 16 de novembro de 2016].

O PAIZ, 1893, ed. 04013, p. 1. Disponível em <http://www.hemerotecadigital.bn.br> [Consulta em 20 de maio de 2017].

O PAIZ, 1894, ed. 03688, p.8, p. 1. Disponível em <http://www.hemerotecadigital.bn.br> [Consulta em 20 de maio de 2017].

PACOTILHA, 1917, ed. 69, p. 4. Disponível em <http://www.hemerotecadigital.bn.br>. [Consulta em 16/11/2016].

Cartas:

BENTO RIBEIRO [*Carta*] 04 de janeiro de 1909, Rio de Janeiro, [para] COELHO NETTO, Rio de Janeiro. [Fonte: Manuscritos – FBN].

COELHO NETTO [*Carta*] 17 de janeiro de 1899, sem local [para] RUY BARBOSA, sem local. Confidencial. [Fonte: Casa de Rui Barbosa].

COELHO NETTO [*Carta*] 27 de agosto de 1912, Rio de Janeiro [para] EDUARDO VICTORINO, Rio de Janeiro. [Fonte: Arquivo Pessoal Coelho Netto – ABL].

COELHO NETTO [*Carta*] 14 de março de 1912, Rio de Janeiro, [para] EDUARDO VICTORINO, Rio de Janeiro. [Fonte: Arquivo Pessoal Coelho Netto – ABL].

COELHO NETTO [*Carta*] 23 de maio de 1928, Rio de Janeiro, [para] IRINEU GUIMARÃES, sem local. [Fonte: Manuscritos – FBN].

COELHO NETTO [*Carta*] 02 de junho de 1928, Rio de Janeiro, [para] IRINEU GUIMARÃES, sem local. [Fonte: Manuscritos – FBN].

COELHO NETTO [*Carta*] 08 de junho de 1928, Rio de Janeiro, [para] IRINEU GUIMARÃES, sem local. [Fonte: Manuscritos – FBN].

COELHO NETTO [*Carta*] 29 de janeiro de 1898, Rio de Janeiro, [para] ALVES, sem local. [Fonte: Arquivo Pessoal Coelho Netto – ABL].

COELHO NETTO [*Carta*] 28 de maio de 1922, sem local, [para] PAULO AZEVEDO, sem local. [Fonte: Arquivo Pessoal Coelho Netto – ABL].

COELHO NETTO [*Carta*] 09 de novembro de 1922, sem local, [para] PAULO AZEVEDO, sem local. [Fonte: Arquivo Pessoal Coelho Netto – ABL].

JOÃO RIBEIRO [*carta*] 23 de março de 1913, Rio de Janeiro, [para] COELHO NETTO, Rio de Janeiro. [Fonte: Manuscritos – FBN].

JOSÉ OITICICA [*carta*] 04 de maio de 1914, Rio de Janeiro, [para] COELHO NETTO, Rio de Janeiro. [Fonte: Manuscritos – FBN].

OSÓRIO DUQUE-ESTRADA [*Carta*] 10 de abril de 1909, Rio de Janeiro, [para] COELHO NETTO, Rio de Janeiro. [Fonte: Manuscritos – FBN].

OSÓRIO DUQUE-ESTRADA [*Carta*] sem data, Rio de Janeiro, [para] COELHO NETTO, Rio de Janeiro. [Fonte: Manuscritos – FBN].

RUI BARBOSA [*Carta*] 16 de janeiro de 1918, Petrópolis, [para] COELHO NETTO, Rio de Janeiro. 3 f. Lamentando a exclusão de Coelho Netto da Câmara dos Deputados.

[Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa].

NUDOM:

COLÉGIO PEDRO II. *Atas da Congregação do Externato do Gymnasio Nacional*. 1899- 1912. Rio de Janeiro.

COLÉGIO PEDRO II. Livro de Registro dos Diplomas e Títulos dos professores e empregados do Externato. 1858 – 1909. Rio de Janeiro.

COUTINHO, Afrânio, SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (Vol.1). Rio de Janeiro: FAE, 1989.

MARINHO, Igenesil, INNECO, Luiz. *O Colégio Pedro II cem anos depois*. Villas Boas, 1938.

VECHIA, Ariclê, LORENZ, Karl Michael. *Programa de Ensino da Escola Secundária Brasileira: 1850-1951*. Curitiba: Edição do Autor, 1998.

Sites:

Como celebrar a Saturnália. Disponível em:
<http://www.mortesubitainc.org/paganismo/rituais-pagaos/como-celebrar-a-saturnalia>
 [Consulta em 19 de maio de 2016].

Tragédia da Barca “Sétima”:
http://www.salesianoniteroi.com.br/SR/destaques/destaque_267/sale07.pdf [Consulta em 02 de outubro de 2016].

Colégio Piracicabano. Disponível em:
<http://colegiometodista.g12.br/piracicabano/sobre-o-colegio/historia> [Consulta em 14 de novembro de 2016].

Revista *O Malho*. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/?lk=8>
 [Consulta em 14 de novembro de 2016].

Padre José Anchieta. Disponível em:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_de_Anchieta#/media/File:Benedito_Calixto_-_Evangelho_nas_Selvas,_1893_\(ost,_58,5_x_70_cm_-_Padre_Anchieta\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_de_Anchieta#/media/File:Benedito_Calixto_-_Evangelho_nas_Selvas,_1893_(ost,_58,5_x_70_cm_-_Padre_Anchieta).jpg)
 [Consulta em 16 de novembro de 2016].

Padre Antonio Vieira. Disponível em: <http://historiahoje.com/wp->

content/uploads/2015/05/vieira2.jpg e <http://univesptv.cmais.com.br/historia-do-brasil/padre-antonio-vieira-e-a-educacao-jesuitica> [Consulta em 16 de novembro de 2016].

Os Trabalhadores do Mar. Disponível em: <http://www.penapensante.com.br/2016/02/os-trabalhadores-do-mar-de-victor-hugo.html> [Consulta em 19 de maio de 2017].

Colégio Pedro II. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/component/content/article/83-cpii/1631-per%C3%ADodo-imperial.html> [Consulta em 27 de março de 2017].

NUDOM. Disponível em: https://www.cp2.g12.br/component/content/article/189-programas_interdisciplinares/nudom/1487-n%C3%BAcleo-de-documenta%C3%A7%C3%A3o-e-mem%C3%B3ria-nudom.html [Consulta em 25 de janeiro de 2017].

Biografias:

Biografia Benjamim Costallat. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/projetos/expo/decadentismo/biobenjamim.htm> [Consulta em 08 de janeiro de 2016].

Biografia Machado de Assis. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

Biografia Olavo Bilac. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/biografia> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

Biografia Medeiros e Albuquerque. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/medeiros-e-albuquerque> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

Biografia Coelho Netto. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

Biografia Urbano Santos. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SANTOS,%20Urbano.pdf> [Consulta em 21/09/2016].

Biografia Benedito Pereira Leite. Disponível em: http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/201408272214321409188472_95931409188472_9593.pdf, p. 25-26. [Consulta em 21 de setembro de 2016].

Biografia Quintino Bocaiuva. Disponível em:

<https://educacao.uol.com.br/biografias/quintino-bocaiuva.htm> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

Biografia Aberto Nepomuceno. Disponível em:
<http://musicabrasilis.org.br/compositores/alberto-nepomuceno> [Consulta em 03 de outubro de 2016].

Biografia Francisco Manuel da Silva. Disponível em:
<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/FrancMan.html> [Consulta em 03 de outubro de 2016].

Biografia Osório Duque-Estrada. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/osorio-duque-estrada/biografia> [Consulta em 03 de outubro de 2016].

Biografia José Veríssimo. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia> [Consulta em 27 de março de 2017].

Biografia Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/rui-barbosa/biografia> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

Biografia Artur de Azevedo. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/artur-azevedo/biografia> [Consulta em 21 de setembro de 2016].

Biografia Júlio César Ribeiro Vaughan. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/julio-ribeiro/biografia> [Consulta em 26 de setembro de 2017].

Biografia Raimundo Teixeira. Disponível em:
<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/RaimTeMe.html> [Consulta em 26 de setembro de 2017].

Biografia Alfredo Storni. Disponível em:
http://www.funag.gov.br/chdd/index.php?option=com_content&view=article&id=276&Itemid=108 [Consulta em 14 de novembro de 2016].

Biografia Washington Luís. Disponível em:
<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/presidencia/ex-presidentes/washington-luis> [Consulta em 27 de novembro de 2016].

Biografia Rodrigues Alves. Disponível em:
<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/presidencia/ex-presidentes/rodrigues-alves> [Consulta em 27 de novembro de 2016].

Biografia Altino Arantes. Disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/altino_arantes [Consulta em 16 de novembro de 2016].

Biografia Aluísio de Azevedo. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/aluisio-azevedo/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

Biografia Pardal Mallet. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/pardal-mallet/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

Biografia Raul Pompeia. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/raul-pompeia/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

Biografia Guimarães Passos. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/guimaraes-passos/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

Biografia Alcindo Guanabara. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/alcindo-guanabara/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

Biografia Luís Murat. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/luis-murat/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

Biografia João do Rio. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

Biografia Vítor Viana. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/vitor-viana/biografia> [Consulta em 9 de maio de 2017].

Biografia José de Freitas Valle. Disponível em:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa467510/freitas-valle> [Consulta em 19 de maio de 2017].

Biografia Amaro Cavalcanti. Disponível em:
<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/acavalcanti.html> [Consulta 19 de maio de 2017].

Biografia Cândido Mariano da Silva Rondon. Disponível em:
http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/candido_rondon [Consulta em 19 de maio de 2017].

Biografia Carneiro Leão. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/antonio-carneiro-leao/biografia> [Consulta em 21 de maio de 2017].

Biografia Anísio Teixeira. Disponível em:
<https://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/FAT/BiografiaAnisioTeixeira> [Consulta em 21 de maio de 2017].

Biografia Aleixo de Vasconcellos. Disponível em:
[http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=135&descricao=Aleixo+de+Vasconcellos+\(Cadeira+No.+89\)](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=135&descricao=Aleixo+de+Vasconcellos+(Cadeira+No.+89)) [Consulta em 21 de maio de 2017].

Biografia Miguel Couto. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/miguel-couto/biografia> [Consulta em 20 de maio de 2017].

Biografia Afrânio Peixoto. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/biografia> [Consulta em 21 de maio de 2017].

Biografia Renato Kehl. Disponível em:
[http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=660&descricao=Renato+Kehl+\(Cadeira+No.+93\)](http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=660&descricao=Renato+Kehl+(Cadeira+No.+93)) [Consulta em 21 de maio de 2017].

Biografia Silva Ramos. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/silva-ramos> [Consulta em 22 de março de 2017].

Biografia João Ribeiro. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/joaoribeiro/biografia> [Consulta em 27 de março de 2017].

Biografia Sílvio Romero. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia> [Consulta em 17 de março de 2017].

Biografia Alberto Faria. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D205/biografia> [Consulta em 30 de março de 2017].

Biografia Alberto de Oliveira. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/alberto-de-oliveira/biografia> [Consulta em 27 de março de 2017].

Biografia Emídio Barreto. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/dantas-barreto/biografia> [Consulta em 27 de março de 2017].

Biografia Vicente de Carvalho. Disponível em:
<http://www.academia.org.br/academicos/vicente-de-carvalho/biografia> [Consulta em 27 de março de 2017].

Biografia Augusto Tavares Lyra. Disponível em:

http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC000000000108123.PDF [Consulta em 27 de março de 2017].

Biografia José Oiticica. Disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica [Consulta em 27 de março de 2017].

Biografia Irineu Guimarães. Disponível em:

<http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/10mostra/7/246.pdf> [Consulta em 01 de janeiro de 2016].

Biografia Alberto Torres. Disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/alberto_torres [Consulta em 04 de maio de 2017].